

A man in a dark suit stands in the center of a dense, misty forest. The scene is dimly lit, with light filtering through the trees, creating a mysterious and eerie atmosphere. The man is slightly out of focus, blending into the background of tall, slender trees and thick foliage.

# O HOMEM

Não o encontra...

# NAS

Ele encontra-o.

# SOMBRAS

*O Tall Man*

PHOEBE LOCKE



Planeta

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



O HOMEM

Não o encontra...

NAS

Ele encontra-o.

SOMBRAS

*O Tall Man*

PHOEBE LOCKE

 Planeta



A man in a dark suit stands in the center of a dense, misty forest. The ground is covered in thick green foliage and ferns. Tall, slender trees rise in the background, their trunks partially obscured by the fog. The overall atmosphere is mysterious and eerie.

# O HOMEM

Não o encontra...

# NAS

Ele encontra-o.

# SOMBRA

*O Tall Man*

PHOEBE LOCKE



Planeta

Phoebe Locke

# O Homem nas Sombras

*O Tall Man*

Tradução  
Cristina Vaz

Para a mãe, pai e Dan, com amor

**Retirado de «Realizar o Filme: A Díficil Viagem até à Verdade» por Federica Sosa, publicado na revista *Variety*, Julho de 2019**

Quando embarquei inicialmente neste projecto, estava cautelosa. Apesar de o meu documentário anterior ter sido objecto de muitas aclamações pela crítica, passara muito tempo à procura de uma história que pudesse agarrar-me – consumir-me – tanto como aquela.

A história da família Banner surgiu-me pela primeira vez durante uma estada prolongada em Londres. O caso foi bastante noticiado na altura; de facto, à medida que o julgamento se aproximava, tornou-se quase inevitável. As manchetes deixaram-me gelada: um assassinio sem sentido, uma família assombrada pelos demónios de um dos membros. Uma lenda urbana que afundara as suas garras numa criança inocente e virara a sua vida do avesso. Soube de imediato que aquela era uma história que queria contar.

Naquela fase de determinação do potencial, nunca imaginei as dificuldades com que eu e a minha equipa nos depararíamos. O que no início parecia ser uma história simples – embora trágica – começou a escapar-nos das mãos. Por cada nó que desatávamos surgia outro; mais um segredo que se entrelaçava no tecido desta família e se alimentava dela. Reunimos páginas e páginas de entrevistas, começámos a olhar para os acontecimentos a partir de todos os pontos de vista, a tentar encontrar uma forma de entrarmos nela. E a pairar sobre tudo estava sempre esta história de crianças, esta figura negra do *Tall Man*.

Muitas das dificuldades envolviam o acesso. Nem todos aqueles a quem a história diz respeito estão vivos para darem o seu contributo. Muitas vezes tivemos de confiar no material que ficou para trás; em relatos feitos por outras pessoas. Apesar de estes serem muitas vezes mais esclarecedores do que uma entrevista, foi incrivelmente frustrante, enquanto cineasta, não ser capaz de pegar na história a determinado ponto – um pensamento ou uma escolha de palavras ou um acto em si – e perguntar: «Porquê?» Questionar: «Isto era real para si?»

Muito do que está no filme é agora do conhecimento do público, graças ao julgamento e à forte atenção dada pelos *media* à história da família Banner – e ao apetite do público por ela. Tornámo-nos uma nação obcecada pelos seus

fantasmas, pelas suas acções mais sombrias. Pelo *Tall Man* e pelo controlo que exerceu sobre eles. Dispus-me a cobrir o julgamento, a ir por detrás das manchetes e dos demónios para desvendar a verdade sobre um homicídio. Mas ouvir a história no seu todo contada pelas pessoas a quem dizia respeito lançou uma luz diferente sobre esses acontecimentos. Esta não é uma história de choque e morbidez de tablóides; é uma história de dor e de culpa e dos terríveis segredos aninhados durante anos no coração não de uma, mas de duas famílias. É acerca do legado de uma lenda medonha, uma história que começa e termina nos bosques mais sombrios.

Tem-me assombrado desde então.



Começou perto do fim do Verão, quando os dias eram longos e quentes e a escola parecia algo distante e sem fundamento a temer. Sadie e Helen seguiam a pé com as suas bicicletas junto ao rio, à procura de um sítio para se sentarem e comerem os doces – Toffos para Sadie, Opal Fruits para Helen, tudo como sempre era. Sadie acertara numa raiz enquanto pedalavam pelos bosques e tinha a palma da mão arranhada no sítio em que embatera numa árvore, a tentar impedir-se de cair. Examinou outra vez o arranhão, as lascazinhas da casca cravadas na pele.

– Ei, Marie está ali – disse Helen, com um dos lados da boca cheio de doces mastigados.

A irmã mais velha de Helen estava sentada num dos bancos com a tinta a descascar que havia ao longo da margem, com duas amigas ao lado. Sadie parou de olhar para a mão.

Marie fizera há pouco doze anos e também começara a usar um sutiã de adaptação. Sadie vira-o, pendurado na corda da roupa em casa de Helen com as roupas habituais, com as copas pequenas e macias e as alças finas de cetim. Olhou para Marie, sentada no banco e a pontapear o chão com os ténis, e perguntou-se, sentindo um calor repentino, se o estaria a usar naquele momento.

Marie, levantando os olhos, reparou que as duas estavam ali. Um sorriso contraiu-lhe os cantos da boca antes de se espalhar devagar. Fez um sinal às amigas e acenou-lhes para que se aproximassem. As rodas das bicicletas a fazerem ruído e o sabor do caramelo a tornar-se amargo na boca de Sadie.

– Ei, miúdas – chamou uma das amigas, uma rapariga de cabelo escuro com sardas a salpicarem-lhe o nariz estreito. – Querem jogar um jogo?

– Não é um jogo, Justine. – Ao perto, Sadie reconheceu a rapariga do outro lado de Marie como sendo Ellie Travis, a irmã mais velha de um rapaz da sua turma. Tinha o cabelo loiro-claro, uma madeixa presa entre a cara e a haste dos óculos. – Eu contei-te o que o meu irmão disse.

– Não dês ouvidos a nada do que James diz – interveio Helen com ar alegre, a timidez agora a desaparecer. – Ele só diz asneiras.

– Ela não está a falar de James. – Marie revirou os olhos. – Ela está a falar de

Thomas. Ele é o mais velho, e era a ele que cabia falar a Ellie do Tall Man. E por eu ser a mais velha, cabe-me contar-te a ti.

Sadie observou a maneira como os olhos de Justine se semicerraram ao ouvir aquilo, a boca a retorcer-se num sorriso. Tirou um rebuçado do bolso e desembulhou-o, com o olhar a subir dos calções de Sadie até à T-shirt e depois ao rosto. Quando os olhos de ambas se encontraram, Justine não desviou o olhar.

– Quem é o Tall Man? – perguntou Sadie.

– Ele vive no bosque – respondeu Marie, inclinando-se para a frente para tirar da mão de Helen o pacote de Opal Fruits.

– Ele vê tudo – acrescentou Ellen, empurrando os óculos para cima do nariz.

– É um assassino. – Justine recostou-se com um sorriso rasgado. – Vem durante a noite e leva-vos com ele.

– Ele levou uma rapariga da minha rua há cinco anos – explicou Ellen, as mãos a mexerem ansiosas na bainha da T-shirt. – Foi o que ouvi dizer.

– Isso não é verdade – protestou Helen, deslizando o braço pelo de Sadie. – Parem de tentar assustar-nos.

– É verdade. – Marie atirou o papel do rebuçado amassado numa bola à irmã. – Mas não te preocupes. Agora que sabes sobre ele, estarás a salvo.

– Não só a salvo – acrescentou Justine, partindo o rebuçado com os dentes brancos e pequenos. – Ele também pode tornar-te especial se lhe pedires. – Levantou-se do banco, exibindo-se ao consultar o relógio, um Pop Swatch com padrão roxo e amarelo que Sadie andava a cobiçar na montra da ourivesaria da cidade há semanas. – Tenho de ir. Mantenham-se atentas a mais histórias do Tall Man, miúdas. Acho que ele vai gostar de vocês.

Marie abafou uma risadinha, mas Sadie reparou que Ellie manteve os olhos no chão, os dedos ainda a mexerem na bainha descosida da T-shirt.

– Ele mata mesmo raparigas? – perguntou Helen, com os olhos agora arregalados, e ao ouvir isto Ellie levantou-se do banco.

– Já não gosto disto – disse ela. – Não quero jogar.

Justine encolheu os ombros.

– Então vai para casa. Seja como for, não precisamos de ti. – E sorriu a Sadie e a Helen, ignorando o olhar que Marie lhe lançou. Apenas Sadie olhou para Ellie enquanto ela se afastava.

– Respondendo à tua pergunta – prosseguiu Justine, levantando a bicicleta do chão e passando uma longa perna por cima dela, os calções de ganga esfiapados nas bainhas, o bolso rasgado. – Sim. Mata. Matou a filha. – Carregou indolentemente num pedal, afastando-se delas ao longo da margem do rio. – Ela não fez o que ele queria – gritou por cima do ombro, e depois desapareceu.

## Capítulo 1

1999

Aquilo pareceu-lhe errado quase de imediato. Caminharam na direcção do som da música, a erva a arranhar-lhes as barrigas das pernas, e ele quis voltar para trás.

– Estás bem? – perguntou ela, enfiando a mão na dele.

Miles lançou-lhe um olhar. Naquela manhã ela vestira-se de maneira diferente: um vestido de Verão com margaridas estampadas com um casaco de malha branco por cima, não as jardineiras ou calças de ganga largueironas e os *tops* de alças finas que costumava preferir. Ele agradeceu o esforço.

– Sim – respondeu. – Estou bem.

Ainda se sentia enjoado. Talvez fosse por empatia – ouvira dizer que isso acontecia. Sadie estava sempre a ler-lhe coisas em voz alta na cama à noite, uma torrente constante de «Sabias que» e «Ui, isto é esquisito» e «Ouve-me só isto», e era tudo tão contraditório e bizarro e encantador, comparar o bebé a frutos e dizer que fazê-lo ouvir música no ventre o faria inteligente.

Pensou no esgar no rosto da mãe quando, uma hora antes, mencionara isso numa tentativa de aligeirar o ambiente. Em como ela estendera a mão para voltar a encher a chávena de chá de Sadie e depois a dele. *Sim, tenho a certeza de que a música clássica vai garantir que a pobre criatura cresça com metade de uma hipótese.* A maneira como a mão do pai agarrara a dela no braço da cadeira. *Frances, querida.* E o modo como a mãe suspirara, pestanejando com força uma vez e depois outra, antes de lhes oferecer um prato de biscoitos. *Desculpa, Miles. Vocês são ambos tão jovens.*

– Eles não-de aceitar – disse Sadie, apertando-lhe a mão e soltando-a depois, pondo a mão em pala sobre os olhos ao olhar para o festival ao longe. Havia um palco montado no centro do campo, com filas de tendas de ambos os lados. Nuvens de fumo que se erguiam, o odor da carne a assar a vir até eles ao saírem do parque de estacionamento improvisado e a subirem pela colina.

Ele amou-a por ter dito aquilo. E os pais *haveriam* de aceitar, Miles tinha a

certeza disso. Como não haveriam de aceitar? O seu único filho ia ter um bebê, o primeiro neto deles – e sim, talvez ele e Sadie fossem demasiado jovens, com apenas o primeiro ano da universidade, mas tudo acontecia por uma razão, não era verdade? Por vezes as coisas estavam destinadas a acontecer.

Sadie despiu o casaco de malha e amarrou-o à cintura.

– Pelo menos agora já está feito – disse, pondo o braço em volta dele. – Seja como for, podemos desfrutar da tarde.

Com Sadie, estava destinado a acontecer. Isso ele já sabia.

Perguntou-se o que estariam os pais a fazer naquele momento, apesar de ter quase a certeza de o conseguir adivinhar. Os pais tinham retirado o gim bom do armário e trazido os copos de cristal grosso que eram os preferidos da mãe. Estariam a beber em silêncio no pátio e, mais tarde, a mãe andaria para trás e para diante na cozinha, a preparar o jantar e a expressar o seu ponto de vista. Nessa altura, talvez, telefonaria a Miles.

– Acho que agora a seguir precisamos de contar aos teus pais – disse ele. Sentiu-a ficar rígida ao seu lado.

– Creio que é melhor fazer eu essa parte – replicou ela, virando costas. – Penso que não vão ficar lá muito satisfeitos.

– Não como os meus, queres tu dizer? – Inclinou-se para lhe beijar o ombro nu, mas a piada esmorecera assim que lhe saíra da boca, a lembrança dos rostos horrorizados dos pais dele a ressurgir.

Miles sabia que seria difícil. Recordou o momento em que Sadie lhe contara que estava grávida, com ele sentado na beira da sua cama estreita na residência de estudantes. Ele saíra à noite na véspera, uma ronda pelos bares com o resto dos alunos de Sociologia, e estava a esfregar o carimbo esbatido de uma discoteca na mão com o polegar. Sadie ficara em casa nas duas noites anteriores, dizendo que tinha um problema no estômago. O problema no estômago acabara por ser algo diferente. Algo que agora lhe curvava a barriga lisa com um alto ligeiro, algo que na semana seguinte iriam aparentemente ver a preto e branco no monitor de um hospital.

– Ei – disse ela, parando-o à entrada do festival, os olhos fixos nos dele. – Vamos ficar bem – continuou, as mãos a percorrerem-lhe agora os flancos, passando-lhe pelas costelas. O toque dela a fazer os pêlos dos seus braços eriçarem-se, a boca seca.

– Eu sei – respondeu ele, baixando a cabeça para a beijar. Os dentes dela a afundarem-se no seu lábio enquanto ela sorria.

Seguiu-a na direcção da multidão, a bainha do vestido dela a ondular com a brisa. Estava com medo, claro que estava. Achava difícil imaginar que, daí a um ano, seriam três no carro, três para onde quer que fossem parar. Era muito mais fácil para ele, por agora, concentrar-se nos estudos – era algo que podia ao menos controlar. Algo prático e importante que podia fazer pelo futuro deles, por Sadie,

pelo bebé. Causava-lhe uma sensação estranha, de calor no peito.

Passaram pelas primeiras barracas na orla do festival: compotas e bolos e queijo de produtores locais, ornamentos de madeira e velas em frascos de vidro. Alguém do curso de Sadie falara-lhe do festival; Miles passara diligente a sugestão ao seu colega de apartamento James e a várias pessoas do seu curso. Olhou embaraçado para a oferta destinada à classe média e de meia-idade e esperou que eles não tivessem vindo.

– A banda que vai actuar a seguir a esta é supostamente muito boa – comentou Sadie, conduzindo-o para lá das barracas sem olhar para elas e, de súbito, ficou tudo bem outra vez.

Ele sabia que dizer isso era um cliché – uma vez tentara, bêbedo, à mesa de um *pub* com os seus colegas de apartamento, e fora bastante gozado –, mas nunca sentira antes aquilo que sentia por Sadie. Ela era linda, sim. Isso era óbvio para qualquer pessoa. E engraçada, também, embora talvez nem toda a gente conseguisse ver essa faceta dela. A sua mordacidade afastava algumas pessoas – ouvira Lila, a última namorada de James, referir-se a ela como uma «cobra» (se calhar ele estava a ser generoso; Lila sussurrara e o mais certo era que a palavra tivesse sido «cabra»). Mas Miles ficara intrigado com as defesas que Sadie erguia sempre que conhecia alguém. Apenas o deixaram mais determinado a transpô-las.

Estendeu a mão e prendeu-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, o vento a tentar libertá-la de novo.

– Foste fantástica lá – disse ele. – Com a minha mãe e o meu pai, quero dizer. Obrigado.

Ela virou-se para olhar para ele, a boca curvada no pequeno sorriso de secretismo que ele tanto adorava.

– Agora somos tu e eu – indicou ela. – Não é?

E ele sabia que assim era.

Chegaram à zona do palco e Miles parou e pôs-se em bicos de pés, à procura de James e dos outros por entre a multidão.

– Anda lá – disse Sadie, puxando-o pelo meio de um grupo de adolescentes e avançando pelos limites do terreno. – Vamos aproximar-nos das colunas, aposto que é lá que eles estarão.

Os amigos dele tinham começado a tratar Sadie como se ela fosse feita de vidro ou algo altamente explosivo, tropeçando em si mesmos para lhe oferecer uma cadeira ou uma vista melhor para o ecrã. Estavam dispostos a terem pena dele quando Miles lhes contou a novidade duas semanas antes – tinham-lhe dado palmadinhas nas costas e assentido de modo solene enquanto ele falava. Agora estavam sempre a perguntar quando seria a ecografia, como estava Sadie a sentir-se, se planeavam saber qual o sexo do bebé quando pudessem. Guardou o resto para pensar sozinho na sua cama de solteiro, nas noites em que Sadie se retirava para o seu quarto – o quarto que, ele estava bem ciente disso, ela teria de deixar



assim que decidisse informar a universidade que iria desistir do curso. Como iriam viver; como iria ele estudar e providenciar o sustento deles? Pensava muitas vezes no facto de nunca ter pegado num bebé ao colo – não tinha irmãos nem irmãs, era o mais novo dos primos. Como se fazia? Ouvira qualquer coisa acerca de apoiar a cabeça, parecia que isso era importante. E depois havia aquilo de os fazer arrotar, uma palavra que ele achava desconcertante. Teria de comprar um livro sobre bebés para ler em privado. Vários, talvez.

Não havia sinal de James nem de alguém que ele reconhecesse, embora Miles não tivesse ficado particularmente desapontado. Depois da manhã estranha e desconfortável em casa dos pais, a sensação de estar sozinho com Sadie – de serem uma equipa de dois contra tudo e contra todos – era calorosa e protectora, uma bolha na qual queria permanecer durante o resto do dia.

– Vou buscar bebidas para nós – disse ele. – Queres vir?

– Espero aqui. – Sadie olhou em volta. Era um bom sítio, mesmo no limite da multidão e com uma boa vista para o palco. Havia uma extensão de erva ao lado deles, com cabos a ligarem-se a um gerador, e depois um bosque de árvores bordejava o terreno. – Também vou ficar atenta aos outros – acrescentou.

Miles foi até à barraca de bebidas mais próxima e comprou uma cerveja para ele e uma *Coca-Cola* para Sadie. Foi andando outra vez até junto dela, pondo por momentos a hipótese de comprar um cachorro-quente, e vislumbrou então uma *T-shirt* familiar à sua frente. Verde-fluorescente, as mangas um pouco curtas de mais – olhou para a nuca da pessoa, viu cabelo escuro encaracolado, e soube que era James com a sua *T-shirt* preferida (e velha) das Tartarugas Ninja. Miles meteu-se por entre a multidão para chegar até ele, a tentar impedir ambas as bebidas de entornarem enquanto ia abrindo caminho com os ombros. A banda seguinte ia começar a actuar, as pessoas começaram a avançar para a frente e Miles perdeu James de vista uma vez e depois uma segunda, aparecendo por fim numa abertura uma ou duas filas atrás dele.

Mas a pessoa da *T-shirt* verde virou-se e não era de todo James – um homem vinte anos mais velho do que ele, com a cara pintalgada de cinzento e a *T-shirt* lisa, exceptuando um pequeno logótipo da *Adidas* no peito. Envergonhado, Miles virou costas.

Perscrutando a multidão, surpreendeu-se ao ver a distância a que ficara de Sadie, levando algum tempo a localizá-la. Ele ainda estava na orla do terreno mas dirigira-se até à fila de árvores, pondo-se de baixo da sombra delas. Pareceu-lhe um sítio estranho para estar, afastada de tudo, mas via-a com a cabeça inclinada da maneira como fazia quando estava a ouvir alguém – um amigo, presumiu, quem quer que lhe tenha recomendado o festival. Avançou um ou dois passos mas não conseguiu ver quem estava à frente dela, as sombras a engolirem-nos e a multidão a empurrar Miles na direcção do palco.

Sadie estava a dizer algo à pessoa mas, com uma súbita pontada de pavor, viu

medo na cara dela. Viu-a afastar-se daquele pedaço de sombra, uma das mãos a cobrir protectoramente a barriga. A face dela perdera a cor, os olhos arregalados como os de uma criança.

Miles avançou aos empurrões por entre a multidão, a cerveja a entornar-se do copo de plástico. O Sol ofuscou-o ao sair detrás de uma nuvem e o cotovelo de alguém atingiu-o nas costelas ao forçar a passagem, os acordes iniciais da banda estridentes nos altifalantes. Vislumbrou Sadie outra vez, ainda com aquele medo no rosto que a deixara boquiaberta, e então o cantor foi até ao microfone e o público avançou para a frente e ela ficou perdida para Miles.

Abriu caminho à força por entre um grupo de raparigas, tropeçando num saco e depois, por fim, viu-se livre do aperto da multidão, a orla do terreno à sua frente. Virou-se para a esquerda e viu Sadie ali, ainda de costas para ele, com a atenção voltada para as árvores à frente dela. Ao percorrer a curta distância entre eles, verificou que ela estava de novo sozinha. Estendeu a mão, agarrando-lhe o ombro, e ela virou-se com brusquidão, o rosto a suavizar-se ao perceber que era ele – apesar de o medo (*era terror*, corrigiu-o uma voz na sua cabeça; *terror horrendo e descontrolado*) nos olhos dela se ter mantido, a mão ainda a carregar com força no sítio onde ele supôs que o filho de ambos estava a crescer.

– Estás bem? – perguntou ele. – O que acabou agora de acontecer?

Ela virou-se, ainda que Miles tivesse reparado que, antes de o fazer, Sadie lançou um novo olhar para o meio do interior sombrio das árvores.

– Oh, nada. Um tipo bêbedo, sabes como é. Vamos aproximar-nos mais um bocadinho.

Abriu a boca para dizer mais alguma coisa mas ela já ia a andar, a *Coca-Cola* agora meio vazia tirada da mão dele.

*Não que isso não tivesse acontecido antes. Sadie era linda*, recordou Miles ao segui-la de novo na direcção da segurança do palco; muitas vezes, no meio das multidões e em bares, os homens faziam-na parar e tentavam falar com ela, tentavam tocar-lhe. Portanto, perguntou-se, por que tinha ainda o coração aos saltos no peito? Olhou outra vez para trás para as árvores, agora salpicadas de dourado e de calor pela luz do Sol. Conseguia ver através delas os campos mais à frente. Ninguém.

Lançou um olhar a Sadie. Tinha os olhos fixos na banda, a cabeça a abanar ligeiramente ao ritmo da música. Bebeu um gole da sua bebida, o outro braço ainda dobrado a cobrir o ventre.

Era a expressão dela, percebeu. Ela tivera medo, ele vira – sim, *okay* – o terror a perpassar-lhe o rosto. Talvez tivesse sido a pureza desse terror a assustá-lo tanto, e ainda assim havia ali algo mais; era alguma coisa que ele também vira lá. Ocorreu-lhe no momento em que a banda começou a segunda canção e viu Sadie lançar de novo um olhar na direcção das árvores: reconhecimento. Familiaridade. Sadie sentira-se aterrorizada, sim, mas aquilo não era novo para ela como era

para Miles.

## Capítulo 2

2018

A equipa encontrou-se com Amber Banner pela primeira vez no seu quarto de hotel em West LA. Estava vestida com um roupão felpudo do hotel, o cabelo (quase todo *dela*) amontoado num nó no topo da cabeça. As cobertas encontravam-se enroscadas ao fundo da cama, os lençóis à mostra, uma almofada a cair lentamente para a carpete escura. Pousado lá no meio há um tabuleiro do serviço de quartos, uma pilha de panquecas a absorver a cobertura de açúcar enquanto um prato com melão pinga algo cor-de-rosa. Ao canto, dois pratos abandonados – o xarope endurecido, os talheres mal colocados – emitiam um cheiro fétido e quente.

Ela deixa-se cair na beira do colchão e suspira. Observa-os a entrar, a passarem pelas pilhas de vestidos caídos, o emaranhado obscuro de *collants* e calças enrolados. A mesinha está atulhada de sacos de prendas e cestos e flores, cartões espalhados na carpete por baixo dela, a fruta a oxidar. Sorri.

O sorriso faz Greta sentir-se como uma criança no jardim zoológico ao aproximar-se da jaula do tigre.

– Amber, sou Greta. Falámos aquelas vezes todas ao telemóvel.

Amber avalia-a, com a cabeça inclinada para um lado. Os dedos brincam com a fita do roupão.

– És jovem – diz ela por fim. Os olhos passeiam frenéticos pelos dois homens, o microfone felpudo e os reflectores orientados para ela. Acena com uma das mãos e Greta puxa o banco cor-de-rosa-pálido de debaixo da secretária e senta-se de um modo estranho e constrangedor, tirando um monte de papéis debaixo do braço e alisando-os em cima das coxas.

– Esperávamos filmar-te a preparares-te – diz Greta. – Sei que tens uma manhã ocupada.

Provavelmente o carro está lá fora à espera, o motorista a verificar o seu telemóvel enquanto os estúdios que Amber irá em breve visitar começam a despertar para a vida; focos de luz orientados para os palcos, cadeiras de braços a

serem empurradas para os sítios, um público ansioso a formar uma fila no exterior enquanto a luz do Sol se espalha pelo chão. Programas à hora do pequeno-almoço: o pior pesadelo de Greta. Em tempos estagiara num programa matinal diário em Londres, e conseguira obter um emprego regular pago ao fim de um mês. Lembrava-se de telefonar aos pais, em casa, no Michigan, para lhes dizer – aos vinte e dois anos, acabada de sair da universidade seis meses antes e um passo mais próxima da carreira que dissera que teria quando os deixara. Sabia que eles não tinham levado a peito que ela tivesse trocado Dearborn por Inglaterra à primeira oportunidade, mas soubera-lhe mesmo bem dizer-lhes: sim, valera a pena. Está tudo a correr conforme planeado. E se omitisse alguns pormenores acerca do que o emprego de facto implicava (um ciclo interminável de mudar a disposição do cenário, de mudar os convidados, de gritarem com ela, de perceber tudo mal), então também não havia problema. Porque tudo *acabara* por correr conforme planeado – e ali está ela, nove anos e vários empregos depois, com Amber Banner a olhar para ela para o provar.

O telemóvel zumba dentro da mala e ela procura-o por entre cartões de memória, talões de estacionamento, guardanapos de papel amarfanhados em bolas e tubos de protector solar peganhentos. Amber observa-a o tempo todo com o desinteresse de um gato.

Greta verifica a mensagem: Federica. «Como está ela? Pede desculpa por mim. Não consigo uma porra de um voo.»

São duas da tarde em Londres; Greta consegue imaginar Federica a servir-se de mais dois cafés, a mão a mexer no cabelo da nuca da sua namorada ao pousar uma chávena ao lado do portátil. Federica a ir até à varanda, ansiosa com a primeira semana das filmagens – embora não tão ansiosa para tentar de facto apanhar algum dos muitos aviões que partem dos aeroportos de Londres ao longo dos dias seguintes. Haverá desculpas como esta, e será Greta quem terá de garantir que as coisas começam a correr sem problemas, a criar toda a sintonia. Greta, que terá de tentar quebrar a imagem de «princesa do gelo» que Amber Banner adoptou junto dos *media* britânicos – a calma assombrosa que horrorizou tanta gente – e encontra alguma profundidade oculta, alguma verdade desconhecida sobre a qual construirão o filme delas.

Amber senta-se serenamente enquanto Tom se inclina para verificar os níveis de iluminação, a mão sardenta dele a pairar ao lado da bochecha dela. Os olhos de Amber estão colados do rímel da noite anterior, mas a pele está limpa e suave, exibindo algumas cicatrizes ténues na face esquerda. À luz de início da manhã do quarto de hotel, o rosto dela inclinado, parece perfeita para um editorial de moda. Greta recorda a fotografia de Amber que está pendurada por cima da secretária de Federica em Londres. Impressa em A3 a partir de um jornal, a imagem foi mostrada em canais sucessivos e em primeiras páginas umas atrás das outras ao longo dos últimos dois meses – Amber na escadaria do tribunal, o

cabelo puxado para trás num rabo-de-cavalo modesto, uma blusa branca sem gola abotoada até cima por baixo do seu pescoço elegante. A explosão dos *flashes* a esbater as bordas do enquadramento, mãos a empurrarem microfones para a frente dele. E aquele sorriso de lábios contraídos a curvarem-lhe a boca, o olhar para a câmara desafiante e inabalável. O fim de uma história que fora atirada para as páginas dos tablóides – e o começo de outra.

– Tenho de estar nos estúdios da NBC daqui a meia hora – diz Amber, bocejando com a boca tão aberta que Greta consegue ver-lhe a parte de trás da língua, os lados vermelhos carnudas da garganta. – Sim, não há problema se filmarem. Não ligo a isso; podem filmar seja quando for.

Greta consegue sentir Luca e Tom a prepararem-se atrás dela, Julia, a nova assistente de produção deles, a fazer-se notar pela ausência. Julia era outra promessa feita e abandonada por Federica – mais um telefonema que ela se esqueceu de fazer e, na altura em que Greta decidiu fazê-lo, Julia tinha aceiteado outro trabalho e os seus voos para Los Angeles estavam marcados para o dia seguinte. Ela, Tom e Luca teriam de se amanharr como uma equipa de três; teriam de passar os cinco dias seguintes sempre encharcados em suor enquanto transportavam o equipamento de um local de filmagens para o outro e tentavam acompanhar a visão que Federica tinha para o filme e que estava constantemente a mudar.

Procura manter-se fora do caminho enquanto Luca tenta encontrar uma posição para o microfone que não vá projectar uma sombra nas filmagens.

– Bom, Amber – diz ela, enquanto tenta libertar o seu chinelo do emaranhado de alças de *soutien* em que este conseguiu prender-se ao avançar pela tapete. – Ainda está tudo bem com o calendário de filmagens de que falámos? Consegues abordar todas essas áreas connosco? Sei que não é fácil falar acerca de tudo o que aconteceu.

Não consegue evitar fazer esta pergunta, apesar de Federica ficar chateada. Em termos legais, Amber é adulta – mesmo no limite da idade – e assinou o contrato com ela. Tudo isto ficou salvaguardado, por Greta, por Federica, pelo estúdio de televisão. Mas Greta não consegue conter-se. Não consegue impedir-se de oferecer a Amber uma saída, mesmo que seja notório que esta não está interessada numa.

– Ainda estão a pensar em dez episódios? – Amber inclina-se e toca numa fatia de melão, como se pudesse pegar-lhe, embora não o faça. Os dedos mantêm-se lá, os olhos a observarem Greta.

– Depende da quantidade de material que tivermos – responde Greta. – Esperamos que sim.

Amber retira os dedos. Limpa o líquido rosado ao roupão.

– O meu pai ainda diz que não vai falar convosco?

O telemóvel de Greta toca, uma desculpa bem-vinda para ela ignorar a

pergunta acerca de Miles. Sai do quarto e vai para o corredor e atende o telefonema de Federica antes de ir para o *voice-mail*.

– Como está a correr? Ela está bem?

– Acabámos agora de chegar. Ela parece bem. Contento.

– Estão a filmá-la a preparar-se, como eu queria?

– Sim.

– Boa. Perfeito. Adoro isso, a ideia de a observar a pôr aquele rosto público. Aposto que parece bastante mais nova sem maquilhagem, não é?

– Sim, mais ou menos.

Greta não sabe ao certo se parece. Habitua-se tanto a olhar para imagens de Amber Banner, a ler transcrições e relatórios e artigos de opinião acerca das coisas que ela fez que muitas vezes é fácil esquecer que ela é uma rapariga de dezoito anos. Uma rapariga de dezoito anos que foi filmada a rir-se com o seu advogado enquanto aguardava no exterior do tribunal. Uma rapariga de dezoito anos de quem se dizia ter assinado um contrato com um agente de talentos menos de quarenta e oito horas depois de ter sido libertada da prisão. Uma rapariga que o mundo vira pela primeira vez numa fotografia desfocada tirada com um telemóvel, o *top* claro ensopado de sangue, uma mancha ensanguentada a secar junto da boca dela.

– Olha – diz Federica. – Sei que determinámos um calendário com ela, e isso está tudo bem, mas seria bom se tu, sabes, tentasses ir mais fundo. Lançar-lhe algumas rasteiras com as tuas perguntas, tentar apanhá-la desprevenida. Oh, e também, quando estiveres a sós com ele, lembrar ao Tom que seria boa ideia ele deixar a câmara a filmar de vez em quando. Quando vocês estiverem apenas a conviver com ela e cenas do género.

Greta morde o lábio.

– Referes-te a filmá-la sem o seu consentimento?

– Quero dizer, quando pões as coisas dessa maneira, parece mal. Não é do tipo esconderem câmaras no quarto dela nem nada disso. Mas tu sabes como é. Por norma as partes melhores saem-lhes da boca assim que se corta. Portanto... talvez possam deixá-la pensar que acabaram um bocadinho antes algumas vezes.

Greta está calada, o telemóvel quente encostado à orelha. O corredor, com o papel de parede com relevo e a carpete às riscas, parece prolongar-se sem fim.

– Olha, o caso é, Greta... Tem havido mais conversa nos tablóides daqui acerca do contrato para o livro. Fala-se de sete dígitos, embora não tenha a certeza de isso ser verdade. Ainda assim, vai acontecer. E não há problema; um livro não é um filme. O livro vai ser a versão de Amber, o lado de Amber; a verdade dela *editada*. Nós temos de conseguir mais alguma coisa. Há mais qualquer coisa na versão dela, tenho a certeza absoluta disso. E precisamos de conseguir arrancar-lha para isto resultar.

– Okay... vou tentar.



– Olha, desculpa eu ainda não estar aí. Sei que é uma altura péssima para recorrer ao trunfo dos «assuntos pessoais», mas isto não podia esperar. Explico-te quando te vir. E confio em ti. Isto vai ser a tua grande oportunidade, acredita em mim.

– Tudo bem. Espero que esteja tudo bem. – Cora envergonhada. O som do riso de Amber ecoa. – Se calhar é melhor voltar lá para dentro.

Quando regressa ao quarto, Amber está sentada em frente do espelho, a maquilhar-se enquanto Tom a filma. Luca encontrou uma posição adequada ao lado da mesa-de-cabeceira, onde há uma pilha de jornais americanos dos últimos dias com tablóides britânicos trazidos de casa. A chegada de Amber aos Estados Unidos significou uma nova vaga de imprensa, a história toda recontada vezes e vezes sem conta. Enquanto os *media* britânicos nem sempre foram simpáticos com ela – Greta recorda-se vivamente de uma coluna no *Mail* acerca dos modos como Amber Banner representa tudo o que há de errado com os «jovens de hoje» –, os americanos, que chegaram mais tarde à febre Amber, parecem ter sido tocados por ela e pela sua história terrível, o seu começo de vida trágico. A revista no cimo da pilha traz uma fotografia dela a chegar ao LAX, de cabeça baixa, com óculos de sol à estrela de cinema. *Amber Banner chega a Hollywood!* Luca lança um olhar a Greta, revira os olhos.

Deixa que um vislumbre de sorriso lhe contraia a boca e a seguir afasta-se dele.

– Então, Amber, estás ansiosa com o dia de hoje?

Amber encolhe os ombros, passando um pincel por uma paleta de sombras de olhos. Aplica-a no olho sem soprar o excesso e pó cinzento cai-lhe na bochecha.

– Não. Mas é bom poder falar acerca das coisas. Agora que o julgamento terminou.

– Para pôr tudo em pratos limpos?

Greta detesta a maneira como está a alterar a voz, consciente de que pode ser usada no filme. Parece que está a ler deixas apesar de estar a agir por intuição, a tentar adivinhar o que Federica quer quando ela nem está no mesmo continente.

Amber sorri-lhe ao espelho. Greta consegue perceber o quanto Tom, atrás dela, gosta daquela filmagem. Inclina-se para se aproximar mais, mantém-se assim, e Amber parece fazer-lhe a vontade porque também ela faz uma pausa por um momento. E depois:

– Exacto – responde ela.

## Capítulo 3

2000

Miles acordou com uma sensação de pavor, como acontecia sempre agora. Que engraçado, pensou, meio adormecido, conseguir pensar «sempre» em algo que só andava a acontecer há menos de uma semana. Mas na realidade tinha sido apenas há esse tempo; podia contar os dias mentalmente. Dez dias desde que Amber nascera. Três dias desde que Sadie lhe dissera que a filha deles estava amaldiçoada.

Muitas vezes sentia-se como se a sua vida estivesse em modo *fast-forward*; como se apenas tivesse pestanejado desde o momento em que Sadie lhe dissera que estava grávida e ainda assim agora o bebé deles estava ali. Tinham saído da residência de estudantes para um pequeno apartamento familiar a curta distância a pé do *campus*. E correrá tudo bem, fora tudo entusiasmante – aqueles meses com a barriga de Sadie a crescer, uma e depois ambas as ecografias presas ao frigorífico com ímanes; uma fotografia deles os dois no registo civil num lugar de honra em cima da televisão. Almofadas compradas numa loja de caridade para alegrar o sofá castanho simples, o quarto lúgubre repleto de montinhos de roupinhas brancas minúsculas. Ele estava também a sair-se bem no curso, dando consigo a acordar cedo todos os dias para ler, a sua caneca preferida cheia de café no parapeito da janela ao lado dele, Sadie a dormir enroscada em volta da marca dele na cama.

E então Amber nascera e tudo mudara.

Nos primeiros dias a seguir ao nascimento, sentira-se desajeitado e nervoso. Houve uma altura logo a seguir a terem-lhe entregado Amber, o rosto de Sadie ceroso e pálido, o sangue dela a formar uma poça no chão, em que ficara convencido de que a iria perder. Uma transfusão de emergência a seguir à cesariana de emergência, Miles empurrado para fora com o bebé deles nos braços. A violência de tudo aquilo chocara-o, sentira as reverberações durante dias. O olhar esgotado e assombrado no seu rosto a surpreendê-lo todas as manhãs no espelho da casa de banho do hospital. Mas Amber mamava bem,

a dormia bem, um tufo de cabelo loiro a cobrir o seu crânio suave. Aos poucos, a sensação de ansiedade por estar a ir em direcção a um abismo começou a abandoná-lo.

Depois, na primeira manhã em que regressaram ao seu apartamento, ela dissera aquilo. Sadie, encostada a uma almofada para amamentar enquanto um Miles meio a dormir cambaleava até à casa de banho, olhara para a filha e dissera: «Desculpa.»

Na altura não prestara qualquer atenção, mas quando voltou, Amber estava pousada no lado dele da cama, os gemidos a transformarem-se em choro, enquanto Sadie estava sentada no canto do quarto a olhar fixamente. Deu uma olhadela pelo quarto apesar de estar tudo conforme o tinham deixado – uma cadeira velha empurrada para o lado para arranjar espaço para o muda-fraldas, uma pilha de roupas dobradas abandonada em cima dela. Olhou de novo para Sadie, que tinha os olhos fixos na cadeira, o sutiã e a blusa ainda puxados para baixo de um dos lados. O choro de Amber aumentou de volume.

Dissera então o nome de Sadie, com o coração a bater-lhe com força no peito. O alívio quando os olhos dela se viraram para ele foi avassalador mas de curta duração.

– Eles hão-de vir buscá-la – dissera ela, apesar de a voz estar calma. – Ela está amaldiçoada como eu.

E então olhara para a filha com uma semana de idade e de novo para Miles.

– Desculpa – dissera, e levantara-se da cama, Amber agora aos berros, e saiu do quarto.

Miles acalmara a bebé, a ouvir Sadie a mexer em panelas junto do lava-loiça. Quando ela gritara que ia sair para comprar leite, a porta da frente a fechar-se atrás dela antes de ele ter tido tempo para responder, Miles fora até ao telemóvel e ligara à mãe.

– É uma altura difícil – dissera-lhe (despachara-o) Frances. – Nem imaginas. Ela vai ficar bem.

Mas ela não estava bem. Ou melhor, ela não podia estar. Porque, apesar de não ter repetido aquela afirmação, andava sempre a dar com ela a estudar o bebé. Via-a sempre a verificar as janelas, trancando a porta a meio do dia.

O pior, contudo, eram os sussurros. Acontecera apenas uma vez (*tanto quanto sabes*, acrescentou uma voz cruel na cabeça), mas Miles descobriu que não conseguia parar de pensar nisso. Ao chegar a casa tarde vindo do seminário, a delirar com a falta de sono, entrara com o som de Amber a chorar outra vez. Encontrando-a na espreguiçadeira suja com nódoas de leite, também comprada numa loja de caridade, pegara nela, o choro a deixá-lo meio louco em questão de minutos. Passou a correr pela porta aberta da casa de banho e irrompeu pelo quarto dentro. Esperara que Sadie estivesse a dormir, sentindo-se já zangado consigo por estar zangado; a acalmar-se quando Amber ficou de repente em

silêncio, a boquinha húmida dela a acariciar-lhe o ombro.

Sadie não estava na cama. Sadie estava de pé, de costas para ele, uma das mãos apoiada na parede. Sadie inclinara-se um pouco, debruçando-se sobre aquela cadeira – estava a sussurrar.

«Ela não», julgou distinguir, embora mais tarde pensasse que tinha imaginado isto. Pensara que tinha imaginado, por um segundo, a visão não de uma, mas de duas sombras na parede suja e manchada de humidade.

Não imaginara, Miles sabia disso, a fúria nos olhos de Sadie assim que ela se revoltou e o viu ali, e decerto não imaginara o modo como ela lhe fechara a porta do quarto na cara – embora passados cinco minutos, enquanto ele estava na cozinha a dar a Amber um biberão de leite adaptado preparado de forma desastrada, fora como se nada tivesse acontecido. Sadie entrara na cozinha e começara a cortar uma cebola e uma cenoura, a preparar o empadão que tinham combinado nessa manhã.

E portanto, sim, ele começara a acordar durante a noite com uma sensação de pavor. Parecia familiar e quase reconfortante, um velho amigo, e, como tal, naquela manhã em concreto, ele quase fechara outra vez os olhos e deixara que tomasse conta dele.

Ele virou-se, a mão a pousar no lençol frio no lado da cama de Sadie. A luz do quarto era débil e cinzenta e ouvia Amber a começar a mexer-se na sua alcofa – mas Sadie não estava no sítio dela, o lado da colcha bem esticado e puxado para cima.

Levantou-se, o pavor a começar a tornar-se algo mais urgente. Amber começou a choramingar a dormir mas ele deixou-a na alcofa, pestanejando com força para afastar os últimos vestígios de sono enquanto saía para o patamar do prédio.

Soube de imediato, diria a todos mais tarde. Soube, *sentiu-o*. Ainda assim continuou; andou pelo apartamento, a ouvir o choro do bebé começar a passar de irritação a inquietação. Não demorou muito a ver que tudo o resto estava imóvel e em silêncio, quaisquer vestígios dela já a evaporarem-se. A porta da frente destrancada, a chave dela deixada em cima da mesa.

Não demorou muito até perceber que ela tinha realmente ido embora.

## Capítulo 4

2018

Ao almoço, Amber carrega com os dedos no hambúrguer a querer desmanchar-se; o pão mole, o sangue a escorrer. Enterra os dentes nele, os olhos a encontrarem os de Greta, pickles a estalarem. Pousa-o enquanto mastiga e ambas observam o pão amassado a voltar lentamente à forma inicial, um fio de queijo que ficara na borda do prato a pingar para a mesa de madeira brilhante. Não parece incomodada com a câmara – até parece que se esquecera de que está ali até que se vira para oferecer uma batata frita a Tom.

– Como achas que correu? – pergunta-lhe Greta, empurrando a sua salada para o lado.

Amber encolhe os ombros, bebendo um longo gole de refrigerante.

– Foram todos muito simpáticos – diz quando termina.

– Achas que é difícil falares daquela maneira acerca do que aconteceu? Estar sempre a bater no mesmo?

Ela pega no hambúrguer e pensa. Um novo fio de queijo solta-se devagarinho e começa a sua viagem inevitável em direcção à mesa. O sangue cai no prato com um *pingue* lento.

– Não – acaba Amber por responder, olhando para Greta. – Não, sabe bem poder falar sobre isso agora. – Volta a encolher os ombros e dá uma nova dentada no hambúrguer. – Isto é fantástico.

Greta olha em volta do restaurante. Meio vazio; o maior movimento do almoço ainda a uma hora e tal. Ali não há *paparazzi*, algo que ela por enquanto agradece. Sabe que Tom quer essas imagens. Consegue até visualizá-las na montagem; com certeza a preto e branco, se calhar com a voz de Federica a sobrepor-se. Talvez até em câmara lenta; os *flashes* das máquinas fotográficas a explodirem contra o vidro fumado do carro, as bocas dos fotógrafos a escancararem-se e a fechar-se ao chamarem Amber, quando ela vira costas. Pode até ser usada no genérico inicial.

Amber observa-a, um sorriso a brincar-lhe nos cantos da boca. Ela percebe,

pensa Greta. Ela sabe que Greta não faz a menor ideia do que está a fazer. Ambas foram abandonadas ali, mas apenas uma delas está atrapalhada. Amber recosta-se e boceja. Greta pigarreia.

– Isso nem te incomoda? – pergunta. – Seres conhecida? As pessoas a pararem-te na rua? Não é esquisito que as pessoas saibam mais acerca dos primeiros anos da tua infância do que tu? As pessoas escreveram dissertações sobre isso. – Está a exagerar; é uma pessoa. Uma pessoa que comenta religiosamente em qualquer artigo que apareça *on-line* sobre os Banner, que tem a sua página de internet dedicada a eles acerca da família e da sua história. Uma página de várias, é verdade, mas a única com uma tese completa disponível para descarregamento. Um dia de pesquisa recente também conduziu Greta ao mundo mais inquietante da *fan-fiction* de Amber e Sadie Banner; fóruns e histórias e romances inteiros publicados *on-line* acerca da mãe condenada, da filha amaldiçoada e do *Tall Man*.

Amber ri, e o batimento cardíaco de Greta começa a acelerar. Federica vai gostar daquela gargalhada, curta e amarga. Decerto irá usar essa parte de imediato a seguir a uma das entrevistas do *talk-show* filmadas nesta manhã; uma em que Amber é doce e extrabritânica, uma onde as lágrimas correm com suavidade e sem ranho. Talvez aquela em que a apresentadora teve de pegar num lenço de papel, com a maquilhadora a correr para o cenário enquanto Amber saía dele durante o intervalo para publicidade. Sim, Federica vai gostar disso, em especial com o silêncio que se lhe segue agora, com Amber a olhar pela janela. O público e o privado. Os pensamentos a debaterem-se por baixo da superfície do mais recente rosto infame da Inglaterra.

A assassina mais procurada de Inglaterra.



Deixam Amber no seu hotel, onde ela marcou horas consecutivas no *spa*. No carro, no banco de trás, agarra na mão de Greta.

– Devo ficar loira? Assim, tipo, loira a sério. Estava a pensar, sabes aquele género que é quase prateado? Do tipo branco-arroxeados?

Greta, com as madeixas há muito negligenciadas e a passarem-lhe das orelhas, emite um som descomprometido.

– É um visual fixe; precisa de muita manutenção, acho.

O rosto de Amber franze-se e ela desvia o olhar, a mão de Greta livre para recuar de novo. Quando param o carro à entrada do hotel, ela sai e rebenta um balão que fez com a pastilha elástica.

– Vemo-nos amanhã de manhã?

– Até amanhã de manhã – concorda Greta, resistindo ao impulso de dizer a Amber que o novo penteado vai criar inconsistências no filme, que irritarão Federica. *Por que não ter um novo penteado?*, pensa. *Por que não irritar Federica?* Amber é o único aspecto da produção que não pode ser controlado nem planeado

isto, Greta sabe, anda a começar a frustrar a famosa Federica Sosa. Viu-o durante os últimos dias em Londres, depois de Amber ter evitado umas quantas chamadas de Federica, depois de uma reunião planeada ter sido remarcada duas vezes e depois cancelada. Um jantar de comemoração entre realizador e objecto do filme descambou depois de Amber ter bebido quatro *cocktails* e anunciar que queria ir dançar em vez de ir ao clube elegante e só para membros que Federica planeara. Por isso não é nenhuma surpresa para Greta que o «assunto pessoal» de Federica, que eram muitos, tenha revelado ter importância suficiente para passar a responsabilidade desta fase do projecto para Greta. Esta, que precisa que este filme seja um êxito e que, tanto quanto Federica sabe, tem um excelente registo em gerir (*manipular*, sugere uma vozinha) assuntos difíceis como Amber (*não eram como Amber*, insiste a voz, e ela é forçada a ignorá-la).

De regresso ao seu quarto de motel barato, ignorando a cabeceira da cama do quarto ao lado a bater na parede e os gemidos das sirenes da polícia a alguns quarteirões dali, verifica o *e-mail*. Nada de novo – o que é, em si, uma novidade –, mas é de noite em Londres, Federica com certeza a servir-se de uma primeira ou talvez segunda vodka tônica. Relê um *e-mail* de Hetty, a sua colega de casa, enviado ontem e aberto a meio da noite quando Greta não conseguia adormecer. Tal como todos os *e-mails* de Hetty, vai direito ao assunto – um jantar de aniversário na semana que vem para a outra colega de casa delas, Lisette. Escreve uma resposta rápida a concordar; nessa altura estará de volta a Londres, embora já saiba que estará a trabalhar dezanove horas por dia a fazer pesquisa, a rever filmagens, a tentar ajudar Federica a encontrar a *coisa* misteriosa que fará deste filme a abordagem seminal ao caso Banner, bem como estar presente em todas as filmagens com Amber. *Arranjarei tempo para o jantar*, diz para si. Só vivia naquela casa partilhada há seis meses, enquanto Hetty e Lisette já lá estavam juntas há três anos – é bom ser envolvida nas coisas. *E é importante*, recorda a si mesma. É importante ter *mais alguma coisa*, outra coisa que não isto. Já cometeu esse erro antes.

*E-mail* enviado, carrega num novo separador e abre a *drive* partilhada da equipa. O ícone de Tom está no canto; deve estar a trabalhar nas filmagens do dia. Entretanto, Federica acrescentou as suas anotações revistas à pasta, a sua versão singularmente inconsistente de estenografia por fim – de forma preocupante – compreensível para Greta.

Ainda não consegue bem decidir-se a lê-las, por isso, enquanto espera que Tom faça o *upload* do material novo, carrega em algum do trabalho de preparação que tinham feito em Londres. Pastas e pastas de apontamentos e estudos de caso, compilados por ela e por Federica. Entrevistas anteriores e gravações, fotografias da polícia. Deita-se de barriga para baixo na cama rangente e carrega numa das entrevistas conduzidas por Federica, por uma vez com a classificação correta: *Garrett 23/02/18 FS*.

David Garrett parecia tão oleoso quanto a sua voz quando Greta lhe telefonou para marcar a entrevista. Ele agita-se na cadeira de plástico do café, o foco branco impiedoso a captar zonas gordurosas no nariz e na testa, manchas escuras a espalharem-se na camisa por baixo dos sovacos.

– Diga-me qual era o seu cargo na altura do desaparecimento de Sadie Banner – diz Federica de algures ao lado da câmara, sem dúvida depois de ter bebido dois cafés e também a mexer-se na cadeira.

Garrett aclara a garganta.

– Eu era detective da polícia e foi-me atribuído o caso depois de os agentes que responderam à chamada terem considerado o desaparecimento suspeito.

– Pode falar-me um pouco mais das suas descobertas iniciais?

– Não foi particularmente inusitado. Sem sinais de luta ou algo desse género. O marido vai dormir e ao acordar percebe que a mulher desapareceu; não é nada que não tenhamos visto antes.

– Pensou que ela o deixara?

– De início, era essa a opinião geral, sim. Ela levava um saco, algumas roupas.

– E o que o fez decidir que isto poderia ser algo mais sinistro?

Garrett muda de novo de posição na cadeira, no momento em que uma notificação de chegada de *e-mail* aparece no canto do monitor de Greta. Ela dá um salto, os olhos a passarem pela pré-visualização do texto. «Re: O seu pedido recente junto da JustEat.» Fecha-a, virando de novo a atenção para o vídeo.

– Bem, havia o facto de o bebé ter apenas dez dias. De início, ficámos preocupados com a possibilidade de Sadie estar a sofrer de depressão pós-parto ou psicose pós-parto, e que a sua segurança pudesse estar em risco.

– Essa teoria não durou muito?

Outra tossidela nervosa – aquilo vai resultar bem. Decerto vão estreitar a imagem, fazer um grande plano.

– Bem, nunca a abandonámos – diz ele, brincando com um pacotinho de açúcar. – Mas as conversas iniciais com o técnico dos serviços de saúde, a parteira e o médico de família não a classificaram como estando em risco a esse respeito. Nenhum sinal de alerta, pelo menos. E entretanto, nós... descobrimos outras áreas de potencial preocupação.

– Pode falar-me acerca disso? – pergunta Federica.

Greta levanta-se e vai até à casa de banho do quarto lavar a cara, deixando as vozes chegarem de longe até ela.

– Bom, o marido tornou-se... uma pessoa de interesse para a investigação.

– Porquê?

– Pareceu evidente desde muito cedo que ele estava a omitir qualquer coisa. Havia uma certa... relutância dele ao interagir connosco.

– Não achou que pudesse ser o *stress* de ter sido deixado com o bebé no colo?

– De início, talvez. – Greta regressa ao quarto, esfregando a cara com a toalha



áspera. David Garrett pronuncia determinadas palavras de uma maneira estranha, reparara nisso da primeira vez que vira aquele vídeo. «*Tábez.*» – Vou ser sincero – diz ele, abandonando por fim o pacotinho de açúcar. – Tinha cem por cento de certeza de que ele era culpado. Apenas não conseguíamos atribuir-lhe o crime.

– Pensou que Miles Banner tinha assassinado a mulher?

– Sim, senhora. Ponho as mãos no fogo.

Federica deixa o silêncio instalar-se um bocadinho mais do que talvez fosse confortável, na altura, e Greta sabe também que vai deixar ficar assim na montagem final. Deixem o público perceber a piada, deixem o momento crescer. Por fim, ela diz-lhe:

– Então deve ter sido uma grande surpresa, certo?

E Garrett tem bom perder, ri-se.

– Bem, sim – diz ele. – Passei quinze anos da minha carreira a lamentar-me por aquele assassinio que não consegui provar, e depois um dia a vítima regressa a casa entrando pela porta da frente.

## Capítulo 5

2016

Na manhã do décimo sexto aniversário da filha, Sadie Banner vestiu-se com cuidado. Não demasiado formal, mas provavelmente algo bonito, decidiu. Qualquer coisa para assinalar a ocasião. Tentou não pensar em todos os aniversários que perdera, todas as vezes que não escrevera ou até que se esquecera (embora soubesse que isto não era verdade. Ela lembrara-se *sempre*). Tentou não pensar em todos os aniversários que passara a lamentar-se, com medo, sozinha (embora soubesse que também isto não era verdade. Ela *nunca* estivera sozinha). Tentou não pensar em nada, como muitas vezes fazia, e tomou um duche e vestiu-se. Tal como devia fazer.

Desceu ao rés-do-chão, trazendo consigo o saco brilhante com os presentes de aniversário para Amber conforme Miles lhe pedira. As escadas rangeram com o seu peso pouco familiar, alarmadas. A casa era muitas vezes clara na sua hostilidade. Em cada porta empenada, em cada tábuia do soalho que rangia, ela ouvia: «Intrusa.» Não era capaz de discordar.

Ouvia Miles na cozinha, o som da massa na frigideira. Panquecas, claro; o pequeno-almoço preferido de Amber, recordou-se, porque ao longo dos últimos seis meses, conhecer a filha – os seus gostos e aversões, os hábitos, os seus gestos; Sadie recordou que devia debruçar-se sobre a *Smash Hits* para aprender todos os factos possíveis acerca de uma estrela *pop* preferida – tornara-se como um exame para o qual ela estava sempre a estudar. Descobria que mesmo as coisas que ela fazia agora eram provisórias, que não se podia confiar nelas de um dia para o outro. Durante algum tempo, quando Sadie voltara para casa, Amber adorava crepes – mas agora as panquecas tinham de ser pequenas e altas, ao estilo americano. Tudo o que ela agora gostava era americano: as marcas de roupa que vestia, a música que ouvia, os programas a que assistia sem parar na televisão e no portátil. Começara inclusive a falar com uma ligeira pronúncia, apenas um sotaque, e Sadie não conseguia perceber se era de propósito ou se surgira por osmose de todas as horas de *Gossip Girl*, *90210* (um *remake* de *Beverly Hills*,

902110! Isso fazia-a sentir-se tão velha!) e *Pequenas Mentirosas* a que a filha assistia.

A sua filha. Era estranho dizer semelhante frase, mesmo em pensamento.

As tábuas do corredor também rangeram enquanto se dirigia à cozinha, onde Miles cantava a acompanhar Frankie Valli no rádio. Sadie contornou a esquina e viu-o, de costas para ela, a virar uma panqueca e dando à massa restante uma mexidela, as ancas a abanarem. Era o primeiro dia de sol da Primavera e a luz vinda da janela da cozinha era amarelada e brilhante. Ele virou-se para passar as panquecas cozinhadas para cima da pilha ao seu lado e viu-a ali de pé. Estava vestido com as suas calças de pijama, a *T-shirt* cinzenta suja de massa, o cabelo espetado de um dos lados. Ele era a única coisa que não mudara, que nunca mudara. Isso inquietara-a quando ela regressara, e ainda o achava difícil de aceitar. Por um segundo imaginou que aquela era a primeira manhã, quando acordara no quarto dele na residência de estudantes e andara por ali até o encontrar na cozinha, embora dessa vez ele estivesse a fritar – a queimar – *bacon*, e a *T-shirt* dele estivesse manchada de *Snakebite* da noite anterior. Consequia imaginar que nada do que se passara entre eles acontecera de facto.

Mas apenas por um segundo.

Sorriu-lhe; cada vez o fazia melhor. Mais rápido, pelo menos – o medo e a avaliação que lhe passavam pelo rosto sempre que olhava para ela eram cada vez mais e mais fugaz. Tentou devolver-lhe o sorriso quando ele veio ter com ela, de espátula na mão, e a beijou – ao lado do olho, como se tivesse hesitado entre a testa e a face e depois fora demasiado tarde para escolher.

– Bom dia – disse ele.

– Bom dia – respondeu, surpreendendo-se ao atrever-se a passar um braço pelas costas dele aquecidas pelo sol; permitindo-se inalar aquele cheiro dele a farinha, por cima do odor a *aftershave* e a suor. Ele afastou-se, tirando-lhe o saco dos presentes.

– Lembro-me dos bons velhos tempos – disse ele –, quando tinha de ficar acordado até tarde a tentar perceber como embrulhar um triciclo de plástico cor-de-rosa ou um cavalo da *Barbie* com carruagem.

Viu-o aperceber-se demasiado tarde de como este comentário poderia ser interpretado como gozo e por isso sorriu de novo para o aliviar. Miles pousou o saco na mesa, demorando-se a reordenar os presentes individuais – maquilhagem *MAC* e *DVD*, um perfume que custara o que parecera a Sadie uma quantia obscena – de modo a estarem dispostos de forma tentadora dentro do saco. Satisfeito, regressou ao fogão e depositou uma nova colherada de massa na frigideira.

Magoara-a, claro, embora soubesse que ele não tivera essa intenção. Recordar não era algo que deveria ser evitado; as memórias devem ser aceites, recebidas de bom grado, procuradas, não rejeitadas como se fossem estilhaços solitários de

vidro peneirados de um monte de areia anônimo. Não fora por culpa dele que aquelas memórias inofensivas de triciclos cor-de-rosa e cavalos de plástico não eram dela, que a enchessem de terror. Não fora por culpa dele que ela abandonara ambos. Não fora por culpa dele que ela regressara.

Sadie foi até ao frigorífico e olhou lá para dentro, porque parecia ser uma coisa que as pessoas faziam nas cozinhas. Raramente se importava com comida quando estivera fora, comprava pão e comida de plástico quando se lembrava, comia sopa enlatada na maior parte das noites.

– Comprei mirtilos – disse Miles. – Ela ainda gosta de mirtilos, certo?

– Acho que sim. – Sadie pegou num mirtilo e meteu-o na língua; rebentou-o contra o céu-da-boca. Amargo. As sensações começaram outra vez a apanhá-la de surpresa. Todas aquelas coisas superficiais da vida, de repente ligadas de novo.

Passou os mirtilos para uma taça com algumas framboesas que recordava vagamente ter comprado dois ou três dias antes. Estavam a implodir, a ficar demasiado maduros. Quando as passou para a taça, deixaram pedacinhos para trás, a embalagem manchada de vermelho. Levou a taça para a mesa com uma embalagem de iogurte grego espesso, mais um dos preferidos (temporários) de Amber. Apesar de já se terem passado muitos anos desde que era jovem, sempre que observava Amber comer tinha de morder a língua ou a parte de dentro da boca para conter as mesmas palavras que a mãe costumava dizer-lhe do outro lado da mesa: *– É melhor não comeres demasiado disso. Tens de ter atenção à linha. Nem sempre terás esse aspecto. Existem versões light disso, sabias.* Sabia que Amber podia sentir aquelas palavras contidas. Não que isso fosse anormal; muitas vezes era como se houvesse uma outra dimensão inteira dentro desta casa: Coisas Contidas, uma outra-vida sombria onde lidavam com a maior parte das questões internas da família, onde tinham arquivado os dezasseis anos anteriores por razões de segurança. Até ao momento, Amber mostrara ser bastante boa a alinhar – mas Sadie sentia-a ali, por baixo da superfície; uma desconfiança, uma fúria cega. Havia agora duas naquela casa.

– Bom dia.

Sadie sentiu o coração a ficar tenso ao virar-se. A filha encontrava-se no umbral da porta, envolvida no roupão felpudo, calças de pijama de flanela com as pernas enfiadas em botas *Ugg* peludas. O rosto dela de manhã deixava sempre Sadie chocada – era tão raro vê-la sem maquilhagem, as sobrancelhas do loiro normal em vez de pintadas de escuro carregado, que por vezes precisava de um minuto para assimilar que era Amber quem estava a olhar para ela. A olhar para ela com aquele modo impassível e inexpressivo a que Sadie ainda não se habituara. A olhá-la com um rosto tão semelhante ao de Sadie que, quando puseram os olhos uma na outra pela primeira vez seis meses antes, apenas tinham conseguido olharem uma para a outra. Vê-la causava uma pontada de medo no coração de Sadie.

O cabelo com madeixas de Amber estava preso num nó inclinado no cimo da cabeça e a jovem bocejou com a boca muito aberta, abanando a mão em leque à frente da boca de um modo exibicionista.

– Parabéns, bebé! – exclamou Miles, passando por Sadie para envolver Amber num abraço apertado que a fez levantar os pés do chão.

– Obrigada, pai. – Revirou os olhos quando ele a pousou, mas afectuosamente, de maneira que Sadie começava por fim a perceber. – Oh, presentes!

A filha virou a atenção para o saco de presentes, papel de tons pastel a cair para o chão em volta dela. Examinou cada um deles de forma breve, emitindo um guincho ocasional, antes de o presente ser acrescentado à pilha crescente em cima da mesa. Eram tudo coisas da lista que ela imprimira para Sadie um mês antes – nada de surpresas. Amber não gostava de surpresas e Sadie sentia que não a poderia culpar por isso.

Quando terminou, ergueu os olhos para eles e sorriu.

– Obrigada – disse, e, para surpresa de Sadie, Amber aproximou-se dela primeiro e abraçou-a com força – *devidamente* – de modo a ela conseguir inspirar o aroma floral e suado do seu cabelo e o cheiro da sua pele.

– De nada – disse, de repente à beira das lágrimas, e depois: – Parabéns.

Amber já tinha avançado, já estava de braços estendidos para os passar em volta do pescoço de Miles enquanto lhe pespegava um beijo na face áspera. Sadie manteve-se à margem, sentindo-se estranha e animada. Quando Amber escolhia lançar a sua luz sobre uma pessoa, ainda que por breves momentos, era tão brilhante que ofuscava. Deixou Sadie atordoada, como se tivesse passado da luz do Sol para um quarto escuro, o cérebro a lutar para se adaptar.

– E agora o pequeno-almoço de aniversário para a aniversariante! – exclamou Miles, pousando com orgulho o prato de panquecas em cima da mesa com uma pequena vénia.

– Oh, obrigada, pai! – Amber encheu um prato, uma torrente de xarope vertida em cima de tudo aquilo. – Hum. – Enfiando um pedaço com o garfo dentro da boca, ainda de pé, encaminhou-se para a porta. – Tenho de me arranjar para ir para a escola.

– Bem, pensava... – começou Miles, mas Amber fora-se embora, o prato abandonado, os passos a retumbarem no tecto por cima deles. A divisão pareceu curiosamente estagnada sem ela lá dentro, mesmo quando Miles se deixou cair numa cadeira e começou a espetar panquecas com o garfo para as passar para o seu prato.

– Café? – ofereceu Sadie, e ele virou-se para ela e sorriu.

Estava contente por ela estar ali, percebeu, com uma esmagadora sensação de alívio. Ela estava ali. Estava ali, e Amber era a sua filha, e ela estava outra vez em casa.

Os pais estavam a fazer o seu melhor para parecerem sérios nas cadeiras de plástico instáveis, o pai inclinado para a frente como se não quisesse perder uma única palavra do que a senhora Barclay dizia do outro lado da secretária. A mãe esquecera-se de trocar as suas roupas de cerimónia e uma mancha de branco atravessava um dos ombros da sua blusa velha. Ambos ouviam a professora com o cenho franzido e lábios apertados – vistos do exterior, parecia que eram eles quem estava em sarilhos.

Sadie observou-os através do vidro arranhado da janela da sala de aulas, fazendo a biqueira do sapato chiar ao raspá-la no chão de linóleo. O corredor era fresco e silencioso e por enquanto estava sozinha. Mas uma única tira de luz ao fundo do corredor começara a tremeluzir e soube que tinha de a manter debaixo de olho. Olhou de relance para trás, para o local onde o corredor se cruzava com outro, as luzes já apagadas. As sombras estavam imóveis – por enquanto – e ela tornou a virar a atenção para a cena dentro da sala de aulas.

Viu o momento em que os pais passaram de ansiosos a aborrecidos. Tinham vindo à espera de uma luta ou de um osso partido e afinal o «incidente» a que a senhora Barclay se referira na sua voz nasalada acabara por ser aquilo.

Sadie. O primeiro sussurro a elevar-se do corredor atrás dela. Sadie olhou outra vez de relance para a luz que tremeluzia mas esta não mostrou sinais de desistir. Manteve-se estoicamente e as sombras foram mantidas à distância. Quando tornou a virar a sua atenção para a janela, os três rostos adultos lá dentro estavam voltados para ela.

No carro a caminho de casa, a mãe estava sempre a alargar o cinto de segurança de modo a conseguir virar-se e olhar para Sadie.

– Sentes-te bem, querida? – perguntou, uma ou duas vezes, e Sadie teve de se esforçar bastante para assentir e sorrir em vez de revirar os olhos.

Esperaram até ao jantar, embora isso não fosse inesperado. Anne e Robert Frederick preferiam deixar os problemas germinar, na esperança de que, com a vida

normal a pressioná-los o suficiente, acabassem por se tornar em nada. No que quer que fosse que uma família assentava.

Mas isto, evidentemente, era demasiado para ignorar até para eles. Diante do seu esparguete à bolonhesa, com a camisa do pai pintalgada de cor de laranja e uma vaga de pedaços de cenoura a erguer-se devagar na borda do prato de Sadie, voltaram a olhar para ela. Comeu primeiro os cogumelos, ignorando-os.

Foi Anne quem por fim decidiu falar. O garfo a cair com um ruído carregado de significado e Robert a apressar-se a mastigar a garfada de esparguete que metera na boca.

– O que se passou hoje? – interrogou. – Conta-nos o teu lado da história.

E Sadie pousou com cuidado os talheres e empurrou a cadeira para trás.

– Não me lembro – respondeu, e depois foi para o seu quarto.



Ela lembrava-se, claro. Lembrava-se demasiado bem, ali deitada na cama com ambos os candeeiros e a luz do tecto acesos. Um dos candeeiros era novo – um candeeiro de lava da loja que cheirava a incenso na cidade onde uma cortina de contas separava as secções minúsculas umas das outras. A mãe dela detestava aquela loja, tal como todas as mães, mas levava Sadie até lá para a animar depois de ela ter ido restaurar um dente pela primeira vez no dentista (ela não lhe lembrara, nem uma única vez, conforme Sadie esperara, que bem a tinha avisado; até lhe comprou um Mr. Freeze com sabor a cola a caminho da consulta. Não era um dos azuis – o céu gelaria antes de Anna Frederick deixar a sua filha comer algo com corante de um tom azul-artificial – mas era ainda assim uma vitória). Sadie escolhera o candeeiro à pressa, receosa de que a oferta pudesse de súbito expirar, e agora passava horas a admirá-lo, as suaves bolas roxas a vaguearem por entre o cor-de-rosa-doentio.

O outro candeeiro estivera na sua mesa-de-cabeceira quando ela era pequena – uma casinha em forma de cogumelo de porcelana com as janelas recortadas e uma porta escancarada de modo a deixar a luz sair por ela quando estava ligado. Fora abandonado debaixo da sua cama mas há pouco sentira necessidade dele mesmo sendo demasiado crescida para ter uma luz de presença.

Ficou ali deitada com os candeeiros um de cada lado e o candeeiro do tecto, com o seu quebra-luz, a emitirem um calor confiável. As sombras infiltravam-se à mesma. Surgiam debaixo da mobília e deslizavam pelas paredes. Os sussurros esgueiravam-se por entre o ruído apressado da sua respiração e tentou dizer a si mesma que não conseguia ouvir.

A pensar no jantar abandonado e nos pais, que com toda a probabilidade ainda estavam sentados à mesa em silêncio, virou-se de lado.

A escola parecera segura. Não era a mesma coisa que ir até ao bosque com a mãe de Helen na sua, Justine e Marie a revezarem-se para contarem histórias do Tall Man. Quando estavam sozinhas no bosque, o vento a sussurrar por entre as árvores, parecia

que tudo podia acontecer. Era como se ele pudesse surgir das sombras a qualquer momento e levar uma delas com ele. Mas a escola, com as janelas engorduradas e as filas de carteiras, era um sítio normal. Ali ninguém era especial. Passava a maior parte dos dias a olhar para o recreio e para lá dele, para as nuvens que atravessavam o céu cinzento. A pensar se as histórias podiam ser verdadeiras; se aquilo que ela por vezes ouvia na escuridão do seu quarto à noite era real. A pensar se queria que o fossem.

Naquele período andavam a estudar a época vitoriana, algo de que ela gostara. Olhar para as fotografias a preto e branco de mulheres com vestidos armados, os homens com colarinhos aos folhos e chapéus. Imaginar ruas empedradas iluminadas por poças de luz débil dos candeeiros de rua, o nevoeiro a deslizar pelas esquinas. Por vezes sonhava com uma casa alta com degraus até à porta da frente, um rosto que não era o seu a olhar para ela do outro lado de um espelho com os cantos trabalhados e dourados. O barulho dos saltos num beco, o cheiro a algo doce e terrível.

Naquele dia Helen não apareceu na escola – Sadie decidira que lhe ia telefonar para casa para ver se ela estava bem. Helen adoecia muitas vezes; parecia atrair todas as bactérias e constipações das redondezas. Mas Sadie não conseguiu evitar perguntar-se se Helen também teria começado a ouvir o seu nome a ser sussurrado nas sombras.

Era terça-feira, o que queria dizer Arte, e a senhora Barclay pedira-lhes para fazerem desenhos das fábricas e oficinas de que andavam a falar usando giz e carvão para sombrearem os locais onde a luz podia ou não chegar. Todos gostavam de Arte e por uma vez havia silêncio enquanto a turma se debruçava sobre o trabalho. Com os dedos empoeirados, as bordas da cartolina a enrolarem-se, os seus desenhos emergiram. Sadie ficou ali sentada e observou as chaminés a deitarem fumo a crescerem e janelas tortas que apareciam a toda a sua volta mas na sua folha de papel havia apenas fumo e sombras, uma massa rodopiante que parecia levantar voo de cada vez que olhava para ela.

Levantou a mão, direita e bem alto.

– Cometi um erro – disse à senhora Barclay. – Quero começar de novo.

– Vai buscar mais papel – respondera a senhora Barclay. – E despacha-te.

Ao fundo da sala de aulas havia uma porta que dava para uma arrecadação comprida e estreita. Estantes baratas de MDF cobriam as paredes, atulhadas de material de desenho e livros de exercícios e as pastas com fecho de plástico onde deveriam transportar os trabalhos de casa. Caixas de lápis e pincéis e teias de aranha compridas que se agarravam às paredes pintadas com várias camadas de tinta.

Sadie hesitou em entrar. Havia apenas uma lâmpada lá, a ondular com suavidade com a brisa vinda da sala de aulas. A sua luz branca calma e uniforme no chão de cimento. Os cantos e as beiras permaneciam independentes, com os seus tons de sombra; a luz era demasiado débil para os expulsar. Quando avançou um passo até à estante com as pilhas de papel de desenho nas prateleiras, a porta fechou-se com um estalido atrás dela e as sombras cresceram.

Ela vacilou por um momento, mas a montanha de papel estava perto, tentadora, e



já sentia dentro de si a emoção da criação. Era assim há algum tempo, a ideia de fazer algo ou de escrever uma história um impulso de tal modo poderoso que dava consigo a enfurecer-se quando, com o papel e as ferramentas à sua frente, a coisa não se vertia de imediato.

E, portanto, esqueceu-se das trevas deslizantes e aproximou-se da prateleira. Escolheu um pedaço de papel que era um pouco maior do que os outros, imaginando a senhora Barclay a passar distraidamente a lâmina da guilhotina por ele vezes e vezes seguidas, as páginas a amontoarem-se aos seus pés. Esqueceu-se das trevas deslizantes até a lâmpada tremeluzir, primeiro uma vez e depois uma segunda. A mão escorregou da prateleira. Olhou para o fundo da divisão, onde havia cadeiras e um cavalete velho e partido empilhados contra a parede. As trevas ali eram longas e a estenderem-se, a lâmpada a baloiçar agora tanto que a sombra do cavalete erguia-se sobre o chão e em seguida voltava a deslizar para o seu canto.

Mas não era a sombra do cavalete que se escondia no canto, pois não? O coração parou ao ver a sombra a destacar-se aos poucos, dedos compridos a desenrolarem-se. Um nariz e um queixo de perfil, muito, muito alto na parede – a virarem-se devagar na sua direcção.

O papel flutuou até cair no chão.

Escuta, disse a voz. A mão de Sadie tacteou na prateleira e encontrou um recipiente com tesouras com pegas de plástico. Ela estava a ouvir.

Sentiu respirarem de encontro à sua nuca, uma sombra a descer sobre a sua. A lâmpada tremeluziu e então, com uma faísca e um estalido, apagou-se. Sadie, disse a voz.

Sadie manteve-se muito quieta, a sentir as trevas moverem-se em volta dela. Não tenhas medo, disse para consigo. Pediste-lhe para vir, tu pediste-lhe. Mas assim que a respiração voltou a palpitar junto à sua pele, fechou os olhos com força apesar da escuridão. Sadie, tornou a voz a dizer, e dedos frescos roçaram-lhe então a face. Ouvia o papel nas estantes a abanar freneticamente, os frascos a estremecerem.

Posso tornar-te especial, se pedires.

Sadie não estava preparada para ser especial. Tentou e tentou manter-se quieta, mas quando a mão suave e fria se fechou sobre o seu braço, não foi capaz de impedir o grito de escapar. Não conseguiu evitar que a sua mão, quente e húmida em volta da pega da tesoura, saísse disparada, de o atacar com força enquanto ele a agarrava.

E depois o grito não era dela. Abriu os olhos e viu a porta da arrecadação aberta, a divisão inundada de luz. E a senhora Barclay encontrava-se à frente dela, a tesoura, com a sua pega verde, espetada no seu braço mole. Sangue a correr-lhe num fio lento e espesso até aos dedos com as manchas de giz e carvão. Os olhos postos em Sadie, arregalados e observadores e assustados.

E então Sadie ficara de novo sozinha.

*Perguntava-se se estaria sozinha agora.*

*Olhou para o tecto, a ouvir o silêncio da casa. E depois estendeu a mão e, um a um, desligou os candeeiros.*

## Capítulo 6

2016

Sadie chegava adiantada a tudo, determinada a não se atrasar nem a ser indigna de confiança. Enquanto estivera ausente, o tempo fora só dela e algo em que ela raramente pensava; agora era difícil ajustar-se às suas formas restritas, à sua marcha inexorável. Mas ela estava a tentar. *Se vais voltar*, dissera-lhe Miles naquela primeira manhã, o rosto branco de choque e os olhos inchados e pisados por não ter dormido, *tens de o fazer a sério. Tens de ser mãe dela*. E assim ela levou aquilo a sério; tratava-o como um emprego novo no qual estava a tentar impressionar ambos os seus patrões. Sabia que demoraria muito tempo até o seu período experimental terminar.

Entrou no parque de estacionamento do centro recreativo faltavam dezassete minutos para as dez, dezassete minutos cedo de mais. Pareceu-lhe razoável, ao princípio, não teria de esperar muito, e recostou-se no assento, a ouvir o ruído da ventoinha de arrefecimento do motor. Quase não havia carros àquela hora da noite e os abetos que flanqueavam o parque de estacionamento abanavam e rodopiavam com o vento. Ficou sentada no carro e ouviu-se a respirar. Tentou não olhar para as árvores.

Abanar e rodopiar. As sombras estendiam-se na luz cor de laranja do candeeiro de rua; esticavam-se, desdobrando-se. Formas escuras dançavam pelo asfalto e levantavam voo. O motor dava estalidos, os segundos a tornarem-se de novo elásticos. Fechou os olhos. Não ajudou.

Surpreendera-se por Amber ter concordado com a sugestão de Miles da discoteca de caridade para o aniversário dela. Era para menores de dezoito anos, o que significava que teriam zero acesso a álcool e Sadie tivera a certeza de que Amber torceria o nariz à ideia. Porém não era fácil a Sadie prever as reacções de Amber, não da maneira que ela esperara. Apesar de as parecenças físicas entre mãe e filha serem inegáveis, Sadie ficava satisfeita quando se notavam características pertencentes apenas a Miles na filha deles. Também reparara que Amber era gentil com Miles, acatando as suas sugestões mesmo quando eram

enfadonha ou nada fixes para ela, e Sadie viu-o como um bom sinal. Quando captava um vislumbre de si no rosto da filha, tentava fingir que se tratava de um truque da iluminação.

Abriu os olhos e olhou para o edifício. Quando se fora embora dezasseis anos antes, este não existia – a construção e o seu parque de estacionamento eram mais um terreno amarelado. Agora a cidade espalhara-se, em formas em que ela estava ainda a reparar, urbanizações inteiras de casas idênticas de tijolos de cor viva a nascerem em sítios que ela julgara manterem-se intocados assim que passara por eles. Esperara de facto regressar e encontrar as coisas na mesma? Agora não sabia ao certo.

Na maior parte dos dias ainda pensava na noite em que chegara à soleira da porta deles.

Era tarde, mais tarde do que tencionara, e não sabia bem se se sentia aliviada por ver uma luz na sala de estar. Não trouxera nada com ela – isso parecera importante. Vira a casa antes, claro, apesar de não o ter admitido a Miles. Tivera de verificar, tivera de ter a certeza. Precisara de saber que eram só eles os dois a viverem naquela casa, que era apenas Sadie que regressaria para lá, sem hóspedes indesejados a acompanhá-la. Pensara que estava finalmente na altura, que era por fim seguro para ela regressar para junto deles – mas aprendera da maneira mais difícil que era importante ter a certeza. As sombras tinham o hábito infeliz de voltarem para ela.

Seguindo pelo curto caminho de acesso, observara o carro, o autocolante desbotado pelo sol com o unicórnio da janela do passageiro a descolar-se. Um *dossier* caído no chão do carro daquele lado, letra manuscrita floreada que ela não reconhecia na etiqueta: *Apontamentos de D&T* 😊. Recordava-se de como ficara do lado de fora da porta da frente, à escuta. A Sadie que ela fora queria continuar a andar, caminhar em volta da casa e olhar lá para dentro pelas janelas – ver por si, de uma distância segura. Tocara à campainha.

Agora, as portas automáticas do centro recreativo escancaravam-se, a luz a inundar o pavimento. Um outro carro entrou no parque de estacionamento, com os máximos a perfurarem a escuridão, e não conseguiu evitar encolher-se, virando-se para as árvores. Deixar os velhos amigos para trás era mais difícil do que ela esperara.

O grupo de miúdos que saiu lentamente pelas portas separou-se o suficiente para ela distinguir Amber entre eles, de braço dado com Mica. Sadie ficou satisfeita consigo por se lembrar do nome de Mica. E também lá estava Alisdair – o outro melhor amigo de Amber. Eram um grupo de três desde os grupos de brincadeira da pré-primária que Amber frequentava e era importante que Sadie se recordasse disso.

Perguntava-se o que deveriam achar dela, a mãe regressada, a mulher louca que voltara do território selvagem. Questionava-se sobre o que sabiam, apesar de

ela também não estar assim tão certa do que Amber saberia. Tentara perguntar a Miles naqueles primeiros dias, querendo entender o quanto ele lhe teria explicado acerca do porquê de a mãe se ter ido embora – e, na realidade, a que ponto teria Miles de facto compreendido? Ouvira-o recontar as suas memórias daquela semana no pequeno apartamento de ambos depois de Amber ter nascido, e de início sentira pena dele. Devia ter sido aterrador, em especial para Miles, que estava carregado da positividade que apenas alguém que vivera uma vida feliz e livre de sombras poderia manter. Sentira-se culpada ao início, ao ver que lhe retirara essa parte. Mas quando ele continuou a falar, Sadie sentiu aquela escuridão familiar erguer-se dentro dela, a paciência a evaporar-se.

– Eu *tinha* de ir embora – deu consigo a dizer. – Fi-lo para a proteger. – E depois disso ele ficara calado.

O grupo ainda permanecia no exterior do centro recreativo, a arrastar-se para mais perto do carro de modo a Sadie conseguir distinguir Amber com maior clareza. Acrescentou pormenores ao rosto que não estavam lá quando ela saiu de casa: um batom escuro, quase roxo; um iluminador mais carregado em cada bochecha. Também despira os calções que trazia, a *T-shirt* preta justa com o comprimento suficiente para talvez poder passar por um vestido. Se não se estivesse *realmente* a olhar.

Ao lado dela encontrava-se uma rapariga alta que Sadie não reconheceu. De cabelo escuro, com a cabeça para baixo enquanto conversava animada com Amber, com os braços cruzados à sua frente. Calças de ganga lilases e uma *T-shirt* branca bonita e diáfana; o género de roupa de rapariga que Sadie sabia que Amber nem morta usaria. Observou a rapariga a olhar para Amber enquanto falava; Amber a olhar de vez em quando para ela ou a assentir para mostrar que estava a ouvir, inclinando-se para ela aqui e ali com uma risadinha, um ladear de cabeça. Desinteressada mas não antipática. Acenando um adeus tímido, a rapariga afastou-se do grupo e entrou na porta do passageiro do outro carro, com os faróis ainda nos máximos e encandeantes ao sair do parque de estacionamento para se ir embora.

Sadie observou a atenção da filha alternar com indiferença entre os rapazes que tentavam mantê-la. Posou para *selfies* com eles, encostando-se ao peito de alguém, rindo-se da piada de um outro. Mas, ao fazê-lo, havia apatia nela, e Sadie decidiu que Amber não estava interessada em nenhum deles.

Também decidiu que a filha estava bastante ciente de que ela estava a observar.

Os rapazes começaram a faltar-se e foram-se embora na direcção da cidade, até já só restarem Amber e os seus amigos. Mica e Alisdair e um rapaz que Sadie não reconheceu. Ele vinha a andar atrás deles enquanto elas vinham até ao carro e Sadie não conseguiu divisar as feições dele quando os quatro passaram pelas poças de luz dos candeeiros de rua. Quando se aproximaram, os olhos de Sadie

encontraram os de Amber e só quando as portas do carro se abriram com um estalido é que ela se apercebeu de que bando se separara; de que a tinham cercado.

– Olá, senhora Banner – disse Alisdair, deslizando para o lugar do passageiro.

Amber foi a última a entrar no carro. Atrás dela, as árvores tinham começado outra vez a abanar.

Ao afastarem-se do centro recreativo, Sadie sentia os olhos da filha nela através do retrovisor. Estendeu a mão e fingiu ajustá-lo. Fingiu não ouvir os sussurros que rastejavam do banco de trás, a explosão de riso como corvos a debandarem de uma árvore.

– Muito obrigada por nos dar boleia. – Alisdair, confortável ao lado dela, uma perna comprida cruzada por cima da outra, um cotovelo a repousar possessivo contra a porta.

– Oh! – Deu consigo a passar as mãos pelo cabedal do volante, à procura das palavras como se estivessem lá gravadas. – Não, de nada, não há problema. – Quando, ao fim de algum tempo, o silêncio lhe sabia como se tivesse cartão dentro da boca, lembrou-se de perguntar: – Divertiram-se?

Alisdair virou-se e sorriu; uma espécie de sorriso conspiratório de lábios apertados, desaparecido num segundo de modo que ela pensou tê-lo imaginado.

– Sim, obrigado – respondeu ele, num tom educado e numa voz de quem está a falar com os pais. – Foi mesmo divertido. Obrigado por nos ter comprado as entradas.

Sadie não as comprara. Sadie tinha uma quantia ridícula na sua conta-poupança, reunida de maneiras em que ela não queria pensar agora, e Miles parecia achar qualquer tentativa que ela fizesse para contribuir fisicamente ofensiva, recusando-a à menor oportunidade. Ela não queria que Alisdair (ou Amber) soubessem disso.

– De nada – disse.

Observou os faróis a atravessarem a rua à frente deles, os focos a captarem as beiras dos carros e dos passeios antes de os abandonarem de novo à escuridão. Ouvia de novo os sussurros no banco de trás; Mica, Amber e o rapaz cujo nome ela não sabia ou não se lembrara. Picavam-lhe a pele e ela corou, embaraçada. Sentia-se uma miúda, como se estivesse sempre a ser outra vez apresentada a Justine e a Marie e estivesse a esforçar-se ao máximo para dizer as palavras certas, para ser o que elas esperavam. Tal como na altura, ela não sabia do que falar ou como conversar com elas; ou se devia falar de todo. A mãe de Mica falaria com eles quando por vezes os ia buscar à escola? O pai de Alisdair permaneceria na sala de estar quando os três estavam lá, a verem filmes em casa dele; ficaria lá a conversar e a fazer-lhes perguntas? Ou seriam esses pais vistos mas não ouvidos, deslizando com facilidade de um sítio para o outro enquanto cuidavam dos filhos de maneira a imporem-se o menos possível? Não sabia. Não

...sabia como se integrar. Nunca soubera.

– Mãe – disse Amber, as vogais arrastadas e parecendo aborrecidas; o ditongo abafado por uma risada, que depressa se extinguiu. – Esqueceste-te de virar.

As palmas das mãos estavam agora húmidas em cima do volante.

– Desculpem – disse, fazendo uma inversão de marcha desajeitada.

Conduziu devagar, os faróis a esconderem mais do que mostravam, as sombras desordenadas e a mudarem de forma. Quem lhe dera estar em casa. Não se lembrava qual era a casa de Mica e a rua era estreita, com carros estacionados de ambos os lados.

– É aqui – indicou Mica, como se estivesse a sentir o desconforto dela. – Obrigada, senhora B. – Deu um beijo na cara de Amber e esticou-se para a frente para Alisdair numa onda de perfume caro e cheiro calcário a maquilhagem, as unhas vermelho-escuras a agarrarem-se ao assento.

– Na verdade, também posso ir o resto do caminho a pé – disse Alisdair, e Sadie tentou contestar mas os sons que ela emitiu eram leves e flutuantes, uma das mãos erguida debilmente em protesto. – Não te preocupes, posso cortar caminho aqui pelas traseiras – disse ele, a porta do carro a abrir-se e aquelas pernas compridas nas calças de ganga justas a desdobrarem-se.

Quando se foram embora, os sussurros no banco de trás tornaram-se mais suaves, os risinhos mais estridentes. O rapaz ia sentado no meio e não passou para o lugar que Mica deixara vago. Quando Sadie virou o carro de novo para a rua principal, Amber foi contra ele com uma gargalhada, os joelhos nus dela a deslizarem para o lado; a cabeça inclinada para a dele.

Sadie queria parar o carro. Queria sair e sentir o ar da noite morder-lhe a pele, o calor anterior do dia evaporado.

Não queria pensar no bosque, nos calções rasgados de Justine ou o clac-clac-clac dos amuletos que Helen pendurara nos raios das rodas da sua bicicleta. Não queria pensar no *Tall Man*.

*Ele também pode tornar-te especial, se lhe pedires.*

– Mãe. – Amber parecia envergonhada, já não se ria.

Sadie olhou para a estrada e não fazia ideia de onde estavam.

– Desculpa – disse num fio de voz. – Disseste alguma coisa?

– Esqueceste-te outra vez de virar. – A voz de Amber era agora inexpressiva. – Há que tempos.

– Desculpem, desculpem.

Abrandou, encostando o carro a uma berma de terra batida e fazendo uma inversão de marcha. A estrada estava vazia e a escuridão era líquida. Evitou os olhos da filha no retrovisor. Amber afastou-se do rapaz no banco de trás e olhou pela janela.

Ele falou quando ela se aproximou da primeira intersecção na estrada, os espigões semelhantes a teias de aranha com as suas primeiras flores brancas a

captar os faróis como estrelas.

– É aquela a seguir a esta – disse ele, e a sua voz era surpreendentemente profunda e langorosa. – Ao pé daquele candeeiro... vê?

– *Okay*. – Tentou manter a voz descontraída, normal. Sentia Amber a ferver atrás dela. Virou para a faixa de terra batida, os faróis a baixarem quando o carro deu um solavanco, e seguiu-a através dos campos de colza, as luzes da cidade do seu lado esquerdo.

A casa de quinta era baixa e com o telhado a direito, uma luz na parte da frente. Os edifícios de apoio espreitavam das sombras e um baloiço simples erguia-se torto no meio da erva ressequida, a armação enferrujada e com a tinta a descascar.

– Obrigado pela boleia – disse o rapaz, abrindo a porta (fugindo), mas antes de ele conseguir sair, Amber estendeu a mão e agarrou-lhe a *T-shirt*. Puxou-o para si e beijou-o; não foi um beijo longo, mas duro, determinado, e, ao soltá-lo, os olhos dela deslizaram para se cruzarem com os de Sadie no espelho.

Quando estavam de novo na estrada, Sadie disse:

– Estás bêbeda.

Amber limitou-se a encolher os ombros, sozinha no banco de trás. Nenhuma delas pensou em sugerir que ela passasse para o banco da frente.

Sadie tentou de novo; hesitante, em território desconhecido:

– És demasiado nova para beber, Amber.

Apenas uma gargalhada desta vez; um som curto, amargo. O rosto de Amber desviou-se do dela.

Sadie cedeu. Continuaram a andar.



– Argh!

Amber rolou na cama até ficar deitada de costas e puxou a colcha para cobrir a cara. O sol jorrava pela janela; esquecera-se de fechar a persiana antes de adormecer. Levantou a cabeça, olhando para baixo para o corpo por baixo da cobertura branca e fresca da colcha. Também se esquecera de mudar de roupa. Ou – virou-se e olhou para a almofada; o contorno da cara dela ali plasmado – de se desmaquilhar.

Voltou a deitar-se e fez uma avaliação rápida. A boca grossa e um tanto áspera; um leve sabor a uísque a pairar. Tirando isso, sentia-se bastante bem. Tinha a certeza absoluta de que as ressacas eram apenas um mito. Mais uma coisa que só existia na cabeça da mãe.

De olhos fechados, tentou voltar a adormecer. Mas agora estava a pensar na noite anterior, a repassá-la na cabeça. Divertira-se. Todos se divertiram. Não foi?

Mica e Alisdair tinham passado imenso tempo juntos. Ultimamente pareciam passar muito tempo juntos. Além disso, houvera aquele comentário que Alisdair



fizera acerca de um concerto a que tinham ido os dois – Amber não se lembrava de ter recebido um convite para ir.

Sabia por que razão isso estava a acontecer. Desde que Sadie regressara, os seus dois melhores amigos tinham mudado para com ela. Era como se esperassem algo dela – como se estivessem à espera de que ela lhes falasse acerca de como estava a sentir-se em relação a tudo aquilo. Amber não tencionava fazer isso. Esse assunto era privado, era dela. Se Mica e Alisdair pensavam que ela iria começar a abrir-se acerca de como era triste ter sido abandonada em bebé, de como era estranho que de repente tivesse de chamar «mãe» a alguém que era uma desconhecida, então era óbvio que não conheciam Amber de todo. E Amber não conseguir afastar a sensação de que talvez a razão para terem mudado era que se sentiam demasiado perturbados pela situação (e quem poderia censurá-los por isso?) ou – pior – que sentiam pena dela. Amber não suportava isso.

Por outro lado, Alisdair roubara o uísque do armário das bebidas do pai para eles. E Mica comprara-lhe o *top* preto curto que ela andava há semanas a ver *online*.

Tacteu por baixo das almofadas e encontrou o telemóvel. Deixara-o cair numa festa um mês antes e o ecrã tinha uma teia de rachadelas, a fotografia dela e de Mica que tinha uma imagem de fundo estilhaçada a partir do centro. Desbloqueou-o; uma chamada perdida de Alisdair umas horas antes, quando ele devia ir a caminho do seu turno bem cedo na padaria da cidade. Desconstruiu mais um pouco. Ainda era o número um.

Também tinha uma mensagem de texto, de Jake – isso era mais ou menos uma surpresa, depois da maneira tão estranha como Sadie se comportara durante o trajecto até casa. «Sonhos cor-de-rosa» seguido de um *emoji* a soprar um beijo. Revirou os olhos. Tão previsível. Apagar.

Ouviu baterem à porta e voltou a afastar a colcha da cara.

– Sim?

Miles enfiou a cabeça pela abertura.

– Bom dia, bebé. Interessada num pouco de *bacon*?

– Sempre.

– Também me pareceu.

– Já desço – disse e, quando ele fechou a porta, ela levantou-se e despiu-se. Tirou um pijama lavado da gaveta, passou um toalhete de bebé pela cara e prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo mais bem arranjado. Viu o seu reflexo no espelho por cima da cómoda. *Muito melhor*. Sabia que Miles não gostava de pensar que ela estava a crescer. Muitas vezes perguntava-se se seria por ser tão parecida com Sadie. Se ele começaria a interrogar-se se ela também poderia deixá-lo.

No piso de baixo, Miles tinha aberto ambas as janelas da cozinha e o cheiro forte da relva verde cortada misturou-se com o vapor gorduroso que se erguia da

frigideira. Alargues ao fundo da rua zumbia um cortador de relva. Amber puxou uma cadeira e observou-o enquanto ele terminava o *bacon*, vestido com o seu roupão velho e gasto com as manchas de lixívia de um dos lados. O cabelo molhado do chuveiro e puxado para trás. Assobiava a acompanhar uma velha canção na rádio que ela reconhecia mais ou menos.

– Minha senhora. – Entregou-lhe a sanduiche acabada, feita da maneira que ela gostava; fatias de pão branco cortadas grossas, *ketchup* a escorrer pelas bordas.

– Obrigada, pai.

Ele puxou a cadeira em frente à dela e começou a comer a sua sanduíche (pão castanho, molho castanho), o jornal aberto ao seu lado. As páginas levantavam-se muitas vezes com a brisa; voltavam a assentar de cada vez que a brisa retrocedia.

– Onde está a mãe? – A palavra era pouco habitual na sua boca, o que era estranho. Não era que nunca tivessem falado acerca dela. Ainda assim, agora ela estava ali, uma pessoa real em vez de uma espécie vaga de conceito nebuloso, parecia errado. Agora que ela estava ali e era suposto ser normal – ao contrário dos primeiros dias, quando Miles agira como se houvesse um unicórnio sentado no sofá e qualquer movimento ou ruído estranho pudesse espantá-lo –, parecia mais estranho do que nunca.

– Ela não está a sentir-se bem. – Olhou para ela e piscou um olho. – Só se pode culpar a si mesma.

Amber olhou de relance para a bancada; mais uma garrafa de vinho vazia numa fileira de garrafas de vinho vazias, à espera que o pai as levasse com o resto da reciclagem. Agora havia ali garrafas a toda a hora e faziam-na sempre pensar na canção infantil, que lhe passava na cabeça. *Ten green bottles hanging on the wall*. Costumava ser na voz da mãe apesar de saber que não *podia ser possível* recordar-se de Sadie lha cantar. *And if one bottle should accidentally fall*.

Miles levantou os olhos.

– Oh, falando no diabo... Tens as orelhas a arder, querida?

Amber olhou para Sadie e depois outra vez para a sanduíche. Perguntou-se se Sadie estaria zangada com ela por causa da noite passada – o que parecia um tanto hipócrita, com a fileira de garrafas ali de lado de sentinela. O vento aumentou; as páginas do jornal a levantarem-se, a janela abrindo-se bruscamente com um chiado. Sadie foi até lá e fechou-a, fazendo o mesmo à outra. O silêncio súbito parecia carregado, mas agora, naquela casa, acontecia isso com a maior parte dos silêncios, portanto Amber continuou a comer.

A seguir o frigorífico guinchou, a porta aberta por Sadie, que se encostou a ele para se apoiar enquanto estudava as prateleiras. Os olhos de Miles encontraram-se com os de Amber à mesa e ele sorriu. Como se fossem eles os pais, aqueles que sabiam tudo, e Sadie a filha adolescente. Como se não fosse óbvio que agora era Miles e Sadie, que sempre fora assim, e que era Amber quem estava a mais.

Volto a posar a sanduiche no prato e puxou o jornal para si, ignorando-o.

Sadie, desistindo do frigorífico, serviu-se de uma chávena de café da cafeteira na bancada e sentou-se ao fundo da mesa, deixando dois lugares entre ela e eles. Pôs as mãos em volta da caneta como que para se aquecer e olhou hesitante para ambos antes de desviar o olhar.

– Bem, isto é bom – disse Miles, olhando radiante para ambas. – Pequeno-almoço de sábado com as minhas meninas. Que maravilha!

Amber estava chateada com ele e o optimismo de Miles por vezes cansava-a mas também era irresistível na sua invencibilidade. Lembrava-se de o ter feito chorar uma vez quando era pequena, a memória uma das mais vivas que tinha. Uma coisa parva – Amber cansada de um dia a brincar em casa de um amigo, Miles a insistir que estava na altura de ir para a cama. *Quem me dera que a minha mãe estivesse aqui*, gritara ela, e as palavras tinham-no atingido como uma bofetada – vira mesmo o impacte, o maxilar dele a descair magoado. Miles virara-se antes de ela conseguir vê-lo chorar, mas ouvira as lágrimas, lembrava-se do som delas. *Vai-te deitar, Amber*, dissera ele, e ela fizera o que ele mandara. Desde esse momento fizera sempre o que o pai mandara, porque a imagem ficara-lhe gravada, a dureza de ver vacilar o rosto corajoso de Miles, a pessoa que via sempre o copo meio cheio, fora a coisa mais assustadora que poderia imaginar. Miles era tudo o que ela tinha e a Amber de cinco anos decidira que não seria ela a voltar a quebrá-lo.

E agora acabara por valorizar aquele optimismo dele, a vê-lo como sendo especial. Porque, mesmo tendo em conta tudo o que acontecera, Miles pensava de facto que podiam voltar a ser uma família normal – e, portanto, talvez acabassem por vir a ser.

– Como foi ontem à noite? – perguntou. – Divertiram-se?

Ela assentiu.

– Sim, obrigada. E obrigada por pagarem. – Lembrou-se de olhar também para Sadie, e sentiu-se curiosamente animada pela surpresa e prazer no rosto de Sadie quando o fez.

Miles bebeu um gole do seu café.

– Quem acabou por aparecer?

– Éramos eu, Mica, Alis, Jenna, alguns dos rapazes da minha turma, e veio a Billie, ela é mesmo simpática...

Sadie inclinou-se para a frente, a confiança a aumentar.

– A Billie é a rapariga de cabelo escuro? Perguntava-me quem seria ela.

Amber não gostou. *Então, perseguição?* Mas obrigou-se a sorrir.

– Sim, é ela. Ela mudou-se para cá no início do período. Está na nossa turma.

– Isso é bom – disse Miles. – É só ela e a mãe, não é, Ams? Aposto que a mãe dela também não conhece ninguém na cidade.

Amber ficou rígida. Como se ele estivesse a tentar emparelhar Sadie com uma

outra pobre coitada.

– Creio que não – disse ela, encolhendo os ombros.

– Talvez devesse passar por lá – sugeriu ele a Sadie, que parecia não estar a ouvir. – Isso seria simpático. Tenho a certeza de que ela precisa de uma amiga.

– Hum. – Sadie bebeu um longo gole de café, olhando pela janela da cozinha.

– E o que tens planeado para o resto do fim-de-semana, Ams? – Miles estendeu a mão para mergulhar o último pedaço de pão num monte de *ketchup* que estava a solidificar no prato de Amber. – Muitos trabalhos de casa?

Provavelmente tinha; não conseguia lembrar-se. Não sabia ao certo por que pensaria nisso agora quando tinha o domingo inteiro e os dez minutos antes de sair para a escola na segunda-feira de manhã para os fazer.

– Eu e o Alis vamos sair hoje à tarde quando ele sair do trabalho – disse ela. – Pode ser?

– Os teus avós vêm cá amanhã – avisou Sadie, franzindo o sobrolho.

– Eu *sei*, por isso disse que vamos sair *hoje à tarde*. – Amber teve dificuldade em impedir o lábio de se curvar de irritação. Era tão transparente; Sadie a tentar arranjar um lugar para si na casa pondo Amber no seu. E depois havia Miles, do outro lado da mesa, quase a cantarolar de felicidade. Por isso teve de sorrir, teve de se apressar a suavizar o sarcasmo nas palavras que ainda pairava no ar. – Eu ajudo-vos a arrumar a casa quando voltar. Talvez possa fazer aqueles *cupcakes* de que a avó gosta.

– Isso parece-me fantástico. – Ela conseguia sentir o sorriso de Miles mesmo sem o ver; o calor a reflectir-se na sua pele. Ele estendeu a mão e pegou no prato dela ao levantar-se. – Bem, passa uma boa tarde com o Alisdair. Vou ter de me trancar no escritório para dar as notas a estes trabalhos.

– Obrigada, pai.

Quando ele saiu da cozinha, Amber olhou para Sadie, que estava outra vez a olhar pela janela. Não estavam sozinhas muitas vezes, mesmo agora. Tinham-se passado seis meses desde aquela manhã em que Miles a acordara uma hora antes do despertador, ajoelhado ao lado da sua cama. Puxando outra vez a colcha para trás quando ela tentara cobrir a cara com ela. *Amber, tens de me ouvir*. E depois o ruído de uma cadeira lá em baixo na cozinha. E ela soubera, soubera logo nesse momento, o peso de *saber* a trespassá-la e a afastar o sono. *Pai, quem é? Quem está lá em baixo?*

Amber empurrou a cadeira para trás e levantou-se da mesa. Serviu-se de uma caneca de café – talvez se tivesse precipitado um pouco a celebrar a ausência de ressaca – e depois hesitara com a cafeteira na mão, a olhar para a nuca de Sadie. Devia perguntar-lhe se ela queria mais café, seria algo normal a fazer. De algum modo não conseguiu fazer que as palavras saíssem.

De início ficara excitada, claro que ficara. Era difícil não ficar, com Miles a saltar para cima da cama como costumava fazer na manhã do dia de Natal

quando ela era pequena. Com a mãe dela – a *mãe* dela lá em baixo na cozinha, à sua espera. A mãe regressara para junto dela.

Mas depois Amber não conseguia evitar lembrar-se por que razão ela se fora embora.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 01:39 PDT<sup>1</sup>**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Amber convidada para discursar num evento da *Glamour* na quinta – calendário de filmagens revisto em anexo. Algum bom material filmado hoje. A presença dela no *GM America* está *on-line* – não sei ao certo se tem restrições de localização mas segue o *link* em baixo.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:13 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Pra: Greta Mueller**

Como é ela?

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:23 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Reservada, sobretudo.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:25 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Não posso dizer que não é de admirar. Ela falou muito acerca da mãe?

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:28 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Um bocadinho. Estou a tentar não a apressar.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:31 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Pff. Por esta altura ela já devia estar habituada! Lembra-te de com quem estamos a lidar. Não penses que tens de tratar a miúda como se ela fosse de cristal.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:32 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Estou bastante ciente de que ela só tem dezoito anos. Preciso de criar algum tipo de confiança com ela, não posso começar a fazer-lhe perguntas. Caso contrário julgo que ela vai fechar-se ainda mais.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:33 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Está bem, mas não sejas demasiado delicada. Precisamos disso.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:33 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

A história da assassina jovem e bonita está mt. bem mas já foi feito. As outras cenas são muito mais interessantes.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:33 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Isto não é acerca de horror de tablóide, é sobre uma assombração. Percebes isso, não percebes?

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:35 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

É uma frase fantástica. Lembra-me de a usar.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:38 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Claro. Creio que vai ser precisa uma abordagem cuidadosa para conseguir que ela fale de Sadie ou do *Tall Man* de uma maneira que seja significativa. Sempre que os entrevistadores daqui lhe fazem perguntas sobre isso, ela tem sido bastante esquiva. Como se tivesse receio de dizer demasiado.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:38 PDT**

**De: Frederica Sosa**

**Para: Greta Muller**

Ela deve saber que isso é o que querem ouvir.  
Sabes que ela está a guardar tudo para o livro.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:41 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Julgo que ela tem medo de que, se disser que acredita no *Tall Man*, vai ser tachada de maluca – mas se disser que não acredita, talvez a imprensa perca o interesse.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:43 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Isso faz sentido. E há uma outra razão para termos de arranjar uma maneira de chegar até ela. Seja qual for – precisamos de ser aqueles em quem ela confia. Aqueles com quem ela finalmente se abre. Estou a ver aquela entrevista que acabaste de mandar e há aqui alguma coisa que não consigo perceber bem o que é. Há algo mais nisto, sei que há.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:45 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

É quase como se ela nem estivesse *contente* por se ter safado.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:47 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

É assim surpreendente? Isso teria decerto um efeito horrível em alguém. Mesmo que ela não merecesse ir para a prisão por causa disso.

**Terça-feira, 15 de Maio de 2018, 02:49 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Chama-me cínica mas não vejo que ela se sinta culpada ou marcada. Só vejo tudo em branco. Nada de emoção.  
Ela é arrepiante de se ver.  
Vai ser perfeito.



## Capítulo 7

2016

Sobreviveram ao domingo, aos pais de Miles. Esta era a quinta vez que os visitavam desde que Sadie regressara, e fora, supusera ela, um bocadinho mais fácil. Em termos relativos, por assim dizer. John e Frances Banner nunca tinham gostado dela – a rapariga que engravidara e apanhara o pobre do Miles – e a fúria da sogra em relação a ela ter abandonado a família só fora eclipsada pela fúria causada pelo regresso de Sadie. Quem poderia censurá-la? Sadie não o fazia. Não imaginava o que Miles lhes contara acerca disso e ele evitava sempre as perguntas. *Não importa o que eles pensavam*, passava ele a vida a dizer. *Isto diz-nos respeito a nós. A nós os três.*

Pobre Miles optimista. Para ele, já eram outra vez os três.

Não soubera o que encontraria quando voltasse. Passara muito tempo a pensar, a investigar, a verificar. Sentia-se certa de que Amber tinha idade suficiente para estar fora de perigo. Mas lá no fundo, uma vizinha interrogara-se se ter ido embora a teria salvo de todo – e uma outra parte dela (mais silenciosa e afastada) interrogara-se se o perigo alguma vez existira. Se o aviso que lhe fizeram naquela primeira semana da vida de Amber fora uma mentira.

*Não. Não penses na menina.*

A menina, sentada naquela cadeira no canto do quarto. O bebé a dormir na alcova ao lado da cama.

Levantou-se. Não ia pensar na menina.

Foi até ao andar de cima em busca de redenção e lá em cima as memórias eram de facto mais silenciosas. No corredor, olhou em volta para as paredes com o seu papel às riscas, o espelho manchado de dedadas por cima das escadas. Havia fotografias – a maior parte delas de Amber, mas também de Miles, e estudou-as, tal como fizera antes, numa tentativa de compreender todas as coisas que tinham acontecido enquanto ela estivera fora. Estudou o rosto de Amber e tentou ver nele algo que reconhecesse...

*A menina disse...*

*A menina mentiu, disse para consigo. Todas mentem.*

Não ajudou. Viu de novo a noite em que por fim se fora embora do apartamento, Amber com apenas dez dias. Miles a ressonar ao lado dela enquanto os soalhos e as paredes rangiam, as sombras a aproximarem-se deslizantes. A bebé a espernear na alcofa e Sadie deitada de lado para olhar para ela por cima da beira da cama. Tão pequena – deixava-a sempre sem fôlego. Tão silenciosa, também, ali deitada, olhos bem abertos e a olhar para Sadie como se ela fosse o Sol ou a Lua. Os pés a roçarem o pequeno colchão, os dedinhos da mão descuidadamente para cima ao lado da cabecinha a enrolarem-se devagarinho para a frente.

E então, no canto do quarto, uma nova escaramuça.

Uma risadinha sussurrada.

Sentara-se e a menina estava ali outra vez, tal como ela esperara. Sentada na cadeira – era demasiado alta para ela, os pés com os seus sapatos antiquados e pesadões e as meias de renda a balançarem para trás e para diante acima do chão. O cabelo soltara-se dos ganchos com margaridas que trazia de cada lado, os caracóis a caírem-lhe sobre a cara, e a pele dele estava pálida e cerosa, um bocado de lama a cruzar-lhe a bochecha. O vestido manchado de escuro. Sadie soubera o que veria se a menina se virasse. Tentou mantê-la imóvel com o olhar, implorou-lhe em silêncio. *Não te vires.*

– O *Tall Man* leva filhas – dissera a menina a Sadie, tal como fizera nas visitas anteriores, mas, desta vez, olhou com tristeza para a alcofa ao lado da cama.

– Por favor – dissera Sadie, e a menina voltou de novo a atenção para ela, aqueles olhos claros arregalados no rosto com ar magoado. Sadie ouvira o ruído fraco de qualquer coisa a arranhar a vir algures do apartamento.

– O *Tall Man* leva filhas – dissera-lhe a menina, Sadie já a afastar-se da cama, a afastar-se de Amber. – Mas por vezes ele precisa de ajuda.

As palavras ecoavam agora nos ouvidos de Sadie enquanto estava ali de pé no corredor da casa onde a sua família crescera sem ela, a olhar para as fotografias da vida que tinham vivido nos anos em que ela estivera fora. Fizera caso do aviso da menina, deixara Amber em segurança com Miles e levara o *Tall Man* e as suas sombras para longe dali. Então, por que parecia que esta casa ainda estava carregada com elas, que havia olhos a observá-la em cada canto?

Num movimento súbito – por vezes pensava que, se se movesse depressa, poderia surpreender a casa de modo a obedecer-lhe; afastar a sua hostilidade –, estendeu a mão e puxou a corda do alçapão do sótão, a porta a descer e a escada a deslizar sem dificuldades para o sítio.

Subiu até meio e depois voltou a descer, para ir ao escritório de Miles buscar uma lanterna. Poderia haver luz eléctrica lá, não pensara em perguntar. Não arriscaria. Não poderia arriscar a escuridão.

Subiu até à abertura, sentou-se na beira por um momento, deixando os olhos

ajustarem-se. Filtrava-se luz suficiente do átrio para captar formas; mobília velha e partida encostada às paredes, lençóis a cobrirem alguma dela. Ligou a lanterna, e o feixe a percorrer a escuridão empoeirada. Não chegava aos cantos, as sombras amontoadas e impenetráveis. Sentiu-se como se estivessem ali, fora do campo de visão. O *Tall Man* e as suas raparigas. À espera para saírem para a luz, se ela os deixasse. Desviou a lanterna.

Junto à parede oposta havia caixas, muito bem empilhadas em filas. Todas aquelas coisas em que ela não tivera de pensar – livros escolares; decorações natalícias; vestidos de fantasia – etiquetadas cuidadosamente e guardadas, todos aqueles blocos de construção que formavam o passado deles para ela desencaixotar e compreender. Era desencorajante e, por um momento, sentou-se e olhou para elas, as pernas a oscilarem para trás e para a frente sem arranjar coragem para a fazerem continuar.

Seria alguém a respirar algures na escuridão? A respiração curta e entrecortada de uma criança, talvez, constante e húmida. Esperou pelo som de pés pequenos a atravessarem as tábuas nuas. Esperou pelo tinir de uma risada – porque havia sempre aquela risada, as suas notas metálicas a procurá-la.

Esperou. Não se virou.

O ranger de uma tábua do soalho atrás dela, aquela respiração leve de novo. Em breve dedos pequenos iam estender-se, fechar-se em volta do seu braço ou ombro, a risadinha a entrar-lhe pelo ouvido...

Virou-se com brusquidão, a luz da lanterna a dançar por cima das vigas.

Mas havia apenas silêncio, apenas as sombras – e as sombras estavam imóveis.

Voltou a virar-se e olhou outra vez para as etiquetas nos caixotes, recitando-as entredentes. *Trabalhos – Miles. Troféus – Amber. Casa de bonecas. Mobília da casa de bonecas. Roupas – Sadie*. Olhou para aquela durante um bocado. Lá dentro encontrava-se uma Sadie diferente, uma que existira apenas durante uma época breve, e muitas vezes sentiu-se desesperadamente com saudades dela, como se aquela pessoa fosse um apartamento que ela habitara até que quem quer que lho tivesse arrendado tivesse decidido que o queria de volta. Sabia que aquela caixa conteria inúmeras *T-shirts* de bandas e *tops* de alças finas, camisas de flanela aos quadrados, saias de ganga e vários pares de calças de combate. Um cinto com tachas, talvez até um tubo velho e seco de máscara para o cabelo. Quis espalhá-las no chão e deitar-se em cima delas, aspirar o seu cheiro a roupa húmida e cerveja entornada.

Só que agora apenas cheirariam a cartão e a pó. Ela abandonara-as, tal como abandonara Miles e Amber, e tinham ganho os cheiros de uma vida vivida de forma normal.

E agora ela estava de volta.

Desviou os olhos, deixando-os cair numa bicicleta sem rodas. Uma sombra pequena e agachada titubeou ali e, num movimento reflexo, a mão dela virou a

lanterna na sua direcção. A luz captou o contorno de uma cara, um rosto a virar-se para ela, os olhos baixos, a boca a abrir-se...

Susteve a respiração. Contou de cabeça e com cuidado enquanto esperava que se desdobrasse, que desse os primeiros passos na direcção dela. Voltou a dissolver-se na escuridão e ela permitiu-se expirar, os pêlos dos braços eriçados.

Moveu o feixe da lanterna até uma caixa branca e resistente de documentos.  
*Fotografias.*

Levantou-se e foi até lá, equilibrando-se com cuidado nas vigas. A caixa era mais leve do que esperava e sentou-se na beira de uma viga, a lanterna esquecida aos seus pés, a necessidade de ver o que estava lá dentro de súbito urgente e animal. Rasgou a fita adesiva e deixou-a, meio enrolada numa bola, a seu lado.

A maior parte das fotografias estavam soltas, algumas ainda nas suas capas de papel verde-lima, algumas dentro de um envelope com o logótipo da velha farmácia. Muitas tinham saído do sítio, um monte de rostos caídos no fundo da caixa. Demoraria algum tempo a separá-las todas.

Havia um sussurro vindo das sombras atrás dela, apesar de quando se virou ter visto apenas uma casa de bonecas, uma arca de madeira com a palavra *Brinquedos* gravada. Mais da Amber que ela deixara para trás, da Amber que ela nunca conheceria. Todas aquelas coisas sussurravam, apercebeu-se. Não eram só as sombras que tinham segredos a guardar.

No cimo da caixa de fotografias havia um álbum. Ela tirou-o animada, pousando-o com cuidado no colo. Uma capa de tela branca, amarelecida com a idade. Nela, um carrinho de bebé feito de algodão cor-de-rosa aos quadradinhos; dois patos em veludo cotelê amarelo. E as palavras, desenhadas a ponto-de-cruz solto: *A nossa menina*. Encostou-o à cara, aspirou o seu aroma empoeirado.

Uma tábua rangeu, uma ligeira mudança de peso. Ela estava a perturbar coisas que devia ter deixado quietas, sabia disso.

Abriu a capa, um pedaço fino e barato de cartão. O álbum em si tinha sido comprado num quiosque na cidade quando estava grávida de quatro ou cinco meses, não muito depois de ter desistido do curso. Quando se sentia desafiante. Em negação. Tivera a certeza de que aquilo era um início para ela, um recomeço. Uma nova pessoa para ser: Sadie Banner, esposa e mãe. Alguém que vivia na luz. Na altura, acreditou que seria capaz de o fazer. Ignorou o medo que deslizava até ela durante a noite, os sonhos que ainda surgiam, deixando-a húmida de suor e com falta de ar. Eram mais fáceis de silenciar quando acordava com o corpo de Miles pressionado de encontro ao seu, o bebé de ambos a virar-se dentro dela.

A camada de plástico por cima da primeira página empolara com o calor ou o passar dos anos, ou nem assentara logo de início, e tinham-se formado bolhas de ar por cima da imagem. Uma fotografia dela, bastante grávida, sentada na cama. Lembrava-se de Miles atrás da objectiva, deitado ao lado dela no colchão, a máquina posicionada num ângulo que fazia a barriga dela parecer gigantesca, o

rosto dela alargado de um modo pouco lisonjeiro. Tão jovem; tão *jovem*. Ela não conseguia ultrapassar aquilo, contornando repetidas vezes aquelas bochechas redondas com a ponta do dedo. Vinte anos, mas com a *T-shirt* informe, o rosto por maquilhar, poderia ter sido mais nova. *Uma semana depois do termo!*, estava escrito por baixo da fotografia com a sua letra, apesar de não se lembrar de a ter colado e etiquetado. Deu consigo a olhar para o canto da fotografia mesmo apesar de saber que na altura não vivia ali nada, que as suas esperanças ainda estavam vivas e que o apartamento era deles, apenas dela e de Miles, por mais alguns dias sagrados.

Virou a página e susteve a respiração no peito. Outra vez o seu rosto, o mesmo sorriso. Uma bata de papel, cabelo enfiado numa touca de plástico. A cama de hospital; os braços erguidos à sua frente com os polegares levantados, coberta de tubos, cânulas e adesivo cirúrgico. Uma cesariana de emergência ao fim de trinta e seis horas de contracções e ainda assim ela estava a sorrir. *Estúpida*, disse para a fotografia. *Não fazias a menor ideia*.

E depois, na página ao lado, como que por magia, estava Amber. Deitada de costas no berço do hospital, as pernas dobradas e abertas. *Demorou horas a esticá-las*, pensou Sadie. *Horas a aceitar que já não estava no ventre, que estava ao ar livre e exposta e que podia mexer-se*. O rosto dela na fotografia era rosado e limpo, os olhos fechados e os punhos a formarem uma bola junto às orelhas, vestida com o *babygrow* amarelo-pálido que Sadie recordava ter escolhido para ela. Não tiveram direito à fotografia instantânea pós-parto; nada de imagens artísticas a preto e branco do cirurgião a puxá-la para a libertar, suja de sangue e a gritar. Nenhuma de Amber, arroxeadada e com aquela penugem branca, de encontro ao peito de Sadie. Apenas ela, minúscula e sozinha no berço de plástico.

O Tall Man *leva filhas*, pensou. E depois: *Pára*.

Olhou para a fotografia da página seguinte, tirada um dia ou dois depois de terem vindo do hospital para casa. Miles e Sadie a andarem por um prado perto da sua antiga casa, a margem do rio atrás deles. Amber num *sling* à sua frente, a mão de Sadie a segurar-lhe protectoramente a cabecinha. Miles de frente para a máquina, com as mãos juntas à frente, aquela cara para as fotografias que ele fazia às vezes – um sorrisinho pensativo, com o queixo inclinado para cima. Sadie estava meio virada de lado, o braço a tapar a bebé, o rosto a olhar para trás por cima do ombro com o cabelo apanhado numa súbita rajada de vento, revelando a gola cinzenta do polar, um pedaço de pescoço ávido de sol.

Fora a mãe dele quem tirara aquela, pensou, ou talvez o pai; tinham aparecido sem serem convidados logo que Miles parara o carro à porta. Ao olhar para a fotografia, teve a certeza de se lembrar da exclamação irritada – *Sorriam!* –, o vento a assobiar em volta deles e a bebé um peso insuportavelmente leve de encontro ao seu peito.

O Tall Man *leva filhas*.

A voz da menina a sussurrar perto dela na escuridão. A avisá-la.

Virou a página e continuou. Ali estava Amber, as pernas por fim a esticarem-se, os pés no ar, o corpinho minúsculo no meio das roupas da cama deles. Ali estava ela equilibrada em Miles no sofá, com as costas apoiados no peito dele, os pequenos punhos erguidos no ar pelas mãos enormes deles a darem «vivas». E ali – os dedos de Sadie, escorregadios de suor, passaram pela página – de barriga para baixo no tapete velho e puído, apoiada nas palmas das mãos, com os olhos arregalados para a máquina.

Nesta altura ela já se fora embora, sabia disso. Fora-se embora, levando as sombras e as vozes delas consigo, tal como sempre fizera, deixando Miles tirar aquelas fotografias, cuidar sozinho daquela pessoa pequena. A única fotografia dele depois dessa era uma tirada numa festa algures, Amber no *sling* agora à frente dele. O rosto dele abatido e ensombrado, uma espécie de pânico nos seus olhos. Virou a página, receosa de olhar para ele durante demasiado tempo.

A última fotografia do álbum era de Amber no seu primeiro aniversário. De pé, com as mãos a agarrarem a mesa de centro, um bolo em forma de 1 à frente dela. Sadie lembrava-se desse dia. Lembrava-se de estar sentada no quarto bolorento que alugara, a chorar, apagando o candeeiro para deixar as sombras reclamarem-na. Voltou a olhar para a filha na fotografia, e depois fechou o álbum e levou os joelhos de encontro ao queixo, encostando a testa ao tecido fresco. Aspirou-lhe de novo o cheiro a pó como se pudesse haver ali algo que restasse dela.

À sua volta, as sombras recomeçaram o seu murmúrio.

## Capítulo 8

2018

Greta mexe-se desconfortável na cadeira do motel, o portátil equilibrado no braço. Os faróis da via rápida lá fora tremeluzem por entre as persianas estragadas e pela parede, o ar condicionado a ronronar de um modo irritante para si. São 3h45 da manhã e os primeiros tons de azul estão a surgir na base do céu escuro nocturno, o motel num silêncio abençoado.

Clica em mais uma página, descarrega mais uma entrevista da *drive* partilhada. Pega nos auscultadores e liga-os ao computador, estendendo a outra mão para pegar na cerveja. *Só esta*, afirma para consigo. *Mais uma e depois cama*.

A voz da mulher que lhe enche os ouvidos é suave, apesar de se prender em algumas consoantes. Fumo ou constipação; talvez um choro que não tenha sido gravado. Também foi Federica a conduzir esta entrevista inicial, o que não é hábito – significa que decerto ela pensou que as hipóteses de ser incluída na montagem final eram elevadas. Há alguma introdução, ainda que não prolongada, e o *clip* é agora apenas áudio, o que quer dizer que a mulher não quer ter a sua imagem no filme. Federica pode fazer Greta ou uma das mulheres aparecerem; filma-as numa sombra, com a cara virada para o lado, e acrescentar o som mais tarde. O mais provável é ela filmar as mãos da mulher, talvez os pés, e encher o ecrã com eles e com tudo o que dizem; os pequenos movimentos e tensões que sublinham ou contradizem uma frase.

– E foi aí que começou a ter os pensamentos? – pergunta Federica, a voz mais perto do microfone mas respeitosamente baixa.

– Sim. – O som quebra; ouve-se então um ruído como que de algo a arranhar, como se Federica estivesse a ajustar a posição do gravador. – De início dava comigo a pensar nas coisas más que podiam acontecer, sabe? Imaginava-me a abandoná-lo ou a esquecê-lo.

– E então aumentaram?

– Sim. Comecei a pensar que ele estaria melhor sem mim; tinha a certeza disso. Havia vozes, constantemente, a dizerem-me para fazer o que estava certo e

deixá-los a ambos para trás.

Greta clica no separador onde tem aberta a *drive* da equipa, olha para esta pasta com a sua lista de ficheiros semelhantes, vídeo e áudio, com o nome da entrevistada. Todas estas mulheres, todas estas histórias. Todos estes começos desvendados.

– E quando lhe diagnosticaram psicose pós-parto? – questiona Federica, e, ao fazê-lo, o telemóvel de Greta vibra; a Federica do tempo real a pedir uma actualização. São onze da noite em Londres; Greta consegue visualizá-la com o seu segundo grande Americano do dia, os pés grandes e achatados em cima da secretária, os sapatos descalçados por baixo dela. Federica enviara uma mensagem cinco horas antes, a Tom e Luca, bem como a Greta, a anunciar que também não embarcaria hoje num avião. «Tenho de resolver coisas aqui. Estou confiante de que vocês têm isto sob controlo. XX.»

Greta não tem assim tanta certeza. E pelo número de instruções e pedidos de actualizações que Federica está sempre a mandar, ela também não tem. Greta pouso o telemóvel com o ecrã para baixo na pequena mesa-de-cabeceira e acomoda os pés debaixo dela.

– Está bem – está a mulher a dizer. – Assim que o meu companheiro me convenceu a ir ao hospital. Souberam logo. Deram-me a ajuda de que eu precisava.

Greta fecha o ficheiro, olha outra vez para as imagens por editar de Amber que Tom carregou do dia de hoje. Aquele olhar sarcástico; a reacção de desgasto ao abandono da mãe – acerca da maneira como Sadie reentrou nas vidas deles e tudo o que se seguiu a isso. O modo simples e inexpressivo como falou disso. *Não posso dizer que não é de admirar*, escrevera Federica, e Greta pensou que concordava. Se estivesse no lugar de Amber, imagina que as suas barreiras estariam fechadas – a realidade do que aconteceu demasiado enorme para processar, a culpa e o remorso demasiado grandes para atribuir ou aceitar. Federica vê a inexpressividade de Amber como algo sinistro mas Greta começa a perguntar-se se não será antes uma tristeza profunda; uma adolescente que não consegue lidar com a lenda terrível que a mãe lhe deixou, com a lenda negra e terrível que criou para si.

Greta sempre resistiu à ideia de analisar os actos de Sadie Banner no filme, vendo apenas perigo nessa abordagem. Conforme os dias passam, Federica está cada vez mais ansiosa por descobrir tudo o que puder acerca dela. Acerca das coisas que ela diz ter visto, dos lugares aonde ela foi quando deixou a família para trás – e o que poderá ter feito com que ela por fim voltasse. Greta sabe que Federica apenas está a fazer isto porque não estão a conseguir material suficiente da Amber, o acesso sem limites e a todos os níveis que lhes prometeu a ficar-se até agora por lhes ser permitido filmarem Amber a preparar-se de manhã, a ser levada a locais, por vezes a ver-se nas entrevistas televisivas previamente



gravadas. Amber parece imaginar o documentário como o seu *reality show*, uma exploração da sua recém-descoberta má fama, e demonstrou até ao momento pouco interesse em explorar a história que a trouxe até ali (*por que haveria de o fazer?*, pergunta a voz acutilante no fundo da mente de Greta. *Tu fá-lo-ias?*). Federica deixou claro nos seus últimos telefonemas e *e-mails* que a equipa terá de insistir mais com ela, fazer que ela lhes dê mais – e ainda assim Federica não tem quaisquer sugestões quanto ao modo como Greta o poderá fazer.

Federica atribuiu-se a tarefa de investigar em privado Sadie Banner *on-line* e nas bibliotecas; nada de *paparazzi*, pessoas em busca de autógrafos ou apresentadores de *talk-shows* à vista. Greta confia no instinto – tem de o fazer. Federica é uma realizadora premiada, uma mulher famosa por encontrar a história onde outros não o conseguem. Mas Greta não consegue evitar sentir-se culpada de cada vez que Amber lhe oferece uma batata frita ou um doce, de cada vez que Amber questiona o que Greta acha de uma roupa ou da cor das unhas. Amber julga que a atenção está focada nela mas, nos bastidores, do outro lado do Atlântico, a equipa anda à procura de coisas que prometeram expressamente que não procurariam.

E ainda assim, com a manhã a aproximar-se, Greta não consegue impedir-se de folhear as páginas fotocopiadas que Federica marcou, aquilo que as pessoas tinham a dizer acerca de Sadie Banner e das suas vozes. Ouve as histórias de outras mulheres, lê os apontamentos sobre psicose pós-parto de médicos e psiquiatras. E pensa: *Como pode alguém alguma vez ter pensado que era isso?*

– Não seas bebé.

– Já. – Isto, vindo de Helen, era particularmente doloroso. – Não seas assustadiça.

As árvores agitavam-se de novo ao crepúsculo, as folhas caídas a estremecerem com a brisa. O Outono viera cedo e as visitas das raparigas ao bosque haviam-se tornado mais frequentes. Sadie olhou em volta para a escuridão deslizante e perguntou-se se deveria ir para casa.

Fazia muitas vezes essa pergunta. Na realidade, nunca foi.

As coisas que o Tall Man queria pareciam variar. Marie ouvira dizer que o Tall Man gostava de presentes, e por isso todas as tardes a seguir à escola reuniam-se numa pequena clareira no bosque decrepito que Justine dissera ser um dos sítios especiais do Tall Man. Enterravam moedas e doces e Helen, bastante receosa do Tall Man, enterrou a sua cassette da Kylie Minogue.

E de cada uma das vezes, viravam-se para Justine.

– Chega? – perguntavam.

E Justine bocejava ou coçava o cotovelo ou mexia no cabelo.

– Por hoje – respondia.

Mas, naquele dia, abanou a cabeça.

– Não – disse. – Não me parece que seja suficiente. Acho que o Tall Man não vai ficar satisfeito connosco.

E Sadie viu o modo como Marie olhou para Justine, aquele sorriso de lábios apertados a desaparecer.

– Quero ir para casa agora – disse ela, olhando em volta do bosque que escurecia.

Justine olhou-a nos olhos e aproximou-se dela, o seu hálito uma baforada cálida de Pêssegos e Natas, o chupa-chupa que tinha na mão chupado até ao pauzinho.

– Não seas bebé – voltou a dizer. – Não queres ser especial?

Sadie mordeu o lábio e não respondeu. Não contara às outras o que acontecera na arrecadação das artes, ou acerca da voz que começara a falar com ela. Justine dissera-lhes orgulhosamente que o Tall Man a visitara uma noite, e Sadie sentira uma pontada de inveja. Pensava que ela era a única.

Helen sentou-se na beira do cepo de uma árvore, a respiração sibilante. Naquela

semana não fora à escola durante dois dias por causa de um ataque de asma grave e só conseguira convencer a mãe a deixá-la sair para brincar com a promessa de que Marie estaria lá para a «manter debaixo de olho».

– Aham que o Tall Man leva a Yasmin Hunt se lhe pedirmos? – perguntou. – Odeio-a.

– A irmã mais nova da Jenny Hunt? – Marie franziu o rosto numa careta. – É impossível ele querer uma idiota daquelas.

– A ideia não é essa? – indagou Helen, de braços cruzados. – Ele leva as que não prestam e faz que as boas se tornem especiais?

– Ele leva as más – disse Marie. – Mas também faz mal às pessoas que magoam as suas especiais.

– Olhem para isto – pediu Justine, agachando-se para abrir a sua mochila da escola. – Comprei isto a um rapaz do nono ano. – Tirou de lá uma revista enrolada, com a contracapa rasgada. Alisou-a e Sadie vislumbrou a capa – uma ilustração de uma mulher com roupa interior antiquada a correr por umas escadas abaixo e a olhar por cima do ombro para uma figura em silhueta atrás dela. – Já tem uns anos – continuou ela, folheando-a. – Mas é mesmo fixe. – Encontrou a parte que procurava e entregou-a a Marie, as outras a juntarem-se para ver.

A página dupla estava amassada, com mais um rasgão no canto de um dos lados. Havia uma segunda ilustração, desta vez de uma rapariga na cama, com os cobertores puxados até ao queixo. Aos pés da cama, erguia-se uma figura negra, com dedos bicudos estendidos para ela. O Terror Vem à Cidade, era o título, mas Helen empurrou as outras para se aproximar mais, o cotovelo dela a afastar Sadie da frente, e ela não conseguiu ver as letras mais pequenas do artigo.

– É sobre uma cidade não muito longe daqui – disse Justine, observando-a. – Nos anos de 1970, uma data de miúdos começaram todos a ter o mesmo pesadelo. Bem, todos os adultos pensaram que eram pesadelos. O Tall Man visitava-os durante a noite e pedia-lhes para irem com ele. Mas vejam só isto, certo? Por vezes, quando os visitava, havia outras crianças com ele. E este artigo diz que os miúdos que eles viram correspondiam às descrições de crianças que estavam desaparecidas.

– «Uma delas era Pauline King, de doze anos» – leu Marie em voz alta. – Várias crianças de Stow-on-the-Wold descreveram terem visto Pauline nos seus sonhos, de mão dada com o Tall Man. Pauline estava desaparecida desde o Natal anterior, quando fora vista pela última vez por uma pessoa a sair da escola com um homem não identificado. Pauline nunca foi encontrada.»

Sadie estremeceu. Para onde as levava ele – e levá-la-ia a ela? Ou seria ela boa o suficiente para ser especial, para ser protegida? Olhou para o monte de terra e folhas onde tinham enterrado as últimas oferendas, e depois para a ilustração abonecada da revista. De repente pareceram-lhe tontas e pequenas e nada aproximadas da realidade.

– Isso é mesmo assustador – comentou Helen, limpando o nariz à manga. – Acho que já não quero que ele leve a Yasmin Hunt. Nem ela é assim tão má.

*Justine encolheu os ombros.*

*– Consigo pensar em muita gente que é assim má. Tenho uma lista de pessoas que lhe vou pedir para ele levar.*

*Helen tinha tirado a revista a Marie e aproximou-a do rosto, os olhos de um lado para o outro a percorrerem as palavras.*

*– Não o quero nos meus sonhos – sussurrou. – Como o impeço de entrar nos meus sonhos?*

*E, apesar de Justine lhe responder, olhou para Sadie enquanto falava.*

*– Ele já não está lá?*

## Capítulo 9

2016

Sadie não esperava que fosse ser assim.

A filha era indiferente com ela e o marido estava disposto a fingir que nunca acontecera nada. Havia uma reconciliação a fazer, mas ainda assim ninguém parecia perceber onde e como podiam começar, tirando o facto de ela, bom, estar ali. Fazer o papel dela. Esperar que as falhas se dissolvessem gradualmente por si só. Ela era boa a esperar, tinha de ser. Mas isto, de repente, parecia-lhe errado.

Nos meses – no ano – depois de ela se ter ido embora, arrendara uma casinha na costa. O depósito custara-lhe quase todas as magras poupanças, e teve de pedir ajuda a uma velha amiga, mas fora isolada o suficiente e longe o suficiente de Miles e Amber, e tentou sentir-se aliviada. De início, todos os dias passava horas a ir a pé à cidade mais próxima e à biblioteca, a procurar nos jornais alguma reportagem sobre um bebé desaparecido. *O Tall Man leva filhas*. À medida que as semanas passaram, uma após outra, o medo dela começou a dissipar-se.

Foi só mais tarde, muito mais tarde, quando olhou para a data e se apercebeu de que se aproximava o décimo aniversário de Amber, que começou a pensar nas outras maneiras de o *Tall Man* poder chegar a ela. Começou a passar-lhe pela cabeça que ele podia não levar Amber, mas que a filha podia ser uma das suas crianças especiais. Que, desde o início, talvez tivesse dado à luz a sua substituta – que depois ficara sozinha e sem quem cuidasse dela.

Na altura não arriscara voltar – não podia arriscar conduzi-los até lá. Esperara apenas que Miles, que toda a bondade que existia em Miles, tivesse sido o suficiente para proteger Amber, para manter as sombras à distância. Lembrou-se de estar sentada numa outra casinha, desta vez em Skye e uma década inteira depois de ter partido, com o portátil aberto à sua frente. Lembrava-se também dos anos a seguir, da maneira como passava horas a estudar o perfil de Amber no Skype e depois no Facebook e depois disso, quando tinha quase a certeza de que poderia voltar, também o Twitter e o Instagram. À procura de algum indício, de

alguma expressão no rosto da filha, de algum estado escrito com palavras estranhas que lhe pudesse dizer que acontecera, que ele a encontrara.

E agora que estava de volta, observava Amber quando ela falava, ria, dormia. Mas era difícil saber ao certo, quando a única Amber que ela podia dizer com certeza que permanecia intocada era a que fora arrancada dela com um bisturi.

O Tall Man *leva filhas*, pensava muitas vezes, sozinha em casa, *mas o que deixa ele para trás?*

Estacionou o carro num lugar ao fundo da rua da escola. Mais uma gentileza de Miles; sempre fora o seu método preferido de assassinio. E por isso agora ela ficava com o carro todos os dias enquanto ele ia diligentemente a pé até à estação para apanhar o comboio para o emprego, com a sacola a tiracolo atravessada como um ardina e a caneca de viagem extragrande a fumar na luz leitosa da manhã.

Saindo do carro, não pôde evitar pensar naquelas longas caminhadas até às bibliotecas públicas, os computadores velhos e desajeitados com a internet de ligação telefónica. Olhara pela sua família, olhara. Mesmo que nunca os deixasse saber disso.

Não havia trânsito em volta e ouviu-se um grito por cima do burburinho distante dos ruídos do recreio. Puxou as mangas para baixo para lhe cobrirem as mãos e caminhou na direcção da escola, à escuta, como fazia sempre, de passinhos pequenos atrás de si.

Junto à vedação, agarrou-se aos elos e observou as figuras ao longe que vagueavam e circulavam pelo recreio. Tentou distinguir Amber mas o olhar dela estava sempre a fixar-se nos outros – em raparigas com as cabeças para trás em gargalhadas explosivas; nos rapazes com as mãos enfiadas nos bolsos, a rasparem mal-humorados os sapatos nas paredes.

– Fascinante, não é? – A voz ao seu lado era suave. Os pêlos dos braços eriçados ao virar-se.

Era uma voz de mulher e esta era nova. Era baixa e magra, cabelo escuro cortado a direito pelo maxilar. Corsários bege e um *top* branco às riscas azul-marinho, os pés dentro das *Birkenstock* cheias de erva. As pulseiras que trazia tilintaram quando ela recuou um passo e voltou a olhar para o recreio.

Sadie pestanejou.

– Eu...

– Qual deles é o seu? – A mulher sorriu. O Tall Man *leva filhas*.

Perscrutou o recreio, encontrando por fim Amber num banco, a mexer no telemóvel enquanto uma rapariga a seu lado tentava chamar-lhe a atenção.

– Amber – respondeu, apontando, embora não soubesse ao certo se o estava a confirmar àquela desconhecida ou a si.

– Oh! Que estranho – disse a mulher, as pulseiras de novo a tilintarem quando prendeu o cabelo atrás de uma orelha. Sadie aguardou o inevitável aviso. *Agora*

ela é minha, talvez, ou, *Aquilo ali não é uma rapariga, não vê?* Mas não. Ela estava a indicar uma outra rapariga no banco. – Aquela é Billie, a minha filha. – A rapariga alta de cabelo escuro do aniversário de Amber. Sadie observou-a levantar-se, oferecer um tubo de doces a Amber, que tirou um sem levantar os olhos do telemóvel. Quando voltou a olhar, a mão pálida com as pulseiras estava estendida para ela.

– Sou Leanna – disse a mulher.

– Sadie. – A sua mão pareceu-lhe pegajosa e quente ante o aperto fresco da de Leanna. – Prazer em conhecê-la. – Começava a regressar devagar a estas frases e rotinas sociais, uma linguagem que ela aprendera que poderia enferrujar com a falta de uso.

– Somos novas na cidade – disse Leanna, recuando a mão e cruzando os braços à frente do corpo esguio. – Preocupo-me com ela, sei que é uma parvoíce. Por vezes gosto de ver como ela está... juro que não é habitual eu andar a espreitar pelas vedações dos recreios!

Sadie riu-se porque lhe pareceu que deveria fazê-lo, o som forte a sobrepor-se ao tilintar das pulseiras e ao barulho distante das crianças.

– A Amber esqueceu-se da chave – disse, surpreendida pela facilidade com que as mentiras ainda surgiam. – Deixei-lha na recepção.

A campainha tocou, os mais ansiosos de entre os miúdos a correrem para o interior dos edifícios da escola enquanto os outros vagueavam pelo recreio. Sadie recuou um passo incerto.

– Sabe – disse Leanna –, foi um alívio a Billie ter arranjado uma amiga como a Amber.

Sadie gostaria que a sua primeira reacção não fosse *A sério?*

– Vieram de longe? – interrogou.

Ambas tinham, por acordo tácito, começado a afastar-se da escola.

– Sim, do Norte – respondeu Leanna. A voz tinha um vestígio de vários sotaques, apesar de Sadie, que tivera a sua dose deles, não conseguir captar nem seguir nenhum deles. – Ouça. – Parou outra vez de andar, parecendo de repente insegura. – Talvez seja uma pergunta estranha para se fazer, mas gostaria de ir lá a casa amanhã à noite beber um copo de vinho? A Billie vai lá ter a Amber a dormir – tenho a certeza de que ela já lhe disse isso – e, bom, ainda não conheço mais nenhuma mulher na cidade. Adoraria a companhia.

Sadie olhou em volta, apesar de estarem no meio de uma luz brilhante, sem sombras à vista. Era possível, claro, que Leanna tivesse ouvido os boatos, que quisesse aproximar-se da maluca e ter a história para contar. Mas o rosto dela era sincero, nervoso, até, e Sadie pensou na maneira ansiosa em como Billie se ligara a Amber no exterior do centro recreativo. Pensou na sugestão simpática de Miles, no outro dia ao pequeno-almoço – talvez esta mulher quisesse mesmo uma amiga. Pensou naqueles primeiros dias sozinha, na casinha húmida, e em como

desejara ter companhia. Na altura portara-se bem, naquelas primeiras cidades. Não se permitira fazê-lo.

– Parece-me fantástico – disse. – Adoraria.



## Capítulo 10

2018

Amber está atrasada, tal como estivera na véspera. Também decidiu que hoje, o quarto dia de filmagens, não quer ser filmada no quarto. Por isso Greta, Tom e Luca esperam no átrio sem janelas, com as cadeiras estofadas de veludo com ar molhado, o papel de parede a brilhar à luz ténue dos candeeiros do tecto.

– Isto é ridículo – diz Luca, depois de estarem ali sentados à espera durante trinta minutos. – Vou fumar mais um cigarro.

Greta e Tom observam-no a ir-se embora, a porta a deixar entrar uma breve frincha de luz brilhante antes de ser outra vez fechada.

– Achas que devíamos dar-lhe uma palavrinha acerca de cumprimento de horários? – pergunta Tom.

– Podemos pedir à Federica para o fazer. Mas o mais provável é que só vá afastá-la, ralhar-lhe acerca dessas coisas.

Tom encolhe os ombros, agachando-se para verificar um dos bolsos do estojo da sua câmara.

– Tenho a impressão de que ela não ouviu muito disso nestes últimos anos.

– Não.

– Também não sei se vale a pena pedir à Federica para se armar em mãe a oito mil quilómetros de distância.

Ela faz uma careta.

– Iá, é isso.

Recosta-se no assento, satisfeito por ter trazido o que quer que pensava ter esquecido.

– Por falar nisso, é mesmo duro ela ter deixado tudo isto para tu resolveres.

– Bem. Acho que devia tirar o melhor partido disto. Vê-lo como uma oportunidade ou algo do género.

– Sim, desde que consigas que te dê os créditos devidos no fim.

Ela sorri sem humor enquanto ambos pensam na possibilidade de isso acontecer.

– Espero que o horário de hoje signifique que vamos obter imagens melhores. É difícil entrevistá-la quando ela está a acabar de sair do cenário de um *talk-show*... é impossível para ela responder sem que pareça realmente ensaiado.

– Hum. – Tom coça a parte de trás do pescoço, a borda de uma tatuagem em que ela não reparou antes a espreitar da manga da *T-shirt* dele. – Aquilo que filmámos até agora não parece natural, não.

Ela suspira.

– Hão-de surgir outras oportunidades. Espero. Ei, por falar nisso, ouvi aquela banda de que estavas a falar ontem. Muito boa.

– Ai sim? Achei que era a tua onda. São mesmo fixes, não é?

– São fantásticos. Adoro todos aqueles *samples* que eles usam. E o saxofone! O saxofonista é espectacular.

Ele sorri, uma covinha a aparecer-lhe numa bochecha.

– Lembro-me de teres dito que gostavas de *jazz*, pensei que ias gostar da *vibe* dele.

– Sim, foi um acompanhamento encorajador para a minha pesquisa sobre o *Tall Man*.

– Aposto que esse tipo adora um bocadinho de *jazz* – diz ele, a covinha a desaparecer quando o sorriso se torna malicioso. – Uma lenda do saxofone, ouvi dizer.

– Vejo-o mais como um homem do baixo – replica Greta, e mesmo apesar de saber que não é correcto, sabe bem gracejar. Sabe bem ouvi-lo rir no átrio abafado com as suas paredes de azulejo escorregadias.

– Terás de perguntar à Amber – diz ele e, assim de repente, ela já não tem vontade de rir. Tom olha para o relógio. – Ela agora está a gozar.

Greta questiona-se se é errado esperar que Amber não apareça; como se estivessem na escola e a falta de um professor substituto vá significar que poderão vaguear e ir lá para fora para o sol. Imagina-se a mergulhar na piscina com excesso de cloro do motel, imagina-se a deixar-se cair numa das espreguiçadeiras manhosas com o seu livro.

Mas depois imagina-se a ler a primeira crítica do primeiro episódio desta série, imagina-se a acrescentá-la ao seu currículo. Imagina-se a contar aos pais que mais um projecto em que ela trabalhou venceu um prémio.

– Acho que devia lá ir – diz ela.

Tom faz uma careta.

– Pede à recepcionista para telefonar outra vez. Tenho a certeza de que a Amber consegue calçar os sapatos sozinha. – O telemóvel dele começa a zumbir em cima da mesa de centro à frente deles e Tom olha para o aparelho. – Vou ter de atender. Vou sair e arranjar um jornal e possivelmente mais um café também... queres alguma coisa?

Ela abana a cabeça.

- Não, obrigada.
- Posso deixar aqui as minhas coisas contigo?
- Claro.

Ele atende o telemóvel enquanto atravessa o átrio, a saudação dele a não se ouvir quando empurra a porta que dá para o bar e o restaurante. A porta volta a fechar-se em silêncio e então ficam só Greta e a recepcionista, as unhas compridas desta a matraquearem no teclado.

Greta verifica o telemóvel pela décima quinta vez. Por agora, a caixa de entrada está sossegada. Abre o navegador e espreita algumas das páginas que marcou durante a sessão de pesquisa da noite passada:

*É possível que a lenda do Tall Man remonte ainda aos anos de 1970. Um mito urbano que começou a circular nas escolas em Inglaterra, tem diversas variantes – a mais popular é a de um homem que assassinou as suas filhas desobedientes. Esta versão do Tall Man pode ser procurada por raparigas «boas» ou «especiais»! – a lenda diz que as raparigas que lhe oferecerem presentes e subserviência serão recompensadas com presentes. Em algumas versões da história, estes presentes são poderes, enquanto noutras são guardiões – por vezes diz-se que «enviados das sombras».*

Nada de novo aqui; Greta leu bastantes resumos destes ao longo dos últimos seis meses. Clica num outro.

*A primeira referência à história do Tall Man registada é de uma escola primária no Norte de Inglaterra em 1972. Foi escrita por uma menina de sete anos, Julie Young, que, durante um exercício acerca do Pai Natal, descreveu-o como o «Tall Man que aparece de noite e dá prendas às pessoas boas e leva as más com ele». O seu irmão mais velho, Jonathan, achou isto bastante divertido e, no Natal desse ano, elaborou uma banda desenhada acerca do Pai Natal malvado, a quem chamou «O Tall Man». Tratou-se de um exemplar único, passado entre alguns amigos, e gracejava com a família Young – Jonathan e Julie faziam parte de uma família extensa, e os seus primos divertiam-se imenso a provocarem os irmãos mais novos a respeito de o Tall Man aparecer para os levar se não fizessem o que lhes mandavam fazer.*

Greta lera relatos similares antes, apesar de nenhum ser assim tão pormenorizado. Acrescenta uma nota a um dos muitos lembretes que tem no telemóvel para procurar Julie e Jonathan Young, perguntando-se qual a probabilidade que terá de conseguir localizar a banda desenhada original. Federica vai de certeza pedi-lo; ela bem podia começar a pôr as coisas em andamento.

Esta página tem também várias ligações externas e Greta dá-lhes uma olhadela. Uma é para um fórum onde as pessoas publicaram as suas histórias do Tall Man, páginas e páginas inteiras.

Meu irmão disse que *Tall Man* matou 2 miúdas n/ noss rua antes de eu nascer, encontraram-nas na casa da árvore delas e se formos lá à noite podemos ouvi-las chorar.

Alguém viu esta história da Austrália? Mãe matou a filha enquanto ela estava a dormir – de certeza que o TM está metido nisto?

A minha irmã desapareceu quando eu tinha três anos. acho que o *Tall Man* a levou. Quero-a de volta.

Um amigo meu anda mesmo estranho. Como se pode saber se o TM mudou alguém?

Avança até à ligação seguinte, um ensaio publicado num jornal de psicologia acerca da lenda e vários estudos de casos dos seus efeitos em raparigas pré-adolescentes. A secção de abertura foca-se em Stow-on-the-Wold, um caso de 1977 com que Greta está agora bastante familiarizada. Uma vaga de crianças da cidade a sofrerem do mesmo pesadelo recorrente de uma figura escura de pé ao fundo das suas camas, por vezes acompanhada por outra criança. Leu também que o artigo que tornara o incidente mais famoso – «O Terror Vem à Cidade», publicado por uma revista de culto popular em 1989.

Greta tem andado há semanas a tentar contactar a autora, Gina Slater, em tempos residente em Stow-on-the-Wold e agora jornalista numa respeitável revista de casa e jardim – ainda hoje de manhã Federica anunciou que ia telefonar-lhe outra vez; mais um trabalho de apoio importante que pode ser feito a partir da varanda.

– Desculpa o atraso. – Devia ser impossível para alguém com saltos tão altos e finos como os dela aproximar-se sorratamente de alguém num átrio revestido a mosaicos, mas Amber conseguia sempre fazê-lo.

– Não te preocupes – diz Greta, levantando-se. – Preparada?

O cabelo de Amber acabou de ser arranjado com o secador, grandes ondas estilo anos de 1970 a caírem-lhe em volta da cara – apesar de Greta notar que ainda está de um loiro com madeixas platinadas, Amber a ter pensado melhor nos seus planos de descoloração mais radicais. Os lábios estão pintados num tom de pêssego rosado mate, o vestido branco bonito estilo cigana, uma alça a descair-lhe pelo braço. Cheira a perfume floral mas há ali uma nota de algo maduro e enjoativo. Greta pergunta-se se os tabuleiros de pequeno-almoço abandonados ainda estão a acumular-se no canto do quarto.

– Alguma coisa interessante? – interroga Amber, indicando com um gesto o telemóvel que Greta tem na mão.

– Apenas *e-mails*. – Greta espreita por cima do ombro de Amber, à espera de Tom. Sem sorte nenhuma. – Dormiste bem?

Amber encolhe os ombros.

– Nunca durmo bem. – Olha para Greta e ri-se. – Oh, não dessa maneira. Não

por causa de ... – Torna a encolher os ombros, olhando para o seu reflexo na parede espelhada atrás de si antes de devolver a atenção a Greta. – Tenho insónias desde miúda. Quase não durmo. A não ser que esteja bêbeda.

– Oh! Isso deve ser tramado. Lamento.

– Estou habituada. – Amber passa uma unha pela beira do lábio superior, de olhos outra vez no espelho. Leva a unha junto do rosto, examina o excesso de batom que há debaixo dela. – Bom. Vamos. O que há hoje? Juro, não olhei para a agenda, mas...

– Tens a tua entrevista com a *Rolling Stone* – diz Greta. – Antes disso achámos que talvez pudéssemos andar um bocado a pé, fazer algumas filmagens de ti na praia. Por vezes é bom ter imagens tuas a fazer, sabes, coisas normais... assim podemos colocar algumas das tuas entrevistas como narração, de maneira a não ser sempre tu a olhares para a câmara.

– Fixe. – Amber aproxima-se mais um passo do espelho, a unha a raspar o canto da boca. – Parece fácil.

– Bom dia. – Tom regressa pela porta escondida que dá para o bar, um jornal dobrado debaixo do braço. As suas *Vans* chiam no chão encerado, a recepcionista a levantar os olhos do seu monitor.

– Ei, Tom. – Amber vira costas ao seu reflexo, com o cabelo a ondular atrás de si. – *Dormiste* bem?

– Sim, obrigado. E tu?

– Iá. – Amber olha de relance para Greta, um sorriso a contrair-lhe os cantos da boca.

– Bestial. – Tom também olha para Greta. – Estás pronta?

– Iá. Vamos andando.

Ao saírem para o sol da rua, Greta tenta concentrar-se nas filmagens; nos ângulos e na luz e nos milhares de variações que Federica poderia decidir que queria a determinada altura. Tenta recordar-se que Amber é uma rapariga de dezoito anos que foi há pouco tempo considerada não culpada de uma acusação de homicídio, agora a fazer render a notoriedade que lhe trouxe um contrato para um livro no valor de sete dígitos e uma digressão pelos *media* nos Estados Unidos. Essa Amber está a receber uma generosa quantia para ser filmada pelas câmaras deles, não é alguém que precise de que tomem conta dela ou de ser protegida. Uma entrevistada, um assunto, uma estrela. Não algo a temer.

Mas a mente dela continua a voltar a uma clareira no bosque, a uma casa cheia de sombras. A uma fotografia tirada por um transeunte e esparramada nos *media*, Amber com as roupas ensopadas e escuras de sangue, um polícia a algemar-lhe as mãos à frente. Um espaço sombrio nas árvores atrás dela, a luz a captar a casca de uma árvore moribunda e a projectá-la como se fosse um rosto de osso, um sorriso sem dentes.

## Capítulo 11

2016

Atrasaram-se a ir para o carro, Amber a ficar deitada na cama a seguir às aulas e só se enfiando a correr no chuveiro dez minutos antes da hora a que deviam sair. Sadie sentada no último degrau de baixo, a olhar para a porta da frente, a ouvir o rugido do secador de cabelo por cima dela. Ansiosa ou talvez a antecipar-se; não sabia bem que sentimento era aquele. Não era muito diferente da maneira como se sentira, dezassete anos antes, à espera que Miles lhe batesse à porta do quarto da residência de estudantes.

Realmente, era uma tontice.

Quando Amber desceu, sorriu à mãe e perguntou:

– Pronta?

E Sadie assentiu com meiguice e pegou nas chaves que estavam em cima da mesa. *Era mais fácil do que discutir*, disse para consigo, e decerto não significava que tinha medo de uma adolescente. No carro, olhou para Amber; com o cabelo acabado de lavar a brilhar por cima de um casaco de cabedal com aspecto de ser dispendioso que Sadie não se lembrava de a ter visto usar antes (isto, contudo, por norma não significava que ela não o tivesse usado).

– É estranho que tu venhas – comentou Amber, olhando para ela. – Sobre o que vão falar?

– Não sei – respondeu Sadie, ligando o carro e tentando fazer uma piada –, se calhar sobre uma de vocês as duas.

Amber ergueu uma sobrancelha lacónica e virou-se para olhar pela janela.

– Como é ela? – questionou Sadie. – A Leanna, quero eu dizer. Passaste muito tempo com ela?

– Ela é simpática. – Amber olhou para o telemóvel que tinha na mão e começou a escrever furiosamente, as unhas a matraquearem no ecrã. Quando terminou, voltou à observação das casas que iam passando. A estrada crepitava por baixo dos pneus, o velho carro a gemer quando se metiam as mudanças, e Sadie perguntou-se se deveria ligar o rádio. Interrogou-se se o silêncio parecia tão

pesado a Amber como lhe parecia a ela.

– O que vão vocês fazer? – tentou perguntar.

– Vamos ver um filme de terror horrroso que a Jenna descarregou. – Amber olhou de novo de relance para ela e sorriu. – Não contes à Leanna, *okay*? Por favor! Ela passava-se.

Sadie sentiu outra vez aquela emoção, a sensação de antecipação. Lembrou-se de confidências no recreio e braços dados, risinhos e segredos sussurrados com o hálito quente nos ouvidos expostos pelo cabelo levantado pelo vento. Deu consigo a sorrir nervosa, as palmas das mãos húmidas de encontro ao volante.

– Claro – disse. E depois, por querer que o momento durasse, acrescentou: – Quando era mais nova eu adorava esse género de filmes.

– O pai não é assim. É tão mariquinhas.

E Sadie riu-se, o som suave e sólido na sua garganta.

– Sim, ele nunca gostou. – A emoção daquelas frases trocadas, a ligação entre elas (Conversa! Isto era uma conversa!) fê-la vibrar.

E então lembrou-se da razão por que, aos onze anos, deixara de ver filmes de terror, e o sorriso desapareceu. Descobriu que tinha receio de olhar para o retrovisor porque, naquele momento, com aquele pico particular de medo, sabia que encontraria lá um rosto.

– Aqui é para a esquerda – disse Amber, apontando. – E depois à direita. – Disparou mais um frenesi de texto no telemóvel e a seguir atirou-o para dentro da mala.

Meteram por um beco sem saída congestionado e Sadie manobrou o carro para o estacionar no único lugar disponível.

– Também és melhor do que ele a estacionar – disse Amber, mas já estava fora do carro antes de Sadie ter registado que ela lhe fizera um elogio, uma rajada de ar frio nocturno a circular no espaço onde ela estivera. Desligou o carro e seguiu-a pelo curto caminho acima até à última casa da fileira; pintada de um amarelo-pálido bonito, um canteiro de pedra com camélias brancas debaixo da janela da frente. Amber tocou à campainha e, através do vidro texturado, ambas observaram uma figura descer as escadas para vir ter com elas.

E Sadie lembrou-se (apesar de se ter esforçado tanto para não o fazer, encostando as palmas das mãos aos olhos como se isso pudesse travar o fluxo de memórias) de chamar Helen e Marie; as três a pedalarem nas bicicletas para irem chamar Justine. A maneira como esperavam às soleiras das portas e aguardavam que as mães impacientes chamassem as filhas e olhavam para elas com os seus *tops* de veludo texturado e gargantilhas e bicicletas amassadas encostadas aos degraus da frente. Lembrava-se da maneira como rebentaria balões de pastilha elástica, a olhar bem de frente para elas. Não queria saber. Achava que era especial. Achavam que ele as tornara especiais.

Leanna abriu-lhes a porta, com um rolo de papel vegetal na mão.

– Olá! – Recuou, quase fazendo uma vénia, a incitá-las a entrar. – Desculpem, um pequeno erro de cálculo de tempo na cozinha.

Enquanto Sadie seguia Amber até ao átrio de Leanna, imitando-a quando ela descalçou os sapatos no chão de mosaicos de um vermelho-profundo, só lhe cheirava a algo acabado de cozer: pão ou piza, uma nota de algo rico e achocolatado. O corredor era agradável e limpo e adulto e não ajudou Sadie a libertar-se da sensação de que tinha outra vez onze anos.

– A Billie está lá em cima com a Jenna – disse Leanna a Amber, apesar de esta já ter subido três degraus da escadaria, o casaco atirado para cima do corrimão. Sadie viu-o cair e começar a escorregar para o chão.

– Vamos, dê-me o seu casaco – disse a sua anfitriã, vindo ter com ela e apanhando o de Amber das escadas. Sadie despiu o blusão de ganga com um abanão de ombros, de repente com calor, e entregou-lho obediente.

– Isto é lindo – comentou, vendo Leanna pendurar os casacos delas dentro de um armário estreito. *Demasiado cedo*, criticou-se, *só consegues ver um bocado do chão e as escadas*. As paredes eram brancas, de contraplacado; não davam azo a quaisquer comentários.

Leanna sorriu.

– Oh! Ainda há muito mais trabalho a fazer – disse ela. – Venha, entre.

Na cozinha, painéis com fundo de cobre brilhavam de encontro à parede branca e havia um tríptico de quadros abstractos pendurados por cima da mesa de madeira. Os pés de Sadie, dentro das meias, pareciam-lhe húmidos em cima dos mosaicos e lembrou-se do saco de plástico que pendia indolente da sua mão.

– Trouxe vinho.

Desejou ter trazido mais coisas; chocolates ou azeitonas ou pelo menos vinho num saco que não fosse tão fino e esticado com a garrafa, o logótipo distorcido.

– Foi muito simpático da sua parte – disse Leanna, virando costas com ele. – Vou servir-nos um copo. Quer branco ou tinto? Ou *prosecco*? Um gim tónico?

As hipóteses de escolha confundiram-na e teve de se lembrar para ser decidida, não empatar.

– Branco seria fantástico – respondeu, e sentiu-se satisfeita.

Viu a sua anfitriã desenvolver o vinho – tirado do frigorífico; a garrafa de Sadie despojada do seu saco e colocada na prateleira no seu lugar. Isso seria cortês ou uma falta de educação? Sadie não conseguia lembrar-se. Aceitou o copo de vinho de Leanna, bebeu um pouco, pois sentia a boca seca. Deixou escapar um pequeno suspiro de prazer, e então lembrou-se de que agora devia controlar esses impulsos. Leanne limitou-se a sorrir e ergueu o seu copo para um brinde.

– Sexta-feira – disse, e Sadie também sorriu.

Bebeu mais um pouco de vinho.

– Bem, há quanto tempo estão na cidade? – perguntou a Leanna, de novo satisfeita consigo por a pergunta lhe ter ocorrido. Ensaiara algumas no chuveiro



ao início daquela tarde, a tentar lembrar-se do género de coisas que Miles perguntava às pessoas quando as encontrava pela primeira vez. Mas esta surgira-lhe de um modo bastante natural, sem pensamento consciente. Ela conseguira fazer aquilo.

– Oh, já faz uns meses – respondeu Leanna, indicando a mesa com o seu banco largo e claro, com um corte tosco e selvagem. – Por favor, sente-se.

Sentando-se no banco, deu consigo a pensar no bosque; a sensação de uma palma húmida na sua; folhas de erva enredadas no cabelo e as amigas a rirem ao seu lado. Pestanejou para afastar a recordação.

– Cheira fabulosamente – comentou, porque uma maneira de silenciar as memórias era falar por cima delas.

– Oh... sim. – E Leanna levantou-se outra vez; uma luva de cozinha na mão, uma rede de arrefecimento vinda de um recanto qualquer como que por magia. Esta noite estava vestida de forma mais descontraída, de *leggings*, uma *T-shirt* comprida e sedosa, um casaco tipo quimono que ondulava em volta dela enquanto as suas pernas esguias percorriam depressa os mosaicos. Sadie reparou pela primeira vez nas formas diferentes de mãe e filha, comparou Leanna com a Billie alta e estranha, e o pensamento reconfortou-a. Havia níveis diferentes de distância e proximidade, talvez; se calhar cada relação tinha o seu ADN único que entrelaçava os dois juntos. Ela e Amber eram tão semelhantes em termos físicos, de uma maneira tão óbvia e inegável, que talvez fosse apenas uma questão de tempo até começarem também a entenderem-se uma à outra.

Vinho. Fazia os seus pensamentos incharem e alongarem-se, expansivos e calorosos.

– O que está a achar disto aqui? – perguntou enquanto Leanna tirava uma, duas pizzas do forno, e depois: – Oh, meu Deus, são caseiras?

Leanna olhou para trás, uma baforada do calor do forno a deslizar pela divisão.

– Isto? Oh, sim. Pensei que podia fazê-las para as miúdas em vez de as deixar encomendá-las. Não é  *muito* saudável, mas é melhor do que o Domino's, certo?

Fê-las deslizar para a rede de arrefecimento e a seguir regressou ao banco.

– Respondendo à sua pergunta, tem corrido bem. Nunca é fácil, pois não? Mudar para um sítio novo? – Bebeu um gole de vinho e olhou para baixo. – Desculpe. Nem sei... viveu sempre aqui?

Ali estava; aquela lombaa repentina na estrada. Aquela guinada fora de tempo, o aproximar-se do precipício. O desejo (oh, o *desejo*; estava tão perto de se lembrar e ainda assim tinha a sua dor, delicada e particular).

– Não – respondeu, acalmando a sua boca com mais um gole pequeno, para facilitar as palavras. – Não. O Miles e eu vivíamos em Reading quando nos conhecemos. – Uma mentira por omissão, mas ainda assim melhor do que uma descarada. – Aqui não há muito para se fazer, receio. – Tentou não pensar

naqueles últimos meses da gravidez, quando o sono era errático e imprevisível, quando Miles ficava acordado até tarde ou acordava com ela e iam dar uma volta de carro à noite, a tentarem imaginar onde poderiam viver quando ele acabasse o curso e pudessem pagar um sítio melhor do que aquele apartamento de habitação social perto do *campus*. Os pais dele tinham-lhe emprestado o dinheiro para a caução da casa onde viviam agora quando Amber tinha quase dois anos. Ele dissera a Sadie que escolhera a cidade porque sempre estivera no topo da lista dela.

– Oh, não sei – disse Leanna, rodando o pé do copo entre os dedos. – Parece que se passa muita coisa cá. – Sorriu por cima da borda do copo, lançando as palavras antes de as dar a entender: – Claro, já vivemos num sítio bastante remoto antes deste.

Ouviram-se passos no tecto por cima delas e Leanna olhou para cima, ao mesmo tempo atenta e resignada. Levantou-se, o copo de vinho abandonado.

– Parecem coisa de restaurante – comentou Sadie num fio de voz, apercebendo-se de que se esquecera por momentos de que as raparigas estavam no andar de cima. – Eu não faria ideia de por onde começar.

Leanna retirou importância ao comentário com um aceno da mão.

– Eu dou-lhe a receita. Sinceramente, é fácil. Uma daquelas coisas que impressiona sempre as pessoas sem que na verdade implique grande esforço. – Tirou um pequeno cortador de piza metálico de uma gaveta e passou as pizzas para dois pratos rasos, um talo de espargo carbonizado a cair. – Já volto. Quer uma nova dose?

Sadie gostaria de uma nova dose; o bocadinho que restava no copo já era pouco fundo, sedimentar e incerto. Mas assentiu e sorriu como deveria fazer, e observou Leanna desaparecer no corredor escuro. O som dos passos dela ecoou na velha escadaria e Sadie ficou então outra vez sozinha.

Os seus olhos percorreram a cozinha, que revelou os seus aparelhos. Uma estátua tribal a um canto ao pé do fogão olhava para o prato da manteiga. Uma prateleira ao pé da porta exibia pauzinhos chineses delicadamente gravados enfiados na vertical em suportes de marfim. O tríptico por cima da mesa era vermelho-sangue manchado com preto, a tinta tão espessa em determinados sítios que dava vontade de estender a mão e pegar-lhe como se fosse uma casca. Olhou antes para as fotografias emolduradas amontoadas no parapeito; mãe e filha em praias, pontes, na orla de uma floresta. Esta não era a sua vida. Voltou a olhar para os pedaços de tinta, as cicatrizes deixadas pelo pincel.

Os passos a regressarem pelas escadas abaixo ecoaram até ficarem fora de tempo, os dois conjuntos a avançarem ao seu ritmo ao atravessarem os mosaicos. Billie foi a primeira a aparecer à porta; as calças de pijama ondulantes, o cabelo a cair-lhe pelas costas.

– Olá, senhora Banner!

– Olá, Billie. Estão a divertir-se lá em cima? – Detestava o quão velha parecia quando falava com elas; o tio manhoso numa festa, um apresentador de televisão de um programa para miúdos dos anos de 1970. Uma espécie de ranço auditivo que fazia a boca de Amber franzir-se de cada vez que abria a sua.

Mas Billie sorriu e respondeu:

– Sim, obrigada! – Disse-o de uma forma inocente, a passar os dedos pela bancada para arrebanhar um bocado perdido de fiambre ou *bacon* que ali ficara. Virou-se no momento em que o enfiou na boca de lábios finos, as mãos a puxarem o tecido do pijama. – Gosta da nossa casa?

– É encantadora – replicou Sadie, bebendo um gole de vinho e lembrando-se de não beber outro de imediato.

– É fixe, não é? – Billie sorriu a Leanna. – A minha mãe acha que é demasiado pequena e foleira, não é?

Leanna riu-se, e o à-vontade daqueles sorrisos e gargalhadas trocados entre elas faz Sadie sentir-se fria de inveja.

– Podem ter sido de facto essas as minhas palavras, sim – respondeu Leanna, vindo até ao frigorífico. – Certo, fiz-vos um jarro de *mojitos*. – Olhou para trás para Sadie. – Sem álcool, claro!

– Oh, meu Deus! – O sorriso parecia agora colado ao rosto dela, desconfiado como o de um palhaço. – A Amber nunca mais vai voltar para casa.

As palavras, quando saíram, pareceram macabras e carregadas de sentido. Acabou o seu vinho e Leanna, dispondo o jarro com folhas de menta e copos de fundo grosso num tabuleiro, reparou de imediato.

– Bill, enche o copo a Sadie, por favor.

Billie veio até junto de Sadie, de garrafa estendida, e Sadie viu uma vida alternativa, onde uma Amber pequena poderia ter vindo ter com ela com um copo para bebés ou um bule de brincar. Onde uma Amber de dez ou onze anos poderia ter vindo ter com ela com uma ficha de trabalhos de casa, a pedir-lhe ajuda. Pensou em todas as coisas que poderiam ter acontecido; todas as coisas de que desistira sem saber de cada vez que entrara naquele bosque.

Vinho. Tornava-a assustadoramente meditativa; muitas vezes receava mergulhar num desses pensamentos e nunca mais voltar à superfície.

– Obrigada – agradeceu a Billie, que bateu com a garrafa na beira do copo e a seguir voltou a metê-la no frigorífico. O tabuleiro com as bebidas estremeceu de forma alarmante quando ela se dirigiu para a porta.

– Até logo – gritou por cima do ombro. – Obrigada, mãe!

– Agora. – Leanna empurrou a porta da cozinha para a fechar quando a música vinda do andar de cima aumentou de volume. – *Está* com fome? Comeu? Tenho pão e queijo e outras coisas.

E, para surpresa de Sadie, ela estava com fome. Não comera; esquecia-se muitas vezes, demasiado desabituada de cuidar de si. E por isso observou Leanna

lar pratos de um armário, enfiar uma roda de *camembert* no forno, com algo semelhante a antecipação. Gostava dos cozinhadinhos de Miles – ou gostara, em todo o caso, antes de tudo ter acontecido –, mas com ele eram orquestrados ou em grande, mesmo uma coisa tão simples como ovos mexidos a necessitar de várias taças e frigideiras e aquele olhar com o sobrolho carregado de perfeccionismo a franzir-lhe o rosto grande. Leanna movia-se pela cozinha com ligeireza, pegando e pousando coisas à sua passagem, e Sadie esforçou-se para seguir o fio da conversa, enfeitada pelos movimentos das suas mãos. Observou a comida a ser-lhe servida, os pratos de cerâmica desmanchados com rodas e pedaços de queijo e de pão ázimo, quartos de maçãs e umas tartes em miniatura perfeitas.

E então Leanna sentou-se ao seu lado, atenta, e a força da sua atenção era como um peso, como a força pura de um limpa-neves. Havia uma expectativa de palavras, isso ela sabia, e por isso procurou-as atrapalhada, os olhos de novo a dardejarem em pânico à volta da divisão.

– Tem aqui tantas coisas interessantes – disse (de novo decisiva; recompensou-se com mais vinho). – Deve ter viajado imenso, certo?

Leanna sorriu, uma faca a deslizar sem esforço pelo *camembert*.

– Andei aqui e ali. Sobretudo Índia e Extremo Oriente. Américas.

– Com Billie? – Os olhos de Sadie estavam sempre a voltar àquelas fotografias com fundos azul-celestes. *Não é a tua vida.*

– Sim, recentemente. Mas antes de ela nascer também. – A garrafa apareceu; mais vinho vertido para ambos os copos. Fechou o frigorífico e tornou a sentar-se. – Passei a maior parte da minha adolescência e dos meus vinte anos a fugir, para dizer a verdade.

– Hum. – Sadie bebeu outro gole de vinho, encorajada. – Conheço a sensação.

Leanna olhou para ela e depois desviou o olhar, os dedos a brincarem com delicadeza com o pé do copo.

– Que idade tinha quando teve a Amber?

– Vinte. – Mais vinho para apoio; um segundo gole secreto a seguir-se ao primeiro gole grande. – E você?

Leanna não era assim tão fácil de desviar.

– Aos vinte anos é-se muito jovem, não deve ter sido fácil. Já estava há muito tempo com o seu companheiro? Desculpe, apercebi-me agora de que não sei o nome dele. Miles, foi o que disse? – As perguntas pareciam acutilantes e a sondarem; uma unha amendoada pintada com verniz claro a deslizar por baixo da pele à procura, à procura – mas, de certo modo, era um alívio. Ao longo do último ano, Sadie habituara-se tanto a que a sondassem, que a cortassem, que a achassem que lhe faltava qualquer coisa, que responder era de repente fácil.

– Sim, Miles. Conhecemo-nos na universidade, por isso não estávamos juntos há muito tempo, não. Engravidei entre o primeiro e o segundo ano.

Leanna pegou numa tarte mas não a comeu, segurando-a com elegância entre o polegar e o indicador, como uma pinça.

– Céus. Continuou a estudar?

Sadie estava acostumada a estas perguntas e eram mais fáceis de responder. Já tivera de passar por um evento de solidariedade no emprego de Miles, os colegas dele da universidade a interrogarem: «O que faz?» e depois a olharem desesperadamente em volta em busca de alguém mais interessante com quem falarem. Suportara as bodas de rubi dos pais dele, os primos e as tias com os pratos de papel com sanduíches e batatas fritas de marca branca nas mãos, a olharem-na: *Bom, parecez estar bem. Está na altura de voltares a ser uma mãe e uma esposa, não é?* Era fácil, agora, abanar a cabeça e pensar naqueles primeiros dias, naquela primeira decisão.

– Não – respondeu. – Podia ter continuado, mas decidimos que seria melhor não o fazer. Pensei que voltaria quando ela crescesse. Por razões financeiras, na verdade. Suponho que também queria concentrar-me nela, pelo menos durante os primeiros anos. – Tinha um nó na garganta, mas podia ter sido da massa folhada da tarte que ela parecia esmigalhar no prato. Em todo o caso, empurrou-o com o resto do vinho e Leanna, claro, voltou a encher-lhe o copo.

– Sabe, tenho imenso respeito por isso – disse ela, cortando um pedaço de um queijo azul-amarelado e apanhando Sadie desprevenida. – Fazer uma escolha nunca é fácil, não é? Em especial quando se é jovem. – Enfiou o queijo entre os dentes pequenos e direitos, chupando uma migalha do dedo. – E parece-me bastante altruísta.

Esta bondade fez Sadie sentir-se desconfortável. Não podia permitir-se, sabendo o que viera a seguir, olhar para trás para aquela época através da sua lente cor-de-rosa. Em vez disso, disse vagamente:

– Creio que apenas pensei que tudo acontece por uma razão. – E enfiou um bocado de pão azimo feito numa bola dentro da boca, afastando os pensamentos acerca daquelas semanas. O teste de gravidez no chão da casa de banho minúscula. As longas conversas, os dois deitados lado a lado na sua cama de solteira, aconchegados debaixo da colcha a cheirar a fumo. O modo como ela acordou uma manhã, a luz a filtrar-se por entre as persianas tortas e os dedos enrolados nos dele, e soube o que fazer, apesar de ter parecido óbvio nos dias anteriores àquele que ficar com o bebé era errado.

Os dias e as semanas antes de os seus visitantes terem aparecido outra vez, para sussurrarem a sua mensagem ao ouvido dela.

– Bom, acabou por ficar com uma filha adorável – disse Leanna. – Amber é tão doce. Tão atenciosa.

Sadie não conseguiu evitar que aquele primeiro pensamento voltasse a escapar: *A sério?*

O segundo, enquanto Leanna lhe enchia o copo, foi que se esquecera de que

teria de conduzir.

## Capítulo 12

2018

Com Amber entregue em segurança num café em Santa Monica, onde se encontrava sentada uma repórter da *Rolling Stone* com um *smoothie* e uma expressão de impaciência, Greta vai para a praia esperar. Verifica os *e-mails*, com os sapatos descalçados ao seu lado, as meias húmidas enfiadas entre os dedos dos pés. Vê as gaivotas a oscilarem na superfície da água enquanto os praticantes de *jogging* envolvidos em roupas fluorescentes passam por ela a correr na areia. Pensa nos pais no Michigan, imagina-os sentados no alpendre, a olharem para o lago. Uma cerveja para o pai; chá ou talvez um pouco de vodka para a mãe e uma fatia do seu *Zwetschgengkuchen* num prato com borda dourada entre eles, dois garfos equilibrados na beira. Esperava ter tempo para voar até lá e visitá-los, mas a agenda em permanente mudança de Federica (e a sua não comparência consistente) está a fazer com que isso seja cada vez menos provável.

Pergunta-se agora, no terceiro dia de filmagens, o que pensava que iria acontecer. Não era como se não tivesse trabalhado para Federica antes; não que não tivesse sido deixada ao abandono por outros realizadores e produtores no passado. Não era como se ela não se tivesse apresentado com a esperança de que seria capaz de dar forma ao filme de alguma maneira, de deixar a sua marca nele.

– Ei. – Tom deixa-se cair na areia a seu lado. Tem um pacote gorduroso de batatas fritas numa das mãos que estende para ela. Ela tira uma, mole e a desfazer-se e salpicada de *ketchup* líquido e avinagrado.

– Obrigada. Onde está Luc?

– Foi até às lojas a ver se encontrava alguma coisa para Elke.

– Oh, *okay*. – Pergunta-se, por breves momentos, como seria ter alguém para quem levar recordações no regresso.

Tom passa a tira do seu saco da câmara por cima da cabeça para o pousar e reacomoda-se na areia.

– Aquela jornalista não está a adorar a vida, pois não?

Greta ri-se.

– Bem, imagina. Num ano estás a entrevistar a Madonna, e a seguir uma miúda britânica passada da cabeça que está mais interessada nas coberturas para panquecas disponíveis do que em responder às tuas perguntas.

– Oh, meu Deus, coitada da mulher.

– Bem. – Ela olha para o mar, para o horizonte nublado. – Não consigo evitar ter pena de Amber, para ser sincera. Todas aquelas entrevistas, as mesmas perguntas vezes e vezes sem conta, aquela gente toda a assistir. Nós a metermos-lhe câmaras à frente da cara aonde quer que ela vá. Não tem piada, pois não?

Tom olha para ela por um segundo, o rosto inescrutável.

– Não sei bem se ela precisa da tua pena, Greta.

– Bom, não. – Ela desvia o olhar, sentindo-se magoada.

Tencionava continuar com a frase mas acaba por a abandonar. Um jogo de voleibol na praia acaba por salvá-la, um rugido quando uma jogada falhada vem até eles.

– Quem me dera ter trazido os meus calções – diz Tom. – Adoraria saltar para aquele mar agora.

– Sempre fui demasiado medricas para nadar no mar. Demasiado medo de tubarões ou polvos ou seja lá o que for.

– Sim, admito que prefiro nadar num sítio onde possa ver os meus pés tocarem no fundo. No entanto não me parece que haja muitos polvos gigantes por aqui.

– Famosas últimas palavras. Fico aqui à espera com as tuas roupas, se quiseres.

– Provavelmente é sensato. – Sorri-lhe. – Não te apeteceu ir às compras?

Ela ri-se.

– O meu banco deve estar bastante contente por eu não ter ido. Acho que não faço compras por gosto desde 2010.

– Acho que nunca deixei de ter a conta a descoberto desde essa altura.

– Céus, não! Quando as pessoas falam comigo acerca de comprar uma casa, pergunto-me quais as partes do corpo que decidiram vender.

– É mesmo? – Come outra batata frita e fica calado por um minuto. – É uma treteta, não é? Parece que ainda na semana passada estava a acabar a universidade e a pensar que tinha chegado à idade adulta. Agora todos andam a casar-se, a ter filhos, a comprar propriedades... e eu safo-me bem se me lembrar de pagar a conta da electricidade.

Ela ri-se mas o som parece oco aos ouvidos. Ele oferece-lhe outra vez as batatas fritas e ela tira duas. Ele afasta o cabelo – claro, a fingir ser dourado como a areia – da cara e recosta-se apoiado nas mãos e virado para o Sol. Ela repara nas sardas reveladas pelo calor na ponte do nariz, na clavícula.

– Acho que é melhor irmos ter com a Amber em breve. – Ela mete as batatas na boca de uma vez, a ideia das instruções de Federica para aquele dia (*Tenta fazer com que ela fale da vida que tinha antes, das esperanças para o futuro, vê se isso*



a faz quebrar um bocado. Também podes comprar tantos Milky Way Midnight quanto possível, são os preferidos da Millie e não se conseguem arranjar cá) a arruinar a sua disposição descontraída.

Ele assente mas inclina-se ainda mais para trás, fechando os olhos com a luz.

– Não gosto dela – diz ele. – Acho que tu percebes isso.

– Devemos gostar? – pergunta Greta (ainda a mastigar).

– Ajudava.

Ela pensa nisso, a observar uma das gaivotas a atirar-se a outra com um bater de asas. Um carro passa por ali devagar, o baixo a ribombar através das janelas abertas.

– É uma história que vale a pena contar. É uma coisa terrível, terrível, que aconteceu, e está a perder-se debaixo de toda esta cena de tablóides reais. – Surpreende-se ao acrescentar: – Federica disse-me uma vez que não temos de gostar dos nossos assuntos para lhes fazer justiça.

Ele abre os olhos, vira a cabeça para olhar para ela. Estão em Los Angeles há menos de uma semana mas já há uma tira de pele mais branca por baixo do decote da sua *T-shirt*.

– Pois, e onde está Federica?

– Se calhar amanhã estará cá – diz Greta, embora não acredite.

– Não, não estará. Desde o veredicto, ela não está interessada. Ela achou que Amber ia ser considerada culpada e que estaríamos a entrevistá-la na prisão. Este não é o plano original, Greta, tu sabes disso. Agora ela pôs-nos à procura de fantasmas. No sentido literal. Enquanto está em casa a tentar recuperar a sua relação marada à custa do dinheiro da estação de televisão.

É a vez de ela inclinar a cabeça para trás, de usufruir do calor no rosto face à brisa que se está a levantar, a tentar ignorar as fissuras que as palavras dele criaram nela.

– Pois, mas a estação de televisão está por dentro. Amber é agora propriedade importante. Não viste o *e-mail* de Morris? Vão avançar com o episódio-piloto. Conseguimos algo novo dela, isto pode ser em grande.

– Iá, talvez. – Ele pega noutra batata frita flácida, examina-a, e atira-a pela parede às gaivotas. Elas caem-lhe em cima, com os bicos amarelos a matraquearem como espadas, guinchos medievais penetrantes. A segunda batata passa o teste; ele enfia-a na boca. – Mas ainda assim não gosto dela.

Ela permite-se assentir.

– Ela é... um bocado inquietante, acho.

– É falsa. – Passa mais um carro, mais uma explosão de som sintético abafado pelo rugido suave da maré. – Não é boa pessoa.

Ela olha-o.

– É uma miúda. Passou por algo que nós nem conseguimos imaginar.

Tom esmaga o papel das batatas fritas com a palma da mão.

– Eu sei – diz ele, pegando no papel amachucado e olhando em volta. – Mas não há qualquer coisa... Não sei. Estou a vê-la através da câmara o dia todo, certo? E não há lá nada. Não há sentimento na cara dela, apenas apatia nos seus olhos. – Ele inclina-se para a frente, prestes a levantar-se, mas reconsidera e olha-a. – É como se ela não tivesse alma.

– Creio que é por ser reservada. – O *e-mail* de Federica ecoa nos seus ouvidos. *Não posso dizer que não a culpe.* – Como poderia não o ser? Em quem *confiarias* depois de tudo aquilo, se estivesses no lugar dela.

Tom funga.

– Vá lá, Greta. Não me digas que acreditas nessas coisas todas. Ela *não* é a vítima. É a puta de uma assassina, seja o que for que tenha acontecido, e agora está a ganhar milhões com a sua história triste.

A irritação dela aumenta, ardente e súbita.

– Podes ser culpado e ser vítima, sabes disso. Nem tudo é preto no branco. Se fosse, qual seria o interesse de se fazer um filme acerca disso?

Ele sorri e encolhe os ombros, imperturbável.

– Acho que sim. Por vezes creio que é fácil perdermo-nos a tentar encontrar a história em algo. Às vezes as pessoas são más. Às vezes é mesmo assim preto no branco.

– Então não acreditas em nada da história dela?

– Tu acreditas?

Greta olha para o mar e não responde. Ao fim de algum tempo, Tom levanta-se e oferece-lhe a mão para a ajudar a levantar-se.

– Não te deixes arrastar – diz ele. – Sabes o que vai acontecer. Sabes que Federica vai fazer alguma coisa para lhe puxar o tapete debaixo dos pés. Ela engana-os sempre, tu sabes disso.

Greta larga a mão dele.

– Não tem de ser assim – diz ela.

O seu telemóvel tilinta com mais um *e-mail*.

Tom torna a encolher os ombros e começam a caminhar de regresso ao carro.

– O que quer que ela seja além disso, Greta – diz ele, saindo da frente de dois adolescentes de patins –, Amber não é inocente.

## Capítulo 13

2016

Amber observou o táxi de Sadie ir-se embora, a cabeça da mãe encostada à janela. Deu uma passa no seu cigarro, inclinando-se mais para o ar da noite, e perguntou-se o que diria Miles quando a visse. *Era realmente patético*, pensou, *aquela falta de autocontrole*. Não compreendia – só tinha dezasseis anos e aprendera há muito a disciplinar-se, a deixar as pessoas verem apenas o seu lado bom, vê-la forte e controlada. Orgulhava-se disso. Sadie nem conseguia passar um serão em casa de outra pessoa sem se envergonhar como uma perfeita esquisitóide. Ainda só regressara há seis meses e Amber já estava farta de a ver cair na vida, arrastando-os aos dois com ela. Talvez devesse sentir pena dela. Mas, vendo bem, não era Sadie que deveria sentir pena? Não era suposto ela ter regressado, roída pela culpa e a desculpar-se sem parar por ter abandonado a sua filha bebé indefesa?

E ainda assim Sadie nada dissera. Aparecera e estivera calada e se calhar arrependida em silêncio, mas em silêncio não era suficiente. Deveria com certeza ter aparecido a implorar a Amber que a perdoasse. E Amber tê-lo-ia feito. Tê-la-ia perdoado, e ao fazê-lo teria provado que já não era aquela criança indefesa – que crescera para ser corajosa e forte e controlada, que cuidara de Miles tal como ele cuidara dela. Mas não. Sadie aparecera e Miles ficara extasiado, e esperara-se de Amber que se enquadrasse e prosseguisse com a vida.

Por isso, sim, estava chateada (não magoada. Não admitiria estar magoada) – chateada por ter passado anos a atribuir as culpas de tudo à mãe ausente, que decerto teria tornado a vida perfeita, apenas para descobrir que ela regressou e não houve nenhuma mudança. Uma confusão, resumindo.

(*O que esperavas?*, perguntou uma voz crítica dentro dela. *Ela fugiu porque pensou que estavas amaldiçoada. Ela nunca iria fazer bolos nem pentear-te o cabelo, pois não?*)

Apagou o cigarro nos tijolos por baixo da janela, com faíscas a espalharem-se, e depois atirou a beata para a vedação do vizinho e voltou para dentro do quarto.

Não ia pensar naquilo. Passara muito tempo a pensar naquela tarde de domingo, ela e a avó sozinhas na cozinha. O pai e o avô a bebericarem cervejas em silêncio no pátio como sempre faziam. Amber tinha onze anos. A avó estava bêbeda, no seu quinto gim tónico.

– Oh, querida – dissera ela, as mãos húmidas de ter estado a lavar a louça ao afastar o cabelo de Amber do rosto. – Como pode ela ter pensado que estavas amaldiçoada?

Não ia pensar nisso.

Afastou-se da janela, a cortina a levantar-se com a brisa atrás de si. O filme a passar no portátil a emitir a sua luz tremeluzente na parede. Estendeu a mão para pegar numa fatia da piza fria que restava no prato. Certo, era saborosa, mas preferia que tivesse sido uma do Domino's.

Olhou em volta do quarto de Billie. Era mais ou menos bonito, supôs, mas também um tanto simplório, com o tapete felpudo a condizer com as almofadas felpudas e aquela coisa sedosa pendurada por cima do fundo da cama. Demasiado esforçado, sem personalidade – apesar de isso parecer mais ou menos adequado. Passou por cima de um saco-cama até à cama onde Billie e Jenna estavam deitadas, uma taça de pipocas no meio delas. Agarrou na garrafa de *Malibu* e convenceu Jenna a roubar o *co-op* e deitou nos copos, atirando-se para a cama.

O telemóvel zumbiu na mesa-de-cabeceira e olhou para a protecção de ecrã: Mica. *Desculpa, querida, não posso* 😊. Estendeu a mão e carregou no botão de bloqueio para que o ecrã ficasse outra vez preto. Mica demorara duas horas e treze minutos a responder-lhe, ela não ia mandar-lhe a sua resposta tão cedo – apesar de a mente estar a fervilhar de perguntas: por que não podia Mica vir encontrar-se com ela na cidade? O que estava ela a fazer? *Com quem* estaria ela a fazê-lo?

Não que houvesse muito que fazer na cidade. Apenas o mesmo velho *pub* na rua principal, um *pub* nojento para velhos onde eram sempre servidas (ao contrário do bar de vinhos com melhor aspecto, que tinha empregados que não podiam ser seduzidos). Às vezes os rapazes do secundário estavam lá, e habitualmente as raparigas conseguiam entrar à socapa num sítio melhor se estivessem com eles, os braços magricelas de rapazes por cima dos seus ombros despidos. E, em todo o caso, era o sítio *delas*, aquele *pub* nojento para velhos, dela e de Mica; eram as memórias difusas *delas*, as conversas telefónicas cheias de risinhos que tinham na manhã seguinte debaixo das suas colchas individuais.

Virou a atenção para o portátil, o filme a chegar à cena final de perseguição, uma pobre rapariga a coxear tentando escapar do assassino correndo em todas as direcções erradas.

– Isto nem é assustador – comentou, irritada, e olhou para Jenna. – Pensava que tinhas dito que era.

Jenna corou.

– Acho que se calhar o início era mais assustador?

Amber gostava da maneira como um olhar seu podia transformar as frases de Jenna em perguntas.

– Se isto é a tua ideia de assustador, Jen, estou bastante preocupada contigo. – Virou-se, mas não antes de acrescentar um sorrisinho. Um *estava a brincar*. – Escolhe qualquer coisa, Bill. Tenho a certeza de que te saís melhor.

O pânico de Billie era infantil e satisfatório, os olhos arregalados e fixos em Amber enquanto tentava em desespero produzir uma resposta.

– Oh... Eu... Hum... Jake publicou qualquer coisa no Snapchat acerca daquele filme de *zombies*? – Falar em Jake fez as faces dela ruborizarem-se e Amber observou-a com interesse. Ela sabia que Billie gostava dele. Vira a maneira como Billie estivera a olhar para ele no seu aniversário – o modo como o rosto dela se ensombrara quando Amber lhe oferecera boleia para casa com a sua mãe (e Amber nem mencionara o beijo que acontecera assim que lá chegaram).

– Devias mandar-lhe uma mensagem a perguntar-lhe se é bom – disse ela com ar descontraído e viu o rubor de Billie aprofundar-se. – Dá cá, eu escrevo-a, se quiseres.

– Está bem – disse Billie, a voz baixa, mas pegou no telemóvel e começou a escrever. Tão fácil. Um estremecimento perpassou Amber, um estremecimento como de borboletas na barriga.

O seu telemóvel voltou a zumbir, desta vez com uma mensagem de Leo: «Ei, querida, que tás a fazer?» O estremecimento aumentou então de intensidade, e ela conteve um sorriso. Brincou com as opções. Podia mandar-lhe uma mensagem logo na hora, fazê-lo vir buscá-la no seu carro. Fazê-lo levá-la daqui para fora.

Mas não. Isso seria demasiado fácil e ela decidira que não queria facilitar-lhe as coisas. O jogo era mais divertido com Leo, porque ele estava a revelar-se uma pessoa fácil para brincar.

Voltou a bloquear o telemóvel. Responder-lhe-ia mais tarde, muito mais tarde, de modo a que ele se perguntasse onde estava e com quem estava. Gostava de descobrir estas pequenas coisas acerca das pessoas, as coisas que as deixavam ciumentas ou tristes ou contentes. Era útil, ajudava a fazer que as pessoas fizessem o que queríamos. Ajudava a compreender alguém – e compreender alguém era a melhor maneira de assegurar que não conseguiam surpreender-nos. Manter o controlo.

E, assim, terminou a sua bebida e serviu-se de outra, e depois deslizou para mais perto de Billie e sorriu-lhe.

– Anda lá – pediu. – Conta-me a história mais assustadora que conheces.

## *Do diário de Leanna Evans (Extracto A)*

Dormi surpreendentemente bem e só acordei já passava das oito, o que é pouco habitual para mim. Estiquei-me toda, olhando para o tecto a amarelecer. Precisava de ser pintado, e estava mortinha por começar, apesar de saber que teria de o acrescentar à lista interminável de coisas que precisava de fazer nesta casa. Nesta cidade. A lista parece estar sempre a aumentar mas pelo menos agora começo a sentir que por fim estou a fazer progressos. A instalar-me.

As cortinas estavam abertas – aqui nunca durmo com elas corridas, gosto que a luz me acorde – e sentei-me e olhei para o dia. O céu esbranquiçado baixo e pachorrento, uma névoa sobre a rua. Ainda era cedo; decerto faria um calor tremendo mais tarde, mas na altura pareceu quase belo, uma espécie de filtro para a rudeza que existia lá fora. Olhei por cima das fileiras de casas e, ao fundo, o amarelo-fluorescente dos campos de colza, as sombras escuras e raquíticas das árvores. Antes isso perturbava-me, a austeridade desta cidadezinha, mas estou a começar a acostumar-me a ela.

Levantei-me e tomei um duche, esfregando a minha pele até esta ficar rosada. Gostaria de ter feito um pouco de ioga se não tivéssemos uma hóspede, mas o meu tempo não era só meu. E por isso saí e vesti-me, fui até à cozinha e andei para trás e para diante no meio dos armários, a perguntar-me se deveria fazer panquecas ou omeletas, um pequeno-almoço inglês completo. Parecia uma adolescente com um namorado novo; a tentar adivinhar o que uma pessoa poderia gostar. A tentar adivinhar o que Amber gostava ao pequeno-almoço. Isso pode soar estranho, mas queria acertar.

Decidi esperar até elas estarem acordadas e fazer o que quer que lhes apetecesse, assim no momento, a anfitriã perfeita. A decisão foi um alívio, e por isso fiz café para mim e abri a porta que dava para o pátio e saí para o terraço. Sentei-me e olhei para a tira de relva ressequida. Ressequida, mesmo em Maio. Estava ressequida quando comprámos a casa, parecia queimada mesmo no Inverno. Não percebo muito de jardins, sobre cultivo. Não sei como reverter uma queimada.

Quando terminei o meu café, fui para dentro à procura do meu livro. Podia ter

arrumado a casa, claro (posso sempre arrumar!), mas não quis armar confusão antes de elas descerem. Queria que se sentissem à vontade, livres. É essa a verdadeira arte de ser uma boa anfitriã – a compreensão de como a nossa casa e o nosso comportamento faz os outros sentirem-se e agirem. É sempre importante recordar isso.

O livro era um que tinha trazido da biblioteca municipal; uma obra literária que deixara os jornais de domingo todos excitados. Se calhar não era o ritmo que eu procurava na altura, apesar de ter conseguido perder-me nele por um bocado, até que o tecto a ranger por cima de mim me avisou de que as raparigas estavam acordadas. Ainda era cedo, para os padrões de Billie, isto é – um pouco depois das dez. Alisei o cabelo com as mãos e fui até à cozinha, enchendo a chaleira. Pus a manteiga no prato de porcelana e tirei o bule. Depois voltei a guardar o bule, porque era formal, antiquado – algo que uma avó faria. Têm de entender o quanto eu estava nervosa, o quão desesperada estava para que isto corresse bem. Pelo bem de Billie, quanto mais não fosse.

Foi Billie quem desceu primeiro, o cabelo todo emaranhado e os olhos inchados de sono. O roupão é demasiado pequeno para ela e demasiado puído, mas adora-o – recusa-se a usar o que lhe comprei há dois natais. E por isso foi Amber quem desceu com ele vestido, parecendo muito mais nova com o cabelo brilhante apanhado num rabo-de-cavalo, o rosto rosado e acabado de lavar.

Tentei manter-me calma; cumprimentá-las como se fosse normal para Billie ter uma amiga a passar a noite com ela. Dei-lhes os bons-dias; ofereci-lhes chá, café, sumo. Amber pediu chá, puxando uma cadeira da mesa com tanta naturalidade como se fosse a dela. Foi essa a minha primeira sensação de êxito, creio. A minha primeira sensação de que ela pertencia ali, que eu fizera a coisa certa ao encorajá-las a serem amigas. Billie recusou uma bebida – estava com ar pálido; parti do princípio de que ela não dormira muito, apesar de ter sido ela a sugerir que Amber e ela dormissem as duas na mesma cama em vez de irmos ao sótão buscar o colchão insuflável. Essa sugestão agradou-me, para ser sincera; tinha aquela sensação das histórias de Enid Blyton em colégios internos, um género especial de amizade feminina que eu nunca tive a sorte de experimentar. Também fiquei contente por Jenna ter acabado por optar ir para casa logo depois da meia-noite. Isso pode parecer indelicado, mas ela não está bem para nós.

Quando lhes perguntei o que gostariam para o pequeno-almoço, Amber emitiu uns sons educados a indicar que podia ser qualquer coisa, ainda que não estivesse muito habituada à honestidade directa de Billie:

– As panquecas são as preferidas de Amber – disse-me de imediato, apesar de ela estar com ar adoentado. Está sempre maldisposta com qualquer coisa, apesar do aspecto saudável que aparenta no exterior. É uma fonte de ansiedade constante para mim.

Amber, honra lhe seja feita, corou, e tentou dissuadir-me de ter trabalho.

Apressei-me a fazê-la parar e comecei a fazer a massa. Billie saiu rapidamente para a casa de banho – mais uma virose, tive então a certeza. Já estava a pensar nos caldos e sumos que faria para ela nessa tarde. Quando Amber e eu ficámos sozinhas, observei-a a beber o seu chá. Recordo-me de pensar que deveria estar a esquentar, e de ficar satisfeita porque era como eu gosto dele. Disse-lhe que tinha sido bom eu ter conhecido a mãe dela.

Ela disse então algo estranho:

– Foi simpático da sua parte tê-la convidado. Ela não tem muitos amigos.

Tentei fazer-me parecer curiosa; como se isso não fosse uma coisa pouco habitual.

– Ai não?

Amber fez uma careta, a atenção virada para o chá.

– Ela não é como as outras pessoas – disse-me, e pareceu-me cruel pressioná-la.

Lá em cima, ouviu-se o autoclismo, o ruído do tanque a encher, e verti um pedaço de massa na frigideira para testar a temperatura. Fervilhou e escureceu de imediato.

– Esta casa é mesmo encantadora – comentou Amber.

Também me lembro disso.

Agradei-lhe e baixei o lume, pondo a primeira colherada de massa. Nessa manhã, pela primeira vez desde sempre, *parecia* mesmo uma casa encantadora.



## Capítulo 14

2016

Sadie veio buscar Amber e o carro a casa de Leanna pouco depois do meio-dia. Amber estava silenciosa no trajecto até casa – cansada, julgou Sadie. A sua cabeça estava dorida, a luz do Sol agressiva a persegui-las enquanto avançavam pelas avenidas cheias de gente de regresso à estrada principal.

– Divertiram-se? – perguntou, a pensar no ligeiro sentido de camaradagem que sentira na noite anterior, enquanto iam por aquelas mesmas ruas. Uma pequena vitória, mas, fosse como fosse, todas contavam, de certeza.

– Já. – Amber lançou-lhe um olhar de esguelha. – *Tu divertiste-te?*

– Sim, foi divertido. Ela é uma boa companhia.

Sadie questionou-se se não fazia mal falar acerca de as coisas serem divertidas ou as pessoas serem boa companhia. Partiu do princípio de que ainda devia estar na fase de arrependimento.

Optou por não mencionar o quão zangado Miles ficara quando ela chegara (aos tropeções) a casa. Como ele lhe enfiara repetidas vezes o seu telemóvel na cara: *Não telefonaste. Não telefonaste.* O modo como as lágrimas se formaram nos olhos dele até uma ter escapado, imprudente, e ele teve de lhe virar as costas para a afastar, um único grito vazio de frustração a escapar também. Ou como ela vomitara a meio da noite, uma sujeira emaranhada de queijo e vinho, o peito húmido de suor de encontro à sanita.

– Mais logo vou sair – disse Amber, passando o polegar pelo monitor do telemóvel.

Sadie sentiu uma pontada de receio.

– Eu... bom, para onde?

A mentira era suave e escorreita e Sadie (uma rematada especialista) não pôde evitar sentir-se impressionada.

– A casa de Mica – respondeu a filha com indolência. – Os pais dela vão sair, por isso disse-lhe que a ajudava a cuidar de Milo.

Milo. O irmão bebé de Mica; Sadie recordou isto com orgulho, como uma

criança que marrara para um teste.

– Bem? – perguntou Amber, impaciente para arranjar conflito. – Posso ir ou quê?

– Talvez. – Sadie estava confusa, de faces ruborizadas enquanto tentava construir a resposta correcta. – Terás de perguntar ao teu pai.

Amber voltou a afundar-se no assento, arrogante (esta era uma pequena vitória dela, a mãe a ceder a Miles e, com isso, a admitir a sua falta de autoridade). O telemóvel zumbiu no seu colo e ela pegou-lhe e riu para consigo antes de redigir a resposta. Sadie lançou-lhe um olhar, a perguntar-se, como sempre fazia, o que estaria ela a pensar, a escrever, o que a pessoa do outro lado do telefone pensaria dela. A sua percepção de Amber tornara-se tão distorcida que as das outras pessoas eram infinitamente fascinantes. O que era ela para elas? Era simpática, atenciosa, uma boa amiga? Ou seria aquela frieza que Sadie por vezes via nos seus olhos o que estava por baixo dela? Isso assustava-a, embora soubesse que era errado. Sabia que se devia ter esforçado mais com Amber quando chegara pela primeira vez, quando aparecera e perturbara a vida deles. Planeara – *imaginara* – abraçá-la com força, afagar-lhe o cabelo, dizer-lhe vezes e vezes sem conta o quanto estava arrependida de tudo aquilo. Mas depois tinham começado a olhar uma para a outra no corredor e por mais vezes que ela tivesse olhado para Amber *on-line*, nada poderia ter preparado Sadie para aquilo que ela era agora. E do quão aterrorizador isso era.

No silêncio, pensou também em Miles – em casa, à espera delas. Ele mal lhe falara nessa manhã e ela passara o tempo a alternar entre desafio e culpa de um modo que era ainda mais cansativo do que a ressaca. Vivera a sua vida durante dezasseis anos – quem era ele para de repente impor horas de chegada ou exigências? E então, assim de repente, surgiu de novo a percepção de que ela estivera ausente durante quase *dezasseis* anos; que ele conseguira criar a filha de ambos sozinho e ainda assim não podia confiar nela para fazer uma coisa tão simples como dizer-lhe que ia chegar tarde a casa. Não era capaz de fazer algo assim tão simples quando tudo entre eles era tão incerto – aquela sensação de que ainda tinham vinte anos, ainda prestes a arrancarem a roupa um ao outro, persistia, e ainda assim cada momento estava carregado com a memória da ausência dela; com o facto de que ela o abandonara. Com o facto de que ele nunca compreenderia que ela *tivera* de o fazer, que o fizera por eles. E agora ela só estava a piorar as coisas.

Virou o carro para o caminho de acesso e Miles estava ali no relvado, com o cortador de relva a trabalhar. Ele inclinou-se para o desligar quando Sadie desligou o carro, endireitando-se quando elas saíram do veículo.

– Ei, bebé – disse ele a Amber, estendendo um braço para a direccionar para um abraço. – Tiveste uma boa noite?

– Iá! A mãe de Billie fez-nos piza. E esta manhã também nos fez panquecas.

Sadie fechou a sua porta com o mais suave dos ruídos mas eles viraram-se ambos para olhar para ela. *Intrusa*.

– Isso é bom – disse Miles a Amber, soltando-a com um apertão afectuoso no ombro. – Há *frittata* na cozinha, se ainda tiveres algum espaço.

– Nham-nham. – Amber dirigiu-se para a porta da frente aberta, o telemóvel desbloqueado e de novo o centro da atenção dela.

Miles estudou o rosto de Amber por um segundo, e ela sentiu uma nova onda de náusea a subir e depois a ceder.

– Não gosto de quando discutimos – disse ele baixinho.

– Eu também não – disse ela, sentindo algo a retroceder dentro dela, algo a rastejar. – Lamento. – Lamentava. Estava sempre a lamentar-se.

– Eu também lamento. – Miles puxou-a contra o peito. Os seus braços envolveram-na com tanta naturalidade, de um modo tão instintivo. Afastando os últimos dezasseis anos como só ele era capaz de fazer. – Quero que tenhas amigos. Exagerei. Estava com receio.

A testar-se, ela esticou-se para o beijar mas os lábios dele estavam secos e frios e o cheiro da relva cortada prendeu-se-lhe na garganta. Havia qualquer coisa a arder ao fundo da rua e ela sentiu o medo rastejar através dela, a sombra de Miles a estender-se no chão enquanto a sombra dela desaparecia no meio da dele.

– Tu dizias-me – disse ele para o cabelo dela. – Se estivesse... Se as coisas... Se eles estivessem aqui outra vez?

Ela tentou engolir em seco, o ar queimado a enganchar-se na sua garganta. Assentiu contra o tecido texturado do pólo dele.

– Boa – disse ele, pressionando uma das mãos contra a sua nuca, a testa dela apoiada debaixo do queixo dele. – Agora somos só nós os três, não é?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h04 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Obrigada pela mensagem. Parece tudo bem, vou olhar para as filmagens  
agora.

Como esteve Amber hoje?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h05 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Ela teve um dia um bocado estranho, na verdade. Deu uma entrevista a uma revista francesa – o jornalista veio até cá de avião especialmente para isso – e pareceu correr bem. Mas um tipo fê-la parar quando saímos para almoçar e disse-lhe que ela era o demónio. Foi horrível.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h07 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Vocês filmaram isso?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h11 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

O Tom estava a filmá-la na altura, sim. Estávamos a filmá-la ao telemóvel com o agente dela.

Foi horrível. Vê-se que a incomodou apesar de ela ter agido como se nada fosse.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h13 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Acho que estás a ser demasiado sentimental. Ela já deve estar acostumada a isso – a miúda cresceu a dizerem-lhe que ela estava amaldiçoada! Ela está a fazer disso uma carreira.

A sério, não sintas pena dela. Pensa nos honorários dela! Ela tem de trabalhar para isso.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h17 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Olha, estás a fazer um trabalho brilhante aí. A sério, o material que temos até agora é espectacular. Só estou a insistir porque sei que isto pode ser realmente especial. E pode ser uma coisa em grande para ti.

Pode lançar-te. E tu mereces! ☺

O que tás a fazer acordada assim tão tarde?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h18 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

*Jet lag.* Além disso este motel tem as paredes demasiado finas e também é assustador.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h19 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Outra vez vizinhos apaixonados?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h20 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Esta noite não. Criança pequena a chorar. E acho que este sítio tem ratazanas.

Viste o *e-mail* da professora de A? O que achas, vale a pena explorar?

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h22 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Argh ratazanas!!!!!! Estás a falar a sério????

Sim, acho que poderia valer a pena ter uma conversa inicial com a

professora. Temos aquele material da antiga professora de Sadie – como se chamava? Berkley? Barclay? – que é bastante assustador. Podia ficar bem ao lado disso.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h24 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Okay, vou agendar uma chamada via Skype com ela e descobrir se há ali muito material. Eu mandei-te este artigo? [hiperligação inserida] Um caso muito interessante do *Tall Man* na Alemanha em 2010. Não teve muita cobertura porque coincidiu com a morte da Dawn Brancheau no SeaWorld.

Sim, ratazanas! Consigo ouvi-las a correr dentro das paredes. Ainda assim não é nada comparado com aquele sítio no Texas, lembras-te? Blhec.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h25 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Oh, meu Deus, querida. Isso parece horrível. Na nossa próxima viagem, teremos um orçamento melhor, prometo.

Obrigada pelo *link*. Devias dormir um bocado. Preciso que insistas com Amber amanhã – talvez comprar-lhe uma bebida com o almoço, experimentar deixá-la descontraída dessa maneira? Podias perguntar-lhe como se sentiu em relação ao acidente de hoje se achares que ela ficou perturbada, pode ser um bom ponto de partida para tentar penetrar debaixo da couraça dela.

Estou agora a falar com Morris e ele está a dizer que precisam que ela diga o que aconteceu naquela noite à frente das câmaras. Tudo. Querem que a convençamos a ser filmada a regressar à casa. Seria maravilhoso.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h26 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Ela disse de forma bastante categórica quando assinou o contrato que não voltaria lá.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h27 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Eu sei, eu estava lá. Tenho fé que consegues persuadi-la.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h28 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Em todo o caso, descansa um bocado – deves estar desfeita. Desculpa outra vez teres de tratar de todo este – pesadelo. E fala das ratazanas na recepção logo que acordes! Isso é inaceitável.

Obrigada por seres brilhante. Prometo-te que isto vai valer a pena. xx.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h30 PDT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Não te preocupes. E, para ser sincera, as ratazanas não me chateiam assim tanto (!), é o bebé. O coitado do miúdo que não pára de chorar, começo a perguntar-me se estará ali sozinho.

Em todo o caso, vou tentar outra vez os canais manhosos de televisão por cabo na cama. Boa noite. xx.

**Sexta-feira, 18 de Maio de 2018, 03h31 PDT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Tampões para os ouvidos, querida. Nunca viajes sem eles.

Ligo-te amanhã quando souber o que se passa com os voos.

## Capítulo 15

2016

Miles sentou-se à mesa e observou Amber terminar uma terceira fatia de *frittata*. Sadie tinha subido para se deitar, a ressaca a persistir. Amber tinha o *iPad* à sua frente enquanto comia, a fazer *scroll* pelas notícias de celebridades que ele não reconhecia num tablóide que desprezava. Ensinava os perigos destas coisas num dos seus módulos de pós-graduação: a democratização da celebridade, a permanente ligação que os tablóides faziam entre o ganho ou a perda de peso com o estatuto e o êxito. E ainda assim deixava a sua filha empanturrar-se com aquilo. Observou os dedos dela manipularem a página, fazendo *zoom* à maquilhagem dos olhos de uma estrela de um *reality show*; na celulite de outra, o rosto sempre impassível, os olhos a moverem-se de um lado para o outro do ecrã.

Ela olhou para cima e apanhou-o a observá-la.

– O que vais fazer hoje, papazinho? – perguntou-lhe, como sempre fazia.

– Tenho alguns ensaios que preciso de classificar – respondeu ele, pegando em ambos os pratos e levando-os para o lava-loiça. – E depois pensei em presentear-vos a todos com *takeaway* logo à noite. Que tal te parece?

– Não posso, desculpa, pai. Disse que ajudava a Mica com o Milo.

Ele virou-se para ocultar a sua desaprovação. A mãe de Mica, Marcia, saía muitas vezes, na opinião dele, deixando a pobre Mica com o bebé.

– Oh, bom – disse ele. – Vou dar-te algum dinheiro, assim vocês podem levar o *takeaway* para lá.

– Obrigada, pai, isso é mesmo simpático da tua parte. – Amber bloqueou o seu *iPad* e depois hesitou. – Pai... a mãe está bem, certo?

Ele secou as mãos, os olhos no jardim.

– Acho que sim, bebé. Temos de a manter debaixo de olho, não é?

Ela ficou ali mais um segundo e a seguir desapareceu escadas acima com o *iPad* agarrado de encontro ao peito, deixando a cadeira por endireitar. Ele ficou na cozinha e escutou até a casa estar em silêncio e ele poder descontraír. Recordou os dias quando ainda era pequena o suficiente para dormir durante o



dia, quando ele a deitava à tarde e depois andava pelas divisões da casa, a perguntar-se por onde começar. Muitas vezes ligava à mãe, que mandava o pai dele ir lá, e Miles ficava deitado na cama a olhar para o tecto enquanto John cirandava pela cozinha, a arrumar e a esconder os detritos do dia. À espera daquelas primeiras respirações fungosas a ecoarem no monitor para bebés, o primeiro gemido indignado. A tentar silenciar a vaga de sensações eléctricas que cada pensamento em Sadie desencadeava. A tentar não se perguntar onde ou o quê ou como as coisas poderiam ter sido diferentes.

Nunca parara de pensar nela. Interrogava-se se ela saberia disso.

Estava chateado consigo por se ter zangado na noite anterior. Sim, fora irreflectido e irresponsável da parte dela não lhe ter dito que chegaria tarde a casa – Amber, a verdadeira adolescente da família, nunca teria feito isso, nunca o deixaria preocupar-se daquela maneira –, mas ele precisava de fazer cedências. Precisava de aceitar que aquele era ainda um período de mudança, para todos eles, e que levaria algum tempo até encontrarem o seu caminho. Sabia que ele e Sadie estavam destinados a estar juntos; sempre estiveram – sempre soubera que ele era a única pessoa que a entendia. E ele soubera, *soubera*, mesmo quando deixara as dúvidas instalarem-se, que um dia ela voltaria para casa. Algumas coisas estavam destinadas a acontecerem. Era a sua função cuidar dela, fora-o desde que se conheceram. Sadie, compreendia agora, ainda estava a perceber isto. Ela estivera sozinha durante tanto tempo que era difícil para ela permitir a entrada de eles os dois na sua vida, e Miles precisava de ser paciente.

Uma porta fechou-se com cuidado no andar de cima, um conjunto pequeno de passos a deslizarem pelas tábuas do soalho por cima dele – o quarto deles. Perguntou-se se Amber teria ido ver Sadie e sentiu-se satisfeito. Algures ao longe, ouvia um bebé a chorar. Se fechasse os olhos, quase podia regressar lá – só ele, sozinho, a ouvir a filha bebé a chorar, a pressão de saber que ele era a única pessoa que poderia atendê-la quase insuportável.

Foi até ao escritório e fechou a porta, tentando barrar as memórias. Não ajudavam, ele sabia disso. Tinha de esquecer agora, esquecer as coisas que todos fizeram. Lançou um olhar ao computador, a protecção de ecrã que escolhera dos três. Fora apenas algumas semanas depois de Sadie ter regressado; lembrou-se de as juntar às duas no restaurante da cidade, entregando a máquina fotográfica a uma empregada. Ali estava ele no meio, o sorriso rasgado e um braço em volta de cada uma delas. A empregada fotografara-os no instante em que Amber mexera a cabeça; apanhara-a num ângulo quase idêntico ao de Sadie. As semelhanças nos rostos delas eram impressionantes. Perguntou-se o quão difícil teria sido se estivesse enganado, se Sadie nunca tivesse voltado para casa – se tivesse de ver a filha crescer para se tornar uma imagem especular da mulher que os abandonara a ambos.

Mas voltara. Tal como ele sabia que ela faria.

Moveu o rato e despertou o computador, a fotografia a dissolver-se. Olhou para o ensaio que abrira, um que passara pelo TurnItIn enquanto estava a fazer o almoço. Os resultados já tinham chegado: 54 por cento plagiado. Mais um aluno a quem teria de telefonar na segunda-feira. Fechou o ficheiro, irritado, e abriu o *e-mail* para emitir as convocações.

Primeiro verificou o correio por ler. As mesmas mensagens do costume para o departamento todo acerca da limpeza do frigorífico comum, sobre a separação para reciclagem nos caixotes do lixo da cozinha. *Spam* de dois *sites* de livros de venda em segunda mão, e de uma agência de encontros a que aderira, num impulso de desafio, três anos antes. Apagou essa sem a abrir, acrescentando-lhe os recibos do serviço de *takeaway on-line* e o *e-mail* de grupo de alguns colegas da escola que estavam a tentar planear uma reunião. Nada disso interessava agora.

Sobravam os *e-mails* dos alunos – tudo cenários que lhe eram agora familiares após vários anos naquela função, nenhuma desculpa para um prolongamento do prazo por usar – e depois um de um remetente que ele não reconhecia. SomeoneSpecial@gmail.com. O assunto *Eu sei*.

Era um assunto planeado para chamar a atenção e por essa razão ele prestou-lhe pouca. Tinha a certeza de que sabia onde aquilo ia parar; alguma outra agência de encontros ou aplicação, provavelmente, com algo reles e de mau gosto e não solicitado. *Eu sei... onde está a sua alma gémea* ou talvez o mais directo *Eu sei onde está a sua próxima queca fantástica*. E por isso clicou nele, sabendo que não tinha nada a reear.

Apercebendo-se, depressa, de que estava enganado.

## Capítulo 16

2018

– O que achas de mim? – pergunta Greta enquanto vai mudando as músicas no seu telemóvel, que já está ligado ao auto-rádio do carro alugado. Insistiu também em porem a capota para baixo, e Greta, que se esqueceu de prender o cabelo atrás, está a tentar navegar pela faixa de entrada na via rápida com madeixas de cabelo a fustigarem-lhe os olhos.

São só elas as duas, os rapazes a terminarem algumas filmagens em locais de uma lista que Federica lhes mandara às três da manhã, hora de Londres. É o último dia em Los Angeles e a semana passou numa confusão de luzes de estúdio e as mesmas respostas preparadas a escaparem da boca de Amber, todas elas presumivelmente inventadas pelo ramo norte-americano da agência de talentos com quem ela assinara contrato – Greta presume que numa tentativa de reunirem o máximo de interesse possível nos direitos para a América do Norte do seu livro revelador. Mas quando calha a vez das câmaras *deles*, do filme deles, ela não tem tido nada de novo para dizer. Greta espera que, quando regressarem a Londres, Federica seja capaz de a convencer e persuadir para obter as respostas que pretende dela. Ela pensa que se Amber soubesse da quantidade de pesquisa que Federica anda a fazer sobre a história de Sadie Banner em vez de sobre a dela, talvez a pudesse induzir a abrir-se um bocado. Porque a obsessão de Federica está a aumentar; o arquivo de provas que têm estado a construir na *drive* partilhada está a engrossar rapidamente, a lista de pessoas que Federica quer entrevistar cada vez mais longa. A lista de coisas que Amber disse que *não* queria discutir a ser cada vez mais ignorada nas costas dela.

Greta não quer seguir por essa via. Ela leu e leu e leu acerca do *Tall Man*, acerca de raparigas que achavam que ele as tornava especiais, acerca de filhas desaparecidas, e agora mantém-se acordada à noite, a observar sombras.

Por isso, quando Amber, por fim livre de compromissos publicitários, perguntou se hoje podiam ir à Disneylândia, Greta concordou. Decerto que se pode confiar em como não há sombras na Disney.

– O que queres dizer com isso? – interroga agora, em segurança na via.  
– Gostas de mim? – Amber vira para baixo a pala do sol e verifica a sua maquilhagem, passando um dedo pelos lábios acabados de pintar. O cabelo *dela* está muito bem preso atrás, um rabo-de-cavalo que balança quando ela se mexe.  
– Achas que sou uma pessoa má?

Greta pondera.

– Não sei se sei o suficiente a teu respeito para gostar ou não de ti – responde.  
– Mas não, não acho que sejas uma pessoa má.

Pergunta-se se isto é verdade. Sentou-se nos bastidores e viu Amber ser outra vez entrevistada para a televisão ontem, desta vez para um dos programas noticiosos diários. Viu-a sentar-se antes disso no camarim, a folhear uma revista até ter encontrado uma fotografia sua, e depois percorrer as páginas à procura de outra menção, e observou-a a bambolear-se até ao cenário e acomodar-se numa das cadeiras de braços a condizer preparadas para a entrevista. Viu (como vira a semana toda) como a voz de Amber se tornou suave, tímida, quase, e o modo como, quando o entrevistador perguntou «*Considera* que é inocente?», as lágrimas se formaram e começaram a cair. «Tirei-lhe a vida e tenho de viver com isso para sempre», respondeu Amber, deixando que uma lhe corresse devagar pela face, e depois, quando as câmaras se desligaram, regressou ao camarim para comer a refeição do KFC que pedira e para conversar com o actor de filmes de série B que ficara à espera para conhecer a famosa Amber Banner.

– Não quero voltar – diz agora Amber. – Gosto disto aqui.

– Gostas? – Greta odeia. Odeia as auto-estradas intermináveis e os engarrafamentos e os cartazes, os centros comerciais ao ar livre e os sorrisos brancos perfeitos. Odeia sobretudo Hollywood. A caminho do hotel na noite anterior, passou por uma mulher sentada na beira de uma rua, ocupada a dar palmadas num pé imundo, a tentar encontrar uma veia por entre a sujidade e as nódoas negras. Um bando de raparigas de calças de ganga justas cruzou-se com ela, indiferentes, e passou um autocarro cheio de turistas, *rock and roll* animado dos anos de 1950 a jorrar da grande loja de recordações da esquina. Parece que, onde quer que ela vá, há uma criança a chorar; que para onde quer que se vire, um homem olha-a de um táxi ou uma janela ou a passar por ela no passeio, o olhar a gotejar na pele dela como gelo.

– Sim. – Amber sorri para si ao espelho e volta a puxar a pala. Lança um olhar à cidade que vai desaparecendo ao seu lado. – Sou, tipo, nova aqui. Sabes a que me refiro? Ninguém me conhece, mas as pessoas estão interessadas.

– Em Londres as pessoas também estão interessadas em ti – diz Greta acertadamente.

Amber escarnece.

– Por favor. Lá sou uma aberração. Só querem obter uma fotografia minha com ar maluco. Querem que me passe da cabeça e comece a partir-lhes as

câmaras, para poderem vir para cima da minha cara. Tentam atirar o meu carro para fora da estrada. Aqui os *paparazzi* abrem-me as portas. Pagam-me coisas no Starbucks.

Isto é verdade. Greta já viu isso acontecer mais do que uma vez ao longo dos últimos quatro dias. E Amber nunca o admitiu, ou fez comentários sobre isso, e agora não há nenhuma câmara apontada a ela.

– Foi por isso que concordaste em fazer o filme? – pergunta Greta. – Para que as pessoas pudessem conhecer-te melhor?

– Não. – Amber encolhe os ombros. – O dinheiro era porreiro. Ei, abranda!

Greta trava, apercebendo-se, ao fazê-lo, de que a estrada à sua frente – por uma vez – está desimpedida. Amber estende um braço por cima do pára-brisas, de telemóvel na mão, e tira uma fotografia da placa rodoviária por cima delas, a indicação de faixa: *Anaheim*, uma silhueta do Rato Mickey ao lado. O céu ao fundo está azul e luminoso.

– Perfeito – diz Amber, olhando para a imagem e a seguir abrindo o Instagram. – Ah, adoro esta canção.

Seguem durante algum tempo num silêncio amigável, a paisagem vasta e poeirenta sob o azul sem fim. Greta tenta não pensar na agenda para a semana seguinte, que Federica também lhe enviou para o *e-mail*, cheia de trabalho de locação, entrevistas, pesquisa. Tenta também não pensar na última mensagem de texto dela, enviada às quatro da manhã, hora de Los Angeles. «Descuuuuulpa outra vez. Desastre por aqui. Acho que desta vez é que é: acabou. Terminado. Não sei o que fazer.» Seguida, passado um minuto, por «Podes sugerir a A que façamos uma visita à escola na terça? Sei que ela não queria filmar lá mas acho que será uma imagem forte – para lembrar ao público o quanto ela é jovem.»

Sete minutos depois: «xxxxxx.»

Greta consegue visualizar o cenário quando regressarem a Londres. Federica com os olhos inchados e amuada, sempre a verificar o telemóvel. Vai pousá-lo por Amber, claro, vai pôr-lhe as malas no carrinho (o carrinho abandonado a Greta minutos depois) e fazê-la andar cuidadosamente pelo aeroporto e até ao carro que os espera, a conversar o tempo todo, deixando Greta, Tom e Luca ficarem para trás. E quando Amber estiver instalada em segurança no hotel que reservaram para ela em Londres, a máscara vai cair. Nessa altura serão só as duas, os rapazes a inventarem as suas desculpas, e Federica irá aproximar-se da cadeira, onde o seu hálito quente e carnudo possa chegar a Greta. As palavras vão sair em torrente, os pormenores do que quer que Millie, a namorada escritora de Federica, tenha descoberto ou feito (a última hipótese, improvável; a primeira, inevitável) e de algum modo isto há-de ir parar a uma discussão do projecto e a todas as maneiras como *Greta* poderia ter lidado melhor com a situação.

Já trabalharam juntas antes por duas vezes; uma, quando Greta tinha acabado de sair da faculdade e um tio de um amigo, cuja propriedade em Hertfordshire

era um local de filmagens popular (e rentável), lhe arranhou um emprego como assistente de produção num drama de época. Federica era assistente de realização, ao passo que o realizador era um homem formidável na casa dos cinquenta, conhecido por vaguear pelo *set* de óculos escuros, a sussurrar de modo azedo para a sua assistente mas sem nunca falar para qualquer outro membro da equipa. Federica, em contrapartida, com o cabelo volumoso preso num rabo-de-cavalo na base da nuca, os seus óculos de sol sempre a ajudar a dominá-lo, falava com toda a gente e mais alguma, uma metralha de queixas ao passar por cada camarim e tenda: «Tu – o que se passa com aquele reflector?» «Tu – *o que faz ali naquele quadro?*» «Tu – decoras as tuas deixas hoje, por uma vez?» Começou a gostar de Greta, que se movia com rapidez e nunca ripostava, e quando a pobre assistente de cenário voltou a pendurar o quadro na parede errada, foi despedida de imediato e Greta – «*Tu*», um dedo gorducho espetado na direcção dela – instalada no seu lugar.

Mais tarde, quando Greta arranjava vários empregos semelhantes e melhores, um produtor que ela acabara por conhecer e gostar (e uma vez, mal aconselhada, permitiu que ele a beijasse numa arrecadação de adereços em Shoreditch, o cheiro a bolas de naftalina e a petróleo a encher-lhe a garganta, uma seta quebrada de néon a piscar algures num canto) recomendara-a a Federica para um novo filme no qual ela estava a trabalhar. Federica convidara-a para o seu escritório no Soho e depois, quando Greta estava a dez minutos de lá, mandara uma mensagem a mudar a reunião para um café em Bethnal Green. Greta chegou passados trinta minutos, o *top* fino às flores colado às costas com o suor, a cintura das calças de ganga a esfregar-se violentamente na sua carne. E Federica, sentada a uma pequena mesa periclitante no passeio, de óculos e cabelo armado a formar uma nuvem luminosa atrás dela, sorrira e bebera um gole do seu café.

– Vais aprender – dissera, e Greta aprendera.

O filme de baixo orçamento em que tinham trabalhado na altura – uma pequena equipa de seis pessoas, incluindo Tom e Luca – fora um êxito tremendo. Não da noite para o dia; um êxito de culto, seguido por um moderado, até que de repente Federica estava a subir para um palco de vidro, de pé num pódio com folhas de ouro e a agarrar um prémio com força naquelas mãos grandes e espalmadas. Um documentário acerca de um casal mal-afamado que assassinara pessoas que andavam à boleia no Texas ao longo de um período de três anos, recebera louvores da crítica pelo modo como Federica conseguira persuadir os filhos do casal para ter acesso a eles. Amber já dissera a Greta que o vira três vezes.

Quando Greta diz às pessoas que trabalhou nesse filme – que no início se chamava *Uma Espécie de Trevas*, o nome recebido de algo que o filho mais novo do casal dissera numa entrevista bastante perturbadora (depois de ter estado presente na entrevista, Greta correu as persianas do quarto de hotel e foi para a

camas às três da tarde, todos os cobertores disponíveis enrolados em volta dela apesar da temperatura escaldante do exterior), e ao qual a distribuidora acabou por convencer Federica a chamar *Os Meus Pais São Assassinos* –, gostam de lhe dizer o quanto o adoram.

– É como um filme de terror – bajulava-a uma amiga numa festa num apartamento acanhado em Camden. – Só que real!

Ela dissera aquilo como sendo um elogio, todos o fazem. Mas eles não estavam lá. Não sabiam.

Está outra vez uma criança a chorar, ela tem a certeza disso. Demora um segundo a recordar-se de que estão na auto-estrada, só elas as duas. Que as colunas estão a tocar uma canção do telemóvel de Amber, a melodia aguda e lamentosa.

– Estamos quase lá! – guincha Amber, debruçando-se por cima da sua porta para tirar uma fotografia de outra placa rodoviária. – Oh, meu Deus, estou tão entusiasmada.

E Greta surpreende-se ao dar conta de que também está, só um pouquinho. Parece um bocado que estão a fugir, a deixar algo para trás, apesar de ela estar apreensiva por se encontrar sozinha com Amber, os lastros gémeos de Tom e Luca cortados e deixados à deriva. Lembra-se de ir aos Tivoli Gardens com os pais numa férias para visitar amigos em Copenhaga quando era pequena, da maneira como os carrosséis rodopiavam e as pessoas sorriam e do modo como se sentia de mão dada com a mãe.

Vira para Disneyland Drive e pergunta-se o que estará Tom a fazer, se ele e Luca ainda estão a trabalhar na lista de filmagens pretendidas por Federica (uma lista que inclui artigos tão específicos como «Criança na praia com balão ou bola. Vento a levar o balão/a bola?» e «Raparigas adolescentes/ar jovem a beber/arrirem bar escuro montes de néon») ou se desistiram e foram beber uma cerveja algures. Podia enviar-lhes uma mensagem e convidá-los a virem cá, pensa – se o trânsito se mantiver assim tão ligeiro, podiam chegar a tempo. Talvez fosse bom ter Tom ali.

Mas quando vira o carro para o meter num lugar no vasto parque de estacionamento, Amber vira-se, uma mão branca e quente a aparecer de encontro ao braço de Greta.

– Muito obrigada por me trazeres – diz, aqueles olhos verdes de gata presos nos de Greta. – É simpático da tua parte.

Antes de Greta conseguir responder, a mão já desapareceu, o calor dela a evaporar-se lentamente da sua pele, e Amber está a sair do carro, o rabo-de-cavalo agitado por uma brisa enquanto ela olha em volta do parque de estacionamento à procura do autocarro *shuttle* que as vai levar.

Caminham pela Main Street, o Castelo da Bela Adormecida a erguer-se à frente delas, enquanto Amber aponta o telemóvel a edifícios e a personagens. À porta de uma loja de caramelos, pergunta a um tipo vestido de Aladino se pode tirar uma fotografia com ele – e então surpreende Greta ao puxá-la para o enquadramento. Ali estão eles, os três com os rostos próximos uns dos outros, o braço de Amber esticado para os apanhar a todos e a outra mão a agarrar a de Greta.

– Sempre adorei o Aladino – diz enquanto se afastam. – Era o meu filme preferido. – Lança um olhar à fotografia e depois a Greta. – Costumava sentar-me num tapete que tínhamos em casa e fingir que conseguia voar dali para fora nele. Que piroso.

Greta sorri.

– O meu irmão e eu costumávamos fingir que éramos os Aristogatos.

Amber pondera a informação, olhos semicerrados.

– Não sabia que tinhas um irmão.

– Sim. Ele agora vive no Médio Oriente. É jornalista.

– Que fino. Vamos comprar caramelos?

Ela escolhe a caixa maior, com um globo de neve com uma versão miniatura do castelo lá dentro. Abana-o com violência e observa as partículas brilhantes a assentarem, os últimos flocos a caírem pelo vidro abaixo, e depois vai-se embora, deixando Greta a pagar com um cartão de crédito que ela espera conseguir aguentar pelo menos mais um dia. Federica vai acabar por pagar as despesas mas é uma questão aleatória; um monte de notas amassadas e amarfanhadas entregues num dia, promessas vagas de uma transferência noutra. *Vai valer tudo a pena*, relembra Greta para consigo, apesar de a ideia de ter de ligar aos pais a pedir um empréstimo entretanto fá-la suar apesar do ar condicionado com potência industrial.

– Vamos dar uma volta de carrossel – diz Amber, quando Greta volta a juntar-se a ela no exterior.

O Sol está a subir constantemente no céu, o calor seco e agressivo.

Greta concorda com cautela, e vagueiam pelo parque, Amber a vasculhar a caixa de caramelos com invólucros brancos.

– Sabem todos ao mesmo – declara ela ao fim do quarto, o maxilar a mastigá-lo de forma insistente. Entrega a caixa a Greta. – Por que fazem isto?

A desconfiança de Greta começa a desvanecer-se ao passarem por placas a indicar a Mansão Assombrada e a Grande Ferrovia da Montanha do Trovão, Amber a dirigir-se para lá do castelo e para a mais calma Terra da Fantasia. Surpreende-se, contudo, quando Amber se ri e diz «este», para os antiquados Dumbos voadores. É um carrossel para miúdos pequenos, os elefantes a subirem e a descerem enquanto giram ao som da música sonolenta de órgão, mas Amber tira fotografia após fotografia com o telemóvel e puxa Greta para aparecer ao seu



lado.  
– Tão giro! – exclama. – Sabes, isto costumava aparecer no anúncio da Disneylândia quando eu era miúda.

Greta não duvida disso. A memória de Amber está a revelar-se forense e fotográfica; pormenores pequenos e irrelevantes acerca das coisas recuperados num instante. Pensa naqueles olhos semicerrados: *Não sabia que tinhas um irmão*. Pergunta-se que mais Amber armazena no seu arquivo Greta. Interroga-se o que pensaria Sebastian, que viajou e reportou a partir de zonas de guerra em todo o mundo, de a sua irmã levar uma assassina adolescente à Disneylândia para ganhar a confiança dela.

O carrossel parado, saem da cavidade de um elefante, uma mãe e uma criança a fazer uma birra no que está à frente do delas. Amber verifica o telemóvel e Greta não consegue evitar olhar também para o ecrã. Twitter. 1350 notificações. Consegue vislumbrar algumas quando o polegar de Amber as faz correr para baixo.

Para uma cabra doida até que és *sexy*

Ei, Amber, vi-te no Good Morning America. Queria dizer que és mesmo corajosa.

A ver @amber\_banner na TV. Acreditam nisto? A cabra é uma tarada doente.

Ei, Amber, segues-me de volta? Adoro-te.

Amber Banner com ar poderoso na capa da Hollywood Reporter hoje. Rapariga pode ser marada como o caraças mas gosto do estilo dela.

~

Greta agora é indiferente a isso – navegou pelas secções de comentários de demasiados artigos acerca de Amber, tem colunas do seu TweetDeck a seguirem o nome de utilizador de Amber e as referências a ele (porque por vezes as pessoas querem chamar a atenção de Amber para o que quer que estejam a dizer acerca dela – e por vezes não querem). Viu a maré da opinião pública mudar de curso ao longo do julgamento; Amber a passar de princesa do gelo e assassina adolescente sádica a corajosa e trágica e durona. Da rapariga que se riu à saída do tribunal no qual estava a enfrentar um julgamento pelo crime mais horrendo à rapariga que se sentou no banco dos réus e chorou quando a história do *Tall Man* foi por fim divulgada. A rapariga que ficou ali de pé nos degraus daquele tribunal com aquele sorriso secreto, de novo livre. E, durante todo esse tempo, o mundo estava

a assistir. O mundo foi ativado por todos os pormenores sólidos. Ela recorda-se de um artigo publicado no MailOnline no 34.º dia do julgamento, o dia em que as coisas começaram a mudar para Amber. A maneira como os pormenores do caso da defesa tinham sido acompanhados por uma foto de corpo inteiro de Amber a sair do tribunal, uma caixa com pormenores de como «obter o visual» e ligações para blusas semelhantes. No mesmo dia, um blogue feminista que Greta adora publicou um artigo intitulado «Amber Banner não precisa chorar para provar que é inocente: o ar de desprezo e os perigos do julgamento pelos *media*». Greta leu tudo isso. Cada centímetro de coluna, cada pensamento, cada comentário, cada *tweet*. Já não a surpreendem mais.

Observa o rosto de Amber enquanto ela percorre essas notificações. Uma ligeira reacção aqui e ali; uma contracção de uma sobrançelha ou o canto da sua boca. Pergunta-se se também ficam armazenados na memória dela – as palavras mais suaves a dissiparem-se enquanto as mais duras abrem caminho até a superfície. Vendo de fora não se perceberia – mas Greta não quer acreditar que só existe o exterior. Se isso for verdade, não há história. Pensa em Tom na praia. *É muito fácil perdermo-nos a tentar encontrar a história em algo. Às vezes as pessoas são más.* Se Greta começar a acreditar nisso, mais vale despedir-se agora.

O carrossel começa a andar, o elefante desce suavemente em direcção ao solo antes de recomeçar a sua viagem. Amber ri com o seu riso estranho e invariável. Tira fotografias: da multidão lá em baixo, do horizonte à frente, das duas juntas, de novo o rosto perto de Greta. Ao fim de algumas voltas, aborrece-se, o telemóvel a deslizar para o seu colo. Olha então para longe, uma mão, com as suas novas unhas de gel roxas, a segurar-se à borda cinza da carruagem. Cheira a perfume e a bronzado falso e algo metálico.

Greta também olha para o parque. Incontáveis carrinhos e balões com orelhas de rato, a música de órgão que vem até elas trazendo risadas e vozes infantis; um cheiro a açúcar queimado e a protector solar. Pensa de novo no Tivoli, com os seus bronzes e os azuis e vermelhos, o ar cortante e o barulho mecânico dos carrosséis. E pensa no irmão no seu carrinho, um punho gordo encostado à bochecha enquanto dormia. Agora ele é alto e magro e está longe.

– És difícil de decifrar – diz Amber, em tom de conversa. – Nunca sei o que estás a pensar.

– Sim, já me disseram isso antes.

Amber olha para ela.

– Eu gosto disso em ti.

Greta observa um homem a meter a sua filha pequena aos ombros para que ela possa ver a Cinderela passar. Ocorre-lhe que as pessoas no parque podem reconhecer Amber, mesmo sem uma câmara atrás dela. Pensa na maneira como o velho forçou a passagem por ela e por Luca no início da semana, com o dedo bem perto do rosto de Amber. *Filha do diabo. Diabo. Vai-te embora.*

O carrossel abranda, a música pára. Elas descem para a plataforma de embarque e a barra da carruagem delas é levantada por um funcionário. Amber olha para Greta.

– Vamos beber qualquer coisa – diz.

Sentam-se na esplanada exterior de um dos restaurantes junto ao lago, dois copos de cerveja e um cesto de batatas fritas na mesa entre elas. Greta encosta a bochecha ao ombro, a pele ali quente e tensa. Queimada, depois de dias a ser tão cuidadosa. Puxa a cadeira ainda mais para a sombra e olha para o relógio.

– Amanhã por esta hora estaremos em Londres – afirma.

Amber estende a mão e pega numa batata frita, passa-a por um monte de *ketchup* no papel vegetal.

– Sim – diz. – Acho que sim.

– Tens lá amigos?

Amber encolhe os ombros.

– Sim. Pessoas... eu não sei. Conheço lá pessoas.

– A maioria dos teus amigos ainda está lá na terra?

– Não. A maior parte deles foi para a universidade. Jenna, contudo, está em casa... como se isso fosse uma surpresa.

Greta bebe um gole da cerveja, o gás a borbulhar-lhe na língua.

– E tu agora vais estudar?

– Não sei. – O telemóvel de Amber vibra com outra notificação e ela olha para o ecrã. Muda de posição na cadeira e fixa de novo o olhar em Greta. – O que *vais* fazer depois de isto acabar?

Greta olha para o lago. O nariz também está queimado.

– Não sei ao certo. Vamos demorar até concluirmos este projecto. A montar tudo.

– O que aconteceu aos outros miúdos?

Greta olha para ela.

– Quais outros miúdos?

– Os de *Os Meus Pais São Assassinos*. O que foi feito deles depois de o filme sair?

Greta pensa nos três: Otis, Danny, Hayley. Hayley costumava estar sempre a ligar-lhe, pelo menos uma vez por semana, a voz rouca e tímida. Os rapazes enviavam mensagens às vezes, ou escreviam, pelo menos de início. Um postal de Natal de Otis e mais tarde de Otis e da sua mulher e esposa e depois, o último, um terceiro nome, um bebé.

– Ainda vivem no Texas, acho – responde. – Creio que eles tentam levar uma vida normal. Estão felizes.

– São famosos. – Amber roda a sua cerveja na sua toalha de papel. – Achas que as pessoas ainda os reconhecem na rua e essas coisas?

– Não sei. Talvez. Mas... – Cala-se; bebe mais cerveja na esperança de

empurrar a frase.

Amber franze uma sobrancelha.

– Sim, eu sei. É diferente, não é? *Eles* não fizeram nada de errado. *Eles* não mataram ninguém.

– Não é isso que eu ia dizer. (Mas é.)

– Não há problema, Greta. – Amber afunda-se na cadeira, inclina o rosto para o Sol. – Eu sei tomar conta de mim – diz ela, de olhos fechados.

Greta observa o grande barco a vapor a atravessar a água, dois garotos desajeitados no convés a acenarem furiosamente. Pensa de novo em Otis e Danny, os rapazes Miller. Quinze e treze anos, naquele primeiro dia de filmagens, olhos duros e desconfiados. Hayley com a sua pequena boca macia e os caracóis do seu cabelo, a acabarem encharcados nos sítios onde ela os chupava, os pés nas sandálias brancas arranhadas a oscilarem sem parar para a frente e para trás. A mão húmida sempre a procurar a de Danny – e depois, passada uma semana, a de Greta.

– Então, gostas do Tom? – pergunta Amber.

Uma vaga solitária de nuvens desliza inofensiva sob o Sol.

– O quê?

Amber roda a cabeça para a esquerda, abrindo os olhos com um sorriso.

– Oh, vá lá. Tu *adooora-lo*.

Ela pensa em Danny Miller, inclinando-se para ela nas traseiras da casa da sua família, uma mancha de chocolate no canto da boca, a língua a fazer abanar um dente hesitante. *És mesmo bonita, Greta*. Otis e a sua mulher. Hayley, a chupar uma madeixa de cabelo.

– Não te preocupes com isso – diz Amber. – Ele também gosta de ti. Eu consigo perceber isso.

## Capítulo 17

2016

Depois de terem feito sexo pela segunda vez, ele adormeceu. Amber levantou-se suavemente até ficar sentada e observou-o. Ele tinha o braço por cima dos olhos (muitas vezes dormia com o rosto coberto de alguma forma), mas ela delineou a curva do seu maxilar, escuro da barba de vários dias, e depois as linhas mais ténues que se espalhavam a partir dos cantos da boca e do nariz. Provocavam-lhe uma sensação estranha, um sobressalto na barriga. Ele estava a envelhecer. Um homem. Era *excitante*.

Ela não sabia ao certo *quantos anos* ele tinha. Perguntou-lhe algumas vezes; ele parecia arranjar sempre uma maneira de evitar responder. Diria: *A idade é apenas um número, querida* ou *És tão jovem quanto a mulher que te sentes, doceira*, e diria essas coisas com voz de tio pervertido e manhoso e beijava-a, num esforço duplo para acabar com as perguntas. Não que ela se importasse. Ele tinha pelo menos trinta anos, talvez mais perto dos quarenta, mas ela não se importava. Foi um bocado estranho quando pensou que ele poderia ser mais velho que o pai dela, embora Miles parecesse jovem, mais jovem do que ele, mesmo tendo em conta que ele era apenas quatro anos mais velho do que Amber era agora quando ela nasceu. Às vezes, deitada acordada à noite, tentava imaginar-se com um bebé ao colo daqui a quatro anos. Era muito estranho, ela não podia fazer isso. Não podia acreditar que Miles o fizera – e sozinho. Sozinho e a estudar para uma licenciatura ao mesmo tempo. Era incompreensível para ela. Ele desistira de toda a sua vida para cuidar dela, e ela passara toda a infância a sentir-se sortuda, a sentir-se aliviada. Mas agora que tinha idade suficiente para entender o que o mundo tinha para oferecer a alguém – aquilo de que ele abdicara –, sentia-se culpada. Foi *por isso* que continuou a sorrir e a concordar com as ideias tontas deles, que nunca falhou uma hora de entrada em casa, nunca o deixou perceber quando estava bêbeda. Foi por isso que tentou facilitar-lhe a vida.

Pelo menos agora ele tinha aquilo por que esperara desde sempre: Sadie. Não podia mantê-lo afastado dela.

E agora ela tinha Leo.

Conhecera-o algumas semanas antes, numa discoteca de uma cidade ali perto, onde ninguém se importava com a identificação desde que se mostrasse alguma pele e se aparecesse cedo o suficiente. A placa foleira à porta (Comic Sans) dizia The Box, mas era conhecido – universalmente – como *The Pox*. Tinha alcatifas peganhentas e paredes de madeira, e uma sacada a toda a volta da pista de dança, pelo que sempre havia uma grande possibilidade de alguém encostado a ela nos deixar cair uma garrafa na cabeça. Mas os preços eram baixos e a música boa, e em geral havia pelo menos alguns rapazes do secundário por ali. Naquela noite em particular, porém, o clube estava bastante vazio. Tudo bem; Mica e Jenna estavam com ela, e tinham bebido uma garrafa de vinho enquanto iam até lá e depois alguns *shots* no bar e por isso dançaram e fizeram palhaçadas no meio da pista de dança.

Apercebeu-se de que ele estava a observá-la através das paredes espelhadas. Sentado sozinho numa mesa, uma garrafa de cerveja diante dele, uma camisa azul lisa aberta no colarinho. Ele viu-a a olhar para ele e por isso Amber sorriu, Jenna aos encontros a ela, bêbeda.

Mais tarde, ele apareceu atrás dela e pousou-lhe uma das mãos nas costas. Mais alto do que parecia na mesa, o corpo longo e esguio.

– Posso pagar-te uma bebida?

No bar, ela segurou na vodka com coca-cola que ele lhe pagou e deixou-o marcar o número dele no seu telemóvel e carregar na tecla de chamada.

– Posso sair contigo um dia destes? – perguntou, e Amber sorriu de um modo que indicava «talvez». No fim da noite, ela deixou-o ir buscar-lhe o casaco e depois permitiu que ele a beijasse, Mica e Jenna às gargalhadinhas num sofá atrás deles. E então ele desapareceu no meio da multidão e Amber só voltou a saber dele passada uma semana, quando ele lhe ligou sem mais nem menos e a convidou para jantar.

Não que ela não tivesse tido encontros antes – embora não soubesse ao certo se uma ida ao cinema ao sábado à tarde com o primo de Mica contava. Nem foi como se tivesse sido a primeira vez que ela ia *mais longe*, apesar de admitir que era diferente de quando se estava numa casa de banho minúscula ou a tentar encontrar um lugar isolado no parque com os amigos às gargalhadas nos baloiços. Preocupava-se com a hipótese de se poder sentir fora da sua intimidade com ele; com não ter sobre ele o poder que tinha sobre os rapazes da sua idade. Isso assustou-a e, ainda assim, de alguma forma, surpreendeu-se ao dar consigo a fazê-lo à mesma.

Ele não era o namorado perfeito. Muitas vezes teve sensação de que ele não a estava a ouvir, que tinha a cabeça noutro sítio – até, claro, ela tirar a roupa e então os olhos dele fixavam-se nela, o olhar azul frio e inabalável. Esquecia-se ou não se dava ao trabalho de responder às mensagens, revirava os olhos quando ela

mencionava o Facebook, o Snapchat ou o Instagram. Revirava os olhos com frequência, de facto, à maior parte das coisas que ela dizia – uma vez encostando-lhe até um dedo aos lábios para que ela ficasse calada e chocada. Mas Amber gostava dele. Parecia quase não dormir, e apesar de não ser grande coisa a mandar-lhe mensagens, gostava de telefonar, gostava de falar em sussurros, embora só ela tivesse pessoas em casa para a ouvirem. Gostava de o ver mover-se – o modo suave como ele ia de uma divisão para a outra, os passos dele iguais e leves, e o modo inesperadamente delicado como ele passava os dedos sobre a pele dela. A maneira como ele pegava na sua comida tão devagar, pedaços de carne presos entre os pauzinhos e depositados na boca de lábios finos. E o melhor de tudo, o facto de ele ter o seu apartamento – um sítio pequeno e sem alma, sim, mas um lugar onde Amber poderia estar de novo no comando.

Ele virou-se de lado junto dela, o lençol a deslizar sobre a sua pele pálida, o torso comprido e esguio. Com cuidado, ela enfiou a mão debaixo da almofada e agarrou no telemóvel. Uma mensagem de Billie: «Como está a ser? Vestiste o *top* novo? Comi um tubo inteiro de *Phish Food* enquanto via os três DVD do Toy Story 😊» Amber franziu o rosto. Tão pindérico. No entanto, Billie era fofinha e Amber gostava de tê-la como uma espécie de aprendiz. Gostava da maneira como Billie ficava pendente da cada coisa que ela dizia sem contudo parecer sentir o medo que Jenna sentia quando estava perto de Amber. Claro que Jenna fazia os possíveis para escondê-lo, mas estava sempre lá, sob a superfície. Amber metia-lhe medo, e não sentiu tanto prazer com isso como de costume. Em especial agora que os seus outros amigos pareciam estar também a distanciar-se.

*Quem pode culpá-los?*, pensou com amargura. *A tua mãe ouviu vozes e podes estar ou não amaldiçoada. Material superapelativo para melhor amigo.*

Apareceu então uma mensagem de Jenna, como se Amber a tivesse invocado. «Queres que te empreste o meu vestido preto este fds? xxx.»

Pensando bem, talvez ser um pouco assustador tenha os seus benefícios. Era melhor do que o modo como se sentia agora ao pé de Mica e Alisdair. É melhor ser-se temido do que terem pena de nós.

Também havia uma mensagem de Miles, a perguntar a que horas estaria em casa. Ele parara de fazer isso assim tantas vezes desde que Sadie apareceu – não porque não se importasse, ou pelo menos não era isso que ela achava. Embora Amber soubesse que agora estava a mais, a atravessar-se na sua grande reunião romântica, Miles esforçava-se para fazer pequenas coisas de modo a tranquilizá-la. Levando-a para um chocolate quente e um *muffin* aos domingos de manhã, como sempre fez. Guardando determinadas secções do jornal para ela enquanto ele lia o resto. Pedindo-lhe para cortar os vegetais para fritar, porque ela fazia-o melhor do que ele. Todas essas rotinas e tradições que mantiveram ao longo dos anos, tudo aquilo que fez deles – os dois – uma família. E, no entanto, Miles também conseguiu deixar espaço para Sadie tentar reivindicar alguma parte das

coisas por conta própria. Sugerindo que ela e Amber vão juntas comprar algum ingrediente misteriosamente esquecido para o jantar. Ocupando-se com o trabalho de modo a Sadie ser a única disponível para boleias e para ir buscar Amber a algum lado. Esforçara-se para garantir que todos se sentissem em casa, que todos tivessem um papel e um lugar. Mesmo sendo bastante claro que eles – Miles e Amber – já tinham todos os papéis preenchidos, ele tentara.

Portanto, não, não era que ele não a quisesse por perto. Apenas, percebeu Amber, se preocupava menos. Quando Sadie se foi embora, a ideia de que Amber pudesse desaparecer tinha sido a pior coisa que poderia acontecer a Miles – e parecia bastante possível, dado que a sua mulher se levantara e saíra a meio da noite, sem deixar um bilhete. Mas então Sadie voltara outra vez para casa e Miles estava livre para ser o Miles optimista, aquele que via sempre o copo meio cheio, em vez de ser tomado pela ansiedade sempre que parecia surgir alguma possibilidade de crise possível. E mesmo que ela não estivesse assim tão confiante como ele de que Sadie iria ficar, não seria Amber a tirar-lhe essa segurança.

Escreveu uma resposta rápida – «Antes da meia-noite, prometo 😊 xxx.» – e perguntou-se se com aquela mensagem escaparia de ter de estar em casa às onze da noite. Dependeria se Sadie o convencera ou não a partilhar uma garrafa de vinho com ela.

Leo mexeu-se de novo junto dela, começando agora a acordar, por isso Amber deslizou para baixo na cama e virou-se de lado de modo a ficarem frente a frente. Os olhos dele abriram-se e ela sorriu-lhe ensonada.

– Que horas são? – perguntou, e eranojento, mas o hálito quente dele sabia-lhe muito bem de encontro ao rosto.

– Nove – respondeu ela. – Daqui a pouco tenho de ir.

Ele fez beicinho e puxou-a para mais perto.

– Não.

– Sim. – Aconchegou-se nele, embora soubesse que daí a um segundo se levantaria. Chegaria cedo a casa, deixaria Miles feliz. Teria de dizer a Leo que ia encontrar-se com uma amiga; que iam beber um copo; trabalhos da escola – aquilo que lhe viesse à boca com mais naturalidade.

Ele passou a mão pelo flanco dela, do ombro ao joelho e depois de novo o percurso inverso, aproximou o rosto do dela.

– És incrível – sussurrou ele, as palavras quentes no pescoço dela. – Especial.

E ela quase sentiu pena dele.



A luz desligou-se no corredor, passos junto à porta. Sadie abraçou a almofada desconhecida de encontro ao peito. Por fim os pais de Helen e Marie foram dormir. Justine estendeu a mão e agarrou a dela, o saco-cama a abafar o som delas mesmo enquanto ela falava.

– Está quase na hora – disse Justine, o seu hálito quente e doce no escuro. – Estás pronta?

– Sim – respondeu Sadie. A escuridão não a assustou. Ela sabia que ele não a visitaria ali, não com todas elas juntas. O Tall Man tinha as suas meninas especiais e o seu tempo com elas também era especial, não era para ser partilhado. Procurava-as na altura certa, quando estavam sozinhas. Ela e Justine sabiam ambas disso. Não era culpa delas se os outros ainda não estavam prontos para ele.

Tacteu a sua lanterna debaixo da almofada.

– E se formos apanhadas? – sussurrou Helen.

Marie já estava de pé, a arrumar cuidadosamente as coisas na mochila.

– Se ficares calada não seremos apanhadas, totó. Pára de fazer tanto barulho a respirar.

– Não consigo controlar minha a respiração, Marie. Por que és tão má?

– Cala-te. – Justine enfiou uma sweatshirt pela cabeça. – Isto é importante, meninas. Temos de fazer isto como deve ser.

– Se formos apanhadas, vamos ter montes de problemas. – Mas Helen também estava fora da cama, a puxar as meias grossas por cima das calças do pijama.

– Não vamos ser apanhadas – disse Sadie.

Sabia que não seriam. Ele mantê-las-ia em segurança.

Abriam a porta e sentaram-se perto dela, à escuta. Ouviu-se um rangido do colchão e depois silêncio. Marie deu uma cotovelada nas costelas de Helen.

– Ainda estás a fazer isso – sussurrou, mas Sadie não conseguia ouvir Helen a respirar. Apenas ouvia o palpitar da sua pulsação.

Pareceu demorar uma eternidade até ouvirem o rressonar do pai de Helen e Marie. Marie levantou-se.

– Okay, vamos lá.

Ela foi à frente avançando pelo corredor e desceu as escadas, mostrando-lhes qual o degrau que rangia, Helen quase a tropeçar enquanto tentava evitá-lo. Sadie sentiu algo a ferver dentro dela como riso. Um desejo de gritar ou cantar, de sair a correr pela porta e rodopiar sob o céu negro noturno. Estavam de facto a fazê-lo. Iam a caminho do bosque ao encontro dele.

As ruas pareciam diferentes no escuro. As casas a dormirem, carros silenciosos nos caminhos de acesso. Atalharam pela parte lateral da propriedade até ao carreiro que seguia através dos campos e em direcção ao rio, ao bosque. Assim que se viram ao abrigo das árvores, acenderam as suas lanternas e Sadie sentiu que podia respirar novamente.

– Diz-nos outra vez o que temos de fazer, Justine. – Helen corria para acompanhá-las. Tivera de calçar os seus sapatos da escola e as meias fofas antiderrapantes saíam deles, a sweatshirt do pai a pender-lhe por cima do pijama. Parecia uma criança e Sadie sentia vergonha por ela. – Será que vai resultar? – Parecia sem fôlego, embora Sadie não conseguisse dizer se era emoção, medo ou asma.

– Vai resultar – disse Marie, sorrindo para Justine. – O rapaz que mora ao lado da avó de Justine falou-nos disso.

Sadie já tinha visto o rapaz antes. Cabelos loiros cor de areia e sardas, calças de fato de treino e T-shirts sujas. Às vezes, quando iam chamar Justine, ele observava-as de uma janela. Em todo o caso, ela odiava aquela casa, com as suas cortinas amarelas empoeiradas, o cheiro a repolho que emanava sempre quando a avó de Justine abria a porta. Helen dissera-lhe que Justine tinha de morar lá porque a mãe dela estava na prisão, mas muitas vezes Helen percebia mal as histórias e por isso nem sempre era uma boa ideia dar-lhe ouvidos.

– E vamos vê-lo? O Tall Man?

Helen tropeçou numa pedra solta, a mão pegajosa a erguer-se e a agarrar o braço de Sadie. As árvores estremeceram com a brisa.

Pensou no Tall Man que viu nos seus sonhos. Por esta altura ele já lhe mostrara todos os seus rostos. Às vezes ele era suave e gentil, com um brilho de estrela de cinema nos olhos. Disse-lhe que ela era especial e que iria protegê-la. Às vezes usava o seu outro rosto e ficava nas sombras, a voz a deslizar para a luz. Uma mão pálida com os dedos compridos estendidos e a dobrarem-se sobre os dela.

– Ouvi dizer que ele levou uma rapariga em Manchester – disse Justine. – Ela desapareceu da cama uma noite.

– Achas que ele nos vai mostrá-la? – perguntou Helen. – Como àqueles miúdos da revista?

Justine abanou a cabeça.

– Nós ainda não somos especiais. É por isso que temos de lhe provar o nosso valor.

Chegaram à clareira, o lugar onde vinham fazer-lhe oferendas, para queimar as suas cartas para ele. Recordou-se da última que escrevera: quero ser especial. Lembrou-se de olhar para Justine enquanto a chama se erguia, o papel a escurecer.

Nunca me deixes. O modo como olhou para cima e viu Justine a observá-la, os olhos dela a brilharem com a luz laranja bruxuleante. Largou a carta em chamuscas, deixou-a cair aos pés de Sadie. Os seus olhos nunca abandonaram os de Sadie ao levantar o pé para a pisar.

Não havia estrelas no céu e a escuridão no bosque era quase completa. Os focos das suas lanternas dançaram por entre as árvores, a respiração delas a pairar no ar.

– Aqui. – Justine desenhóu um círculo no chão com a ponta da sua sapatilha. – Quem a tem?

E Marie ajoelhou-se e abriu o fecho da mochila, retirando a sweatshirt enrolada que enfiara lá dentro.

– Aponta a luz para aqui, Helen, sua parvalhona.

Desenrolou uma manga e depois a outra, e lá estava a faca que roubara da cozinha enquanto o pai preparava o vídeo para elas na sala de estar. Foi então que Sadie sentiu a primeira pontada de medo. A mão de Helen a deslizar para a dela fê-la dar um salto.

– Vai doer? – perguntou Helen.

– Sim. – Justine encolheu os ombros. – Mas temos de lhe dar alguma coisa se quisermos que ele nos dê coisas a nós. – Tirou a faca a Marie. – Quem é a primeira?

Ninguém falou. Fosse como fosse, não importava. Os olhos de Justine estavam fixos em Sadie.

Estendeu a palma da mão. Fechou os olhos quando a lâmina a cortou; quando o vento lhe sussurrou ao ouvido.

## Capítulo 18

2018

As luzes da cabina estão apagadas, as persianas da janela puxadas para baixo. Greta vagueia desconfortavelmente através dos sonhos, os sons suaves das pessoas ao seu redor (o tilintar suave do carrinho, a tripulação a sussurrar na área de serviço em frente a elas), nunca apagada pelo sono. Sente-se culpada por deixar Tom e Luca em económica, ainda que quando lá foi, uma hora após terem descolado, ambos estivessem a dormir – Tom com a cabeça encostada ao avião, um casaco enroscado entre o ombro e a cara, Luca a escorregar pelo assento, as pernas magras esticadas debaixo do assento à frente do dele e a máscara de dormir puxada para baixo. Sente a sua máscara áspera e exagerada no rosto; um adereço. Recorda-se do *e-mail* de Federica no início da semana: *Tampões para os ouvidos, querida. Nunca viages sem eles.* Não sabe ao certo se teriam ajudado em todo o caso.

Encontram-se a meio do Atlântico quando ela sente Amber mudar de posição no assento ao lado dela. Puxa a máscara para cima, a pestanejar, e o rosto de Amber está próximo do seu, os olhos abertos. Olham uma para a outra durante um bocado, o ar reciclado a jorrar sem parar dos ventiladores por cima delas. Então Amber vira-se, atirando a manta para cima do ombro. Greta puxa a máscara para baixo e deita-se de costas, a olhar para os compartimentos de arrumação por cima delas.

Isto é diferente de como foi com os Miller. Na altura ela era apenas uma assistente; ia às reuniões e apareceu para filmar durante dias e fez as perguntas que a mandaram fazer quando se tornou claro que os miúdos tinham ganhado confiança nela. Desta vez, ela tem estado envolvida desde o início – esteve presente ao longo de toda a investigação, recolha de indícios e dispensas, em todos os passos, nas consultas e nas entrevistas iniciais. Estava presente no dia em que Federica teve o seu primeiro encontro com Amber – sozinha, num bar de vinhos no Soho – quando Federica voltou ao apartamento e sorriu para Greta e Millie, com uma garrafa de champanhe na mão. *Ela é perfeita*, dissera ela. *É*

*mesmo esta.* Greta ouviu Federica contar e recontar a história de Sadie e Amber Banner e os seus fantasmas a executivos e investidores e, uma vez, a um grupo de estranhos no *pub*.

É Greta, porém, quem tem de encontrar as peças para eles juntarem. Greta, que tem de procurar registos policiais e registos de terras e registos eleitorais, que tem de perseguir vários estranhos através das suas redes sociais para preencher algum pormenor marginal que Federica decidirá, a dada altura, ser irrelevante. Greta passou meses a perseguir um fantasma através de condados e países, mas não é um homem, alto ou não, apenas uma mãe a fugir sem parar.

Não é?

Olha de novo para a nuca de Amber, o monte de cabelo com madeixas descoloradas. Tenta imaginá-la recém-nascida, a criança amaldiçoada. Tenta imaginar o que Sadie Banner viu, a olhar para aquele rosto pequenino na alcofa, mais um conjunto de respirações atrás delas na escuridão. Pensa no ficheiro áudio que Federica carregou na *drive* partilhada ontem à noite, um telefonema gravado. Nenhuma nota a dizer se a mulher sabia ou não que estava a ser gravada ou onde Federica a encontrou, se as suas declarações foram verificadas. Desde que a imprensa percebeu que a aclamada Federica Sosa estava a filmar o seu próximo projecto e que o caso Banner estava no centro dele, apareciam pessoas de todo o género a oferecerem as suas histórias. Pessoas que afirmam que Sadie Banner estava possuída pelo demónio, que afirmam que ela era sua companheira de brincadeiras enquanto criança. Pessoas que afirmam que Amber Banner não é quem diz ser, que a verdadeira Amber Banner morreu em pequena ou foi levada. Que toda a história do *Tall Man* é um encobrimento. É essa a verdade.

Mas esta mulher estava calada, nervosa. Sem quaisquer apontamentos, é difícil ter a certeza, mas não parece que ela tenha vindo oferecer a sua história – é mais provável que tenha sido localizada numa das pesquisas febris de Federica, provavelmente com Millie na cama ou no trabalho, Federica carregada de caféina e nervosa e determinada a perseguir qualquer ponta solta que tivesse por momentos nas mãos.

– A senhora morou em Wombleton em 2005 – dissera Federica, sem qualquer indício de pergunta e a respiração pesada na linha.

– Sim.

– Ao seu lado, durante seis meses, viveu uma mulher que antes era conhecida como Sadie Banner.

– Não... Bem, eu não sabia disso. Quando dei a volta à casa para lhe dizer olá, ela disse-me que se chamava Jane.

Um silêncio de Federica, a mulher nervosa de mais para não o preencher.

– Mas sim, olhando para a fotografia que você me enviou, e os jornais e aquilo, ela era ela. Sadie.

- Falava com ela com frequência?
- Não. Ela era pacata, mantinha-se na sua. Andava a pé a horas esquisitas durante a noite, dormia a maior parte do dia, esse género de coisas.
- Porquê, qual era o emprego dela?
- Fazia uns biscates. Fez limpezas no *pub* durante uns tempos, depois deixou de aparecer. Também trabalhou um tempo como empregada de mesa num café em Pickering. Disse-me que tinha trabalhado numa fábrica antes de se mudar, turnos da noite, por isso tinha o sono descontrolado.
- Falavam muitas vezes?
- Não. Mal a vi depois daquela primeira vez quando ela se mudou.
- Não achou estranho?
- Não, era uma boa vizinha para se ter. Não dava problemas, era educada se nos cruzássemos na rua.
- Então, não dava problemas?
- Bem...

Greta recorda-se de que aquela hesitação é a mais clara de todas. Quando a ouviu nos seus auriculares no carro a caminho do aeroporto, fez a pulsação dela acelerar. A história estava ali, naquela frase arrastada, naquela suposição. E Federica era o tubarão a rondar a gaiola, à espera de que ela se aventurasse. A sede de sangue perpassou Greta a contragosto, e aumentou o volume do telemóvel para ouvir o que viria a seguir. Está tentada a sentar-se agora e ouvi-lo de novo, apesar de se lembrar de cada palavra.

- Houve algumas vezes...
- Sim?
- Os meus filhos diziam que havia um homem a observá-los. O namorado dela. Costumava ficar no quintal quando eles 'tavam a brincar e tal. Não lhes acenava se eles lhes dissessem olá, apenas sorria. Isso deixava-os, tipo, inquietos.
- Viu-o?
- Uma vez. Era de noite e eu 'tava a passear o cão à frente da casa. Um tipo qualquer 'tava a correr as cortinas do quarto.

– Isso não parece particularmente memorável.

A hesitação está lá de novo, a respiração da mulher lenta e pesada. Mas a história está em movimento agora. Já há sangue na água.

- Bem, já era tarde – diz ela – e eu 'tava cansada e o cão, um rafeirito que tínhamos, chato como o diabo, ficou parado ali no passeio e não consegui que saísse dali. Ele era assim, não fazia nada do que mandávamos. Ia e vinha quando lhe apetecida e se não viesse, bem, era uma porra. Então eu 'tava lá, a puxar a trela e a gelar o rabo e ele ali, a olhar para a casa. A casa de Jane. Então eu olhei para cima também e vi-o lá, na janela.

- E como o descreveria?
- Uma pausa mais longa; Greta vira-se de lado e pondera. Não é uma hesitação.

Uma simples busca por uma resposta que de repente se tornou evasiva.

– Era um homem grande – acabou a mulher por dizer (duvidosa). – Tinha a iluminação da rua mesmo à frente por isso não via grande coisa através do vidro, nem a cara dele nem népia. Só o vi correr as cortinas e, quando olhei para cima, ele parou por um segundo e ’tava a olhar para mim. Mas com a luz da rua, como eu digo, não consegui ver a cara dele. Ele só ficou ali parado lá e eu fiquei ali parada, e a porra do cão ’tava ali parado e então ele acabou de correr as cortinas e tive de arrastar o cão até casa.

– E viu-o depois disso?

– Não. – A mulher impaciente agora; a história ali à espera. – Olha, o caso é que, quando cheguei ao meu caminho da frente, olhei para trás, apesar de o cão me ’tar a arrastar na altura, ele ’tava ansioso por entrar. Olhei para trás e vi...

Desta vez, Greta pode dizer que Federica deixa o silêncio instalar-se porque o interesse dela está a diminuir. Mas talvez seja isso que permitiu à mulher dizer o que disse a seguir; algo que sob maior escrutínio ela poderia hesitar em dizer em voz alta.

– Vi que as janelas ’tavam como antes. Nada de cortinas fechadas. Apenas a luz do quarto acesa, embora eu o tivesse visto lá, visto ele puxá-las. Cortinas abertas, sem nenhum tipo lá, o cão a rosnar feito doido. Eu ’tava meio tocada, admito, mas lembro-me disso. Foi estranho o suficiente para eu me lembrar disso.

– Okay. – A voz de Federica foi cuidadosamente modulada, até Greta é incapaz de discernir se ela levou aquilo a sério. – E o que aconteceu a seguir?

– No dia seguinte, os miúdos viram-no outra vez a observá-los. ’Tava calor quente e eles ’tavam a brincar com a mangueira e a piscina insuflável que era do primo deles, e ele ’tava a vê-los.

– Viu-o?

– Bem, não. Mas Gemma, a minha mais nova, ficou logo incomodada com isso, não saiu à rua o resto do fim-de-semana. Então eu fui lá. Disse à Jane «o seu namorado anda a olhar para onde não deve».

– Como reagiu ela?

– Ela não disse grande coisa mas em todo o caso nunca dizia. Pediu desculpa e disse que não voltaria a acontecer e foi isso. Eu fui para casa.

– E aconteceu outra vez?

– Não. No dia seguinte, ela foi-se embora. Nenhuma carrinha de mudanças, nada. Nós só notámos quando o meu companheiro, que trabalha com o agente imobiliário em Pickering, me contou e, naquela época, eles arranjaram um novo inquilino, foi um negócio garantido. Fim de Jane. Os seguintes eram umas bestas, deixe-me dizer-lhe. Música a toda a hora, a praguejar aos gritos metade do dia. Fazia-nos dar valor a como Jane se portara bem.

– Manteve contacto com ela desde então?

A resposta da mulher foi não. O rasto na cabeça de Greta piscou, mas já todas

as coisas que ela sabia sobre Sadie Banner começaram a surgir, reajustando-se gradualmente para acomodar essa nova peça do quebra-cabeças. Mais um quadrado preenchido na grade. Um passo mais perto.

Ela vira-se para o outro lado, de costas para Amber, e por fim o sono aparece. No entanto, quando isso acontece, é preenchido, como sempre, com a sensação da pequena mão húmida de Hayley Miller na dela, com o som de uma criança a chorar, a chorar e a chorar.



## Capítulo 19

2016

Na segunda-feira, Sadie estava sozinha de novo. Não era o tipo de solidão a que estava acostumada, mas pelo menos começava a sentir-se menos como uma intrusa, Caracolinhos de Ouro à espera do regresso dos ursos. O silêncio foi um alívio. O fim-de-semana esgotara-a; a infindável ressaca do sábado, a chegada dos pais de Miles no domingo para o almoço. Miles na cozinha, atarefado na bancada, a pincelar individualmente batatas com gordura de ganso; Sadie a reabastecer infinitos gins tónicos e a endireitar os marcadores de lugares. E Amber no centro de tudo aquilo; a brincar com o avô, a permitir que a mãe de Miles lhe afastasse o cabelo do rosto, lhe agarrasse o queixo entre os dedos e examinasse o rosto com interesse. Amber a começar as conversas à mesa, deslizando sem esforço pelos silêncios em que os restantes pareciam estagnar.

Seis visitas agora, e Sadie perguntou-se se começara a encontrar o seu lugar neste pequeno espaço da rotina da sua família. Mesmo no início, naquela primeira noite, com Miles a agarrar-se a ela e as lágrimas dele a encharcaram o ombro sujo da sua *T-shirt* – mesmo com Amber, aparecendo boquiaberta e com ar de quem acabara de se levantar no último degrau de pijama, como se Miles a tivesse convidado a vir conhecer o Pai Natal – Sadie sabia que Frances e John Banner seriam os mais difíceis de vencer. Eles sempre foram.

Da primeira vez que eles vieram depois do seu regresso, Frances evitou olhar para ela durante pelo menos uma hora, e Sadie queria fundir-se na parede, enrolar-se num canto, qualquer coisa para a ajudar. Sabia que devia dizer alguma coisa, mas como começar? E portanto foram silêncios rígidos e o encorajamento falso de John a formar uma nota de fundo alegre para a conversa de circunstância animada de Miles. Amber sentada na sua cadeira, a observar todos com aquele sorriso. A divertir-se.

Agora, todos estavam a acostumar-se de novo uns aos outros. Ainda havia momentos desconfortáveis – John, o seu terceiro gim tónico quase vazio, a cortar o pão-de-ló que Sadie fizera (os *cupcakes* de Amber nunca se materializando) e a

perguntar: «Fazias muitos bolos, Sadie? Lá onde estiveste?» – mas, na maior parte do tempo, era o género de desconforto de que ela se lembrava quando eles eram um casal de início, quando precisaram de contar que ela engravidara. Antes de tudo aquilo.

Bem, não antes de *tudo* aquilo.

Houve um momento depois de eles terem saído ontem, quando Amber entrou na cozinha e encontrou Sadie a encher a máquina de lavar louça, o seu copo de gim na bancada ao lado dela. Endireitou-se, incerta, quando Amber se aproximou, pegou no pano da loiça que Sadie tinha posto ao ombro e começou a secar os copos que havia no escorredor.

– Não tem de fazer isso – disse Sadie, surpreendida, mas Amber apenas encolheu os ombros.

– Eu quero – disse ela, aumentando o volume do rádio – Four Tops a passarem – e acabaram de arrumar a cozinha juntas.

Ela pensou nessa lembrança agora, sozinha no estúdio de Miles, e então pensou em Frances e Amber juntas à luz brilhante das portas do pátio depois do almoço, as três sozinhas na sala. Uma mãe e uma mãe e uma filha. Será que as coisas poderiam ser assim tão simples?

O seu telemóvel vibrou em cima da mesa, o seu coração a estremecer dolorosamente. Leanna: «Apetece-te almoçarmos na quarta-feira?» Escreveu uma resposta e desligou o telemóvel.

Não se conseguia livrar, agora, daquela lembrança de Amber perto dela. A pegar no pano da loiça que Sadie tinha no ombro, as pontas dos dedos dela a rasparem na pele não protegida por ele. Estava calor, a cozinha abafada e o osso de borrego fora deixado na assadeira em cima da bancada, de modo que o seu cheiro gorduroso pairava no ar, os últimos pedacinhos de carne a encarquilharem-se ao secar. Sadie não conseguia separar a imagem de Justine, a aproximar-se dela no bosque, o hálito doce enjoativo e os lábios pegajosos de açúcar. *Ele pode tornar-te especial, se lhe pedires.* Justine a desenhar um círculo no chão com a ponta do sapato; Justine sentada no degrau de um passeio, um gato a enroscar-se-lhe nas pernas. A enterrar uma faca de cozinha na palma da mão de Sadie, o sangue a escorrer-lhe pelos dedos e a pingar no chão.

Uma tábua do soalho rangeu no quarto ao lado. O quarto de Amber, embora Amber tivesse saído para a escola há várias horas.

Endireitou-se, inspirou fundo. Amber não era Justine, não era Sadie. Ela não era uma delas; ela estava segura. Tinha de estar. Não poderia ter sido tudo em vão – Sadie levava o *Tall Man* para longe da sua filha, protegeu-a. E ainda assim não conseguia livrar-se da sensação de que havia algo de errado.

Outro rangido, mais perto da parede desta vez, e por um segundo pensou ouvir as primeiras notas daquela gargalhada que deixara para trás. Esperou que o som se transformasse numa sirene algures ao longe, o seu ribombar vacilante ao

chegar até ela.

Procurou regressar à tarefa mundana e monumental de tentar arranjar emprego. Parecia estranho, como muitas vezes, estar a fazer as coisas da maneira que toda a gente fazia. A procurar em *sites* de emprego de cores vivas, em vez de pedir informações clandestinamente, a ver anúncios nas montras das lojas decadentes, anúncios baratos nos jornais locais. Ela limpava, cozinhava, empacotava, embrulhava e contava. De cada uma das vezes pensava ter encontrado um lugar onde pudesse guardar as sombras para si. E de cada uma das vezes provou-se estar enganada. Recordou a sensação de alívio naquele primeiro ano, na casinha perto de Peterhead. Um trabalho de limpeza numa fábrica, o turno da noite, os trabalhadores fora das instalações. Apenas ela e a esfregona, o riso ocasional dos cantos escuros. Um pequeno conjunto de passos a fazer eco dos dela. Então a fábrica fechou, Sadie transferida pela agência para uma escola. Recordou o pavor profundo e avassalador quando a informaram, como gaguejou e tropeçou nas suas palavras enquanto tentava pensar numa razão pela qual não poderia trabalhar num sítio onde haveria crianças. *Oh, não se preocupe*, dissera a mulher, ansiosa por se livrar dela. *É fora de horas, as crianças vão estar muito longe quando você estiver lá*. E isso era verdade, pelo menos de início. Ela começara a desconstrair de novo, começara inclusive a perguntar-se se ele poderia tê-la deixado para sempre. Mas então, uma noite, o velho aspirador desenchavado ligado, virou-se e viu a porta da sala de aulas aberta. Uma menina e a mãe, um ursinho de peluche preferido deixado para trás. E quando a criança correu para o ir buscar, Sadie ouviu o *Tall Man* sussurrar-lhe ao ouvido. Vira a sua menina sair das sombras com o seu vestido terrível manchado de sangue e ir até junto da criança. O rosto a aproximar-se dela, absorvendo-a, enquanto a mãe, indiferente, tagarelava ao lado de Sadie.

Arrumara as suas coisas e saíra da cidade naquela noite, o seu último ordenado deixado por levantar.

Portanto, sim, parecia estranho estar outra vez à procura de emprego. Nos meses – nos anos – antes de ela voltar, sozinha em Skye, limitou-se a interagir apenas *on-line* onde pudesse. Móveis antigos comprados em *sites* de leilão, lixados e pintados na sua garagem vazia e depois revendidos nesses mesmos *sites*. Compras feitas *on-line*, levantadas no ponto de recolha ao amanhecer. Ela escondera-se e, ao fazê-lo, fê-lo finalmente perder o interesse nela.

E agora estava a deixar outras pessoas entrarem de novo. Abriu o *browser* do computador – mas, em vez de abrir uma nova janela, recarregou uma antiga. Não a sua conta de *e-mail*, mas a de Miles. A sua conta do trabalho, os restantes separadores da página inicial da universidade a carregarem no topo da página.

Hesitou. Aquilo era tentador; sabia pouco sobre a vida de Miles no trabalho. Ele falava algumas vezes sobre as suas aulas durante o jantar, contava histórias engraçadas sobre alunos que vinham de ressaca ou com desculpas elaboradas e

improváveis para não entregarem os seus trabalhos. Mas aqui havia *e-mails* de outros membros da equipa, dos seus colegas, alguns amigáveis, alguns fixes, e aqui estava ela, intrometida, sem ser convidada. *Não é a tua vida.*

Reparou num *e-mail* a meio da página, uma conta anónima: SomeoneSpecial@gmail.com. Nenhuma linha de assunto. A boca de súbito seca, o coração a palpar no peito. Clicou nele.

«Vem ter comigo às 15h30 no Limonada e não direi nada», dizia. Ao lado havia um *smiley*. A piscar o olho.

À hora do almoço, Amber, Jenna e Billie estavam sentadas no muro junto ao bloco de Ciências, a partilharem a salada de frutas que Leanna tinha preparado para Billie. Amber verificou a mensagem que enviara a Mica durante o último tempo mas aparecia como entregue, por ler, e o som dos calcanhares de Billie a baterem preguiçosamente contra o muro fê-la sentir que algo dentro dela estava a ficar cada vez mais e mais apertado.

– O Jake andou a perguntar por ti no WhatsApp ontem à noite – disse Jenna, vasculhando o *tupperware* para apanhar mais um morango. – Deste-lhe mesmo uma tampa depois do teu aniversário, não foi?

Amber olhou para Billie, cujas faces estavam rosadas. Os seus calcanhares bateram com mais força contra o muro.

– Ele está a fim da Bill – disse, olhando para Jenna. – Tu não sabes nada sobre rapazes?

Billie sorriu-lhe, mas aquilo que crescia dentro de Amber continuou a girar para dentro, as suas entranhas presas e quentes. Às vezes, sentia-se como se houvesse uma outra Amber inteira dentro dela lá no fundo, que um dia, se ela não fosse cuidadosa, poderia explodir.

Ela não podia evitar sentir medo de que isso fosse algo que apenas Sadie pudesse entender.

Depois das aulas, foi até casa de Leo. Ele veio abrir a porta de pijama, o peito nu, e puxou-a para um beijo. A porta fechou-se atrás dela.

Quando ele a soltou, Amber seguiu-o até à cozinha, onde o ar cheirava a queimado, embora estivesse tudo limpo e a loiça arrumada. Ele parecia nunca comer nem desarrumar. Parecia que era apenas a presença dela ali que fazia as coisas mexerem-se. Observou os músculos das costas dele flectirem enquanto enchia a chaleira e tirava as canecas do armário.

– Como foi o teu dia? – perguntou.

Ela dissera-lhe que era aluna na universidade de Miles – embora tivesse omitido o facto de que o pai dela trabalhava lá – e que ia e vinha todos os dias e

que morava em casa para ajudar a cuidar da sua mãe doente. Isso, refletiu, estava perto da verdade e, portanto, não havia problema nenhum.

– Nada mal. – Despiu o casaco. A farda da escola estava escondida em segurança no fundo do saco; a roupa que ela guardou lá esta manhã tirada e as meias alisadas na casa de banho da escola.

– O que andas a aprender esta semana? – Ele encostou-se à bancada, a observá-la enquanto ela pendurava o casaco na cadeira, o calor da atenção dele a causar excitação nela.

Esta parte era demasiado fácil para a poder de facto apreciar. Ouvira o pai falar sobre as suas palestras desde, oh, desde o início dos tempos, e tinha a certeza de que por esta altura já quase se formara.

– A reabilitação de criminosos – respondeu com ligeireza, encostando-se também à bancada. – Tipo, como e porquê as pessoas podem tornar-se de novo uma parte útil da sociedade.

Os olhos dele brilhavam quando sorria. Tentou não olhar durante muito tempo, porque perceber isso fez a sua barriga ficar quente por dentro.

– Miúda tão inteligente – disse ele, e então estendeu o braço. – Anda cá.

Ela deixou-o abraçá-la. Deixou-o levá-la.



Mais tarde, quando estavam esparramados no sofá, ele começou a enroscar uma madeixa de cabelo dela em volta dos dedos, enrolando-a e desenrolando-a preguiçosamente enquanto permaneciam em silêncio. Uma mancha de humidade começara a arrastar-se pelo gesso novo, uma velha fuga coberta demasiada à pressa. Havia um cheiro que se espalhava pelo apartamento de vez em quando – um cheiro a podre e purulento.

– Gostas disto aqui? – perguntou.

– Desta cidade? – Ela encolheu os ombros, a pele colada à dele e ao cabedal do sofá. – É uma seca. Não há muito que fazer, não é?

– Onde viviam os teus pais antes?

– Em Reading.

– Foi lá que eles se conheceram?

– Sim, na universidade. Vamos ligar a televisão?

Ele estendeu a mão para pegar no comando, embora não tenha apontado para a televisão. A sua outra mão trabalhava sem parar naquela mesma madeixa de cabelo, o couro cabeludo repuxado.

– Reading. Como foram ambos ali parar?

– Não sei. – Ela estendeu a mão e tirou-lhe o comando, fazendo o aparelho ganhar vida. Os programas diurnos entraram na divisão, uma mulher de fato cor-de-rosa-vivo a mostrar a um casal uma cozinha forrada com papel de parede.

– Onde crescestes?

– Aqui e ali.

Ela revirou os olhos.

– E não *te* aborreces aqui?

Ele olhou-a com aqueles olhos a brilharem de novo, a boca a formar uma linha dura.

– Consigo manter-me entretido.

O estômago dela revirou-se, mas ele apenas estendeu a mão por cima dela e tirou um copo de água com ar parado da mesa de café atrás deles. Bebeu um gole ruidoso e depois outro antes de lho oferecer. Ela abanou a cabeça. O casal na televisão estava inseguro em relação aos armários novos.

– Então, como está a tua mãe? – perguntou Leo, bebendo outro gole de água que lhe escorreu pelo canto da boca, embora ele não o tenha limpo.

Amber mudou de posição, o sofá de cabedal a raspar-lhe na perna nua.

– Ela está bem. Quero dizer, tão bem quanto pode estar.

Ele tinha agora nas mãos um pedaço de cabelo dela, deixando-o escorrer por entre os dedos e, a seguir, voltando a pegar-lhe.

– O que disseste que ela tem?

A mulher de fato cor-de-rosa estava agora a mostrar a uma criança sardenta o seu quarto novo, os roupeiros inacabados.

– Ela tem umas alucinações – disse Amber. – Ela não é, sabes, certa. – Rodou um dedo na têmpora, o sinal universal para «louco». Já passara algum tempo; a modos que tem de se desenvolver uma estenografia. Não que quisesse insistir nessa conversa, em especial quando podia sentir os olhos dele nela. *Não sintas pena de mim*, queria dizer, porque a ideia revoltava-a.

– O que vais fazer no fim-de-semana? – questionou, mudando de assunto, e quando ela olhou para ele, o rosto de Leo alterara-se. Uma porta fechada.

– Provavelmente não vou estar por aqui – disse ele. – Tenho de ir a um sítio.

– Oh! – Ela sentou-se, de repente fria e exposta. Queria que ele a tocasse de novo, mas ele não o fez; Leo continuou a ver televisão enquanto a câmara percorria a casa recém-remodelada e os créditos começaram a passar. Ela queria tocar-lhe, mas não conseguia fazê-lo; as mãos pareciam-lhe de repente pesadas e desajeitadas.

– Também vou estar bastante ocupada – disse ela. – Muito trabalho para fazer e muitas pessoas com quem terei de me encontrar.

– Hum. – Ele olhou para ela, inclinando-se para lhe dar um beijo rápido que não parecia ser sincero. – Devias ir andando. Preciso de ir ter com uma pessoa esta noite.

– Certo, sim. – Amber levantou-se rápida, apanhando as calças de ganga do chão. – Seja como for, preciso de ir embora.

Ele observou-a a vestir-se e ela sentiu-se corada e trémula. Dissera algo de errado, fizera algo de errado. Depilara-se à pressa no chuveiro esta manhã –

podia ter deixado escapar algum pêlo. Fizera algum barulho estranho? Estaria suada da caminhada até ali? O mais provável era que fosse pena, porque quem se excitava com pena? Quando ela foi até à cozinha buscar a mala e as botas, ele seguiu-a, como se estivesse a tentar certificar-se de que ela ia embora. Amber sentiu algo a esgaravatar dentro dela, uma vibração de pânico. Ela tinha de dizer a coisa certa, agir da maneira certa, orientá-los de volta ao caminho certo – se ao menos conseguisse descobrir o quê.

– Bem, adeus – disse à porta.

Queria perguntar-lhe quando iria vê-lo de novo, mas isso era desesperado e ela *não* iria descer tão baixo.

– Adeus. – Ele inclinou-se para beijá-la outra vez, e foi um pouco mais longo agora, uma melhoria, embora nada parecido com o que ela queria, não com afeição ou dureza ou como se precisasse dela. – Eu ligo-te.

E então a porta fechou-se e ela teve de se virar. Meteu a mala ao ombro e embrulhou-se mais no casaco – hoje o Sol pairava baixo e pálido no céu, o vento a rugir descontrolado pelas ruas.

Durante todo o caminho até ao autocarro e todo o trajecto até casa, convenceu-se de que não se importava. Disse para consigo que não sentia vontade de chorar; não chorava há anos.

## Capítulo 20

2018

O avião começa a sua descida por entre um cinzento escorregadio que tremeluz pelas janelas enquanto os tabuleiros são rebatidos e os assentos começam a deslizar para cima de novo. Greta sente-se empoeirada e enjoada, a pele e a boca secas e a cabeça a doer pela falta de sono. Sonhou outra vez com o Texas e os miúdos Miller, e por fim voltara a despertar três horas antes, passando o resto do voo encolhida debaixo da manta da companhia aérea, a ver os filmes mais fúteis que conseguisse encontrar. Amber, por outro lado, só abriu os olhos quando veio o pequeno-almoço, partindo ao meio o *croissant* indesejado de Greta mesmo enquanto comia o seu; a afundar o garfo nos ovos que pareciam miolos por entre golinhos de sumo de laranja.

– Talheres a sério – comentou, maravilhada, quando o garfo regressou outra vez ao prato, a língua dela pegajosa de ovo. – Pratos a sério. É assim que é ser rico, não é?

E agora parece estar outra vez a dormir, a manta de novo por cima dela e a cabeça enfiada num dos lados do encosto de cabeça. *Lá se vai a insónia*, pensa Greta, embora lhe pareça agora que a posição de dormir de Amber é estranhamente imóvel, quase rígida. Imagina Amber acordada durante todo aquele tempo, olhos fechados, e não consegue impedir um tremor. Anseia pelo momento em que possa sair daquela cabina com o seu ar gelado e seu interior vermelho.

O avião vai descendo de modo constante e os copos tilintam ao serem arrumados na área de serviço. O último filme de Greta desaparece, o ecrã a piscar e aparecendo depois um mapa da sua rota, e ela olha ao invés pela janela. O campo lá em baixo estende-se na sua manta de retalhos de castanhos e verdes, o ocasional azul incongruente de uma piscina enquanto as casas aumentam e depois encolhem de novo, fileiras de terraços a ziguezaguearem em apertados nós em cidades.

Greta olha para Amber enquanto o chão se apressa a vir ao encontro delas.



Está quase na hora de a entregar e, no entanto, Greta não pode deixar de sentir que o fardo está apenas a começar.



Federica está à espera deles junto de um aglomerado de famílias, com rostos ansiosos e cartazes em posição, de óculos de sol e um café na mão. Arranjou tempo para cortar o cabelo enquanto eles estavam fora e agora dá-lhe pelos ombros, fios de cinza a esgueirarem-se por entre os caracóis crespos. Está com um sobretudo de homem apesar do dia quente, a mão sem o café enfiada no bolso. Os pés enfiados em tamancos feios de borracha pretos, as pernas grossas em calças de combate de linho. A boca, deslizando num sorrisinho para mostrar que os viu, está pintada com uma camada fina de vermelho, a camada superior já transferida para a tampa do copo de café.

– Amber – diz ela, indo ter com eles e beijando as faces da rapariga numa nuvem de *Dior*. Tom e Luca têm toda a bagagem equilibrada em dois carrinhos e Federica fica atrapalhada por um segundo, as mãos a agitarem-se por vontade própria na busca de algo para pegar ou fazer. Recupera rapidamente, deslizando um braço pelo de Amber. – O carro está lá fora à espera – diz, com um rápido saceno de cabeça para Greta. Esta repara na mãe da família ao lado deles a dar uma cotovelada ao pai, um dedo furtivo apontado para as costas de Amber, que está a ir embora. O filho mais velho, um adolescente, dá meia volta, o telemóvel apontado e preparado.

– Era ela? Oh, meu Deus, tenho de tirar uma fotografia!

A irmã, talvez com treze ou catorze anos, está decepcionada.

– Ela é um bocado pequena. Não é *nada* assustadora.

– Anda lá – diz Tom baixinho ao lado dela. – Vamos sair daqui antes que os restantes percebam.

– Antes que a matilha ataque – diz Luca, tirando um cigarro do bolso do casaco e começando a caminhar em direcção às portas de correr.

Federica e Amber estão no passeio à frente deles, Federica a falar animadamente com uma das mãos pousada no ombro de Amber.

– Um casamento talhado no céu, no meu entender – diz Tom para Greta.

– Estou preocupada com ela. – Greta está cansada e as palavras escapam-lhe da boca sem que se aperceba. – Ela é jovem – diz, corando. – Acho que não sabe no que se está a meter com toda essa imprensa.

Tom desacelera, os olhos gentis ao avaliá-la.

– Ela deu-te mesmo a volta, não deu?

Luca passa um braço em volta de Greta, despenteia-lhe os cabelos.

– A boa e velha Greta, o coração pulsante da nossa pequena operação desprezível. – Solta-a para acender um cigarro. – Ela sabe o que está a fazer, não te preocupes. Aquela miúda é esperta.

E caminham, o carro indolente no passeio à frente deles.



São dez da noite quando Federica chega à porta de Greta. O hotel é escuro e claustrofóbico, as poucas janelas foscas pequenas e redondas, bem altas nas paredes. A alcatifa com padrão rodopiante está a deixá-la enjoada e então deita-se na cama e deseja ter insistido mais em voltar para casa para Hetty e Lisette ao invés de aceitar o quarto mais barato neste lugar, o rugido oceânico da M25 ao longe. Federica disse que isso seria mais fácil, com certeza pouparia tempo e custos de viagem a Greta, significaria um verdadeiro esforço de equipa durante a filmagem (porque Greta estar a uma viagem de metro pela cidade era *realmente* o que atrasava a equipa). Ela prometera a Greta que sim, poderia tirar a noite de folga para o jantar de aniversário de Lisette. E agora ouve as pancadas esperadas na porta, acutilantes e eficientes.

Levanta-se, os pés descalços repelidos pela electricidade estática da alcatifa. Abre a porta e olham uma para a outra na luz esverdeada do corredor. Os óculos de sol de Federica estão agora por cima da testa, os olhos cansados e à mostra. O batom vermelho foi reaplicado para compensar.

Sentam-se na cama (não há cadeiras) e bebem latas de cerveja que Federica trouxe com ela (também não há minibar).

– Apanhaste sol – diz ela.

A mão de Greta sobe até ao ombro, a pele áspera e rachada.

– Ela ficou bem instalada?

– Sim. – Federica ri e bebe um grande gole de cerveja, a garganta larga sapuda e exposta. – É um bocado mandona, não é?

Greta sorri e não responde.

– Obrigada por intervires – diz Federica, avaliando a lata no seu colo, os dedos entrelaçados e os anéis. – Fiquei satisfeita por isso.

– Não há problema – diz Greta, e odeia-se. – Como vão as coisas por aqui? – Entra em pânico com a intimidade implícita nisso no último segundo e acrescenta: – Ainda há muita imprensa de volta do veredicto?

Federica assente.

– Sim, os tablóides trazem histórias sobre ela na maior parte dos dias. Muitas fotografias dela nos Estados Unidos. Apareces em algumas, na verdade.

Greta sente uma pontada de medo, tenta afogá-lo com cerveja que aquece rapidamente.

– Em geral é uma cobertura bastante positiva – continua Federica. – As pessoas parecem pensar que é correcto que ela se tenha safado. E se leres os comentários, até os cínicos estão a torcer por ela. A maioria deles. – Leva a lata à boca e depois pensa melhor. – É uma ótima história, afinal de contas.

– Tens andado a descobrir mais coisas.

– Sim. Há... há histórias caricatas por aí, Greta. Se procurarmos nesses lugares onde sabemos que Sadie Banner andou, podemos encontrar muitas provas. É uma nova dimensão para a coisa. – Aquele sorriso largo e inexpressivo de novo.

– Estás a começar a acreditar? – Greta bebe um gole de cerveja, maior do que pretendia, de modo que lhe cai um bocadinho para o queixo. – No *Tall Man*?

Federica olha para ela.

– É óbvio que não. Só acho interessante como as pessoas começaram a «lembrar-se» das coisas depois de isto ter vindo a público, sabes? É como sugestão em massa. Podemos fazer um episódio inteiro sobre isso.

– Está bem. Posso arranjar mais algumas declarações de pessoas em Wombledon.

– Sim. E depois em Skye também. Fala com algumas pessoas de lá, e todos os outros sítios onde sabemos que ela esteve. É provável que agora haja pessoas que pensam que viram coisas.

– E Amber?

– Sim, temos de ir mais fundo. Isso vai acontecer. Tem de haver outras coisas ali dentro, quase consegues ouvir o cérebro dela constantemente a trabalhar. – Federica bebe dois longos goles da cerveja, limpando a boca com as costas da mão. – Nós vamos vergá-la. Sei que consegues fazê-lo. Arranja-me mais do que aquelas frases feitas que ela regurgita. Aquele advogado treinou-a bem, tenho de admitir. – Abre outra cerveja, a cama a ranger enquanto se move. – Vou fazê-la dizer isso. Vou fazê-la dizer-nos que acredita no *Tall Man*. Que o *Tall Man* a obrigou a fazer aquilo.

– Ainda assim, não acho que ela acredite.

– Talvez não. Mas quanto mais falarmos sobre Sadie, sobre onde ela foi, sobre todas essas pessoas que acham que viram ou ouviram coisas estranhas ao seu redor, talvez ela comece a acreditar.

Greta tira outra cerveja do chão, mesmo com o estômago às voltas. Bebe um longo gole e olha para o outro lado.

Federica não se importa com o silêncio dela.

– Certo – diz. – Traz o teu portátil. Quero rever algumas das filmagens de Los Angeles.

## *Do diário de Leanna Evans (Extracto B)*

Encontrámo-nos para almoçar num restaurante italiano perto do rio. Era cedo e quando cheguei estava vazio, excepto os dois empregados a limparem os copos, a tirarem a película aderente dos pratos de bolos que tinham no balcão.

Apesar de não haver mais clientes, escolhi uma mesa sem vista; uma escondida na parte de trás do restaurante, com alguma privacidade. Achei que ia gostar disso. Pedi ao empregado uma água com gás, com gelo e limão, e quando chegaste, afogueada e cinco minutos atrasada, disse-te que era um gim tónico. No entanto, não te deixaste tentar; quando o empregado veio ter contigo, pediste uma *Coca-Cola Diet*.

Perguntei como estava a ser a tua semana. Parecias maldisposta; grandes sombras escuras por baixo dos olhos e um leve brilho suado na pele. Os teus olhos estavam sempre a percorrer a sala, baixando ocasionalmente para verificares o telemóvel. O teu rosto parecia magro à luz do dia, muito mais do que na luz mais lisonjeira da minha cozinha. Parecias muito mais velha que os trinta e seis – ou sete? – que devias ter.

Estavas um pouco rígida quando trocámos o tipo usual de conversa fiada, o sorriso firme e respostas vagas e descomprometidas. Dei comigo a brincar com o menu de folha única enquanto falava. As minhas mãos pareciam desajeitadas, como se não soubesse bem como as usar. Vi-me a pensar na minha semana; em como fizera uma limpeza profunda à casa de banho e começara a livrar-me das coisas que o inquilino anterior deixara no *loft*.

Ao ouvires isso, levantaste os olhos; como se algo te tivesse atingido.

– Sim, também fiz isso – disseste.

Deste uma gargalhada estranha; consigo lembrar-me disso com exactidão. Discordante, o modo como um vidro partido ecoa num quarto silencioso, ou uma nota plana numa *cantata*. E então disseste:

– Nós temos morcegos no nosso. – E levei um tempo para perceber que estavas a falar do teu sótão.

Bebi um gole da minha bebida e, sinceramente, desejei que *fosse* um gim tónico. Com certeza era uma coisa estranha para dizer, ou talvez fosse a maneira

despreocupada como deixavas as palavras saírem da tua boca, como se não tivesses pensado nelas ou envolvido enquanto formavam frases entre nós. Estavas diferente, desta vez, e perguntei-me se não teria cometido um erro. Voltaste a estudar o menu e eu também. Havia apenas nove coisas: três entradas, três pratos principais, três sobremesas. Isso deixou-me mais feliz com a tua escolha; implicava honestidade, simplicidade, que era tudo directo. As coisas não estavam a ser escondidas atrás de congelados favoritos e apostas seguras. Respeitava-te um pouco mais por teres sugerido o lugar.

Não falámos durante um minuto ou dois, e então perguntei-te o que pensavas pedir. É engraçado; nunca me importei com o silêncio. Agora, muitas vezes, não o suporto. Fiquei surpreendida ao ouvir a minha resposta a surgir antes de poderes manifestar a tua, eu a hesitar em voz alta entre *arrabbiatta* ou *pizzetta*. Apesar dos meus melhores esforços, estava nervosa, e parecias entender isso – sorriste-me e senti-me calma de novo.

Quando o empregado regressou, pedi a salada de mozarela e tomate e *arrabbiata*. Foi decisivo para mim e senti-me satisfeito; deveres ter reparado nisso. Senti-me controlada e cheia de energia – para ser honesta, como disse a mim mesma, será quase como se estivesse a retirá-la de ti, essa energia, enquanto continuavas a murchar. Demoraste muito tempo a fazer o pedido; acabaste por escolher *cocktail* de gambas e *puttanesca*. Não combinavam um com o outro, na verdade, e senti-me quase maternal em relação a ti, como se devesse orientar-te.

Tentei desviar a tua atenção do chão, que era para onde o teu olhar continuava a cair, como se os teus olhos fossem muito pesados e exigissem mais força do que a que tinhas para erguê-los. Perguntei-te pelo teu fim-de-semana, o que estavam a planear fazer os três. Estava curiosa em relação ao teu relacionamento com Amber; fascinada, suponho. Quando vocês estavam juntas, parecia que não sabiam bem como olhar uma para a outra – se deverias estar excitado, descontraído ou cuidadoso. E então todos esses sentimentos e outros do género pareciam passar pelos rostos de ambas, nenhum deles a instalar-se. E então desviavam o olhar uma da outra, como se fossem estranhas na rua, a passarem uma pela outra. As coisas que estavam a acontecer em tua casa eram estranhas e erradas e eu não conseguia desviar os meus olhos delas.

A tua atenção virou-se para o telemóvel, como se a minha pergunta te tivesse lembrado da existência dele.

– Oh, nada de especial – respondeste. – Os pais de Miles vieram visitar-nos.

Lembro-me de estender a mão e tocar delicadamente na tua. De te perguntar se estava tudo bem.

Abanaste a cabeça com um bocadinho de força, o teu cabelo a voar de um lado para o outro com uma certa violência.

– Tudo bem – respondeste. – E tu como estás?

Creio ter-te dito que estava bem. Estava distraída; tinha posto batom do ciei

antes de nos encontrarmos e reparara na marca dos meus lábios no copo. Passei o polegar pela borda, a tentar apagar esse vestígio, e perdeste o interesse quase imediato. A nossa comida chegou e olhaste para ela quando comecei a comer.

– Isto parece bom – disseste, sem ponta de entusiasmo. Pegaste num garfo e brincaste com a borda de uma folha de alface flácida.

Demorei um bocado a engolir o que tinha na boca, talvez tenhas reparado na minha pausa. O modo como estavas a ignorar-me era enfurecedor; isso fez-me querer tirar-te o garfo da mão e tirar a taça da mesa. Tive de me recompor.

– O meu é muito bom – acabei por dizer, e por fim levaste o garfo à boca.

Comemos então em silêncio, durante pelo menos um minuto ou dois, e descobri que podia tolerar isso. Na verdade, foste tu a sentir a necessidade de o quebrar.

– Como está Billie? – perguntaste. – Está a gostar da escola?

Fiquei satisfeita. Fiz uma pausa para preparar cuidadosamente outro bocado da minha salada; garantindo o equilíbrio de cada elemento. Queria aproveitar esse momento; saboreá-lo.

– Ela parece estar a dar-se bem – disse-te. – Parece que é uma boa escola para ela.

– Ela parece boa miúda – disseste, o que me surpreendeu.

– Obrigada – disse eu, surpreendida. – Amber também, claro.

Riste e senti uma pontada de medo percorrer-me a coluna. Tinhas ido a um sítio diferente mesmo estando ali sentada à minha frente. Deixaste-os entrar outra vez.

– Ela mente – disseste.

Não estavas a olhar para mim, mas sim a virar a faca para a frente e para trás na mesa e a observar uma pequena linha de luz reflectida a atravessar a parede.

– Eu sei – sussurrei, mas quando olhaste para cima percebi que afinal ainda estavas comigo. Eles ainda não te tinham reivindicado.

– A Billie mencionou que Amber tem um novo *amigo* – comentei, recuperando a confiança e fingindo uma expressão envergonhada, como se não tivesse a certeza se deveria estar a contar-lhe. Vi o medo atravessar-lhe o rosto e isso causou-me um arrepio. – Um homem. Billie parecia... um pouco nervosa com ele.

Os nossos olhos encontraram-se e interroguei-me sobre o que viste neles. Se viste alguém tão assombrado como tu; alguém desesperado o suficiente para fazer aquilo que tu não podias. Perguntei-me se viste o que vi em ti. Era como uma segunda sombra, uma que só vislumbras de vez em quando – uma certa maneira de moveres a cabeça, quando hesitavas nas palavras. Talvez eu só pudesse ver porque estava à procura, porque sabia o que procurar. Eu sei onde ele se esconde.

E então esfregaste a testa, deixando a mão passar sobre o olho, arrastando-a na bochecha e depois – como se não houvesse mais nada para fazeres – por fim comeste mais uma garfada da tua comida. Olhaste-me e senti algo poderoso

surgir através de mim enquanto te sorria gentilmente.

– Obrigada – disseste. – Ainda bem que me dizes.

Retirei-lhe importância, a boa amiga.

– Não é fácil ter filhas. Como é essa citação de *O Rei Lear*?

– «Tigres, não filhas» – respondeste, sem qualquer indício de sorriso.

Surpreendeste-me de novo; não esperava que soubesses isso.

– É isso mesmo. – Ri para encobrir a minha surpresa, o meu prazer, e bebi um gole da minha água. – Parece muito verdadeiro, agora que elas estão a ficar crescidas, não é?

Assentiste e foste-te de novo abaixo, o teu garfo pousado em sinal de derrota.

– Eu era igual – disseste, e senti que era a altura certa para insistir contigo sobre isso.

– Eras?

– Sim. Um pesadelo para os meus pais. Sempre a chegar tarde a casa, a vir podre de bêbeda. Acho que estou a ter aquilo que mereço.

Beberiquei a minha água e comi a minha massa e pensei para comigo: *Ainda não*.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:31 GMT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Não leves isto a mal mas não senti grande entusiasmo da tua parte naquele momento. Preocupa-me que não estejas envolvida com o que estamos a fazer aqui.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:35 GMT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Desculpa se te pareceu isso. Estou cansada, é só isso. Tem sido uma longa semana.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:36 GMT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Eu aprecio isso e agradeço que tenhas avançado, mas também precisas de entender que estou a dar-te uma grande oportunidade aqui. Seria bom ver um pouco mais de entusiasmo.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:38 GMT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Federica, eu *estou* entusiasmada com o projecto e estou-te muito grata por me deixares fazer parte disto. Mas é difícil ficar empolgada por andar atrás de uma miúda de dezoito anos, seja lá ela quem for. Algumas das coisas que disseste antes deixaram-me um pouco desconfortável.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:39 GMT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**



Oh, outra vez isso, não, porra! Sabes o que ela fez, certo? Não acho que ela precise de uma nova figura materna na sua vida, e com certeza não acho que conseguisses dar conta do recado se precisasse. Desculpa se esta oportunidade te está a deixar «desconfortável»!!!

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:41 GMT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Não estou a tentar ser mãe dela. Apenas estou a tentar ser ética e justa na forma como a tratamos. Nós temos um contrato e ela confia em nós.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:43 GMT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

É tarde, e isto está a sair tudo mal. Preciso de dormir um pouco. Desculpa se te ofendi de alguma maneira esta noite – acredita, não foi minha intenção e estou agradecida pela oportunidade que me deste.

**Terça-feira, 22 de Maio de 2018, 23:47 GMT**

**De: Greta Mueller**

**Para: Federica Sosa**

Acabaste de me bater à porta? Estou acordada, não devo ter atendido com rapidez suficiente.

**Quarta-feira, 23 de Maio de 2018, 01:59 GMT**

**De: Federica Sosa**

**Para: Greta Mueller**

Desculpa, querida. Apaguei, tou esgotada. E desculpa se pareci dura há pouco. É que sei que tens tanto talento, G, e quero que isto seja enorme para ti.

Vemo-nos ao pequeno-almoço. X.

P.S. Não, não fui eu, deves ter um admirador nocturno ;-)

## Capítulo 21

2016

Depois do almoço, Leanna e Sadie atravessaram a cidade juntas. Leanna acompanhou Sadie, que nunca foi capaz de andar devagar, a fazerem conversa sobre o tempo e as filhas. Sadie só queria fugir. Tudo em que conseguia pensar era na *e-mail* que encontrara na caixa de entrada de Miles. *E não direi nada.*

Chegaram ao fim da rua principal, onde os seus caminhos se separariam. Leanna deu um beijo de despedida a Sadie, com o seu cheiro cítrico forte e o cabelo escuro e sedoso contra a face de Sadie.

– Obrigada pelo almoço – disse Sadie, porque Leanna insistiu em pagar.

A massa de Sadie estava demasiado salgada e repousava agora numa camada oleosa na sua barriga.

– Sempre que quiseres. – Leanna deu um passo para trás, franzindo a testa ao sol fraco da tarde. – Fica bem.

Virou costas e foi-se embora, olhando para trás uma vez com um ligeiro aceno, duas pequenas pulseiras de prata a balançar-lhe no pulso.

A mente de Sadie já estava outra vez preocupada com o *e-mail*, encarando-o de todos os ângulos. Ele podia estar a ter um caso – quem o culparia, depois de tudo? – *SomeoneSpecial* podia ser um colega ou (não) um aluno. Ela só podia supor que Miles fizera sexo com outra pessoa em algum momento nos últimos dezasseis anos, embora ele fosse patologicamente fiel e ela achasse difícil imaginar isso. Lembrou-se de chegar à porta dele e de lhe ver no rosto, debaixo da surpresa, uma sensação de alívio – um *eu sabia*. Ele tinha fé e foi recompensado.

Mesmo assim, ela não achava impossível que houvesse *alguém*. Um fraquinho ou uma amizade ou algo a meio caminho ou para além disso. Isso seria compreensível. Normal – se é que alguma coisa que acontecera entre ele e Sadie pudesse ser descrita como normal. E ele tinha necessidades como qualquer outra pessoa, supôs ela, embora tivesse demorado meses a tocar-lhe quando ela regressou – mesmo agora, ele era hesitante e de uma gentileza frustrante, como se ela tivesse estado ausente devido a uma doença que a consumira ou ferimentos graves. Mas talvez fosse por ele ter estado com outra pessoa nos anos anteriores,

por esquecer como era estar com ela, como ela gostava de ser tocada. Embora a imagem a deixasse a ferver de inveja, pensou que poderia aguentar.

Mas depois havia a última parte do *e-mail*: *e não direi nada*. Uma ameaça. Isso poderia apontar para um estudante, pensou (pela quinquagésima ou sexagésima vez) quando chegou à estação e subiu os degraus até à plataforma. A massa ameaçou reaparecer.

E durante todo aquele tempo havia aquele murmúrio de algum lugar mais profundo e escuro. *Ele tem um segredo*, disse-lhe. *E alguém sabe. SomeoneSpecial*, quem quer que fosse, sabia. Especial. Como a visão daquela palavra a assustou quando a viu pela primeira vez na sua caixa de entrada. Essa pessoa declarou-o com orgulho, embora Miles não fizesse a menor ideia do seu significado, do que isso poderia significar. *Ou saberia?*, perguntou-lhe a mesma parte dela que tentava com frequência reprimir. Afinal de contas, o segredo era agora de Miles.

(Os seus pensamentos rodopiavam perigosamente, sabia disso.)

Encontrou um lugar no comboio, virado contra o sentido da marcha, e observou a cidade afastar-se dela. Virou a sua atenção para o aviso de Leanna. Amber e um *novo amigo*. Imaginou um homem a aparecer das sombras uma noite, a agarrar a mão da filha. Podia imaginá-lo a sussurrar-lhe ao ouvido, a passar um dedo pela face dela. Imaginava-o a dizer-lhe que ela podia ser *especial*.

Não devia ter acontecido assim. Não precisava ter acontecido, recordou-se. Ela levou-o dali, manteve a filha longe do perigo.

Havia outros perigos, claro. Nem tudo o que pode magoar-nos vivia nas sombras – Sadie sabia disso. Mas seria assim tão mau para Amber sofrer; ter o coração desfeito por um homem mais velho e irresponsável, se era isso que estava a acontecer? Talvez fosse um rito de passagem – Sadie não fazia ideia. Na altura em que conheceu Miles, não tinha amigas com quem se comparar. A única outra rapariga na sua vida era pequena e propensa a sussurrar no escuro, jóias de sangue no vestido e um cheiro a carne podre a vir da terrível cratera escura na nuca dela. E conhecer Miles significara que as sombras a abandonaram – talvez apaixonar-se, ou a luxúria, ou o que quer que essas coisas fossem, pudesse de facto proteger Amber de uma vez por todas; isso significaria que não lhe seria mais possível ouvir esses sussurros, mesmo que o *Tall Man* escolhesse falar com ela.

Lembrou a si mesma que Amber era diferente dela. Não é frágil, pensou Sadie, e tem um melhor sentido de autopreservação. Quem diria que algum homem poderia magoá-la? Talvez este homem, quem quer que ele fosse, andasse a persegui-la e ela deixasse – talvez ela e Billie rissem juntas do pobre tipo irresponsável que lhe dava presentes e depositava o coração aos seus pés. Isso pode ser verdade, não é? Sadie teria de contar a Miles, porque ele conhecia Amber melhor. Ele saberia o que fazer. Sempre soubera.

Encostou a testa ao vidro frio da janela do comboio e imaginou-o nessa

viagem todos os dias. Era fácil imaginá-lo sentado ali, preocupado com Amber e com coisas simples e quotidianas como um namorado inadequado.

Agora ela tinha uma preocupação quotidiana: imaginava-o a trocar mensagens com alguém desconhecido. *Especial*. Murmurou a palavra, experimentando as sílabas por tamanho. A sua forma familiar na sua boca enviou-lhe uma nova pontada de medo através do coração.

Não pôde evitar. Sempre que pensava naquele *e-mail* – *E não direi nada* – estava lá. Sempre a mesma imagem [antes de ela travar o pensamento, paciente (resignadamente) como um funcionário aduaneiro] – o bebé na alcofa ao lado da cama. *O Tall Man leva filhas. Mas às vezes ele precisa de ajuda.*

Não. Fechou os olhos, afastou tudo. *Amber é minha filha e ela está segura. Eu posso confiar em Miles.*

Mas a confiança era uma coisa engraçada, não era? É necessário esquecer, reescrever. Ela sabia disso muito bem.

E durante todo aquele tempo, os sonhos perseguiram-na. Uma mão pequena e quente no meio da dela. Uma vibração numa barriga a inchar. A caminhar até ao bosque, os pássaros a cantarem. Todas as noites acordava, a transpirar, a purgar os pensamentos por todos os poros.

Agora estava a transpirar.

Abriu de novo os olhos, a observar os campos a passarem. Alguém um par de assentos à frente dela levantou-se e abriu uma janela, o ar a entrar. Estudou o fantasma do seu rosto no vidro. Era estranho, às vezes, ver isso e recordar que ela era uma mulher adulta. Passara tanto tempo a pensar em Amber, a pensar em si com a idade de Amber. Na sua mente, o espaço entre elas fechara-se e era desconcertante perceber que a imagem de Amber não era a dela.

O comboio entrou num túnel, as outras janelas da carruagem abriram-se. O vidro escureceu.

Um rosto pálido ao lado do dela no reflexo. A boca contorcida num grito.

E então a luz do dia entrou de novo, a janela mais próxima a fechar-se. Afastou-se do vidro, virou-se para o assento ao lado dela. Vazio. Apertou a mão contra o peito e perguntou-se se aquela sensação de afundamento que tinha era medo ou decepção.

O comboio estava a abrandar, a paragem dela a próxima. Não deve entrar em pânico. Isso, pelo menos, ela aprendera.



Estar perto da universidade fê-la pensar no seu ano de caloiria, no primeiro encontro com Miles. Aquela sensação inebriante e embargadora de estar longe da quinta, de respirar o ar da cidade e poder falar com alguém; dizer-lhes qualquer coisa. Durou pelo menos um dia ou dois, antes de o pavor começar a instalar-se, antes de começar a deixar as cortinas corridas todas as manhãs. No momento em

que se conheceram, duas semanas depois de se mudar para o quarto, ela andava a pensar em ir embora. Porque sair de casa não significou deixar as coisas para trás. Ela era quem sempre fora, não importava o que dizia aos seus novos colegas de apartamento. E havia pesadelos mesmo naquela cama de solteiro com o colchão envolvido em plástico e lençóis que cheiravam a casa. Mesmo com a feia luz brilhante da lâmpada fluorescente que iluminava todos os cantos com uma intensidade forense e bem-vinda. Ela estava apenas à espera. À espera de que aquele rosto se separasse das sombras e se arrastasse através da parede em direcção a ela, à espera que os dedos da menina se entrelaçassem nos dela.

Decidiu muito rapidamente que não teria amigos. Que não se pode confiar nas pessoas – e também que – mais do que isso – não são necessárias.

Miles tinha outros planos.

Ele sempre alegou que a viu pela primeira vez na semana do caloiro, uma semana antes de se conhecerem. Dizia que ela lhe chamou a atenção porque – pausa para dar ênfase, os convidados da festa a sorrirem – ela era a única caloiira que não estava *de facto* na semana do caloiro. Enquanto todos os outros se aglomeravam em redor das barracas, a ajeitar os cabelos e a olharem para os outros do lado oposto do pátio, Sadie ia a passar, as suas refeições semanais enfiadas em frágeis sacos *Happy Shopper*.

Isto estava tão entrelaçado na lenda deles que Sadie agora pensava nisso como uma memória – lembrava-se de si naquela tarde com o seu queijo aborrachado e a sua metade de pão, os cinco pacotes de massa instantânea e a bebida energética de marca branca. Isso tornara-se verdade porque o dissera vezes suficientes, e agora deixava-a com medo.

A primeira vez que se juntaram a sério foi no bufete da associação de estudantes, um lugar sujo com balcões brancos, com saquetas de maionese meio esvaziadas a ficarem pegajosas em cima das mesas. Ela estava na fila entre as palestras, um *dossier* novo a espetar-se-lhe na anca, quando alguém lhe tocou no ombro. Virou-se e lá estava ele.

– Olá.

– Hum... Olá... – Voltou de novo a atenção para o balcão, apenas duas pessoas à sua frente agora. Não estava interessada em conversar.

– Eu sou o Miles – disse ele, determinado.

– Sadie – respondeu, graças a algum tipo de educação arraigada, embora mal virasse a cabeça na direcção dele, puxando o *dossier* que tinha de lado e abraçando-o à sua frente.

– Prazer em conhecer-te, Sadie – disse ele e, embora ela tenha ouvido o sorriso, ele não disse mais nada.

Muitas vezes, quando Miles contava a história, falava sobre como queria escrever o seu número num guardanapo; metê-lo dentro da mala dela ou na sanduíche embrulhada em papel. Sadie minimizava o facto de aquilo lhe ter

parecido mais um engate do que um encontro engraçado, e nunca mencionou como tinha voltado para casa depois da sua palestra, irritada por aquele rapaz de cabelo descaído ter ousado tocar-lhe (ainda com medo de abrir a porta do quarto e encontrar aquela pequena figura ali sentada).

Mas então atribuíram-lhes o mesmo tutor pessoal, e ele, por sua vez, atribuiu a ambos as horas seguidas para as primeiras reuniões com ele, e assim, num dia soalheiro, num corredor abafado, eles encontraram-se de novo e de alguma forma – ela não tinha certeza, mesmo agora, como – convenceu-a a ir beber um copo com ele. Daquele dia em diante, o único visitante do seu quarto tinha sido ele. Ela estava livre.

Temporariamente, pelo menos.

E agora uma mulher diferente (talvez) convencera-o a *ele* a ir beber um copo. Uma mulher diferente conhecia os seus segredos quando Sadie sempre o considerou um livro aberto. Ela ficou do lado de fora do bar, a imaginar. Teria direito a bisbilhotar?

Naqueles primeiros anos, ele nunca lhe fez perguntas. Parecia saber que ela chegara à universidade para deixar tudo para trás; esquecer a quinta, esquecer o lugar onde crescera, as coisas que aconteceram lá (*o Tall Man tornou-nos especiais*). Em vez disso, contava-lhe factos: a velocidade de uma estrela, a profundidade de um oceano. Todas essas maravilhas, todas as coisas sobre as quais ele começava a interrogar-se. Ela começou a confiar nele, começou a desabrochar com o calor dele, só um pouco. Aos poucos, deixou-o convencê-la de coisas, discotecas, rondas por bares e saídas. Ele mostrou-lhe que os seus três anos lá não precisavam de ser algo que ela tivesse de suportar, que podiam ser desfrutados, saboreados pelo que eram: a possibilidade de começar de novo, de ser quem ela queria ser.

Sadie recuou um passo, com medo de si mesma. Saltara para dentro de um comboio ao primeiro sinal de que havia algo de errado – não era esse o erro que ela cometera em todas as circunstâncias possíveis na sua vida? (Ou teria sido, perguntou uma vozinha insidiosa dentro da sua cabeça, a única coisa que ela alguma vez fizera correctamente?)

O que esperava encontrar aqui, num *pub* anónimo no *campus*, sem sombras à vista? Havia coisas, havia segredos entre ela e Miles, mas talvez isso fosse inevitável. Talvez essa fosse outra coisa que ela deveria deixar sem lhe mexer; devia deixar as camadas da sua vida assentarem até aquilo desaparecer. Ele nunca lhe fez perguntas. Era importante ela lembrar-se disso.

Deu meia volta e foi-se embora, antes de poder mudar de ideias. Caminhou pelo *campus*, zangada consigo e tonta com as lembranças. Os dois naquela cama de solteiro, roupas e lábios pegajosos de cidra, e o cheiro da pele dele que ficava nos seus lençóis. A sair de uma aula e a encontrá-lo encostado à parede do lado de fora do anfiteatro, um pé encostado aos tijolos, as mãos enfiadas nos bolsos.

Quando se viu atrás de um grupo de raparigas do penúltimo ano, quase esperou reconhecê-las – e então lembrou-se de que tinham passado quase vinte anos; que tinha uma filha mais próxima dessas raparigas em termos de idade do que ela.

Amber. A recordação dela como um choque num nervo exposto, tudo a fluir de volta. *E não direi nada*. O que fizera ele?

– Quem vai dar esta? *Dave the Laugh*? – perguntou uma das raparigas, o fumo de um charro a vir até Sadie.

– Não, graças a Deus – disse uma das outras, virando-se e sorrindo maliciosamente à amiga. – É o *Magic Miles*.

– Sim! – A rapariga que estava a fumar deu um soco no ar. – Adoro uma boa aula do Banner.

O coração de Sadie contraiu-se com força. Alunas de Miles. Altas e magras, vestidas com calças de ganga e bailarinas, os cabelos compridos, emaranhados e descaídos. O tipo de rapariga que pode concluir um *e-mail* com um *smiley* a piscar o olho.

Antes de se dar conta, estava a segui-las até um dos anfiteatros, recém-remodelados e a cheirar a plástico e tinta. Era maior do que aquele de que se lembrava, os assentos sem fim por ali abaixo. O palco parecia tão distante, tantos estudantes entrando nas filas, que de súbito se sentiu nervosa em nome de Miles. Ele fazia isto todos os dias?

A curiosidade era irresistível e, por isso, sentou-se num canto atrás, afundando-se atrás de um grupo de jovens que estavam a rir. Observou a maneira como todos se instalaram nos seus lugares, cadernos de apontamentos retirados de malas, portáteis abertos, telemóveis a serem mexidos. A última aula do dia, bocejos não contidos.

E então Miles entrou. Ele entrou do fundo da sala, surpreendendo-a – esperava que ele saísse dos bastidores, como uma estrela de *rock* – e desceu as escadas, afastando uma madeixa de cabelo para trás enquanto caminhava. Ela encolheu-se no banco, com medo, mas Miles foi descendo e depois correu pelo palco até ao púlpito, uma pilha de papéis debaixo de um dos braços, o saco a tiracolo a embater-lhe na anca. Em volta dela, os estudantes observavam-no. As conversas continuaram, mas os seus olhos seguiram-no quando ele tirou o saco do ombro e organizou as suas coisas, os lábios curvados em pequenos sorrisos involuntários que tendiam a seguir Miles. A sua boca parecia seca e rígida.

Um silêncio caiu então quando Miles levantou a mão, e ele ficou ali, a cerca de um metro do atril, e sorriu para todos eles.

– Nunca me canso disto – disse, a sua voz ampliada e distorcida pelos microfones na beira do palco. – *Okay*. Estamos a aproximar-nos do fim do vosso primeiro ano: o primeiro passo nas vossas longas carreiras em Sociologia, certo?

O que estava mal não era apenas o microfone, percebeu Sadie. Ali em cima,



ele era encenado, artificial. Era o Miles que poderia tocar no ombro de uma rapariga num bufete, que poderia começar uma conversa dizendo o seu nome. Ela reconheceu-o e ao mesmo tempo não, e não conseguia impedir o seu olhar de viajar para a parte de trás do palco, onde as luzes lançavam uma versão longa e fina dele contra a parede.

– Então, vamos lá – disse Miles, afastando-se um passo da tribuna e sorrindo para a plateia. – Vamos falar sobre desvio. Vocês sabem o que querem.

Ouviu-se uma onda educada de risos e, quando se ouviu, ela sentiu-a. A respiração na parte de trás do pescoço dela, lenta e uniforme. Fria. A pressão de uma mão no ombro dela, embora ela não virasse a cabeça para verificar.

Esperou. Estivera sempre à espera.

A voz, quando veio, era tão familiar que lhe doeu, os olhos a encherem-se de lágrimas. Suave e amena, cada palavra a fazer os seus pêlos eriçarem-se.

*Posso tornar-te especial*, disse. *Se pedires*.

## Capítulo 22

2018

São 7 da manhã quando Federica telefona, o telemóvel a zumbir na mesa-de-cabeceira com tampo de vidro ao mesmo tempo que o toque do despertador. Greta atende, levantando-se e puxando o *top* para baixo para cobrir os rolos macios da sua barriga. Muitos pequenos-almoços de *donuts* e cervejas no quarto de hotel à meia-noite; não há tempo para ir a lado nenhum. Federica não se incomoda com cumprimentos; dá a informação essencial e depois desaparece, deixando Greta para processar a notícia enquanto se atrapalha com o despertador.

Miles Banner concordou em falar com eles.



Chegam ao apartamento dele, no terceiro andar de um prédio alto numa urbanização mal-amada em Battersea, duas horas depois. Federica, Greta e Tom a arrastarem-se pelo corredor estreito, carregados de equipamentos, enquanto Amber passa a manhã a ser entrevistada pela revista de um jornal de domingo, outras câmaras que não as deles proibidas. Ao subirem no elevador, Federica franze o sobrolho, com os cabelos puxado para trás, como de costume, pelos óculos de sol, apesar do dia nublado.

– Isto vai ser difícil – diz, pela terceira ou quarta vez nessa manhã. – Vocês viram-no à saída do tribunal. É um homem destruído.

Tom dá uma gargalhada chocada.

– Isso é alguma surpresa?

– Não é uma surpresa, mas não é bom para nós. Preciso que ele quebre, que nos diga algo real. Não adianta se ele não tem mais nada. Estou a dizer-vos, eu vi-o naquele banco das testemunhas. Estava vazio. Apático. Isso não vai transparecer no filme. – Encolhe os ombros. – Talvez seja interessante.

– A Amber sabe que ele mudou de ideias? – pergunta Greta.

Outro encolher de ombros.

– Ele pode ter-lhe dito. Ou talvez ela o tenha persuadido, não sei.  
– Não me parece que eles falem assim tanto.  
Os olhos de Federica olham-no de esguelha.  
– Ela disse-te isso?  
– Não, não propriamente.  
– Vale a pena perguntar-lhe à frente das câmaras. Isso poderia ser uma maneira de entrar. Ela era a menina do papá, certo? Devia ser. Uma parte do coração que vale a pena tocar.

Tom vira-se, franze as sobrancelhas e verifica o telemóvel. Federica continua, indiferente:

– Acho que a convenci a filmar na escola. Por isso podemos fazê-lo quando formos entrevistar a professora. É quinta-feira, Greta?

– Sim. Vamos ter com ela depois de as aulas terminarem.  
– Ótimo. Gosto da ideia de salas de aula vazias, corredores vazios, Amber a andar e a recordar a sua antiga vida. Antes, sabem? Se esperarmos até escurecer, isso funcionará bem.

– Teremos de contratar luzes melhores – diz Tom.  
– Sim, claro; aquilo de que precisares, nós arranjamos. Diremos a Amber que é uma filmagem nocturna e ela pode ter a tarde de folga ou seja lá o que for. Mantê-la doce.

– Okay. – Greta rabisca isso no caderno. – Falarei com a escola sobre o acesso posterior e também dos custos.

Tom olha para ela.

– O jantar de aniversário da tua colega de casa não é na quinta?

– Oh, sim... – Ela olha para Federica. – É, na verdade...

O elevador pára e as portas abrem-se.

– Certo, venham atrás de mim – diz Federica, saindo para o corredor e deixando-os para trazer as malas.

– Vais tirar folga nessa noite – sussurra Tom para Greta. – Não a deixes gozar contigo.

Ela sorri-lhe.

– Sim, senhor.

Federica bate a uma porta a meio do corredor.

– Estou com receio disto – diz Tom em voz baixa e Greta assente com a cabeça. Ela não está ansiosa para conhecer Miles, quebrado ou não.

E então ele abre a porta, permitindo que Federica o beije nas duas faces, afastando-se para deixá-los entrar. O homem que ela viu no banco dos réus e nos jornais (embora as fotografias dele fossem sempre pequenas, enfiadas a meio dos artigos, as imagens principais sempre reservadas às suas trágicas e terríveis esposa e filha) sorri-lhe educadamente, agradecendo-lhe por ter vindo. A oferecer-se para levar uma das malas.

– Estou bem – diz ela. – Obrigada.

– Okay – diz ele. – Claro.

Fecha a porta e fica de frente para ela por um momento, como se esperasse que, quando se virasse, eles pudessem desaparecer magicamente. Greta recua, seguindo Tom para o apartamento.

É um espaço sombrio e lúgubre; as janelas ensombradas pelo quarteirão seguinte, muitas com os estores corridos, e há um forte cheiro a amido – a massa a cozer e a camisas passadas. O corredor passa por uma casa de banho, a porta de vidro opaco e aberta; o interior da divisão compacto e imaculadamente limpo.

A sala tem as persianas corridas até meio, um par de sofás desirmanados em ângulo recto com as duas janelas pequenas. Miles senta-se num, Federica afundando-se ao lado dele, os joelhos dela a estalar. Tom configura a câmara, verificando a iluminação enquanto Greta mexe no portátil, borboletas a adejarem no seu estômago. Miles não é como ela esperava; ele parece diminuído de alguma forma. Sem os *flashes* das câmaras dos *paparazzi*, a pele dele tem um tom amarelado, os olhos pequenos e lacrimosos.

– Muito obrigada por nos receber – diz Federica, rodando um grande anel castanho em volta do indicador. – Sei que não foi uma decisão fácil.

Miles sorri e assente com a cabeça.

– Lamento não ter podido comprometer-me antes. Tem sido difícil... a atenção da imprensa... – Calou-se, olhando para Greta e Tom. – Algum de vocês quer café?

– Estamos bem, obrigada, Miles – diz Federica. – Agora, está bem para si se começarmos a filmar? Como referi ao telefone, estamos a optar por um modo bastante natural, por isso não se preocupe em olhar para a câmara, mas também não se preocupe se olhar. Apenas relaxe. Esta é a sua oportunidade de divulgar o seu lado da história com a Amber.

Miles lambe os lábios, os olhos a percorrerem a sala em busca de um lugar natural para se instalar. Isso faz que pareça nervoso, o que Greta sabe que vai agradar a Federica. Ela gosta de longas pausas e comentários feitos quando a pessoa não sabe ao certo se já começaram a filmar e raramente edita as imagens. *Os Meus Pais São Assassinos* estava cheio disso – comentadores *on-line* elogiam muitas vezes uma parte em que, interrogado acerca do dia em que a polícia invadiu a sua casa, o dia em que as escavadoras apareceram e começaram a destruir o relvado onde estava o seu baloiço, calou-se a meio da frase, os olhos postos no colo. Fora do enquadramento da câmara, ouve-se Greta perguntar: «Danny, precisas de uma pausa?» Antes de Danny olhar para cima, olhar para além da câmara e assentir, as primeiras lágrimas a rolares em silêncio pelas suas faces. Falam sobre a cena com a vizinha, uma velha grisalha que estava sentada no alpendre para a entrevista, a olhar para a casa. A mesma vizinha que viu a polícia puxar o primeiro membro decepado do chão empoeirado e quem, quando

Federica intergrou: «Alguma vez desconfiou de que os Miller eram diferentes? Que algo terrível poderia ter acontecido ali?», respondeu: «Não. Eles eram pessoas normais.» E então olhou para a câmara por um segundo, dois, três, antes de a sua boca franzida se abrir num sorriso.

Greta não acha que possam esperar momentos não planeados com Miles. Ela estava lá com Federica quando ele testemunhou no tribunal, com a voz baixa e controlada, as mãos cruzadas na frente. Greta não teria descrito isso como aborrecido como Federica fez, mas concorda que foi vazio. A única palavra que lhe veio à mente quando o viu lá foi «esgotado». Viu-o sair do tribunal, quando uma mulher com um blusão com o fecho puxado até cima forçou a passagem por entre a multidão de fotógrafos e atirou uma chávena de café à cara dele, o líquido a sair e a cair no pavimento claro. O semblante dele nunca se alterou, a sua atenção sempre virada para a frente. Este aqui, com os olhos inquietos e a lambe os lábios, é o menos composto que ela o viu.

– Tudo bem, vamos começar pelo início – diz Federica. – Por que não nos diz como Amber era, quando cresceu?

Miles olha para as mãos.

– Ela era... brilhante. Sossegada, quando era muito pequena. Passámos muito tempo juntos, é claro.

– Sim. Isso deve ter sido difícil.

– Foi... uma época turbulenta. Para ambos. Mas Amber é muito resiliente.

Federica franze a testa.

– É?

Miles tosse.

– Foi uma infância difícil, comigo a trabalhar e a tentar cuidar dela sozinho. Como se pode esperar. Mas ela safou-se bem na escola; fez amigos. Acho que preferia pensar que me tinha safado disso.

As palavras pairam no ar. Miles muda de posição, olhando para a câmara e depois para longe outra vez.

– E Sadie – diz Federica, depois de uma pausa significativa o suficiente para a satisfazer. O nome da mulher dele a escapar tão casualmente que até Greta se sente sem fôlego. – Talvez possa falar-nos um pouco sobre como foi tê-la em casa outra vez. Deve ter sido um choque e tanto, ela a reaparecer assim?

Miles pestaneja para ela.

– Claro. Claro que foi.

Greta tenta imaginá-lo. A casa, a noite já adiantada, Sadie Banner a olhar para ela. A mão erguida para bater à porta, hesitante. A perguntar-se se deve ou não voltar para a sua vida. A interrogar-se se era seguro.

*Para com isso, diz para consigo. Amber nunca esteve em perigo. Não da maneira que Sadie pensava.*

Mas não consegue impedir-se de tremer, ao imaginar Sadie naquele umbral. A

porta aberta por Miles, a recebê-la a ela e a tudo o que ela trouxe para a casa dele.

– Eu estava feliz – diz Miles, mais para si do que para Federica. Fecha os olhos. – Foi como algo saído de um sonho.

– Imagino – diz Federica, a voz agora suave. – Ainda assim, deve ter sido necessária alguma adaptação, não?

– Nós continuámos com as coisas. Éramos outra vez uma família.

Greta vê a boca de Federica franzir-se. Ela não está a conseguir o que quer dele. Vai tentar quebrá-lo, mesmo quando está claro que isso é chão que já deu uvas.

– Ela falou muito sobre onde esteve?

Miles contrai-se.

– Eu perguntei, claro que sim. Às vezes... Às vezes, se ela estivesse bêbeda, podia mencionar um lugar ou um emprego. Ela pediu-me sobretudo para não falar sobre isso.

– E então não falou? Não sentiu curiosidade? Ela esteve fora durante quase dezasseis anos.

Lentamente, Miles levanta o olhar do chão.

– Às vezes – diz ele, com os olhos avermelhados em Federica –, aprendemos a estar gratos pelo que temos. Aprende-se a não andar a remexer no passado.

Greta estremece de novo e, para sua surpresa, é Federica quem desvia o olhar primeiro. Deve surpreendê-la também, porque a sua próxima pergunta é mais acutilante, as faces a começarem a corar.

– Decerto – diz ela – teria algumas perguntas sobre o facto de ela lhe ter dito que a vossa filha bebé foi amaldiçoada?

Miles lambe os lábios novamente.

– Eu perguntei-lhe. Sim. Ela disse-me que estava enganada.

– Então ela já não acreditava no *Tall Man*?

Ele pigarreia, uma vez e depois outra.

– Quero acreditar nisso, sim. É difícil agora... Olhando para trás...

Federica espera. O silêncio prolonga-se. Greta, agachada ao lado do portátil, sente os pés a ficarem dormentes debaixo dela, mas não se mexe. Se se mexer, irá desviar a atenção dele; lembrá-lo-á de que eles estão lá, que a câmara está lá, que ele não precisa de continuar a falar – e Federica ficará furiosa. Tom também está imóvel – Greta inclina a cabeça, o mais devagar que consegue, e olha para ele. O rosto dele, a observar Miles no monitor, está rígido, a boca a contorcer-se no canto. Ele olha para Miles como se estivesse a dar tudo para não se levantar e esmurrá-lo, e isso deixa-a com medo.

O silêncio e a sua promessa estagnaram. O ar no apartamento é fino e há uma brisa vinda de uma das janelas. Lá fora ouve-se um alarme.

– Fale-me sobre o julgamento – diz Federica, cedendo. – Diga-me como se

sentente em relação ao veredicto. Você testemunhou a favor de Amber no tribunal.

Miles olha para ela.

– Claro que sim. Ela é minha filha.

– Ela *fê-lo* – lembra Federica. – Com certeza você, mais do que ninguém, entende o preço disso.

Miles olha para as mãos.

– Nenhum de nós era inocente – diz. – Se houve uma coisa que percebi nesses últimos meses, foi isso.

Greta pode ver o tédio no rosto de Federica, a frustração na sala a tornar o ar tenso. Ela sabe o que vem a seguir, sabe que Federica não será capaz de resistir. Ela desloca o seu peso, mantém o foco no monitor.

– Então você culpa-se? – pergunta Federica. – Por tudo o que perdeu?

– Federica... – Sai-lhe da boca antes que Greta perceba que falou, mas a sua voz está rouca devido ao ar condicionado e a uma noite de sono agitada; nem Federica nem Miles olharam na sua direcção.

– Porque você perdeu a sua esposa, Miles – prossegue Federica, e nem tenta impedir que o sorriso lhe curve os cantos da boca. – Mas também perdeu Amber, não é assim?

E afinal Greta estava errada. Miles começa a chorar.

## Capítulo 23

2016

O sol entrara pela janela atrás de Miles, o seu calor feroz na nuca, no pescoço. A camisa estava a ficar húmida contra o cabedal da cadeira. Era o seu último seminário do dia – os alunos do terceiro ano de Criminologia – e por ele já chegava. Os membros compridos, as discussões rudes e deselegantes, as suas crenças intermináveis – tudo parecia de repente grande de mais para a sala, uma confusão barulhenta e emaranhada da juventude que o pressionava como um dor de cabeça.

– Que maneira simplista de colocar isso – dizia Declan, de braços cruzados, rosto sardento vermelho. – Desculpe, Deepti, sem ofensa, mas isso é ridículo. Há responsabilidade diminuída e há o enganar o sistema.

Deepti, que em geral era a preferida de Miles, inclinou-se para a frente, a respirar com dificuldade para retaliar, e Miles viu-se a empurrar a cadeira para trás, o aplauso das suas mãos a surpreendê-lo até a ele.

– Sabem uma coisa? – disse, pegando na tampa da caneta (um gesto que todos reconheceram; malas já nas mãos, papéis reunidos antes de ele terminar de falar). – Acho que vamos ficar por aqui hoje. Saiam e aproveitem o sol.

Eles arrastaram-se juntos, a esticarem-se, a bocejarem, a fumegarem (Declan). Saíram em grupinhos, a despedirem-se dele, desejando-lhe uma boa noite – uma coisa que só o seu terceiro ano fazia, o intervalo entre ele e eles a fechar-se, a fechar-se. Acenou a despedir-se, perguntou-se quando poderia ir para casa.

Emily foi a última a sair, arrumando as suas coisas na mala devagarinho, fingindo ler algo no telemóvel. Quando os dois ficaram sozinhos na sala, ela foi até à mesa dele.

– Obrigada por uma ótima sessão – disse ela. – Este é um dos meus módulos preferidos.

– Fico feliz por isso.

Cruzou os braços na frente dele numa tentativa frágil de protecção.

Ela virou-se meio de lado, mas os seus pés permaneceram no lugar, os dedos a



arrastarem-se pela área de trabalho.

– Sabe, estou a ter problemas com o meu trabalho. Há alguma possibilidade de eu vir cá uma tarde e mostrar o que tenho?

Ele tentou (e conseguiu, sobretudo) manter o seu nível de voz.

– Claro. O meu horário de trabalho está na porta.

Ela sorriu docemente.

– Obrigada, Miles. Tenha uma boa noite.

A porta fechou-se com suavidade atrás dela com uma lufada abençoada de ar frio vindo lá de fora do corredor.

Não era a primeira vez que isso acontecia com uma estudante, embora Emily fosse mais persistente do que a maioria.

Também não foi a primeira vez que ele se sentiu tentado. E nem sempre foi tão fácil resistir como era agora. Mas sempre resistiu e sempre o faria. Ele amava Sadie e acreditava nos seus votos, acreditou neles durante todos os anos em que ela esteve fora. Ele sabia que ela voltaria e que ele precisava de estar à espera. Dizia isso todos os dias.

Mas sim. Houve tentações.

E agora tinha a família para se concentrar. Pensou na noite anterior, Amber deitada na sua cama a ver um filme no seu portátil, ele e Sadie no andar de baixo a verem o seu. Soubera mesmo bem, os pés dela enroscados ao lado dele, o resto do vinho nos seus copos – embora ela tivesse ficado calada, a atenção a desviar-se da televisão. Não conseguia impedir-se de se lembrar daquela manhã terrível, Amber a chorar na cama e a sua nova esposa a olhar para algo que só ela podia ver no canto. Então bebeu o vinho, pousou o copo, colocou os pés dela no colo e começou a esfregá-los. Determinado a mantê-la com ele desta vez.

– Como foi o almoço? – perguntou-lhe, e isso foi o suficiente. Ela olhou para ele e bebeu um gole do vinho.

– Estou preocupada com Amber – respondeu ela, e falou sobre Leanna e Billie e esse misterioso homem mais velho que supostamente fez amizade com a sua filha.

Não poderia ser verdade, argumentou Miles. Ele saberia. Amber nunca esconderia uma coisa dessas dele.

Virou-se para o computador e despertou-o da hibernação. O suor escorria-lhe outra vez pelas costas enquanto esperava que o aparelho entrasse em acção. Um aspirador gemeu algures no corredor enquanto o empregado de limpeza começava a avançar pelos gabinetes vazios, mas o resto do edifício parecia pesado no seu silêncio. Como se alguém estivesse na sala com ele, a respiração de ambos suspensa.

Era ele quem não estava a respirar, percebeu, o punho fechado sobre o rato. Forçou-se a expirar quando o ecrã carregou.

Como esperado, outro *e-mail* aguardava-o na caixa de entrada.

A mensagem era mais ameaçadora do que a anterior.

Vá lá. Sabes que queres. Conheço os teus segredos. Não me faças  
contá-los. XX.

Um calafrio percorreu-o, o suor esquecido. Pensou logo em Sadie, como sempre fazia – sempre fizera. Ela voltara. Ele esperara, desejara e sussurrara – e ela voltara.

*A que preço?*, perguntou uma voz penetrante, e olhou para o *e-mail* de novo. *Sabes que queres.*

Obrigou-se a apagá-lo sem responder. Tranquilizou-se, tal como fizera da primeira vez. Essa pessoa – fosse quem fosse – não sabia de nada. Não era possível (ele não podia permitir que isso fosse possível).

E então ele não iria; não iria ao encontro deles. Não diria nada e não teriam nada a dizer. Porque não havia provas. Ele tinha a certeza disso.

Não tinha?

O computador apitou com outro *e-mail*. Ele fechou a caixa de entrada sem olhar para ela.

Estava na hora de ir para casa.

## *Do diário de Leanna Evans (Extracto C)*

Passei os dias em que não te vi a fazer aquilo que te dissera que faria. Acabei de tirar os pertences do inquilino anterior do *loft* – caixas empoeiradas de tralha, nada de valor. Imaginei-te a fazer o mesmo enquanto trabalhava. Perguntei-me se ainda te encolhias em lugares escuros, ou se deras outra vez os teus primeiros passos em direcção às sombras. Nunca me permiti ter medo delas. Cantei enquanto libertava uma parede e depois a outra e, quando terminei, olhei para o espaço aberto e fiquei satisfeita.

Foi um trabalho solitário, como o meu costuma ser. Procurei outras coisas para me manter ocupada – vedando o chuveiro, atacando as grelhas do exaustor da cozinha com uma escova de dentes. Trabalhos complicados, que preenchiam o tempo e me faziam sentir letárgica e sem graça. Em geral essas tarefas deixam-me determinada e eu sabia que este não era o lugar para mim. Não procurei emprego. Sabia que não seria necessário.

Passei um longo dia a conduzir sem destino. Fora, longe da cidade e pelos campos, deixando a estrada desenrolar-se atrás de mim. Apenas para ver como seria. Quando consegui convencer-me a voltar, já estava quase na hora da campainha de saída, por isso fui até à escola e esperei no estacionamento, feliz ao menos por ter a oportunidade de dar boleia a Billie. Talvez seja tolice da minha parte preocupar-me por ela ter de andar quinze minutos a pé até casa, mas preocupo-me. Tenho a certeza de que entendes. Muitas vezes vejo-me a inventar pequenas desculpas para a ir buscar, razões para estar convenientemente ali perto.

E eu estava com sorte, porque Billie trouxe Amber com ela também. Vi as duas passearem pelo recreio, as cabeças inclinadas juntas a verem qualquer coisa no telemóvel de Amber. Quando se aproximaram, buzei e vi as duas olharem para cima e sorrirem.

– Podes dar boleia à Amber? – perguntou Billie e eu assenti, todo o meu medo a dissipar-se.

Bem. Não todo. Nunca desaparece completamente, não é?

Ouvi-as a tagarelar uma com a outra enquanto conduzia, maravilhada com o

que tinham a dizer uma à outra, mesmo depois de um dia inteiro na escola. Billie sempre foi uma tagarela, mas Amber não era como outras raparigas que estiveram com ela no passado, aborrecendo-se com facilidade e falando por cima dela, ignorando-a. Amber ouvia atenta, respondia conscienciosamente. Pensei outra vez em como ela era inesperada.

Talvez seja por isso que concordei quando Billie me perguntou se poderia ir a uma festa naquele sábado. A felicidade delas era contagiante, ambas a sorrirem-me do banco de trás. Senti-me leve, o meu humor sombrio prévio esquecido.

Disse que sim. Sabia que a festa com certeza teria álcool e rapazes. Eu disse sim à mesma, porque de repente senti que Billie estaria segura com Amber. Porque eu sabia que estava na altura de a soltar, só um bocadinho. Para começar a concentrar-me em mim e nas coisas que tinha vindo para este sítio para encontrar.

E esperava ver-te de novo, Sadie. Pensei que talvez pudesse por fim ajudar-te.

## Capítulo 24

2016

Amber faltou às aulas na sexta-feira à tarde para visitar Leo. Começara a achar que não o voltaria a ver. Uma mensagem que lhe enviou ficou sem resposta, e depois outra (como ela se odiava por ter enviado a segunda), e estava sempre a lembrar-se daquele dia em que ele lhe pediu para se ir embora, o modo como os olhos dele percorreram o seu corpo e como lhe virou costas.

Mas não fazia mal, porque ele ligou. Ele telefonou, e estava a ser atencioso, um braço em volta dela enquanto viam o fim do filme que ela pusera, o dedo dele a acariciar a pele nua perto do seu ombro. Puxou-a para ele e sussurrou-lhe ao ouvido que ela era linda, que sentia a falta dela. Por norma, isso fá-la-ia contorcer-se para se libertar – ter alguém próximo, ter alguém que a queira –, mas com ele era diferente. Especial. Ela aproximou-se mais dele e inspirou o seu cheiro, a terra e a fumo, a mancha de humidade na parede a aumentar atrás deles.

O filme terminou, os créditos a passarem apenas por um segundo antes de ele carregar no comando, deixando-os imóveis na sua jornada ecrã acima.

– Tenho de me ir arranjar – disse ele, e então inclinou-se e beijou-a castamente na têmpora. – Tenho de sair daqui a pouco.

Ela estava desapontada mas isso também era bom – agora podia chegar a casa a tempo para o jantar sem ter de escolher uma desculpa da sua lista para enviar a Miles. Em todo o caso, decerto ele não se importaria. Agora estava tão ocupado a observar Sadie que ela perguntava-se se ele notaria. Ouviu Leo ir à casa de banho, a água do chuveiro a cair ruidosamente na banheira. E depois a porta fechou-se e o ruído acalmou quando a água começou a escorrer-lhe pela pele.

Ela levantou-se e andou por ali, já a sentir-se ávida dele. Havia algo nele, algo inacessível, que a assustava – porque isso fazia-a querê-lo. Sentia-se diferente, sentia um buraco de necessidade abrir-se no seu peito e, de modo a fechá-lo, olhou. Surpreendeu-se a pensar em Sadie. Ela entrara no quarto de Amber uma noite, já tarde, com o hálito a vinho quente, depois de Miles se ter deitado.

Sentou-se aos pés da cama, com os lábios manchados de preto, e pediu a Amber para ter cuidado. Porque Billie falara a Leanna sobre Leo – isso não era particularmente surpreendente. O que a surpreendera fora a tentativa de Sadie ter com ela a conversa dos pássaros e das abelhas, se fora isso. Amber não tinha a certeza. Sentira-se demasiado envergonhada, demasiado aturdida, para fazer muito mais do que terminar a conversa o mais rápido possível. Mas agora lembrava-se. *Tens de ter cuidado com ele.*

Amber não pôde deixar de pensar que Sadie tinha razão. E então procurou. Não havia muito a encontrar no apartamento bastante vazio, com as suas falsas superfícies de madeira e o seu tapete crepitante. Uma única caneca vazia de sentinela na mesa-de-cabeceira, sem nenhuma borda de batom reveladora a denunciá-lo. Na gaveta por baixo, uma edição em *paperback* de *Carrie*, com a capa arranhada e descascada, as páginas de um amarelo-profundo.

Passou a mão pelos lençóis da cama e foi até à mesa. A camada superior envernizada estava a descascar num canto, o contraplacado exposto. O portátil dele estava no meio, mas ela já sabia que estava protegido por palavra-passe, e mesmo que fosse uma das suas habilidades, ela não conseguira bem ver qual era enquanto ele digitava; Leo parecia sempre arranjar maneira de inclinar o computador para ocultar o teclado. Ao lado havia outro par de livros: *A Rapariga Que Amava Tom Gordon*, e um velho guia turístico da localidade. (Amber não podia imaginar o que o autor teria inventado para preencher aquelas páginas todas.)

Abriu a primeira gaveta – um bloco de apontamentos solitário e algumas canetas mordidas espalhadas lá dentro. Abriu as duas gavetas seguintes numa rápida sucessão: ambas vazias, a cheirarem a lápis e a pó.

Estariam mesmo? Agachou-se e abriu a gaveta de baixo de novo, deslizando-a rapidamente e depois devagar. Sim: um chocalhar. O som de algo a deslizar de um lado para o outro no interior, embora não houvesse nada lá para ver.

Endireitou-se e escutou. A água ainda estava a correr, ouvia-se o som fraco de Leo a ensaboar o cabelo. Abriu a gaveta de novo e passou os dedos pelo interior, até conseguir agarrar a base solta. Puxou para cima, as corrediças de metal como tendões expostos. E, aninhado entre elas, um gravador digital fino como o que Miles costumava usar para gravar as suas palestras, às vezes, ou os seus pensamentos enquanto estava a pesquisar um artigo ou a classificar trabalhos. Uma presunção, na verdade – ela sabia muito bem que o telemóvel poderia fazer a mesma coisa.

Pegou nele, com a pele dos braços a arrepiar-se. Por baixo, havia uma pasta de papel pardo com o mesmo tom bege da gaveta. Olhou para ela, os dedos pousados na sua superfície. De repente estava com medo de a abrir.

Encontrou o botão de reprodução no gravador, baixando o volume com o polegar.

A voz reproduzida soava menos atraente do que quando ele falava com ela. Um tom mais alto, menos sotaque aplicado com todo o cuidado.

– Quarta-feira, dia quinze – disse ele, parecendo confuso. Ouvia-se o barulho de trânsito em fundo. – Miles parado à saída da biblioteca por uma mulher desconhecida. Após uma breve conversa, ele conduziu-a ao seu gabinete.

Teve de estender a mão para se agarrar à beira da mesa. *Miles. Pai.* Por que estava Leo a falar sobre o pai dela – a *observar* o pai dela? A gravação prosseguiu, uma buzina de carro estridente, mas a respiração ficou presa de repente na sua garganta, o coração tomado de pânico.

O chuveiro já não estava a correr.

Quando parara? Precisava de se virar, mas estava congelada no lugar, com um frio na nuca, certa de que ele estaria à porta se ela se virasse...

Ouviu o autoclismo e deixou a respiração sair apressada. Desligou o gravador e enfiou-o outra vez na gaveta, os dedos a recolocarem o fundo falso no lugar. Quando a porta da casa de banho se abriu, deslizou em silêncio outra vez para a sala, onde a televisão ainda mostrava os créditos parados.

Mudou para um concurso e desejou que o seu coração abrandasse. *Miles parado à saída da biblioteca por uma mulher desconhecida.*

No momento em que ele voltou para a sala, com o cabelo molhado e a gola do pólo preto levantada, ela dobrara a manta e estendera-a por cima do encosto do sofá. Sentou-se no seu lugar habitual, descontraída, um pé debaixo dela enquanto uma das mãos brincava com os cabelos.

– Céus, estava mesmo a precisar disso – disse ele, a sorrir, e ela devolveu-lhe o sorriso, com o coração a palpitar loucamente no peito.

## Capítulo 25

2018

Greta dormiu mal de novo, sonhos febris com um quintal do Texas; uma criança a escavar, as mãos e o rosto manchados de terra. Um bebé a chorar e madeira muito escura. Amber; o rosto de Amber na janela de um carro, a olhar para ela. Sorridente. A gritar. Roupas pretas de sangue. Acordou – ou pensou que acordara – com a pressão fria de uma mão em torno da sua garganta, uma sombra escura curvada sobre ela, mas depois arrastou-se para a consciência plena, o quarto vazio e o telemóvel a zumbir na mesa-de-cabeceira. Passou os dez minutos seguintes a pestanejar de barriga para cima, a perguntar-se por que estaria o seu coração acelerado.

Tinham agendado filmar hoje Amber num *talk show* à hora de almoço, mas à última da hora ela foi preterida por uma estrela de telenovela que se soubera estar grávida de um co-protagonista casado. Federica, estranhamente calada durante o pequeno-almoço no hotel, desapareceu para o quarto antes de virem levantar os pratos e pouco depois apareceu uma mensagem no telemóvel de Greta.

Tive de sair. Falamos depois. Entreténs A por hoje?

Um minuto depois, em rápida sucessão:

seria bom ter filmagens extra. material para encher  
apenas a conversar?  
leva o tom contigo

Três minutos depois:

diz-lhe só para ele levar a DSLR para filmar. mantém *low profile*. xx.

E Amber, sem perceber que Federica tinha saído ou que Greta estava a fazer



caretas ao telemóvel, espetou outro bocado de tangerina com o garfo e perguntou:

– Se não houver entrevista hoje, nós podemos ir às compras?

Greta reparou no «nós». Não «eu». Reparava nisso algumas vezes, agora, e isso incomoda-a. Como se Amber tivesse passado da custódia da infância para a custódia real e agora, de uma maneira substituta, para a deles. Não parece ocorrer-lhe que é uma adulta (em termos legais, pelo menos) e que pode ir aonde quiser, sempre que quiser.

E, no entanto, em vez de a mandar ir passear, Greta disse:

– Sim.

Luca também já havia desaparecido; assumiu que para falar via Skype com a sua namorada grávida em Cardiff. E portanto ela, Tom e Amber voltaram para os seus quartos, pegaram nas suas coisas e apanharam um táxi no átrio subterrâneo de betão.

Agora, debaixo das luzes brancas impiedosas da Westfield, sente-se mais exposta do que nunca. Amber deambula por ali, a tagarelar indolente, a verificar o telemóvel, tão descontraída como quando estavam só as duas na Disneylândia, apesar de Tom ter a câmara constantemente apontada para ela. Acabaram numa loja no primeiro andar, luzes fortes e paredes iluminadas de lilás contra o branco infinito do chão e os expositores e os manequins.

– Meu Deus, estas mensagens directas – diz Amber, a rir-se, acenando o telemóvel para que Tom (e a câmara) possam ver. – Estes tipos acham que eu sairia com um fulano qualquer que me envia mensagens sinistras? Quero dizer, *hello!* Tenho problemas de confiança, pessoal.

Passa por uma bancada de joalharia, pesadas gargantilhas a tilintarem nos expositores.

– Tens? – pergunta Greta.

– Bem, é *óbvio* que sim. – Entediada, Amber avança até à secção seguinte. – Da última vez que gostei de alguém, descobri que ele estava mais interessado no meu pai do que em mim. – Olha para eles. – Vamos comer depois disto? Estou a morrer de fome. – Avança sem esperar por uma resposta.

– Mas como te sentiste? Com Leo? – Greta insiste, seguindo-a.

– O quê, o meu namorado andar a espiar os meus pais? – Amber levanta um *top* à sua frente ao espelho; tiras de *chiffon* de seda branco improváveis num *top*. – Vá lá, bolas. Que espécie de pergunta é essa? – Olha para Greta e depois suspira, atirando o *top* outra vez para o cabide. – Foi uma merda, claro. Eu sabia que ele andava a brincar comigo. Só não entendi o porquê.

Ela passa pelos cabides, avançando para a secção seguinte.

– Eu repetia para mim, sabes? «Mulher desconhecida.» Queria saber quem ela era, porque aquele tipo se importava o suficiente com isso para gravar. Eu *precisava* de saber. Precisava de saber o que estava naquela pasta. Provavelmente

agora parece estúpido, tipo, por que não agarrei nela e a levei comigo, certo?

– Ou por que não lhe perguntaste sobre isso – sugere Greta.

Amber, ocupada a rodopiar com um vestido de veludo escarlate à frente dela, pára. Olha para Greta, os olhos a semicerrarem-se, e então vira costas. Greta entende que a desapontou. Violou um contrato não verbal que ela não sabia ter assinado.

– O que deveria ter feito? – questiona Amber, enrolando o vestido e atirando-o para a pilha que está a formar junto dos pés de Tom. – Ir ter com ele e dizer: «Ei, por que andas a perseguir o meu pai?», como se ele me fosse dar uma resposta sincera?

A sobrançelha de Tom levanta-se pensativa. Greta sabe o que ele está a pensar: *Sim, isso*. Ela tenta chamar-lhe a atenção, querendo partilhar a piada. Querendo, mais do que tudo, sair do círculo de atenção de Amber, mesmo que por um segundo.

Amber encolhe os ombros, voltando a sua atenção para o expositor das roupas.

– Tive de ser inteligente em relação a isso – diz ela, e então tira uma *T-shirt* esfiapada e acrescenta-a ao monte. Olha para a câmara. – Acho que isso não parece muito convincente – acrescenta, olhando de Tom para Greta e, depois, com outro encolher de ombros, olha para a pilha de roupas. – Devia ir pagar isto. Ei, querem ir almoçar ao Nando's?

Na fila para pagar, tira um vestido azul de um expositor.

– Isto iria ficar-te muito bem, Greta – diz ela, e aproxima-se para segurá-lo junto ao corpo de Greta. Os seus olhos salpicados de verde percorrem-na rapidamente, regressando sempre aos de Greta. Ela está perto o suficiente para que Greta cheire o cigarro no seu hálito, os últimos vestígios de tangerina a evaporarem-se. E então, com a mesma rapidez, afasta-se, o vestido oferecido num dedeado.

E Greta, surpreendendo-se, aceita.



Sentam-se num compartimento de canto, Greta a debicar inquieta uma asa enquanto Amber ataca uma espiga de milho, manteiga a escorrer-lhe pelo pulso. Tom, vegetariano, come o arroz de Greta e bebe a sua segunda cerveja. Ele e Amber estabeleceram uma ligação graças ao amor por *A Guerra dos Tronos* e a conversa evoluiu para as citações ocasionais lançadas entre garfadas. Ele posiciona a câmara na mesa, virada para eles, embora devam estar a entrar e a sair do enquadramento quando se inclinam para a frente para comer.

– Então, Amber – diz Tom, terminando a cerveja. – O que vais fazer agora?

Ela pára de mastigar e olha para ele; o mesmo olhar traído que lançara antes a Greta. Ele avalia a garrafa de cerveja vazia na mão e depois pousa-a na mesa.

– Não sei – diz Amber, pousando o milho no meio dos ossos no prato. – Acho que não pensei muito sobre isso.

– Ainda assim, deves ter algum tipo de plano, certo? – pergunta Tom. – Tipo, o que querias ser em criança?

– Rica – responde Amber, deslizando uma unha por uma falha entre os dentes.

– Parece que isso já está, não é?

Tom abana a cabeça.

– És esperta. Sabes que isso não vai durar. As pessoas vão esquecer, a vida vai continuar. E tu também tens de fazer isso. – Ele observa a carcaça no prato dela.

– Não podes passar a vida a comer isto.

Amber ri.

– Pois, obrigada, Tom. Não te preocupes comigo. Como tu disseste, sou esperta. Ei, vais acabar com essas batatas?

Greta abana a cabeça, desliza a taça na direcção dela.

– Se calhar devíamos pensar em ir andando – diz, e acha que pode ter desviado os dois, suavizado o momento. Mas quando Amber passa um dedo com a unha bicuda pelos restos gordurosos de sal no fundo da taça, Tom diz suavemente:

– Isso nunca vai desaparecer, sabes disso. Tudo isto só vai durar um pouco mais, mas o que fizeste ficará contigo.

A cabeça de Greta levanta-se de repente, a boca abre-se, mas não sai nenhum som. Como se ela pudesse enchê-la com as palavras de Tom antes de chegarem a Amber.

E Amber levanta-se sem dizer uma palavra. Sai do restaurante sem olhar para trás e Greta e Tom observam-na a ir-se embora.

Encontraram-se a seguir às aulas, apesar de ser quase Inverno agora, o ar a tornar-se cortante e a luz do dia já a desaparecer enquanto tocava a campainha para irem para casa. Ao lado da escola havia um parque infantil e Sadie esperava junto à grade com Helen, a observar as crianças a brincarem lá dentro enquanto os pais esperavam que os seus irmãos e irmãs aparecessem pelo portão. Perguntou-se se alguma daquelas meninas cresceria para ser especial, se alguma delas seria levada. A cicatriz na palma da mão estava quase curada e fazia comichão quando a pele se unia, a linha de carne a ficar branca. Olhou para a mão de Helen, mas Helen estava de luvas, um cachecol enrolado em volta da garganta e um gorro com pompom puxado para baixo a tapar as orelhas numa tentativa de afastar a primeira das muitas doenças que o Inverno certamente lhe traria.

Seja como for, a dela era só um arranhão, pensou Sadie com indelicadeza, embora fosse verdade que Helen se afastou quando Justine lhe meteu a faca, os olhos a encherem-se de lágrimas. Decerto não era o suficiente para ser especial, decidiu Sadie. Em todo o caso, ela nunca acreditou que Helen seria escolhida.

Marie foi a primeira a aparecer, um balão amarelo-néon da sua pastilha-elástica a estalar e rebentar enquanto se aproximava delas. Tinha o walkman preso na beira da sua mochila, os auscultadores pendurados ao pescoço como um colar, embora Sadie soubesse que eram proibidos na escola. Antes de ouvir falar do Tall Man, Marie soubera que era especial.

– Ei, cromas – disse ela, encostando-se ao corrimão ao lado de Sadie.

– Olá – disse Sadie. Marie já não a intimidava.

Justine ainda a intimidava. Mas embora esperassem até que a estrada estivesse vazia e as primeiras estrelas comesçassem a aparecer no céu sujo, Justine não apareceu.



Naquela noite, Sadie sentou-se na cama, a ouvir a casa em silêncio à sua volta. Os pais estavam a dormir há muito tempo e as luzes dos vizinhos também se tinham apagado, apenas o farol ocasional de um carro distante piscando através da sua

parede. Sabia que estava na altura. Não podia deixar Justine ser a única.

Passou o dedo pela cicatriz na palma da mão, e então fechou os olhos e pensou no bosque. Quero ser especial, pensava, de cada vez que tocava na cicatriz.

Ouviu-se um som ondulante no quarto, um arranhar nas paredes.

Pensou em Justine com a faca na mão, pensou em Helen a agachar-se para espalhar terra em cima de uma fotografia dela e de Marie, empurrando-a mais profundamente no chão. Por favor, deixa-me ser especial.

As molas do colchão chiaram, a extremidade a afundar-se com um peso súbito. Outro conjunto de respirações juntou-se ao dela no quarto, a dele fria e profunda e a cheirar a árvore e a terra e a cinza.

Sadie abriu os olhos.

## Capítulo 26

2016

O Sol voltou a aparecer para a festa de piscina de Jamie, depois de dois dias cinzentos e com chuviscos. Atravessou as nuvens de algodão desfeitas e o vento afugentou os restos delas, deixando a luz reflectir-se nos carros e brincar através das janelas. As crianças passavam pelas casas com as suas vozes alegres e os adolescentes aventuravam-se no exterior, as peles leitosas expostas.

Amber estava a arranjar-se em casa de Billie, o cabelo meio enrolado, o alisador a fumar ao lado da orelha esquerda. Aprendera a cronometrá-lo; deixando o cabelo aquecer até quase queimar, puxando o alisador da maneira que a avó fazia para enrolar os laços de embrulho com uma tesoura quando ela era pequena. Billie, demorando-se ao espelho atrás dela, olhou para os dois telemóveis pousados na cama.

– O Leo está a ligar-te – disse ela, sorrindo.

Amber encolheu os ombros.

– Ele que ligue outra vez – disse, as palavras a parecerem vazias, e piscou o olho para o reflexo da amiga, embora não sentisse vontade de o fazer.

Billie riu e voltou a mexer numa borbulha no queixo diante do pequeno espelho manchado de uma das paletas de sombra de Amber. Observou Amber a enrolar outra madeixa de cabelo em volta de uma das pás do alisador.

– Achas que devia fazer caracóis no meu cabelo? – perguntou, insegura. – Os cachos não vão desfazer-se todos depois de o molhar?

– Provavelmente – disse Amber, arrastando o alisador com um silvo. – Mas não intenciono molhar-me. Vou sentar-me ao sol e adulterar o ponche da mãe de Jamie. – *E pensar no meu pai a ser perseguido*, pensou. *Pensar em Leo a andar à socapa, a observá-lo*. Não, ela não pensaria nessas coisas. Prometera-o a si mesma. Este era um dia para se divertir, para esquecer as muitas maneiras pelas quais os seus pais e os erros deles se infiltraram na sua vida e nos seus pensamentos e sentimentos. O pai estava a ser perseguido? O problema era dele. A mãe estava a perder o juízo outra vez? Paciência. Estava tão cansada disso tudo. Só queria

divertir-se e ter dezasseis anos e não se importar com nenhum deles.

Mas Leo continuava a ligar e ela precisava de atender em breve. Não queria que ele percebesse que havia algo errado. Ou, pior, que parasse de tentar antes de ela ter tempo de descobrir o que ele andava a fazer.

– Agora é Jenna quem está a ligar-te – informou Billie, olhando outra vez para os telemóveis.

– Então atende – disse Amber, irritada e a tentar disfarçar isso como sendo algo fixe. Um privilégio: podes atender o meu telemóvel. Pôr-te no meu lugar. Se eu.

– Diz-lhe que estou ocupada – lembra-se de dizer no último minuto, Billie deu olhos arregalados e a assentir.

– Ei, Jen! – disse, saltando da cama e caminhando até à janela. Muitas vezes ela andava de um lado para o outro quando estava ao telemóvel, reparou Amber. Como Miles fazia quando estava com uma chamada de trabalho e desconfortável.

– Ah, Amber... hum, está a fazer uma coisa – disse Billie, com o rosto avermelhado pelo peso ou pela excitação da mentira. – Sim, ela veio cá para se arranjar.

Amber podia imaginar o rosto de Jenna ao processar a informação.

– Ams, que sapatos vais levar? – perguntou Billie, sentando-se ao lado dela para que Amber pudesse sentir o cheiro da loção de bebé *Johnson's* que ela espalhara nas pernas.

– Chinelos de dedo – disse Amber, esquecendo-se de mencionar que eram os que faziam as suas pernas parecerem longas e finas. Jenna poderia aparecer com *Havaianas* velhas.

– Só chinelos de dedo – cantou Billie ao telemóvel, saltando para longe e vasculhando o seu roupeiro.

As únicas pessoas (com excepção de Miles) que Amber já tinha visto usarem dictafones eram as pessoas em filmes dos anos de 1980 e jornalistas.

Uma vez houve um escândalo na universidade de Miles quando um dos professores dormiu com uma aluna. Duas alunas, na verdade, e foi assim que ele foi apanhado. Elas descobriram uma sobre a outra e decidiram vingar-se – miúdas espertas, na opinião de Amber – falando aos jornais sobre o seu professor tarado e de como ele lhes prometeu boas notas enquanto se enfiava nelas com a boca húmida de encontro aos seus pescoços e todas aquelas promessas a escaparem-se para os seus cabelos.

Amber achou engraçado na época; as fotografias no jornal do professor com aspecto velho, suado e envergonhado. Agora não podia deixar de pensar se o pai teria cometido o mesmo erro; se a mulher era uma estudante e Leo, um jornalista a escrever uma história sobre ele. Ele faria isso? Ela amava o pai, mas há muito que desistira da ideia de que ele era perfeito. Ele era apenas humano, ela sabia disso, e não era como se ele estivesse a fazer alguma coisa com Sadie durante

todos aqueles anos.

*Meu Deus. Não chores, Amber, pelo amor de Deus. Quantos anos tens, dez?* Puxou a última madeixa de cabelo para o alisador com mais força do que a necessária, gostando da sensação de pontadas no couro cabeludo. Não chorou. Nunca chorava. Chorar não resolveria nada; era para bebés pequenos e fracos e ela não seria fraca.

– Okay, adeeeus – disse Billie, desligando e atirando o telemóvel outra vez para a cama. – A Jenna vai chegar lá às duas – informou.

– Fixe. – Soltou a última madeixa e desligou o alisador. Um ponto final. *Não penses nisso.* – A tua mãe ainda pode dar-nos boleia?

– Sim! – Billie pegou num vestido curto às listas vermelhas e brancas. – Isto vai ficar bem?

– Sim, isso é bom. – Na verdade, era, percebeu, o coração a afundar-se. – De que cor é o teu biquíni?

Billie levantou o *top* para lhe mostrar. Azul-marinho com um laço branco no meio. Giro. Amber sorriu-lhe.

– Perfeito.

Ela virou-se e viu-se outra vez ao espelho. Vestido cor de laranja às flores, justinho, como ela gostava. Biquíni preto por baixo – um em triângulo que roubou a Sadie (onde quer que Sadie estivesse, reflectiu Amber, precisara de um biquíni a certa altura. Não poderia ter sido assim tão mau). A parte de baixo era um bocado grande, mas estava bem presa nas ancas. Estava satisfeita com essa roupa quando saiu de casa e mesmo assim, agora, ao olhar para ela, não tinha assim tanta certeza. Ela não podia saber ao certo o que havia de errado, mas havia uma palavra a circular-lhe na mente enquanto se estudava: *reles*. Era uma palavra que Sadie – ou, na verdade, Leanna, definitivamente Leanna – usaria, não algo que Amber diria ou pensaria. Mas estava lá na sua cabeça e encaixava. A roupa de Billie parecia bem escolhida, como algo saído de um catálogo. Amber, agora (tão perfeita antes), de repente parecia vestida com coisas que tirara à toa do expositor de saldos.

– Estás com ar tão sexy – disse Billie melancólica atrás dela. – Gostava de ter o teu aspecto.

E Amber sorriu para ela ao espelho e aplicou outra camada de brilho labial.

– Anda lá – disse ela. – Vamos.



A casa de Jamie ficava do outro lado da cidade, num grande e amplo beco sem saída, onde as casas tinham longas e extensas vias de acesso e pilares a emoldurarem os portões. Os carros cintilavam e as janelas brilhavam; as paredes eram de um branco uniforme. Qualquer som do resto da rua era abafado pela música de dança que vinha do jardim dos Donnolly.



– Liga-me quando quiserem vir para casa, *okay*? – pediu Leanna, olhando ansiosa para a casa, com as janelas espelhadas pelo sol.

– Obrigada, mãe. – Billie inclinou-se e beijou-a na face; um beijo infantil e ruidoso que fez Amber revirar os olhos no banco de trás. Mas havia uma sensação estranha de ciúme no seu peito. Se as coisas tivessem sido diferentes, teria ela sido o tipo de filha que beijaria Sadie assim?

Saiu do carro na esperança de que isso dissipasse a sensação.

– Obrigada, Leanna – disse, fechando a porta e deixando o sol aquecer-lhe a pele. O verniz roxo que aplicara com cuidado nas unhas dos pés naquela manhã já estava lascado.

Leanna não foi logo embora. O carro ficou ali parado e ela observou-as enquanto passavam pela parte lateral da casa. Amber não olhou para trás, dando o braço a Billie enquanto transpunham o portão do jardim.

Os pais de Jamie não estavam, ela mentiu a Leanna sobre isso. Estavam de visita à família algures durante o dia, o irmão mais novo fora com eles e, num par de horas, a pequena reunião para que lhe dera autorização expandira-se (previsivelmente) fora de controlo. A piscina estava cheia de pessoas, todas a chapinharem, a rir e a beber, raparigas aos ombros dos rapazes, rapazes a afundarem-se uns aos outros. Em cada uma das bordas havia raparigas, sentadas com as pernas dentro de água, até que de vez em quando um rapaz aparecia e puxava uma delas com um grito e um chape. Muhammed, da sua turma de Matemática, trouxe a sua mesa de mistura e meteu-a numa mesa de piquenique perto da casa, com um enorme conjunto de colunas que vibravam sempre que o baixo entrava, os talheres de plástico em cima da mesa a tremer. As pessoas dançavam no relvado, as bebidas eram entornadas, sofás e cadeiras saíam da casa e estavam abandonados na relva, com as pernas a enterrarem-se no chão. Dois rapazes estavam a lutar com as garrafas de *ketchup* e mostarda, arcos de vermelho e amarelo a voarem e a respingarem nas pedras claras do pátio.

A enorme churrasqueira cromada dos Donnolly fora tomada por dois rapazes do seu ano, Kenny Wu e Justin Staniland, enquanto Ona Fitzgerald e Casey Lafountain, da sua turma de inglês, assistiam e criticavam, a cambalearem nos seus sapatos de cunha.

– Ei, pessoal – disse Kenny, olhando para cima e vendo-as. O fumo do churrasco erguia-se numa espiral diante do seu rosto, os seus óculos de sol embaciados. – Querem uma salsicha?

– Ninguém quer a tua salsicha, Kenny – replicou Justin, acotovelando-o.

– Macia e succulenta – insistiu ele, balançando as sobranceiras.

– Vou dispensar – disse Amber. – Parecem bem cruas. Há um parasita qualquer que se apanha com a carne de porco crua, não é? – Ela lançou um olhar à salsicha meio comida na mão de Casey. Este guinchou e largou-a de imediato.

– Quero um hambúrguer – declarou Billie por cima do ombro. – Apanham-se

parasitas com os hambúrgueres?

– Nã. – Amber olhou para os restos negros e fumegantes dos hambúrgueres. – Acho que não há problema.

Justin enfiou um num pão com ar desmanchado e entregou-o a Billie com uma piscadela. Ele gostava dela, Amber sabia, mas Billie corou e desviou o olhar. Amber questionou-se se ela andaria à procura de Jake. Esquecera-se de perguntar se ele já respondera à mensagem que ela convencera Billie a mandar-lhe, embora não tivesse pensado que o faria. Provavelmente estava demasiado ocupado a interrogar-se por que razão Amber nunca respondeu às mensagens que ele lhe enviou.

– Então, o que se tem passado? – perguntou aos rapazes, a tentar dar uma olhadela aos cabelos nas lentes espelhadas dos óculos de Kenny. – Uh... Quem é aquela? – Uma garota saiu de trás do barracão, a vomitar um *spray* cor de laranja contra a cerca e depois a cambalear contra ela.

– Oh, é a prima de Deena Jordan – disse Kenny. – Alguém meteu álcool no ponche.

– Oooh. – Amber examinou de novo o jardim: lá estava, uma grande tigela de vidro com sumo de laranja rosado dentro. – Anda, Bill.

Abriram caminho em volta da piscina, com cuidado para não chegar perto o suficiente para os rapazes que agarravam e atiravam à água. Billie deu uma dentada no seu hambúrguer e fez uma careta.

– Está mesmo queimado.

– A sério? Não me digas...

– Ei, pessoal! – Jenna apareceu no meio da multidão. – Já cá estão! – E depois, no mesmo fôlego: – Oh, meu Deus, Billie, o teu vestido é *adorável*... estás tão gira!

– Obrigada! – Billie corou de novo e puxou o tecido como uma criança, embora Amber percebesse que Jenna não o dissera como um elogio. Ignorou-a e avançou pela multidão até à mesa. O ponche tinha um ar ainda mais duvidoso de perto, com várias folhas de erva a flutuar na sua superfície, mas ainda assim ela verteu algum para dois copos de plástico. Empurrou uma para Billie, que olhou para ela com desconfiança, a segurar desajeitadamente tanto o copo como o hambúrguer na frente dela sem fazer a viagem até a boca. Amber bebeu um gole grande. Apesar da cor, sabia a vodca e a sumo de laranja e não muito mais. Bebeu outro gole, notando (sem se importar) que se esquecera de tirar um copo para Jenna. Isso não parecia importar, no entanto; Jenna estava inquieta, de olhos vidrados enquanto olhava em volta.

– Isto é tão fixe – comentou ela, afastando o cabelo do rosto, e Amber sorriu. Ela não achava que fosse assim tão fixe – na verdade, era uma confusão. Barulhenta e suja e infantil. Tentou imaginar o que pensaria Leo se estivesse ali, e então lembrou-se de que não se importava com o que Leo pensava sobre qualquer

coisa (que mentira!). Suspirou e acabou com o seu ponche. Aquilo deveria ser perfeito; embebedar-se e fazer parvoíces e estar de biquíni, todos os olhos nela. Luminoso e ensolarado, fixe como nos videoclipes. Em vez disso, era só *ketchup* no pátio e relva no ponche, rapazes a arrotarem e a constante explosão de água com cloro quando mais alguém se atirava na piscina. O Jamie não se via em lado nenhum – com certeza escapou para o andar de cima com Katie Barrow, a sua namorada – e isso também era uma pena, porque Amber sempre imaginou como seria beijá-lo.

Voltou e encheu o copo de novo, aceitando uma dose extra de algo claro de Kenny, que parecia ter abandonado o seu posto no churrasco.

– Vestido fabuloso, Banner – disse, olhando para ela, e Amber soube então que o rapaz estava mesmo bêbedo. Kenny era como a maioria dos rapazes do ano deles; tratava Amber como ela fosse o sol. Como se gostasse de tê-lo por perto mas fosse perigoso olhar para ele.

Com receio de se queimar.

– Obrigada, Kenny.

Ela olhou para as amigas. Billie ainda estava a olhar ansiosamente para a bebida, e Jenna, a rir, pousou-lhe a mão no braço e disse algo daquele modo insistente e estridente que ela tinha, até que Billie, com o nariz franzido, levou o copo à boca e engoliu o resto de uma assentada. Jenna gabou-se triunfante e virou costas, já entediada.

Amber encheu outro copo e voltou para junto delas.

– Precisas de mais uma dose? – perguntou a Billie, entregando-lhe a nova bebida e, dessa vez, Jenna olhou para baixo e fez beicinho.

– Ei, onde está a minha?

Amber encolheu os ombros.

– Tu tens pernas. Eu só tenho duas mãos. Vai buscar para ti.

Jenna olhou para ela, o rosto duro, e Amber sentiu algo agitar-se dentro dela. Não conseguia descobrir se era medo ou excitação, mas aprendera há muito tempo que eram sensações tão parecidas que em geral não importava.

– O que se passa contigo? – perguntou Jenna ao fim de um momento, a boca a torcer-se, e a emoção tornou-se azeda. Não era assim que as coisas se deveriam passar. E ainda estavam a sair palavras da boca bêbeda e desleixada de Jenna. – Há meses que tens andado a ser *mesmo* cabra.

Amber manteve o rosto sério.

– Sempre fui uma cabra, Jen. Só agora reparaste?

Jenna riu, muito alto e agudo, as pessoas em volta delas a virarem-se para olhar. Billie recuou um passo.

– Oh, meu Deus, estou *tão* farta de ti! – exclamou Jenna de repente, mais alto ainda, o seu hálito quente e a cheirar a levedura. – É melhor teres cuidado, Billie. Podes ser a preferida dela agora, mas depois ela vai mastigar-te e cuspir-te; não

vais durar nem uma semana.

– Estás bêbeda – disse Billie em voz baixa. – Devias calar-te. – E Amber amava-a.

Mas Jenna estava outra vez a rir.

– Ela é uma cabra! – gritou. – Vais ver! Ela é uma cabra maluca, tal como a mãe dela!

Todos estavam a olhar, a música ainda a tocar e a água a bater contra os lados da piscina e ninguém a conversar. E Amber, voltando a si numa espécie de névoa, percebeu que não precisava de ficar ali. Amassou o copo de plástico e atirou-o para o lado, e a seguir deu um soco em cheio no meio da cara de Jenna. Não doeu, mesmo quando ouviu os nós dos dedos contra o nariz; nem depois, quando a mão dela estava vermelha e inchada. Em vez disso, entregou-se a ela, àquela sensação, enquanto observava Jenna a cambalear para trás, o sangue a pingar no pátio manchado de mostarda. Ela cambaleou para trás e olhou para Amber e ninguém fez nada.

Nunca ninguém fazia nada.

## Capítulo 27

2018

Amber não vai longe. Greta, despertando da sua paralisia aturdida, atravessa a multidão, em pânico (já a imaginar o que Federica dirá se não voltarem ao hotel com a estrela a tiracolo) – mas lá está ela, sentada à beira de uma floreira gigantesca de pedra, a observar Greta com os braços cruzados à frente do peito, o telemóvel na mão.

– Lamento – diz Greta quando está perto o suficiente, e Amber levanta-se com uma sacudidela do cabelo. Olha para trás, para Greta, para Tom, que acaba de se apanhar, com a câmara pendurada no pescoço como um dos *paparazzi* que até agora não encontraram aqui e diz:

– Vamos.

É só quando o táxi chega ao hotel que Greta percebe que o saco que contém o vestido azul está abandonado debaixo da mesa do Nando's.



Amber não desce para jantar e quando Greta vai bater à porta dela, a rapariga abre de roupão, bafo a *fast food* e o som da televisão atrás dela. As novas aquisições estão espalhadas em várias posições em cima da cama, um copo de papel gigante na mesa-de-cabeceira ao lado de pacotes de *ketchup* abandonados.

– Sem ofensa – diz Amber, o cabelo a desenrolar-se lentamente do nó em que ela o prendera no cimo da cabeça. – Mas só quero ficar sozinha.

E assim Greta volta para o restaurante, que está vazio, com excepção de um casal americano de calções e *T-shirts* do Palácio de Buckingham, e então, antes de conseguir sentar-se, muda de direcção e vai até ao pequeno e pegajoso bar do hotel. Outra sala sem janelas, vários dos seus focos a precisarem de ser substituídos – o efeito, no entanto, é em geral apaziguador, criando uma (não) iluminação favorável sobre o papel de parede descascado com as suas listas de efeito acetinado; os banquinhos em cubo de cabedal sintético.

Pede um copo de vinho e escolhe um lugar no canto da sala; a luz de uma

televisão muda a dançar na mesa reluzente. O vinho tem um gosto metálico, mas é frio e ela bebe-o com rapidez, observando os repórteres de notícias silenciados a debatarem as manchetes. Tenta não pensar em Amber lá em cima. Em breve, as filmagens terminarão. Em breve, poderá procurar novos trabalhos. Pode contar histórias que ela quer contar, o tipo de histórias em que ela queria trabalhar no cinema. Pensa no dia em que descobriu que, ao ter conseguido um lugar na Goldsmiths, iria mudar-se para Londres. Tinha a certeza de que trabalharia na ficção, lembra-se de ter dito aos seus amigos da escola que um dia iria trabalhar em filmes que mudavam as pessoas, mudavam o mundo. Lembra-se de ligar ao seu namorado Marc e de lhe dizer, as palavras a jorrarem incontrolavelmente, Greta sem saber ao certo se rir ou chorar. *Eu vou fazê-lo*, repetia. *Vou morar em Londres*. Foi só quando ele ficou calado que ela percebeu que também o deixaria para trás. Que o pensamento nem lhe ocorreu desde que abriu o *e-mail*. Ele adicionou-a no Facebook no ano passado. Ela viu fotografias do casamento dele, dos seus dois meninos. «Foi muito bom falar contigo», escreveu ele depois de terem trocado algumas mensagens. «Como estão a correr as coisas? Parece que estás a safar-te muito bem.»

*Não é tarde de mais*, lembra a si mesma. Noutro dia viu um *post* no Facebook sobre um curso de guionismo – um desses anúncios direccionados – e ficou surpresa com o quão profundamente isso a atraiu. Talvez devesse ver isso como um sinal. Talvez as histórias que ela quer contar sejam dela.

E ainda assim consegue imaginar, mesmo agora, as pessoas em festas que vão entusiasmar-se com o quanto adoram esse filme, como adoram «aquela parte» em que Miles chora ou quando Amber dá aquela risada sinistra. Vão perguntar-lhe como foi conhecê-los e ela vai pensar nessas noites sem dormir, nos gritos ecoantes de uma criança a martelarem-lhe nos ouvidos, na sensação de respiração na nuca quando não está ninguém lá. *Acreditas no Tall Man?*, vão perguntar-lhe, e talvez, nessa altura, não lhe apeteça responder *sim*.

Termina o seu vinho e pede um novo. Um empresário, de casaco em cima de um braço, senta-se numa mesa no canto oposto ao dela, jornal e cerveja na frente dele. O *barman* continua a polir copos, com a sua cerveja meio cheia a seu lado. E ela bebe, e tenta não pensar nos Miller ou nos Banner ou no sangue a espalhar-se pelo chão do bosque.

– Queres outro? – Ela olha para cima e Tom está no bar, a indicar o seu copo vazio como se tivessem estado ali a noite toda juntos, como se fosse apenas mais uma sexta-feira no bar. Mas ela quer outro, e por isso assente.

– Perturbaste-a – diz ela, quando Tom põe a bebida na frente dela.

Ele puxa o banquinho em frente dela e senta-se, pousando o seu gim tónico numa base para copos.

– Eu sei – diz Tom. – Não devia ter feito isso. Lamento.

– Eu poderia tê-la filmado – diz ela, a língua lenta em algumas palavras. –

Nem era preciso vires. – Bebe um gole do vinho novo e, em seguida, com petulância, acrescenta: – Sei que não gostas dela.

Ele considera isso, os olhos no *pivot* por cima dela.

– Não – acaba por dizer, e então repete as suas palavras que lhe dissera uma semana antes. – Deveria?

– Ela é apenas uma miúda – diz Greta. – Por que tiveste de tentar fazê-la sentir-se mal? Por que sou a única que consegue ver que ela já o faz? Por que sou a única a ver que ela não consegue viver consigo?

– Talvez porque és a única que o quer fazer. – A voz dele é gentil, mas isso só a irrita mais.

– Sim, exacto! – Ela pousa o copo na mesa. – Toda a gente quer que ela seja má porque encaixa melhor na história.

– Eu não quero que ela seja má. Mas isso não significa que posso fingir que vejo algo de bom nela.

– Dás-te conta de como é horrível dizer isso sobre uma adolescente? Em especial uma que teve um começo de vida tão... fodido. – Sabe bem praguejar. Pergunta-se por que não faz isso com mais frequência.

– É isso, Greta. Sim, ela teve uma vida que nenhum de nós pode alegar entender; ela fez algo que nenhum de nós pode começar a compreender; mas estás a projectar para ela, estás a imaginar como te sentirias no lugar dela. Isto não é o que está à tua frente. Ela não é como tu. E também não é como os miúdos Miller.

Ela não responde.

– Estás a começar a preocupar-te demasiado por ela, amiga. Consigo ver isso. Uma dor de cabeça lateja-lhe nas têmporas.

– Não quero falar sobre isso – diz ela.

Ele sorri-lhe com tristeza, assente com a cabeça.

– Sobre o que gostarias de falar?

Ela bebe outro gole de vinho. O empresário termina a sua cerveja, os restos de espuma no copo, e levanta-se para sair.

– Sobre ti – diz ela. Olha para Tom. – Vamos conversar sobre ti.

Ele ri-se.

– Tudo bem. O que gostarias de saber?

– Conheceste Federica em *Bleak House*, certo? – O vinho está a deixá-la confiante, as palavras fáceis.

– Sim. Mas na verdade conheci a Millie antes disso. Eu era assistente de câmara num *reality show* pavoroso sobre a semana do caloiro, e ela estava lá a fazer pesquisa para um dos seus livros. A Federica apanhou-a. – Ele bebe um gole da sua bebida, o gelo a tinir. – Eu era quase o único que falava com ela; aquela equipa toda estava cheia de idiotas. Então, quando acabei em *Bleak House*, mencionei a Millie a Federica e, de repente, ela era a minha melhor amiga.

Greta anui.

– Sim, agora lembro-me de ela me dizer isso. Que Millie gostava de ti.

– Sabes o que se está a passar com elas?

– Com Millie? Não. Mas desta vez parece sério.

– Houve aquela mulher em Cannes...

Ela bebe um pouco mais de vinho, surpreendida com o pouco que resta no copo.

– Acho que sempre houve outras mulheres. Não sei. Não entendo o relacionamento delas; a Millie não é disso.

Ela faz uma pausa, as bochechas a aquecerem. Ela sente-se culpada, a falar com ele sobre Federica: outra surpresa.

– Ela agradeceu-te ao menos por assumires o controlo das coisas em Los Angeles? – pergunta, terminando a sua bebida.

– Sim. Bem, mais ou menos. Creio que deveria sentir-me lisonjeada por ela confiar em mim.

– Acho que neste caso específico há uma linha ténue entre «confiar» e «aproveitar-se».

Ela aponta para o copo vazio, ignorando o comentário.

– Queres outro? – Ela levanta-se da mesa antes que Tom possa responder. Não quer pensar nas muitas maneiras pelas quais Federica Sosa e Amber Banner estão a aproveitar-se dela. Nem nas formas como confiam nela.

No bar, ela verifica o seu telemóvel – nada de Federica o dia todo, e nada de Luca também. Pergunta-se se deveria enviar uma mensagem a Amber, tenta imaginar algo descontraído, amigável, algo que não seja logo traduzido como *Só estou a ver se ainda estás trancada no teu quarto*. Passa por *e-mails*, coisas que leu e a que se esqueceu de responder – uma conversa por *e-mail* entre velhos amigos da universidade sobre juntarem-se para jantar ou beber um copo, e Lisette a perguntar se Hetty e Greta acham que seria boa ideia trocar de operador de internet. Está a acontecer outra vez, da mesma forma que aconteceu com os Miller – a sua vida a desaparecer no fundo, a parecer uma ficção, uma trivialidade. *A história é tudo*, gosta de dizer Federica, mas é disso que Greta tem medo.

Ela leva as bebidas a Tom, que também está a verificar o telemóvel dele.

– Nada do Luc – diz ele, enquanto ela se senta. – Onde será que esteve o dia todo?

– Espero que Elke esteja bem – diz Greta. – Ela está para breve, não é?

– Para o mês que vem, acho. – Ele inclina a cabeça para acabar a primeira bebida. Greta olha para a televisão, onde o telejornal acabou, a rapariga da meteorologia a acenar para uma secção do litoral.

– Então, o que vais fazer a seguir? – pergunta. – Quando isto acabar?

– Gostava de ir visitar os meus pais por um tempo. – Inclina o copo,



observando o vinho a descer por ele, e a seguir leva-o à boca. A adiar. – E depois gostaria de voltar à ficção – diz ela, voltando cuidadosamente a pôr o copo para baixo. – Nada de mais documentários por um tempo, acho.

Ele concorda.

– Entendi. Portanto, de volta para a América?

– Talvez. – Tenta imaginar-se de regresso a Dearborn. Casada e com dois meninos. – A dada altura também gostaria de viajar. E tu?

– Tenho andado a pensar em ir-me embora, na verdade. – Ele olha para a sua bebida. – Guardei algum dinheiro. Quero dizer, sei que temos de ir a alguns lugares óptimos, mas quero *ver* as coisas sem estar atrás de uma câmara para variar.

Ela olha para ele.

– Sim. Para apenas *ver*. Estou tão cansada de procurar a imagem, de procurar a história. Eu quero ver. Apreciar as coisas sem imaginar qual é o melhor ângulo.

Ela está mais embriagada do que imaginou, envergonhada com a seriedade com que soa.

Ele sorri, levanta o copo.

– Para fugir – diz ele, e ambos continuam a olhar um para o outro.

O seu telemóvel vibra em cima do verniz lascado da mesa. Federica.

A voz dela está rouca e o trânsito ruge pela janela aberta do carro, por isso de início é difícil para Greta ouvir (o vinho não ajuda) o que ela está a dizer.

E então ela ouve. Ela entende.

– Sadie – diz Federica. – Sadie concordou em falar connosco.

## *Do diário de Leanna Evans (Extracto D)*

Fui buscar as miúdas à festa delas às nove da noite como combinámos. Elas estavam à minha espera no passeio do lado de fora, mesmo onde as deixara ficar, embora fosse óbvio que a festa ainda estava a decorrer – música a ribombar, pessoas aos berros nas janelas enquanto um casal se beijava no relvado da frente. Perguntei-me que espécie de pais deixariam algo assim acontecer em sua casa, e fiquei feliz por as nossas meninas serem diferentes. Elas estavam caladas no carro, Billie a perguntar se podíamos ouvir música enquanto Amber estudava as suas mãos no banco de trás, e pensei que elas não se tinham divertido. Fiquei feliz por ter feito o esforço de as levar para casa.

Elas vestiram pijamas de Billie quando entrámos e depois sentámo-nos na sala de estar e debatemos que filme ver. Fui buscar cobertores ao armário – a noite arrefecera apesar do sol daquele dia, e foi bom estarmos todas juntas em casa. Na cozinha, preparei a lasanha que fiz, fatiei um pouco de pão crocante para acompanhar. Comemos a ver o filme, tapámo-nos com os cobertores e, depois, preparei chocolates quentes como fazia quando Billie era pequena; *chantilly* a escorrer pelos lados, com um monte de *marshmallows* em cima.

Gostei muito da noite, como tenho gostado de todas as outras quando Amber ficou cá. Gosto do som das suas gargalhadas a encher a casa, de ter de novo outra pessoa para quem cozinhar. Não creio que Billie se lembre de como era antes de Ralph se ir embora, mas, para mim, ter uma terceira pessoa na mesa é bom, parece correcto. Tenho a sensação de que nunca pensaste nisso; que uma parte de ti – talvez não percebas – mesmo agora apoia-se nos dias em que eram apenas Miles e tu.

Tu. A minha mente não pára de se preocupar contigo; a analisar a maneira como parecias estar da última vez que nos encontramos, o modo como falaste. Sei que algo mudou. Não suporto não saber. Mesmo com os créditos do filme a passarem, fiquei a pensar em ti. A imaginar se estarias sentada diante da tua televisão com o teu marido ou se estarias sozinha algures com as sombras.

Tentei lembrar-me de todo o planeamento cuidadoso que trouxe para aqui. Lembrei-me de que era eu quem era especial; quem te encontrou, quem

encontrou Amber. Eu tinha provado o meu valor quando não fizeste nada a não ser fugir daquilo que te pertence. Quando dei as boas-noites às nossas meninas, disse para comigo que não precisava de me preocupar. Pensei em ti sozinha e sabia que a hora chegaria em breve. Não estava com medo quando apaguei a luz.

## Capítulo 28

2016

Havia um homem (*o homem alto, o Tall Man*) do lado de fora da casa. Sadie sabia que não estava a imaginá-lo. Olhou e verificou e considerou e soube-o com uma determinação fria: ele estava lá. De pé a observar a casa, o rosto na sombra.

Ela estava à janela do quarto, meio escondida pela cortina, e verificou novamente. Disse a si mesma que era a imaginação a pregar-lhe partidas, da mesma forma que fizera no auditório de Miles, o seu medo a conjurar a voz dele, o toque dele.

Ainda estava lá. Susteve a respiração e envolveu-se no seu casaco de lã.

A coisa que mais a assustava era a necessidade (*a esperança*) que residia sob o seu medo. Pensou na sensação de dedos gelados no seu braço, a respiração a percorrer-lhe a pele. Seria assim tão errado voltar para o conforto das sombras?

Reparara nele pela primeira vez quando estava a descer as escadas, um cesto de roupa debaixo do braço. As roupas de Amber, todas a cheirarem a fumo doce, as golas manchados de maquilhagem. Ela parara porque uma faixa na janela lhe chamou a atenção; uma mancha brilhante de hidratante, o autobronzeador gradual que Amber usava que secara e ficara castanho no vidro. Ela parou para limpá-lo com a manga (esborratando-o ainda mais) e pela janela viu a figura ali parada.

Nem sempre fora assim. Ele normalmente não era tão tímido. Ela convidara-o para entrar, há todos aqueles anos, e o seu mundo tinha sido dele depois disso, os quartos dela para ele atravessar, o ouvido dela para ele pressionar as suas palavras calmas e frias. Ele deixara-a antes, levando consigo as suas sombras, e embora sempre voltasse, nunca a insultara, não assim.

Claro que agora havia Amber.

Ele já não estava mais à espera dela.

Afastou-se da janela e encostou a testa à parede. Ela tentou, como sempre, não se lembrar de como tinha sido, escapando daquele minúsculo apartamento familiar na madrugada cinzenta e leitosa, o bebé deixado para trás. Movendo-se

com rapidez, o pequeno saco que trouxe a bater-lhe na coxa. Seios doridos, cheios. E sempre, sempre, aquele sentimento de alguém atrás dela. Aquela respiração no pescoço dela.

Ela soubera assim que a garota reapareceu, com seu cheiro húmido e metálico, que não podia ficar. Só mais tarde, depois de horas de caminhada e uma viagem suada de autocarro, pensara com mais cuidado naquele momento.

A menina avisara-a. A menina falou sem que o *Tall Man* estivesse presente. Isso não acontecera antes.

A menina, a filha levada, tinha mais poder do que ela julgava.

Pensou nisso de novo agora, a sentir a sua respiração a fazer ricochete na parede, o coração a bater-lhe no peito. Poderiam todas as filhas ser levadas? Ou haveria esperança?

Naquela primeira noite – terceira, se se contasse as horas gastas com os olhos fechados e o rosto encostado a um casaco enrolado contra a janela do autocarro – ficara no quarto de hóspedes de um amigo em Aberdeen. Ela confiava neles, ela sabia que podia. Eles nunca conheceram Miles e não lhe diriam onde ela estava, mesmo que ele de algum modo os localizasse para perguntar. Tinham as suas razões para não quererem perguntas. Lembrou-se do cheiro a mofo do travesseiro, do grito à meia-noite da recém-nascida deles. Sentiu-se culpada, ao levar o *Tall Man* de uma filha para outra. Mas as suas opções eram limitadas. Ela estava a aprender que nessas situações ela era a mãe que sempre esperou ser. A leoa.

Passou anos a ler artigos que não lera quando era a sua vida que estava em risco, a ler publicações em fóruns e perguntas anónimas em *sites* sobre o *Tall Man* e todas as vidas em que ele entrara. Quadro de mensagens após quadro de mensagens, arte dos fãs, notícias, teses. Passa horas a ler teorias contraditórias, as diferentes maneiras pelas quais as pessoas achavam que o *Tall Man* as tornara especiais. Os *posts* que diziam que apenas as crianças eram puras o suficiente, que de facto tinham o potencial para se tornarem especiais. Não havia histórias de alguém que conhecesse o *Tall Man* pela primeira vez enquanto adulto. Os fãs do *Tall Man* acreditavam que já era tarde de mais – o portão fechara-se ou o *Tall Man* perdera o interesse em deixar-nos entrar. E ela ficou aliviada; acreditara que protegera Amber ao partir. As sombras – embora fossem lentas e se contorcessem, nunca se aventurando por perto – moviam-se com ela para onde quer que ela fosse, deixando a filha viver na luz, até que por fim a deixaram também.

Agora ela regressou e ele também. *Cuidado com o que desejas*. Ela foi até à janela, olhou para fora de novo. Na escuridão, ele olhou para ela. E depois deu um passo para trás e foi engolido pela noite.



Quando acordaram de manhã, Leanna já estava de pé, como de costume.

Junto do fogão, massa de panqueca feita e à espera. E Amber não estava de ressaca, o álcool apagado pela lasanha que Leanna lhes dera e pelo sono, de modo que o cheiro da primeira panqueca a cozer na frigideira a fez ficar com água na boca. Sentou-se no seu lugar habitual na mesa e comeu indolente alguns dos morangos cortados ao meio que Leanna pusera no centro. Tinha a mão inchada, rachada entre duas articulações. Pensou em Jenna ali parada, com o sangue a escorrer-lhe pela cara. Como ela se virou e fugiu a correr para trás por entre a festa, ninguém a mexer-se para ir atrás dela. Amber a beber um gole de ponche, a passar o braço pelo de Billie.

Leanna cantarolou enquanto cozinhava até que, de espátula na mão, se virou para olhar para elas.

– Bom – disse. – Tive uma ideia maravilhosa. Senta-te, Billie, anda lá.

Billie esfregava os olhos como uma criança sonolenta, com o cabelo todo emaranhado de um lado.

– O que se passa?

– Apetece-me ir numa aventura. Vamos para a Escócia? Para a cabana? –

Virou a primeira panqueca e virou-se para elas outra vez. – Tu também, Amber, se quiseres.

– Ah... – Amber piscou os olhos, apanhada desprevenida. Ficou surpresa ao descobrir que – apesar do facto de ser uma oferta patética – ela na verdade queria dizer sim.

– Sim! Fixe! – Billie não achava que fosse patética. – Hoje? Oh, Ammie, vais adorar.

– Estava a pensar amanhã – disse Leanna, vertendo mais massa. – Pensei que, como vão ter férias na próxima semana, poderíamos passar alguns dias lá em cima. Quer dizer, temos de ver com os teus pais, Amber.

*Como se eles se importassem.* Amber comeu outro morango, a empatar. Com certeza havia coisas melhores para fazer com a sua semana. Ela não conseguia, naquele momento específico, pensar em quais poderiam ser.

– Liga-lhes, Am! – Billie olhou ansiosa para ela do outro lado da mesa, toda a sonolência esquecida, e Leanna riu.

– Não a chateies, querida. Ela pode não querer ir até lá connosco.

Amber viu-se a encolher os ombros.

– Sim. Parece bem. Obrigada, Leanna. – Porque sim, a Escócia seria fria e chata, mas pelo menos aquelas duas pessoas pareciam querer que ela estivesse lá.

Então ela iria. Comeu outro morango, sentindo-se satisfeita consigo.

E quando Leanna lhe meteu o seu prato de panquecas à frente, apertou o ombro de Amber, quase como se estivesse a dizer *obrigada*.

## Capítulo 29

2018

Greta acorda às 4:13, a colcha do hotel a arranhar-lhe a pele nua. Sente uma dor pulsante atrás da sobrancelha e tem a boca pegajosa e suja. Tenta virar-se, tenta puxar o cobertor com ela. Mas está em cima das cobertas, de sutiã e mais nada. Esforça-se para se sentar. As luzes estão acesas. Pisca os olhos contra a dor, uma das mãos pressionada contra o olho. Estendendo a mão para a mesa-de-cabeceira (esperando encontrar água), pega nos dois copos de plástico, a garrafa meio vazia de uísque.

A recordação regressa – mas difusa –, os lábios de Tom contra os dela, costas a irem contra a porta e depois a parede e depois a cama, as roupas despidas, goles ofegantes de uísque a entornarem-se sobre a colcha lustrosa. O pânico aumenta porque agora ela lembra-se. Lembra-se de pedir gelo, a garganta queimada de uísque, e ele a ir obedientemente, *T-shirt* e calças de ganga outra vez vestidas. Há quanto tempo foi isso? Ela encontra o seu telemóvel – vinte e duas chamadas perdidas, todas dele – e sabe que foi há horas, que ele desistiu de bater e voltou para o seu quarto. O calor sobe-lhe às faces e procura as cuecas emaranhadas no chão, a sua *T-shirt*. Vai à casa de banho e passa um dos copos por água, enche-o e bebe. Tem de se segurar ao lavatório para se impedir de vomitar e, quando tem a certeza de que conseguiu, enche-o de novo, a mão a tremer, e volta para o quarto. Mete-se debaixo dos lençóis e tenta (falhando) calar os fragmentos irregulares de memória, as mãos dele em cima dela, os seus gemidos húmidos contra o peito dele, os seus dentes a afundarem-se na pele.

Consegue cair num meio sono, aquelas imagens quebradas montadas para formarem uma espécie de sonho, e por isso o bater na porta, a princípio, não parece real. Sonha que abre; sonha que é Tom; sonha que ele a beija e a pressiona de volta para o quarto. Mas as pancadas persistem e ela acorda, percebendo.

*Tom?* Senta-se, uma sensação de afundamento no estômago. Desliza para fora da cama, puxando a *T-shirt* mais para baixo para cobrir as coxas. O seu hálito

parece espesso e pode rolar na sua boca, as mãos ainda a tremerem, e cada movimento faz a dor na cabeça latejar com mais força. As pancadas continuam e continuam.

Não é Tom. É Amber, o cabelo meio a cair de um rabo-de-cavalo que desliza para um dos lados da cabeça. Manchas de maquilhagem debaixo dos olhos, uma nódoa de *ketchup* no colete.

– Isto *não* pode acontecer, Greta – sussurra, entrando no quarto, e Greta, confusa, segue-a, vermelha de vergonha, consciente do seu fedor a transpirado.

– Amber, eu...

Amber gira em volta, aponta-lhe um dedo.

– Eu disse não. Estavas lá, eu lembro-me. Eu disse *ela não*. A minha *mãe* não.

Entendendo, Greta debate-se com o roupão pendurado no roupeiro.

– Eu sei que disseste. Lamento muito.

– Eu disse isso desde o início. Disse! Disse que só o faria se ela não estivesse envolvida.

Greta assente com a cabeça.

– Eu sei. Eu sei. Tentei dizer a Federica...

– Ela pensou que eu não ia descobrir? Achou que eu não ia saber disso? – Olha para Greta, que não tem resposta para dar. – Federica não devia falar com ela!

– Eu sei. – Greta aproxima-se com cautela e toca Amber suavemente no ombro, sentando-se as duas na cama. – Amber, Federica está sob muita pressão da estação de televisão. Ela tem de ter a certeza de que temos material suficiente e também que apresentamos tantos aspectos da história quanto possível. Sei que não é o que tu querias.

– Não vou fazer isso – diz Amber, de mau humor. – Se ela a quer, fica sem mim. Vou-me embora de manhã. Vou ficar com amigos, algures onde ela não me possa encontrar.

*Vou contigo*, pensa Greta, mas diz:

– Assinaste um contrato. Eles pagaram-te. Se fores embora agora, terás de devolver o dinheiro. Consegues fazer isso?

Amber solta um grunhido de frustração, batendo com os calcanhares descalços contra a base da cama com um baque surdo.

– Claro que não.

– Lamento. – É verdade. É sempre.

Os olhos de Amber semicerraram-se, os dentes a morderem o lábio inferior.

– Está bem – diz ela, olhando para Greta. – *Okay*. Farei o que ela quiser. Se ela deixar a minha mãe fora disso, eu fá-lo-ei. Voltarei lá.

– Mas disseste...

– Não me importo. Já não quero mais saber. Liga-lhe agora, Greta, e diz-lhe que podemos ir para a Escócia. Ela pode filmar-me naquela maldita casa e vou contar-lhe.



## Capítulo 30

2016

Os telefonemas começaram no sábado de manhã; cedo, enquanto Sadie estava a dormir. Miles não atendeu o primeiro, nem o segundo – ficou sentado, a ver o telemóvel a vibrar na mesa da cozinha, o ecrã a piscar. Um alarme silencioso. Era um número desconhecido – poderia ter sido alguma mensagem gravada relativa ao seguro do cartão de crédito, ou de *telemarketing* – mas ele sabia. Sabia que era a pessoa que enviara os *e-mails*. A pessoa que se autodenominava *SomeoneSpecial*.

Por isso desligou o telemóvel. E isso funcionou, durante um bocado. Lavou a loiça da noite anterior; esfregou o bocado queimado da panela. Sadie levantou-se e quando ouviu os passos dela acima dele, ligou a cafeteira. Manter as coisas a funcionar, sempre foi assim. Foi a única maneira. Agir com normalidade; fazer do normal uma muralha.

Mas as muralhas podiam ser escaladas.

Sadie desceu as escadas, o rosto esmaecido e pálido, e ele entregou-lhe uma caneca de café. O sorriso pareceu torto no seu rosto. Ficou contente por ter de parar quando ela se virou para se sentar.

– Estou tão cansada – disse ela, mais para si do que para ele, e Miles olhou para o corpo curvado à mesa e soube. Ele deixara aquilo continuar – ele deixara-a *ir*, pelo amor de Deus – quando poderia ter assumido o fardo dela, poderia ter explicado. E agora não haveria fuga. O tempo para fugir havia passado há muito tempo. Os seus fantasmas não podiam ser silenciados.

E então ele fez o pequeno-almoço para a mulher. Cortou a relva, arrumou o seu barracão, tirou as ervas daninhas dos canteiros de flores. As suas mãos pareciam trémulas e incertas quando lavou a terra no lava-loiça da cozinha, e não conseguiu olhar para o reflexo na janela. Quando Sadie apareceu atrás dele, com uma mão cautelosa nas suas costas, Miles não conseguiu impedir-se de se encolher.

Sem nada para arrumar ou consertar, deu consigo no seu escritório, as costas apoiadas na porta. Aspirou o cheiro suave e amadeirado da divisão e tentou

retirar força disso. Quando não conseguia resistir por mais tempo, ligou outra vez o telemóvel. Ficou abençoadamente silencioso por um minuto, e então vibrou uma vez, duas vezes na sua mão. Uma mensagem de Amber, a pedir-lhe para a ir buscar a casa de Billie. E uma mensagem de voz.

Pensou em apagar, mas de que adiantaria? Deixariam outra.

Carregou no ícone, encostou o telemóvel ao ouvido. O seu pulso bateu como um tambor enquanto esperava a ligação.

– Tem uma mensagem nova – disse a voz automatizada, e ele limpou mais suor da nuca.

– Miles, sou eu. – A voz dela era suave e fria, melódica, como um riacho sobre rochas. Enganou-o com a sua gentileza. Ele não esperava que ela soasse gentil. – Gostaria que conversássemos. Eu... – Ela baixou a voz; havia o som de uma porta a fechar-se, uma rapariga a falar ou uma televisão em fundo. – Eu sei de tudo. – O seu estômago revirou-se, a sanduíche que deixara a meio a ameaçar sair. Quase não ouviu a última parte, que era baixa, um sussurro. – Quero dar-te uma oportunidade de explicar.

Apagou-a com os dedos trémulos, tentou redigir uma resposta para Amber. Mas a voz dela ecoou no seu ouvido. *Quero dar-te uma oportunidade de explicar.* Como se pudesse ser assim tão simples.

Afundou-se na cadeira e olhou impotente para o computador. Se ao menos aquele primeiro *e-mail* nunca tivesse chegado. Se ao menos ele pudesse voltar àquelas semanas em que Sadie estava em casa e o trabalho corria bem e nada, nada (pelo menos por uma vez) estivesse a ameaçar romper a muralha.

Uma pancada na porta atrás dele fez o seu coração aumentar ainda mais de velocidade. Passou as mãos pelos cabelos, tentando compor a expressão do rosto, suavizá-la. Sadie rodou a maçaneta; abanou-a quando se recusou a abrir.

– Miles? O que estás a fazer?

Ele respirou fundo e abriu a porta.

– Desculpa. A porta prende. Andava a pensar em tirar a maçaneta e dar uma olhadela.

Ela olhou-o e ele pensou em agarrar nela, pegar num saco e meter algumas roupas nele, ir embora. Apenas conduzir sem parar. Para tão longe quanto pudessem ir.

Era impossível, claro, porque havia Amber.

Puxou a mulher para um abraço, pressionando-a contra o peito. Apertado – demasiado apertado; sentiu-a endurecer contra ele. Inspirou o cheiro do cabelo dela, sentiu o batimento irregular do seu coração contra o dele.

Ela afastou-se dele, a olhá-lo agora.

– O que se passa, o que tens?

– Nada. – Passou a mão pelo rosto dela, desejando poder deixá-la ali, esconder-se atrás dela. – Desculpa, estou cansado.

Ela afastou-se e foi até à janela.

– Ainda ali está – murmurou ela. – O que está ali a fazer?

– O quê? – Miles olhou por cima do ombro para a estrada lá fora, o pânico a subir por ele. – Não há ninguém lá fora, Sadie.

Ele não tinha assim tanta certeza. Não havia ninguém lá *agora* – mas teria visto uma figura apenas um segundo antes? O suor picou-lhe outra vez a nuca; perlando-se no seu lábio superior. E então, antes de se conseguir impedir, sentiu a fúria familiar a erguer-se.

– Devias marcar uma consulta com outro médico, Sadie. Estás a passar-te outra vez, seja lá o que for que o outro disse.

Ela recuou, as palavras como uma bofetada, e ele ficou contente. Afinal de contas, era tudo culpa dela.

✎

Amber estava sentada no muro baixo que corria ao redor do parque, à espera dele. Tinha a cabeça curvada, o telemóvel na mão como sempre, e o Sol brilhava atrás dela, o céu implacável e azul. Ele parou junto ao passeio e buzinou para lhe chamar a atenção. Observando-a a saltar do muro e correr para ele, lembrou-se dela aos cinco anos, aos saltos no recreio, com os totós a voarem. Aquele sorriso estranho e secreto que sempre teve. Havia uma massa sólida no seu peito e ele teve de lutar contra as lágrimas.

– Olá, pai. – Deixou-se cair no banco do passageiro e fechou a porta com força. Ela ainda não era tão alta como Sadie, mas as suas pernas pareciam mesmo assim impossivelmente compridas, o seu corpo de repente esticado.

– Olá, bebé – ouviu-se Miles dizer, tentando engolir aquela pressão no peito. – Eu podia ter ido buscar-te a casa de Billie, não tinhas de esperar aqui.

Ela encolheu os ombros.

– Elas tiveram de sair.

– Oh. Está bem.

– A propósito – disse ela, clicando no telemóvel para o bloquear. – Há problema se eu for de férias com elas?

Um carro abrandou quando passou por eles no cruzamento, um rosto pálido virado na sua direcção, e o medo fê-lo arrepiar-se, o nó no seu peito a subir de novo. A sufocá-lo. Ele mal a ouvia.

– Não sei. Quando?

– Tipo, amanhã. – Ela deu uma risadinha envergonhada. – Elas vão uns dias à Escócia. Vou ter férias, lembras-te? Posso ir?

– Hum – disse ele, tentando concentrar-se nas palavras dela. Pareciam pertencer a um mundo em que ele já não habitava: férias, viagens, fantasmas. Não podia deixar Amber perceber isso. – Sim. Certo. Por que não? Parece bastante porreiro.

– A sério?

Surpreendida – era claro que Amber não esperava que fosse assim tão fácil.

– Sim. Vou dar-te algum dinheiro para poderes comprar bebidas, comida e outras coisas.

– Fixe! – Por alguma razão que ele não entendeu, sentiu decepção na voz dela; a falta de luta antecipada, talvez. – Obrigada, pai.

– De nada. Mereces uma pausa, trabalhaste muito neste período.

Não fazia ideia se isso era verdade ou não. Não conseguia lembrar-se agora de qualquer informação que ela lhe tivesse dado acerca da escola, mesmo que ele tivesse ou não perguntado. Tudo o que lhe importava, naquele momento particular, era afastar Amber o mais possível; para longe dali, longe dele, de Sadie. Tudo o que ele conseguia pensar era em pôr Amber em segurança.

## Capítulo 31

2018

Partem na manhã seguinte num carro alugado que Federica desencantou para vir ao hotel logo bem cedo. Ela está vestida para viajar, com *leggings* e uma *sweatshirt* demasiado grande, e cumprimenta-os a todos com um sorriso no estacionamento subterrâneo. Amber ignora-a, o capuz puxado para cima, as mãos enfiadas nos bolsos, e Greta ainda precisa de concentrar uma boa parte da sua energia para não vomitar. Tom está a carregar o equipamento na parte de trás, um boné puxado bem para baixo. O estômago contorce-se-lhe quando pensa nas mãos dele em cima dela, a sua barriga nua exposta e o velho *soutien* desbotado acima dela. E então ele olha para cima e vê-as aproximarem-se, Amber a ficar para trás, e ela quer desaparecer, quer virar costas e fugir.

Consegue levantar a mão numa saudação, murmura «b'dia» quando se aproxima. Espera que o rosto esteja de uma cor normal. Tenta não se lembrar daquele primeiro beijo na mesa do bar, o seu banco a rodar ao lado do dele. As mãos dela no rosto dele, no peito, nas coxas. A beijarem-se no elevador, o espelho frio nas costas dela. O estômago agita-se-lhe de novo quando levanta a mão em resposta e depois afasta-se.

Ela está distraída, de qualquer maneira, por Amber ter enfiado um braço no dela. Isso fá-la lembrar de quando tinha treze anos, o modo como as raparigas andavam pela escola na hora do almoço, assim agarradas umas às outras. A patrulharem o recreio como casais vitorianos a cortejarem-se, os rostos presunçosos e outras amigas (geralmente Greta) deixadas para trás. O braço de Amber parece magro, mas forte, com o cotovelo afiado contra o flanco de Greta. A sua mão fecha-se em volta do braço de Greta e os nós dos dedos estão rachados e brancos, uma cicatriz ténue entre o segundo e o terceiro. De perto, ela cheira a fumo, gel de banho e *Coca-Cola Diet*.

– Bom dia, garotas! – Federica aproxima-se, um braço estendido como se pudesse tentar pô-lo nos ombros de Amber, mas fica a meio caminho, o sorriso ainda a manter-se. Indica a carrinha com um gesto. – Entrem e vamos meter-nos

ao caminho.

– Mal posso esperar – murmura Amber, retirando o braço de Greta e enfiando as mãos nos bolsos de novo.

A carrinha também cheira a fumo, os assentos gastos e cinzentos, com as marcas visíveis de um aspirador portátil. Greta vai para o banco de trás e deseja ter óculos de sol como Amber. Há muito espaço, mas Amber escolhe o assento do meio na parte de trás, ao lado de Greta. Ela puxa o capuz ainda mais para baixo sobre a testa e afunda-se no seu assento, com os pés no porta-copos na frente dela. Os seus ténis têm atacadores cor-de-rosa-néon com brilhantes; as bordas sujas e salpicadas.

Luca entra, empurrando o assento para a frente delas e encerrando-as.

– Demasiado cedo – geme ele, deitado na fila do meio.

– Não te incomodes connosco, Luc – diz Tom, fechando a porta. Ele entra no banco do passageiro à frente e fecha a porta também. Greta tenta não pensar em como eles foram aos tropeções pelo corredor do hotel, como as suas mãos se atrapalharam com o cinto.

– E aqui vamos nós! – Federica roda a chave na ignição. – Viagem de carro... Alguém tem alguma música que queira ouvir?

– Sem música. Muito cedo. – Luca chuta os sapatos para o chão e vira-se de costas. Ele cai (ruidosamente) a dormir antes de sair da Circular Norte. Amber vira o rosto para longe de Greta e fica em silêncio, esperando ou fingindo adormecer também. Greta encosta a cabeça na janela e observa o céu cinzento e firme começar a clarear, o sol a atravessá-lo.

Viu fotografias da casa – centenas delas, na verdade, durante os meses de pesquisa, aqueles meses escondidos no minúsculo escritório de Federica e no apartamento alugado de Millie. Fotografias pouco nítidas de jornais, antigas listas *on-line*, provas fotográficas do julgamento. Não parece o mesmo de quando estava no Texas, a conduzir desde o hotel a caminho da casa dos Miller pela primeira vez – aquele calor seco e sufocante, o coração a bater com força. A Casa dos Assassínios, como os habitantes locais chamavam à casa Miller, com o seu quintal escavado e pedaços de fita da polícia ainda a ondular em na terra. Ninguém sabia o que fazer com aquilo; estava manchado. Num dos telefonemas semanais, Hayley disse-lhe que, um ano depois de as filmagens terem terminado, soube que a casa fora demolida, os terrenos cimentados. Transformado no parque de estacionamento para o resto da rua estéril, aquelas casas atarracadas com as suas janelas fechadas e alpendres vazios. O filme acabado de *Os Meus Pais São Assassinos* terminou cheio de imagens daquelas casas, a afastar-se da casa Miller no seu lugar ao fundo da rua, o quintal e as coisas que aconteceram lá dentro protegidas por árvores mal plantadas e arbustos espinhosos; fotografias das divisões vazias, alguns dos cartões numerados usados para as fotografias da polícia deixados no meio do pó. As tábuas do soalho substituídas mas os seus

segredos revelados.

Não, não parece a mesma coisa, a conduzir para norte em direcção à casa de campo escocesa onde Amber Banner se tornou uma assassina. Só parece triste.

Por isso surpreende-se, uma hora depois, quando Federica estaciona numa estação de serviço para o terceiro café do dia e Greta tem de sair a correr, subitamente desesperada por ar. Vomita no relvado ressequido atrás da bomba de gasolina, as costas voltadas para o carro.

## *Do diário de Leanna Evans (Extracto E)*

Sáímos bem cedinho – aparecendo para ir buscar Amber às 6 horas. Billie reclamou; ela nunca foi de se levantar cedo e, infelizmente, eu estava tensa e demasiado rígida para tolerar choraminguices. Foi o mais perto que chegámos de discutir, naquele dia, e acho que ficámos felizes quando saímos de casa. Estavas lá à porta para nos acenar, o teu rosto amarelado e esgotado por cima do teu velho roupão. Uma agitação. Uma confusão. Lamento dizer isso assim de modo tão directo. Parecias estoirada, abandonada. Parecias como se fosses deitar-te e aceitar o que viesse a seguir. Deixarias que acontecesse.

Eu podia ter esperado que Amber entrasse no carro e depois ter ido embora; tenho a certeza de que era isso que esperavas. De manhã cedo, sem necessidade de conversa fiada, de gentileza. E ainda assim eu sabia que esta poderia ser a última vez que nos encontrávamos. Saí do carro. Subi o pequeno caminho de acesso e, durante o tempo todo, tive os meus olhos postos em ti.

O engraçado, Sadie, é que os teus olhos também estiveram em mim o tempo todo.

Sorri. Tu sorriste. Quase senti como se todas as pretensões tivessem acabado, que o fim tivesse chegado. Mas tu não estavas pronta. Disseste:

– Muito obrigada por isto, Leanna. Amber está tão empolgada por ir de férias.

Eu alinhei e disse:

– Oh, não é nada. Estamos bastante entusiasmadas por tê-la connosco.

Tudo verdade. Tudo mentira.

Tentaste dar-me dinheiro, lembro-me disso. Repugnou-me; talvez conseguisses perceber. Afastaste-o, as notas levadas de encontro ao teu peito antes de chegarem a metade da distância entre nós.

– Não, a sério – tentaste, a tua voz fraca e insegura. – Para comida e coisas. Para gasolina.

– Isso não será necessário – disse eu, e foi frio, sei disso.

Vi-o transparecer no teu rosto. Mas eu estava magoada, Sadie, por esta troca ser tão trivial, tão espalhafatosa para ti. Como se o dinheiro fosse a moeda com que estávamos a operar.



– Bem, obrigada – disseste, e o que não consigo entender é o quanto parecias estar a falar a sério. Parecias estar-me grata; era evidente que isto era o que tu querias. Que estavas pronta para ser deixada para trás outra vez.

Voltei para o carro. Tirei os óculos de sol da cabeça e pu-los de novo diante dos olhos. Liguei o rádio e seguimos o nosso caminho. Vi-te no espelho retrovisor. Nem ficaste ali. A porta fechou-se atrás de ti e as cortinas da tua casa continuaram fechadas.

E foi assim.

Foi tão fácil levar a tua filha, Sadie. O *Tall Man* deve estar orgulhoso.

Ao fim de dez minutos a conduzir, as duas iam a dormir, com as cabeças inclinadas uma na direcção da outra, a manta puxada por cima dos ombros. Era tão lindo, Sadie. Quem me dera ter uma fotografia para te mostrar. Quem me dera poder fazer-te ver.

Elas dormiram durante horas, como os adolescentes fazem, e no fim decidi não as acordar até passarmos para o outro lado da fronteira, quase em Glasgow. Eram especiais, aquelas horas a conduzir sozinha. As colinas desenrolavam-se diante de nós e aquelas duas raparigas de rosto suave dormiam e dormiam. Quando atravessámos a fronteira, senti-o como algo quase físico; uma separação. Deixei «Leanna» para trás. Tornei-me – não eu mesma outra vez, mas algo mais próximo. Poderia deixar para trás aqueles meses, aqueles anos. Poderia começar a reconstruir as coisas. Foi um começo.

Poderia ter conduzido durante horas e horas, para sempre, assim, mas sabia que seria errado deixá-las dormir. Sabia que elas faziam parte disso tanto quanto eu; sabia que elas deviam ver. E então acordei-as. Fi-lo com delicadeza; desliguei o rádio e disse os nomes delas. Pareciam seda na minha boca, aquelas quatro sílabas nos seus pares de duas; as suas asas. Billie. Amber. Raparigas-borboleta.

Elas mexeram-se. É sempre algo tão especial, não é, ver um filho acordar do sono. Aquela face amolecida de repouso a mudar à medida que a consciência regressa a ela devagar, as feições a reformarem-se e a ficarem firmes até que lentamente, lentamente, aqueles olhos se abrem. Nunca me cansei de assistir a isso.

Claro, tu nunca viste, pois não? Nunca pegaste numa filha ao colo e a observaste a acordar? Tenho pena de ti, Sadie. Não sei bem se sabias do que estavas a abdicar naquela altura.

– Já estamos quase a chegar? – perguntou Billie, com os olhos ainda fechados, e Amber, que se acomodou numa posição sentada, riu por entre um bocejo. Disse-lhes que estávamos a uma hora de distância, e que iríamos parar para comer alguma coisa ao longo do caminho.

Amber chamou-me a atenção no espelho retrovisor enquanto esticava o pescoço e bocejava de novo, e vi um sorriso escondido lá, as bochechas a fazerem covinhas. Parecia que estávamos juntas nisto, se não parece muito fantasioso. Era

como se ela estivesse à espera disto; como se soubesse que era a coisa certa a fazer. Que isto fora *desde sempre* a coisa certa a fazer.

No Little Chef, Amber pediu um pequeno-almoço completo enquanto Billie, como sempre faz agora, pediu panquecas. Optei por café simples e tirei um pouco de salada de fruta de uma tigela lascada. Estava demasiado excitada para comer. Parecia uma criança, a barriga às voltas, incapaz de me concentrar. Dei o meu melhor para o esconder.

– Vais adorar a casa de campo, Am’ – disse Billie, espetando três pedaços de panqueca no garfo e empurrando-os através de uma poça de melaço. – É, tipo, o sítio mais giro de sempre.

Parecia um sítio natural para eu dar a minha notícia; que a casa que normalmente alugamos não estava disponível, que eu tinha encontrado uma melhor. Nenhuma delas pareceu importar-se. Senti-me tonta, risonha. Senti-me livre. Olhei para as colinas verdejantes do outro lado da estrada e por fim, *por fim*, pude respirar.



Chegámos à casa mais ou menos duas horas depois, os últimos trinta minutos passados numa estrada esburacada em volta do lindo e resplandecente Loch Earn. Ambas as raparigas ficaram atónitas e silenciosas com a beleza dele – suponho que é possível que estivessem cansadas e irritadiças por terem ficado presas no carro durante tanto tempo, mas acho que foi a magnificência do lago. É preciso ver para acreditar, Sadie. Embora tenha a certeza que agora o vais fazer. Deixou-me feliz pensar em ti ali de pé na margem, a olhar para aquelas ondas infinitas e prateadas, e a imaginar. A procurar. A procurarmos como te procurei a ti.

A casa em si está escondida num caminho íngreme, abrigada por árvores que pendem sobre ela e madressilvas enormes, e tive de ir muito devagar para chegar até lá. Estava com receio de me ter enganado. Então, ao virar da esquina, apareceu: pequena e caiada, perfeita. Expirei e cruzei de novo o meu olhar com o de Amber no retrovisor. Ela parecia menos impressionada do que eu achava, mas não havia problema. Eu sabia que ela acabaria por entender.

Sáímos, as pernas rígidas, e olhei em volta. O terreno no exterior da casa inclinava-se abruptamente, enterrado por baixo de tojos e arbustos. E além, o lago, vasto e agitado, as colinas a reunirem-se nas margens.

Billie subiu para o pequeno alpendre de ar antigo preso ao lado da casa e esticou-se sobre o corrimão para ter uma visão melhor. Amber subiu para junto dela. Nem imaginas o meu pânico. Sei que gritei «Cuidado!» enquanto o meu ritmo cardíaco aumentava, observando o corrimão partido, o mar espesso de tojo por baixo delas. Ambas reviraram os olhos e soube que tinha de controlar o meu medo, a minha necessidade de as proteger. Virei-me e encarreguei-me de localizar a chave – o dono disse-se que estaria debaixo de um vaso grande à

frente da casa, que tinha muitos. Coisas pesadas, gordas e de cerâmica. Quando localizei o vaso certo, as raparigas desceram, o perigo passou. Eu podia respirar de novo.

A chave encontrada, destranquei a porta, as raparigas agora atrás de mim. Abriu-se com suavidade, o ar limpo e frio por dentro, um cheiro a lenha seca e lençóis lavados. Entrámos juntas, os nossos olhos a ajustarem-se. Era escura, com mosaicos de ardósia e um corrimão de madeira escura a subir pelas escadas. Tectos baixos e tapetes de ar empoeirado a marcarem o caminho. Mas assim que avançámos para dentro, a janela da sala de estar dava uma visão perfeita do lago, os barcos minúsculos pontos brancos, e a cozinha estava limpa e bem abastecida. Abri o frigorífico e encontrei uma garrafa de *Chardonnay* na porta. E – vais gostar desta parte, Sadie, é o que farias – pensei para comigo, *por que não?* Peguei na garrafa e servi-me num dos copos pequenos e baratos que encontrara no armário. As garotas saltavam no soalho por cima de mim, a rirem, com um baque ocasional quando alguém deixou cair a mala, um guincho quando uma delas tombou numa das duas camas de solteiro no seu quarto. Sons encantadores; ruído familiar normal. Isso fez todos os ossos do meu corpo cantarem.

Peguei no meu copo de vinho e voltei para a sala, olhei para a água lá em baixo. Tão *vasto*. Eu não tinha percebido. Tão escuro, tão profundo; com tanto de profundidade como de largura, dizem. Isso parecia incompreensível.

Sadie, parecia perfeito.



Fiz um empadão, usando a carne picada que nos deixaram no frigorífico e o punhado de batatas farinhentas. Havia um par de garrafas de vinho tinto deixadas para trás também, e quando servi a comida, terminei o meu branco e estava pronta para continuar. Suponho que isso possa parecer um comportamento normal e esperado, mas para mim era incomum. Estava a ficar demasiado excitada, a contar com os ovos antes de as galinhas os porem, como se diz. Era perigoso e ainda assim sentia-me mais relaxada do que me sentira em muitos anos. Como recompensa, até servi também um copo para ambas as raparigas.

– Põe música, Amber – sugeri, e ela ligou o telemóvel à aparelhagem ao canto, surpreendendo-me ao seleccionar Frankie Valli e The Four Seasons em vez de algo novo e *pop*.

Sentei-me à cabeceira da mesa, sugerindo que Billie servisse enquanto eu abafava um soluço. Estava bêbeda; demasiado bêbeda. Mas não havia risco. Parecia, pela primeira vez em muito tempo, seguro.

Billie levantou-se e começou a cortar cuidadosamente no prato, de súbito consciente de si sob o nosso escrutínio. Os indícios fáceis; os rubores repentinos de cor manchada que atingem as suas faces, a maneira como a sua voz começa a tremer e a quebrar. Uma das coisas que mais amo nela. Uma pureza; nenhum

senso de fingimento. Pegou na colher e tentou tirar a primeira secção irregular que marcara.

– Toma – disse Amber, reparando e deslizando uma tigela a tempo de apanhar a porção antes que ela caísse. – Muito obrigada por isto, Leanna. Parece óptimo.

Sorri-lhe; achei que não conseguia falar. Fui dominada por aquela intimidade fácil, o conforto, a beleza do lugar. Por esse sentido, outra vez, de um fim; um começo. Ela pertence aqui, todas nós pertencemos. E aqui estamos.

As raparigas sentaram-se, as taças cheias. Bebi um gole do meu vinho. Perderam o apetite, mas estava contente. Passei o garfo pela comida, levando pequenas porções de vez em quando à boca, deixando a conversa fácil e monótona sobre música e as cusquices passarem por mim como a água a bater no lago.

Cometi um erro, Sadie. Sei que isto pode surpreender-te. Permiti-me relaxar de mais; reduzi a distância entre as coisas que penso e as coisas que digo até ser demasiado pequena para considerar, até as palavras saírem sem controlo.

Eu chamei-lhe Anna, Sadie. Eu não estava a prestar atenção; estava a pensar em ti e todos aqueles anos antes e então voltei para a conversa delas e percebi que me tinham feito uma pergunta. Elas estavam ambas lá, a observarem-me expectantes, e, antes que eu percebesse, saiu:

– Desculpa, Anna, o que disseste?

Amber olhou para mim com estranheza, embora fosse educada de mais para dizer qualquer coisa; foi Billie quem gritou:

– Mãe! Quem é Anna? Ela é Amber!

Ri-me, disse-lhes que estava cansada depois da viagem. Amber estava calma, compreensiva. Suponho que a visão de uma mãe bêbeda não é incomum para ela, não é? Mas Billie continuou a observar-me depois disso. Enervada. Amber tentou atraí-la de volta para a conversa, mas o ambiente mudara, só um bocadinho, e tentei compô-lo, tentei trazer-nos de volta àquela facilidade ociosa. Falei sobre as coisas que poderíamos fazer, as caminhadas que poderíamos dar. Talvez não pensasses que isso as interessaria, mas interessou. Elas pareciam mais jovens ali. Felizes por estarem numa casinha no meio da natureza, felizes por terem uma aventura. Comecei a relaxar.

A música terminou e Amber levantou-se para colocar outra coisa. Eu observava Billie, tentando tranquilizá-la; podia ver que o meu deslize ainda a estava a incomodar. Ouvi Amber dizer «Ups!». Virei-me a tempo de ver a minha mala tombar no chão, o seu conteúdo a espalhar-se. Com a excitação, devo tê-la deixado na bancada. O meu cérebro estava lento e enevoado com o vinho, por isso quando vi Amber baixar-se para apanhar tudo, continuei sentada, a sorrir para acompanhar a música que ela seleccionou; *Madness*, desta vez. Certamente tu e Miles não ouvem isto em casa, não é? Parece bastante penetrante. Pensei em ti e senti pena de novo, sentindo o calor no meu estômago com o vinho.

E então percebi, Sadie. Eu percebi.

Saltei do meu lugar, as minhas pernas instáveis, e empurrei-a. Acho que consegui gritar «Larga isso» ao fazê-lo, embora não consiga ter a certeza. Eu estava bastante empenhada em apanhar as coisas que tinham caído e metê-las outra vez na mala. Só olhei para cima quando Billie disse «mãe». Ela estava a olhar para mim, boquiaberta. Olhei para Amber, a mala agarrada contra o peito. Ela observava-me também, o rosto impassível – interessado e ainda não com medo.

Ela não se assusta com facilidade, não é?

Pedi desculpas, inventei-lhes uma desculpa esfarrapada sobre ter uma surpresa para elas lá. Billie foi de imediato apaziguada, voltando a sua atenção para a comida. Amber regressou ao seu lugar, ainda a observar-me. Ainda a observar, e ainda sem medo. Ela vê-me, Sadie. Ela vê-me e está aqui, e vai dar tudo certo como deveria.

## Capítulo 32

2016

Billie estava a dormir ruidosamente há horas, deitada de costas. A casa há muito que parara de assentar, os seus pequenos rangidos e torneiras a calarem-se, e Amber, bem acordada, ficou feliz com o rressonar de Billie. O silêncio era estranho. Era pesado na sua totalidade, insuportável. Isso lembrou-lhe de quão longe ficava a cidade mais próxima, a casa mais próxima.

Sadie morara algures num sítio destes – falara a Amber sobre isso, bêbeda, uma noite, quando teve de pedir à filha para voltar a ligar o seu telemóvel ao wi-fi.

– Não estou acostumada com nada disso – dissera ela. – Estou habituada a estar num sítio onde só há um autocarro três vezes por semana.

Embora não parecesse estar a gabar-se, Amber lembrava-se de se ter sentido menosprezada, como se Sadie estivesse a tentar provar o quão independente era, como não precisava de *gadgets* ou de companhia para sobreviver. Disse a si mesma que seria tão boa quanto Sadie numa situação dessas, melhor ainda – mas agora estava aqui, sentia medo do escuro, do silêncio.

Não era filha da mãe dela.

Pegou no seu telemóvel – que não funcionava agora como telemóvel – que estava debaixo da almofada. Ainda sem rede; apenas chamadas de emergência. Isso fê-la sentir comichão e ansiedade, e verificou de novo para o caso de uma rede wi-fi aleatória aberta ter aparecido magicamente na lista. Havia apenas a que ela vira da última vez que olhou: Ardvorlich01, protegida por palavra-passe. Lembrou-se de uma placa esculpida – Ardvorlich House – a dois ou três quilómetros ao fundo da estrada, uma estrada assustadora a serpentear para o meio das árvores. Ela teria de ir até lá no dia seguinte, tentar encontrar um sinal em algum lugar. Miles ficaria louco por ela não ter mandado uma mensagem de texto a dizer que tinham chegado ou para lhes dizer o novo endereço, e sentiu uma pontada de culpa por só se ter lembrado agora, por não ter pensado em lembrar Leanna antes. Por, até agora, só ter estado preocupada por Leo poder

ter tentado ligar ou mandar-lhe uma mensagem.

Leo. O pensamento enviou uma onda familiar de medo frio através dela. Aquele ditafone com as suas observações calmas: *Miles visto à saída da biblioteca com uma mulher desconhecida*. Como se Leo fosse David Attenborough, a observar uma espécie de ave aborrecida mas em perigo de extinção. E Amber não fizera nada. O que estaria Leo a fazer sem ela por perto? Estaria de novo a vigiar o pai dela – estaria a vigiá-lo naquele preciso momento? A ideia dele do lado de fora da casa, a olhar para as janelas escuras, fê-la estremecer. Ela cometera um erro, sabia disso por instinto; sentiu o conhecimento subconsciente dele começar a girar e a pressioná-la. Havia algo de errado, e Amber não tinha feito nada.

Leanna também estava a modos que a preocupá-la. Andava a agir... de maneira diferente, era esse o único modo em que Amber poderia pensar para a descrever. Não que não estivesse a ser porreira – estava muito melhor e mais relaxada do que o normal. Amber nunca a tinha de facto visto beber, muito menos mandar abaixo duas garrafas de vinho como ela fizera durante o jantar. Mas havia algo desconcertante na maneira como ela continuava a sorrir-lhes, a sorrir e a *olhar*, sempre a olhar para uma e para a outra de um modo meio desconcentrado e emotivo que Amber não conseguia entender. Pensou no momento em que Leanna lhe chamara «Anna». Nada de especial, até que era parecido com «Amber» – mas Billie tinha exagerado e havia algo naquele momento que deixara Amber gelada; não sabia bem ao certo o quê. E havia o modo como Leanna saíra disparada pela sala para agarrar na mala caída, a maneira como o seu rosto feliz e tonto desaparecera por um segundo. Amber sabia o que vira nele: pânico.

Ela sabia que uma pessoa estava a esconder alguma coisa quando via uma.

Quanto mais pensava sobre isso mais as suas suspeitas aumentavam. Havia algo de estranho com ambas desde que Billie aparecera na escola e escolhera Amber como a amiga que seguiria como um cachorrinho. Leanna também empenhada em fazer amizade com a aberração da sua mãe, quando ficava bem claro para qualquer pessoa que passasse mais de cinco minutos com ela que Sadie não era uma senhora que almoçava; a última pessoa que se convidaria para *cocktails* e para partilhar receitas.

E Amber *tinha visto* algo, naquela cascata de coisas de Leanna enquanto a bolsa caía. Claro que tinha – ela não gostava de surpresas; tinha de fazer o que pudesse para impedir que as pessoas saltassem delas. Ela sempre fora boa a identificar as coisas que alguém queria manter fora de vista. A sua memória era fotográfica e podia revê-la como se fosse um *feed* do Instagram, sabendo quando e como aumentar o *zoom*. Portanto, sim, ela vira o envelope gordo deslizar para fora com a mala sofisticada de Leanna e a agenda de endereços impecável, as suas chaves e um molho de cupões cuidadosamente recortados do jornal local, uma reserva para a cabana dobrada, um recibo de outra coisa. Ela viu, notou, e

viu a maneira como Leanna se agarrava a ele enquanto o colocava outra vez na mala.

Mais importante de tudo, ela viu a primeira linha de escrita no envelope: *Sadie Banner*. E não pôde deixar de se perguntar por que estaria Leanna com uma carta para a sua mãe, quando a viu em pessoa menos de um dia antes.

Levantou-se com cuidado, as molas a rangerem de forma traiçoeira. Billie murmurou no seu sono e Amber gelou, uma corrente de ar a rastejar em torno dos seus tornozelos. Quando Billie se acomodou de novo, Amber continuou andando, os pés descalços colocados devagar e com cuidado, os olhos a ajustarem-se ao escuro.

Tentou interiorizar que estava a ser parva. Que deveria voltar para a cama, tentar enganar o seu cérebro para dormir. Mas algo a mantinha em movimento, uma coisa animal a andar dentro do seu peito. Aquela carta tão grossa no envelope; algo sólido e duro no centro. Quem ainda enviava cartas? O que se escrevera numa carta para alguém que mal se conhecia e com quem se tinha almoços chatos uma vez por semana?

O patamar sem janelas era escuro como breu, sem a fraca luz do luar que exibira a mobília do quarto. Entrar no meio dela era como transpor um abismo, entrar em queda livre. Ficou ali por um segundo, a ouvir a sua respiração. Tinha o telemóvel na mão, mas estava demasiado receosa de usar a lanterna dele.

*Demasiado receosa de quê?*, perguntou-se, e pensou outra vez em Sadie. Das coisas que ela viu nas sombras. A maldição que ela carregou consigo, que passou para Amber. E aquele canto, onde a escuridão era mais espessa, não parecia de repente o perfil de um homem? Não havia algo pequeno agachado lá, ao pé das escadas? Algo pequeno e a balançar, algo a estender-lhe a mão?

*Não*, disse para si. *Não és filha da tua mãe*. E a coisa animal que a perseguia dentro dela levou-a. Pelo corredor, para a sua boca. As tábuas do soalho permaneceram silenciosas debaixo dela e sentiu-se sem peso, como se estivesse num sonho.

A porta de Leanna estava entreaberta, a luz do candeeiro a passar por ela e por fim quebrando a escuridão. Amber hesitou, o medo de repente cortante no seu peito. Era um instinto, mas ela aprendera a ouvir os seus instintos. Hesitou. Aquilo era a vibração da respiração de alguém contra a pele do pescoço dela?

Outra corrente de ar – o ar a arrastar-se de algures, de todos os lugares. Avançou de novo devagar, tão devagar que a luz pareceu expandir-se e aparecer à sua frente até chegar lá. A sua mão encontrou a maçaneta da porta.

E agora podia ouvi-lo, o seu ritmo cardíaco a abrandar; aquele ruído de engrenagem húmida com o seu constante aumento e queda. Tal mãe, tal filha: Leanna estava a ressonar. Com confiança crescente, Amber empurrou a porta lentamente. O candeeiro estava na mesa-de-cabeceira, o seu tom verde-claro a tornar a luz doentia contra os folhos da cama e as cortinas. Leanna estava



vestida, deitada de costas com o seu bonito *top* subido para revelar uma extensão de pele, enrugada e marcada de vermelho pelas calças de ganga. Tinha os pés descalços, as unhas dos pés pintadas de rosa-pérola. Amber parou na porta, a observá-la. E então os seus olhos percorreram a colcha, onde a mão de Leanna estava com a palma para cima, os dedos meio curvados; uma aranha de barriga para cima. Ao lado, aquele mesmo envelope branco, com a aba aberta, uma caneta abandonada ao lado.

A dez passos; até sete. Olhou para as tábuas do soalho, imaginando se podia confiar nelas, e depois para o rosto descontraído de Leanna, aquele ronco forte a cada minuto ou mais. Ela tinha visto Sadie numa posição semelhante muitas vezes ao longo do último semestre (também não era uma posição estranha a Amber). Leanna não acordaria. Quase de certeza. Provavelmente ficaria assim até de manhã.

Amber deu um passo para dentro do quarto e depois outro. De repente, obter aquela carta era a coisa mais importante do mundo, sentir o papel grosso do envelope nas suas mãos e dispor o seu conteúdo para examinar e entender. Ela estava ao lado da cama, perto o suficiente para ver as veias azuis no pescoço de Leanna, os restos de rímel sob os olhos. O ar cheirava a fermentado e a vinagre, o mofo da casa de campo e a madeira derrotados. Algo mudou e ela levou um momento a perceber que aquilo que havia de diferente era o silêncio.

Sem ressonar.

Os seus olhos voltaram-se de novo da carta para Leanna, certa de que veria olhos abertos, expectantes. *Que raio estás aqui a fazer?*

Mas os olhos de Leanna estavam fechados, a sua boca relaxada. Houve um longo segundo de silêncio, de total quietude – e então ela bufou durante o sono, a respiração esquecida engolida em seco, e o ressonar recomeçou.

E depois a carta estava na mão de Amber. Parecia parvo, de repente, anticlimático. O que iria encontrar nela? Começou a ficar preocupada por poder ser uma carta de amor ou um presente de algum tipo, algo particular; um segredo de Sadie, pela primeira vez, que não tinha nada que ver com Amber. Agora era tarde de mais. A carta estava na mão dela. Podia sentir aquela forma sólida dentro do envelope novamente, atarracada e grossa. Ela queria saber. De alguma forma, ela sabia que precisava saber.

Não se atreveu a respirar até estar de regresso ao patamar, a rastejar para as escadas. De início, planeava descê-las todas, para longe de Leanna e de Billie, mas estava tão feliz por chegar ao degrau mais alto sem um som que se afundou nele, perto o suficiente para ouvir as duas.

Inclinou-se contra o corrimão e tirou o objecto de dentro do envelope. Tacteu à procura do telemóvel e ligou a lanterna dele. Era um caderno, entortado com o uso, a capa macia e de pele. Gravados em relevo números pequenos e dourados no seu centro: *2016*. Um diário. Ela abriu a capa e começou a ler, a boca seca de

medo.

As páginas estavam cheias de caligrafia bonita e densa que por vezes se enrolava de forma irregular, a caneta pressionara com tanta força em certas frases que as letras escureciam e se infiltravam no papel. No início, estava confusa. Era um diário, mas um diário dirigido à sua mãe. Um diário que se concentrava nos pormenores mundanos das maneiras pelas quais as suas vidas se tinham cruzado. Quem perderia tempo a anotar essas coisas? A registá-las como se fossem especiais ou importantes?

Então, como uma nuvem a passar sobre o sol, a escuridão das palavras atingiu-a. O ódio que ela podia sentir fora colocado nas páginas, amarrado com força nas palavras cheias de nós. Quando chegou ao relato da noite anterior, estava a tremer. Aquelas últimas palavras (rabiscadas: vinho) – *Ela vê-me* – presas nela como dardos. Virou a página, mas as palavras de Leanna terminaram ali.

A partir de então as palavras passaram a ser de outras pessoas.

– O Tall Man falou comigo ontem à noite – disse Justine.

Elas estavam sentadas no seu lugar perto do rio. Não havia mais ninguém por perto, o vento a morder-lhes os rostos, o Sol baixo quase invisível no céu branco. Sadie brincou com o aro de metal que comprou no mercado, já a apertar-lhe a parte de cima da orelha.

– Ele diz que não é o suficiente – prosseguiu Justine, saltando do banco e saltando por cima dos dois degraus até à beira do rio. Sentou-se no muro baixo e encarou-as, as mãos a repousarem nas coxas. – Ele diz que deveria levar uma de nós.

Sadie sentiu um calafrio de medo a percorrê-la. Ele não lhe dissera isso quando a visitou nos seus sonhos. Era ela quem ele planeava levar? Talvez Justine fosse a única que era especial. Fechou a mão num punho, percorreu com o dedo a borda da cicatriz na palma da mão como se fosse um segredo.

– O que devemos fazer? – perguntou Marie, embora a sua voz fosse baixa e estivesse a olhar de esguelha para Helen. Sadie notara que Marie não estava tão entusiasmada por ser especial como outrora.

– É hora de provarmos o nosso valor – disse Justine, levantando-se. – Temos de lhe dar o que ele quer. Agora venham comigo, todas.

Arrastaram-se para longe do rio, em direcção ao bosque. A clareira estava coberta de húmus debaixo dos pés delas. O ar a cheirar a ferro. Sadie pensou nas cartas que escrevera para o Tall Man, nas cartas que continuavam a escrever e a queimar ali, as palavras a ficarem prateadas e a elevarem-se, levadas embora. Não era o suficiente. Pensou no gato a serpentear entre as pernas de Justine, o som que ele fizera quando ela o agarrou pela cabeça.

Dedos roçaram-lhe a nuca, desaparecendo quase de imediato. Ele estava com elas. Ele estava com ela, como sempre estava quando ela tinha dúvidas ou sentia medo, e o pensamento aqueceu-a. Ela ansiava por se afastar da clareira, para avançar para o abraço das sombras. Sentir a mão dele deslizar para a sua. A sua voz ao ouvido, a dizer-lhe que ela era especial.

Mas talvez ele tivesse vindo por Justine, talvez fosse Justine quem ele tornara especial. Talvez Sadie fosse deixada para trás, deixada sozinha – um destino ainda

pior do que ser levada, pensava ela agora. Olhou para as árvores, pensou ter visto uma figura mover-se lá.

– Há muito tempo, o Tall Man matou a filha – disse Justine. Ela sempre gostou de contar essa sua parte preferida da história. – Ele sabia que, embora ainda fosse pequena, ela era muito má.

– Eu não quero fazer isto – declarou Marie de repente, os braços cruzados na frente dela.

– Temos de o fazer! – Helen olhou freneticamente de Justine para Sadie e outra vez para Justine. – Diz-lhe!

Justine aproximou-se de Marie, a estudar o rosto dela.

– Ele disse-me que eras fraca – sussurrou. – Ele vai levar-te, sabes disso. Quando estiveres sozinha e a dormir à noite... – Estalou os dedos na frente do nariz de Marie e Sadie deu um pulo, com um aperto na barriga. – Puf. Desapareceu.

Um pássaro voou da sua árvore com um grasnido, asas a rasgar o ar. Helen deixou escapar o seu grito, a mão a agarrar a de Marie.

– Tens de o fazer – disse ela. – Anda lá, Marie, ele só leva os maus. Temos de ser especiais agora.

– Não, não. – Marie cruzou os braços, a mão soltando-se da de Helen. – Vamos para casa.

– Se fosse a ti ficava aqui connosco, Hel – comentou Justine, ainda a olhar para Marie. – A tua irmã está a deixá-lo bastante zangado. Ele vai castigá-la.

– Cala-te, Justine – ordenou Marie, mas os seus olhos tinham-se enchido de lágrimas e a sua voz tremeu. – Não vai nada.

Justine sorriu, olhando por trás de Marie para o espaço escuro entre as árvores. E então deu um passo para mais perto da amiga e aproximou o rosto do de Marie.

– Queres apostar? – sussurrou, e os seus olhos viraram-se de novo para as árvores.

Marie voltou-se e por um segundo Sadie pensou ter visto a sombra ali outra vez, uma figura de pé à beira das sombras.

– Ainda não estás com medo? – sussurrou Justine ao ouvido de Marie, e depois empurrou-a com força, atirando Marie para o chão na beira da clareira.

– Ei... – Helen deu um passo em frente, mas Sadie estendeu a mão e segurou a dela. Os seus olhos permaneceram na figura, embora Marie não parecesse estar a vê-la – ela levantou-se, olhando para o joelho esfolado e a sangrar. Uma lágrima saltou e desceu-lhe pela face e Sadie sentiu-se desapontada. Marie não era nada especial. Marie era fraca.

– É melhor fugires, Marie – disse Justine, ainda a sorrir. – Devias trancar a porta do teu quarto hoje à noite, se achas que isso te vai salvar.

E Marie não ficou para discutir. Deu meia volta e correu, as folhas a espalharem-se quando ela se foi embora.

Justine virou-se para as outras e encolheu os ombros.

– Não podemos ser todas especiais – afirmou, e puxou a faca do bolso. – Temos de

*lhe dar o que ele quer – disse ela a Sadie. – Eu sei qual o sítio certo.*

*– O Tall Man vai levar a Marie? – perguntou Helen chorosa.*

*Justine encolheu os ombros.*

*– Ela já não é especial. – Olhou para as duas, os olhos fixos em Sadie novamente. –*

*O Tall Man leva filhas – disse, e Sadie sentiu os seus lábios pronunciarem as palavras com ela. – Mas às vezes ele precisa de ajuda.*

*Ao caminharem pelo bosque, as folhas a estalarem enlouquecidas aos seus pés, o som de uma criança a rir atravessou as árvores na direcção delas.*

## Capítulo 33

2016

A primeira folha tinha recortes de frases e parágrafos, o jornal a amarelecer. Sobrepunham-se uns aos outros, enchendo a página, e o efeito à luz branca-brilhante do seu telemóvel era vertiginoso.

*... Deixa os pais Debbie e David Weatherall, e a irmã mais velha Lucy...*  
*... Lucy Weatherall, irmã da criança assassinada...*  
*... Que se juntaram no tribunal à irmã adolescente, Lucy ...*  
*... Stacey Frederick, a mais nova, deu a mão à criança e cantou...*  
*... Assassinas de bebés, pura e simplesmente...*

Virou a página. Estava com medo e não entendeu e por isso virou a página. Um único artigo, muito bem recortado e colado no papel.

### **Assassinas de Anna Lou libertadas**

Numa declaração emitida hoje, o Ministério Público da Coroa anunciou que as chamadas bruxas de Westborough receberão novas identidades. As três meninas foram consideradas culpadas do assassinio de uma criança há cinco anos.

Anna Louise Weatherall, de dois anos, foi encontrada morta no bosque perto de sua casa em Westborough, em 1990, depois de desaparecer de um parque infantil perto de sua casa. Tinha sido esfaqueada vinte e sete vezes e o seu crânio fora esmagado. Imagens de videovigilância da área conduziram a polícia a três meninas residentes no local, com idades compreendidas entre os dez e os treze anos.

Numa busca efectuada às casas das meninas foi encontrada uma meia manchada de sangue pertencente à criança, com um gancho de cabelo com uma margarida. As meninas disseram à polícia que estavam apenas a brincar com a criança, mas um colega de escola não identificado testemunhou em tribunal que o grupo ficara «obcecado» com uma lenda urbana que envolvia sacrifícios a uma figura satânica. O júri recebeu provas fotográficas de um «ritual» que efectuaram

no cadáver de um gato encontrado no terreno da escola.

A mais velha das raparigas, Justine Jones, foi descrita em tribunal por um psicólogo da polícia como «uma menina bastante zangada» com «QI elevado e poder de manipular», enquanto a mais nova, Stacey, era descrita como «sonhadora; altamente susceptível e bastante maleável, mas também uma personalidade persuasiva e formidável».

*The Sun* pode agora revelar em exclusivo que as três meninas foram libertadas sob custódia dos pais e receberam novas identidades para as proteger.

Enquanto isso, Debbie e David Weatherall, com a filha sobrevivente, Lucy, chegaram a Manchester hoje para efectuarem uma declaração à imprensa. Disseram que ficaram «enojados ao saberem que as assassinas do nosso bebé estão livres para recomeçar, quando ela nunca terá essa oportunidade».

Havia uma fotografia ao lado daquele parágrafo e Amber aproximou-se mais, o telemóvel quase a tocar na página. Um homem e uma mulher, ambos com ar abatido e vestidos de preto, e, ao lado deles, uma adolescente de aspecto mal-humorado, com o cabelo loiro cortado numa estranha forma de tigela.

Ela parecia muito diferente – uma rinoplastia, sim, mas Amber achava que havia ali mais trabalho do cirurgião plástico, enchimentos ou algum tipo de reformulação, o rosto dela agora mais refinado, mais desenhado. E ainda assim ela era reconhecível porque Amber viu a mesma coisa nos seus olhos, aquela coisa que a assustou e repeliu e que de repente entendeu. A dureza da sua perda, a sua necessidade.

*Leanna.* Leanna era Lucy Weatherall, irmã da pobre criança assassinada Anna Louise.

As mãos de Amber estavam húmidas de suor quando virou a página. E ali estava. Um belo tríptico, as fotografias recortadas com cuidado e agora a esbaterem-se. A primeira, uma fotografia de uma criança de rosto redondo, o cabelo fino afastado do rosto com um gancho com uma margarida de plástico. Mãozinhas gorduchas a segurarem uma boneca contra o seu centro redondo, um sorriso incerto no rosto. E depois uma imagem recortada de um jornal: o cadáver de um gato, aberto na erva. A fotografia era a preto e branco e granulosa, mas ela podia ver onde o sangue penetrara na erva, onde o pêlo e a carne tinham sido cortados de modo irregular.

E depois a última fotografia, esta uma velha *Polaroid*. Quatro raparigas, braços magros em volta umas das outras, a sorrirem para a câmara nos seus vestidos de veludo texturado e as suas *Doc Martens*. O *flash* tinha descolorido um pouco os seus rostos, a fotografia também gasta pelo sol, mas os seus olhos estavam voltados para a mais pequena, a mais nova. Aquela cara, tão despreocupada e familiar. *Stacey.*

*Sadie.*

*Mãe.*

Sentiu a respiração na parte de trás do pescoço antes de ouvir o rangido do soalho.

– Pus essa aí para ti – disse Leanna.



## Capítulo 34

2018

Eles chegam à Escócia logo após a hora de almoço. Amber, que pareceu dormir a maior parte do caminho – embora Greta, agora, nunca tenha a certeza –, está de súbito acordada e alerta, com a perna cruzada debaixo dela, o pé a bater contra o assento. Vai fazendo *scroll* no seu telemóvel, os óculos de sol ainda postos. Greta, olhando de esguelha, percebe como os olhos dela continuam a passar rapidamente pela janela. Está feliz por Amber estar de óculos – se Federica perceber a maneira nervosa como estão a observar a distância entre eles e a cabana desaparecer, quase de certeza sugerirá que eles liguem uma câmara.

Greta conseguiu dormir um pouco também, no fim. Mas foi um sono inquieto, sonhos dela nua da cintura para baixo, um homem a sair das sombras para pôr os dedos frios na sua pele. Unhas compridas e sujas a perfurá-la, a arrancar punhados de carne. Hayley Miller a agarrar a mão dela o tempo todo enquanto uma menina balançava as pernas na cadeira do hotel ao lado dela. Tom a sair das sombras, Tom a bater à porta.

Tom a chamar o nome dela.

Acordou sobressaltada e ele tinha o telemóvel dela na mão, que deixara a carregar na *tablier*.

– O teu pai está a ligar.

Ela não atendera a tempo, uma mensagem de voz deixada nos tons frios do pai. *Que pena não conseguir falar contigo. Vamos sair agora para jantar mas talvez possas ligar-nos amanhã. Gostaríamos de ouvir a tua voz.* Talvez seja a ressaca, o gosto azedo na sua boca, mas o som da voz *dele* trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Segue o olhar de Amber para os campos e colinas além e tenta não pensar sobre o que os pais dela podem fazer deste filme. Recorda um Natal há dois anos, ela e Sebastian, ambos livres e capazes de irem de avião até Dearborn, pela primeira vez desde que ele terminou a escola. Como ela fora para a sala de estar um dia – uma divisão que nunca usaram, todos os jantares de família e o tempo de ver televisão a decorrerem na cave que os pais haviam convertido num salão – e encontrou, entre os artigos emoldurados que o seu irmão escrevera em Cabul, Bagdade, Damasco, uma crítica a *Os Meus Pais São Assassinos* do *Washington Post*

*on-line*. Impressa e recortada e colada no suporte de uma moldura prateada, pendia orgulhosa por cima da lareira. A sala de estar era uma divisão para visitas e ali estavam ela e Sebastian, as suas conquistas expostas como tesouros raros que os seus pais não acreditavam que tivessem entrado na sua posse.

Federica inclina-se para a frente no seu assento, o carro a abrandar.

– É aqui que viramos?

Tom consulta o seu telemóvel.

– Não consigo actualizar o mapa, aqui não há rede.

– Sim, é aqui. – O toque do pé de Amber mais rápido no assento. – É tipo a um quilómetro e meio indo por ali.

Os pais de Greta nunca viram *Os Meus Pais São Assassinos*. Se o irmão dela viu, nunca a mencionou.

– Estás bem, Amber? – A voz de Federica carregada de falsa preocupação, embora já esteja a virar-se para Tom, a verificar se ele tem algum equipamento na frente com ele.

Greta lembra-se de um telefonema que recebeu de Danny Miller há um ano, as palavras carregadas da bebida.

– Fizeste-me dizer aquelas coisas – disse ele. – Eu gostava de ti e fizeste-me dizer aquelas coisas que eu não queria contar. Agora aonde quer que vá toda a gente reconhece a minha cara, sabem da minha mãe e do meu pai e o que eles fizeram. Tratam-me como se eu fosse uma aberração. Como irei alguma vez arranjar um emprego, Greta? Como irei afastar-me disso tudo?

O carro segue aos solavancos na estrada esburacada. As árvores envolvem-nos, bloqueando o Sol. A cabeça de Amber inclina-se para o lado, a observar a mata passar.

– Sim – diz ela. – Estou bem.

Greta pergunta-se se é a única a ouvir o modo como a voz dela treme.

Pensa de novo em Tom na noite passada. *Estás a começar a sentir demasiado por ela. Consigo ver isso*. Mais tarde, depois do quarto copo de vinho, mas antes do primeiro beijo, ela voltou a falar-lhe nisso, irritada e com medo. *O que há de tão errado em sentir? Não é isso que faz um filme grandioso? Importarmo-nos com ele?* Ele abanou a cabeça e desviou o olhar. *Não é com o filme que estou preocupado. É com o que te vai fazer a ti*. E então os olhos regressaram aos dela. *Essa família é perigosa. Não é como foi com os Miller. Aqui não há nada que valha a pena salvar*.

Ela olha para Amber enquanto o carro abrandava, Federica a praguejar ao tentar conduzir por um desvio íngreme da estrada principal. Engana-se ao tentar meter a mudança, o motor a queixar-se. Amber ainda está a observar a floresta pela janela, o lábio inferior branco com os dentes enterrados nele. *Aqui não há nada que valha a pena salvar. É com o que te vai fazer a ti*.

O Tall Man *leva filhas*.

– Também não tenho rede – diz Luca, acenando com o telemóvel por cima da

cabeça enquanto Federica abrandava até parar o carro. – Merda, espero que Elke não precise de ligar. Há *wi-fi* lá dentro?

– Há zonas com sinal no bosque – diz Amber, sem se afastar da janela. – Se entrares lá no meio o suficiente.

Luca lança-lhe um olhar nervoso.

– Certo. Sim.

Quando Federica desliga o motor, ele abre a porta de correr e caminha na direcção da estrada principal, o telemóvel de novo no ar. De costas para o bosque.

Tom ergue o assento para frente para as deixar sair, os seus olhos a encontrarem os de Greta enquanto Amber passa por ele.

– Estás bem? – pergunta, e ela assente.

– E tu?

– Já estive melhor – diz ele, sorrindo. – Pelo menos deitei-me cedo, não é?

Ela cora, olhando para Amber à frente deles no caminho de cascalho.

– Sim... desculpa por isso...

– Greta. – Ele interrompe-a, a pala do boné a deixar uma parte do rosto dele à sombra debaixo do sol. – Não te preocupes com isso. Estávamos os dois bêbedos.

– Pois. – Ela tenta sorrir, tenta não se lembrar das mãos dele a puxarem as calças de ganga dela para baixo, o modo como a *T-shirt* dele ficou presa na sua boca quando ela a puxou. Tenta não imaginar como teria sido acordar com ele esta manhã, a névoa do uísque já desaparecida e a luz do dia a entrar, todas as suas falhas expostas.

E então, contornando a esquina do caminho de acesso, ela observa a cabana pela primeira vez. O lago é largo e calmo, algumas casas a pontilharem a sua margem distante. Deste lado, só consegue ver floresta; árvores e tojos entrelaçados, trepadeiras a subir pelas paredes desbotadas da cabana. Já não é alugada, leu isso algures. Os proprietários também não conseguem vendê-la. Não tanto pelo crime – quanto mais não seja, é algo que interessa a um certo tipo de comprador –, mas por causa do mercado. Pensa que gostaria de viver aqui, tão longe de qualquer outra coisa, os tijolos a serem cobertos pela terra. A casa lentamente envolta em verde.

E então vê Amber, também a olhar para a cabana. Ela está muito quieta, rígida – se Greta lhe tocasse, acha que pareceria aço. Os punhos cerraram-se com firmeza ao lado do corpo, os lábios pressionados e os óculos a esconderem o máximo possível do rosto. Federica anda devagar em volta dela, tigre a perseguir a sua presa e, quando Tom faz a curva com a câmara, Federica afasta-se com suavidade do enquadramento. A gravilha range debaixo dos seus pés, a luz do Sol a piscar na lente da câmara.

Amber considera a casa por um minuto ou dois e, em seguida, deslizando os óculos para cima da cabeça, olha para a câmara e para Greta para lá dela.

– É mais pequena do que me lembrava – diz. Depois dá meia volta e entra.

## Capítulo 35

2016

– Pus aí essa para ti.

Amber afastou-se das palavras, a respiração quente e azeda na sua bochecha. Perdeu o equilíbrio e agarrou-se ao corrimão, escorregando alguns passos quando se virou para olhar Leanna no rosto.

– O que é isto?

A voz soava-lhe estranha aos seus ouvidos – jovem e com medo. Mas o diário tinha deslizado do seu colo quando ela se conteve, agora a cair pelas escadas abaixo. Ouviu-o deslizar pelo chão lá em baixo.

– Sabia que irias gostar de saber. – Leanna juntou as mãos na frente dela, ainda ajoelhada no degrau mais alto. – És tão inteligente, Amber. Tão desconfiada também. Não és como eu esperava que fosses.

– Eras tu – disse Amber. – Eras tu na fotografia. Foi a tua irmã que elas...

– Era, receio que sim – confirmou Leanna, e Amber não esperou para ouvir o resto. Levantou-se e desceu as escadas, pés descalços a escorregarem na madeira.

– Amber, pára!

Mas Amber não parou, nem se virou para ver Leanna a descer as escadas atrás dela. Chegou ao corredor e correu para a porta, arrancando a corrente de segurança tão rapidamente que partiu uma unha ao meio. Abriu a porta quando Leanna a segurou, os seus dedos a agarrarem o tecido da *T-shirt* de Amber.

– Amber, por favor...

Amber soltou-se, a *T-shirt* a rasgar-se, e correu para a noite.



Miles não conseguia dormir; não dormira nada. Sentou-se no seu lugar habitual no sofá, a ouvir Sadie a andar às voltas no andar acima dele, desejoso de que ela se deitasse. Pressionou as pontas dos dedos contra os olhos fechados, tentando fazer retroceder a dor de cabeça que latejava ali.

Estava alguém a observá-los. Sadie tinha razão e Miles sabia que não deveria

surpreender-se.

Eram quase 3 da manhã e Miles levantou-se e foi até à janela pela vigésima ou trigésima vez. Ali – entrando mais fundo no círculo ambarino da luz da rua, até *quase* conseguir distinguir o rosto, apenas escondido pela sombra de um capuz, enquanto a chuva continuava a cair contra a janela. E então desapareceu outra vez, derretendo-se de novo na noite.

Era surpreendente (sempre o surpreendera) a forma como a raiva o inundava depois de horas de inquietação e medo. Os seus pés estavam a mover-se antes de ele se aperceber disso, a raiva a queimar-lhe o fundo da garganta. Procurou uma arma – algo cinematográfico e satisfatório; um taco de basebol ou um atizador, objectos que eles não possuíam – e então deu consigo no corredor, a caminho da porta. Abriu-a e saiu para a estrada iluminada pelo luar.

Este não era ele. Ele não se comportava assim. E, no entanto, parecia certa, aquela raiva: parecia um regresso a casa.

Mergulhou na escuridão entre as luzes da rua, uma batida a pulsar cegamente por trás dos seus olhos, onde em tempos estivera a dor de cabeça – e agarrou tecido, carne, surpreendendo-se. Levantou a figura contra o lado de um carro estacionado na luz. Houve o som da respiração irregular, embora já não tivesse a certeza se seria a sua.

Puxou o capuz para trás.

Um homem da sua idade, cabelos negros penteados para trás, uma barba por fazer irregular no queixo. Os olhos a dançarem nervosos pelo rosto de Miles e a rua vazia.

– Largue-me – disse ele.

A raiva ainda estava a pulsar através dele, as palavras forçadas a saírem.

– Quem é você?

– Pode chamar-me Leo. E eu *disse* para me largar.

– Você tem andado a observar a minha *casa*. A minha *mulher*. – Mas Miles soltou-o, as mãos a tremerem.

– Sim. – Leo endireitou-se, alisando a parte de cima da roupa. – Tenho.

– Porquê?

– Pediram-me para o fazer.

O coração de Miles acelerou, o sangue a ribombar-lhe nos ouvidos.

– Quem?

Leo sorriu, só um pouco.

– Acho que você sabe. Ela também lhe enviou *e-mails*.

*SomeoneSpecial*. Miles estendeu a mão para se firmar num carro estacionado. Forçou-se a falar, perguntando-se quando fora que a raiva o abandonara.

– Quem é ela? O que quer de mim? De nós?

Estava tudo a desmoronar-se, sentia-o. Acabara. A muralha fora quebrada, os fantasmas a entrarem.

– Não é o que ela quer, é o que ela tem. – Leo olhou em volta, puxou o capuz para cima da cabeça. – Não estou aqui para lhe fazer mal, eu vim para o avisar. Amber... ela está em perigo.

A adrenalina subiu por ele, a rua a começar a girar.

– O que fez com a minha filha?

– Nada. Nada. Ela disse-me para a vigiar, para descobrir coisas sobre ela. Sobre todos vocês. Nunca pensei que ela fosse tão longe. Achei que estava relacionado com Sadie, nunca pensei que ela pudesse fazer alguma coisa com a Amber.

– Amber não está cá. – Mãos dormentes e frenéticas, procurou o telemóvel nos bolsos. Ligaria para a polícia, Ligaria para a filha.

– Você não está a entender. – Leo deu um passo em frente, o hálito sujo e a cheirar a cerveja. – Ela está com Amber. Ela tem-na. Ela enviou-me esta mensagem hoje de manhã, a dizer que já não precisava mais de mim. Disse que estava quase no fim. – Abana a cabeça. – Ela disse que a dívida estava prestes a ser paga.

A compreensão passou por Miles como uma faca.

– Leanna? Leanna está por trás disto?

Leo já estava a afastar-se.

– Você precisa de encontrar Amber. Precisa de a avisar.

– Quem é ela? – Miles estendeu a mão e agarrou-o novamente, de repente com medo de que ele pudesse desaparecer, que recuasse para as sombras. – Ela é uma delas? Uma das miúdas de Westborough?

– Você *sabia*. – O rosto de Leo torceu-se quando se libertou. – Ela achava que você sabia, mas eu não acreditei. – Ele cuspiu as palavras. – Como foi capaz de casar com *aquilo*?

– Você não a conhece. – Miles ficou surpreso com a firmeza da sua voz. A esperança a esvair-se. – Aquilo não é ela. Ela já não é a Stacey. – *Pensava que a salvara*, queria acrescentar. *Pensei que seria capaz de o fazer*. O grande Miles Banner com os seus diplomas, os seus trabalhos publicados sobre comportamento desviante e as suas raízes, sobre a reabilitação social de criminosos. Com a sua jovem esposa, o seu primeiro amor verdadeiro. O seu primeiro estudo de caso.

– Vá buscar a sua filha, Miles. Ela não merece nada disso. – E o visitante virou costas e correu para longe.

Miles virou-se para a casa e viu Sadie ali parada.



Do outro lado do lago, Amber chegou à orla do bosque, com os pés a sangrarem e o vento a rasgar a sua *T-shirt* destruída. As sombras estenderam-se para engoli-la, mas Leanna aproximou-se. Leanna seguiu-a.



## Capítulo 36

2018

Ela senta-se no degrau e eles agrupam-se abaixo dela. Federica e Tom mais próximos, os rostos virados para ela como adoradores numa pintura renascentista, Luca a esticar-se para inclinar o microfone. Greta ao fundo, uma luz e um reflector erguidos como um farol. Amber está a chorar e todos fingem que ela não está. Amber está a chorar e eles continuam.

– Portanto, fugiste – diz Federica. – Quando percebeste que a mulher que se chamava Leanna estava atrás de ti... – Ela olha (todos olham) para o espaço escuro cavernoso projectado pelos holofotes. – Correste para o bosque.

Amber assente.

– Havia outra página do diário, não havia? – pergunta Federica, e a voz dela é insuportavelmente suave, as palavras a afundarem-se no escuro cinzento. – Sabias disso?

– Não a li. Estava bastante ocupada a fugir para salvar a minha vida, por estranho que pareça.

– Tenho aqui uma cópia – diz Federica, uma folha de papel dobrada surgida com um floreado de um bolso algures.

Greta sente o sangue gelar. Onde encontrou aquilo? O diário esteve perdido durante bastante tempo – a sua ausência um dos maiores buracos na defesa de Amber em tribunal até que, por fim, no derradeiro momento, a sua equipa jurídica conseguiu descobrir o seu esconderijo aqui, nestes bosques. Guardado por esta casa contaminada, com todo o resto dos seus segredos. E agora, aqui está a página mais importante, fotocopiada e obtida por Federica sabe-se lá onde.

Fotocopiada e obtida e brandida na frente de uma câmara, como algum tipo de truque de mágica. Ou apenas um truque, pensa Greta, um simples e velho truque manhoso de entrevistador, destinado a obter uma reacção. Manipular. Explorar. Sente a boca a abrir-se, o ar a ser aspirado. Não tem de ser assim. Ela não vai permitir que seja assim.

Mas Amber não se encolhe com a visão do papel como Greta. Inclina-se para a

frente e pega-lhe. Embora as lágrimas ainda estejam a deixar marcas na maquilhagem das suas faces, os seus olhos arregalam-se com a visão das palavras ali impressas.

– Podes lê-la em voz alta para nós? – pergunta Federica, com os olhos ávidos. Greta quer virar a luz para a parede. Quer ir embora. Quer ouvir o que a página diz.

## Capítulo 37

2016

A escuridão das árvores era diferente da escuridão dentro da casa. Estava viva, as suas sombras a mudarem e a respirarem em volta dela enquanto corria, galhos e galhos a estenderem-se para estalar e baterem contra a sua pele, para a puxar e para a afundar mais. O chão do bosque estava húmido debaixo dos seus pés, a pele tão gelada que as raízes e pedras que lhe perfuravam as plantas dos pés a passarem despercebidas.

E sempre, sempre, quando o chão se inclinava para cima e as árvores se aproximavam, ouvia Leanna atrás dela, aquela respiração áspera e o estalido dos galhos à medida que ela avançava.

– Tens de vir comigo, Amber – gritou quando Amber correria para o bosque, – Tens de perceber isso. É a única maneira.

Mas a única maneira, naquele momento, era ir para cima e em frente, nas sombras.



Billie estava à janela aberta do quarto e ouviu o som da mãe e da sua amiga a debaterem-se no bosque. Sabia que deveria ajudar.

Surpreendeu-se com a calma que sentia agora. Preparada. Já tinha meias grossas calçadas e por isso enfiou os pés nas botas, desatadas aos pés da cama. Vestiu mais uma camisola por cima do pijama, encontrou a lanterna. E então desceu devagar as escadas e saiu pela porta da frente aberta.

Sempre conhecera a história de Anna Louise; enquanto crescia, havia um tom de conto de fadas no relato, muitas vezes sussurrado para ela à luz cor-de-rosa do candeeiro da mesa-de-cabeceira, terminando com um beijo na testa. Anna-Lou e as bruxas. Anna-Lou e as suas vingadoras. Lembrava-se de perceber, de olhos arregalados debaixo do seu edredão da Mulan, que deveria crescer para ser a personagem da história; a filha que deveria matar as bruxas ao lado da sua mãe.

Sabia que a mãe achava que ela era idiota. Ingénua, talvez. Também sabia que

a mãe não era ela, ou não *tinha razão* de alguma forma – que não pensava da mesma maneira que outras pessoas pensavam sobre as coisas. Obcecada, era a palavra. E Billie sabia que isso significava também que Leanna sempre a subestimara, sempre achara que ela entendia menos do que entendia. Significava que ela nunca considerou que Billie pudesse ter ideias sobre como apagar o fogo que ardia dentro da sua mãe há mais tempo do que ela, Billie, tinha de vida.

A noite estava fresca, mas não fria, não com os seus preparativos. Ligou a lanterna, passou o foco através das árvores. Ouviu-se o ruído de algo a partir, seguido por um grito e o som de alguém a deslizar pela encosta.

Billie entrou no bosque. Sabia que tinha de parar com aquilo.

Sabia, acima de tudo, que o fim da história mudara no relato. Mas o fim acabara de chegar.



Sadie ficou a olhar para o marido, vendo-o pela primeira vez. Viu-o tentar ligar para o telemóvel de Amber, viu-o desistir por fim e ligar para a polícia. Viu-o procurar as suas mensagens com a operadora ainda em linha e depois repetir o endereço da cabana que Leanna lhe mandara. Quando desligou, olhou para ela, o rosto esgotado e pálido.

– Tu sabias – disse ela, e Miles assentiu. – Como?

– Sadie... – Miles estendeu a mão para ela e Sadie recuou com brusquidão, com o coração disparado e a boca seca.

– Diz-me.

Ele assentiu, desamparado.

– Não foi por isso, Sadie, juro. Eu amei-te mesmo assim. Eu amei-te de qualquer maneira. Amei-te de imediato e vi que estavas a esconder alguma coisa e quis conhecer-te. Saber tudo. Então... – Passou a mão pelo cabelo e desviou o olhar. – Às vezes eu mexia nas tuas coisas. Quando estavas no duche ou quando me deixavas no teu quarto para ires às aulas. Queria absorver tudo acerca de ti.

– Foste à procura dos meus segredos.

– Eu... – Pareceu pensar melhor. – Sim. Havia um velho cartão de aniversário. *Para Stacey, com amor, da mãe e do pai.* E algumas semanas depois, quando estavas bêbeda, falaste em teres crescido em Westborough. E tudo começou a encaixar.

– Por que não me disseste?

Ele olhou para ela, os olhos molhados e arregalados. A suplicar.

– Esperava que acabasses por me contar. Esperava que aprendesses a confiar em mim. – Ele parecia querer estender de novo a mão para ela, mas quando Sadie recuou um passo, o estômago embrulhado, Miles desviou o olhar. – E então engravidaste, e saber tornou-se algo especial para mim. Foi... não sei. Era como se fosse um segredo que estavas a manter para me proteger – e ainda assim eu

estava a manter em segredo o facto de saber isso para *te* proteger. Vês? Era o nosso vínculo, Sadie. Era o que mais nos aproximava.

– Como pudeste querer ter um filho comigo? Sabendo...

E então foi demasiado. Olhou para baixo e era Stacey de novo, onze anos e invencível. Olhou para baixo e a menina, Anna, estava ao lado dela. A mãozinha da menina na dela. Ajoelhou-se ao seu lado e a estrada transformou-se em erva. Aqueles grandes olhos azuis com as pestanas loiras olharam para os dela. A cabeça intacta, o vestido outra vez limpo.

O Tall Man *leva filhas*. Um sussurro de criança, respiração contra a nuca, embora a menina ao lado dela olhasse para trás, sem pestanejar, e sorrisse. Um pássaro voava alto acima deles num céu sem ar e Sadie apontou para ele até que a criança sorriu. Levantou-se e levou a menina para o bosque onde as outras a esperavam. Onde a gargalhada de Justine assustou mais pássaros das árvores.

De novo sozinha, Sadie sentiu aqueles pequenos dedos frios a saírem dos dela. Sentiu a mão de Miles fechar-se no seu ombro.

– Eu ri – disse ela. – Acaricieei o rosto dela e ri quando a faca entrou.

– Tu não a mataste, Sadie – disse Miles, embora ambos sentissem a fraqueza da mentira. Ele olhou para o telemóvel. – Tenho de ligar outra vez para a polícia.

E Sadie era outra vez ela, o seu novo eu, não o seu eu Stacey, e uma frieza fechou-se em torno do seu coração, o pânico a formigar sobre a sua pele.

– Por que te daria ela o endereço correcto? – perguntou, e pensou ter ouvido um som. O mais débil dos risinhos da menina, vindo algures das sombras.

## Capítulo 38

2018

*Está na hora, Sadie. Não posso esperar mais. Não quero esperar mais. Estou pronta.*

*Lembro-me dela tão bem. Lembras-te? O modo como as suas pestanas eram loiras nas pontas. A maneira como a boca dela se franzia e fazia beicinho quando estava a dormir, como se ainda estivesse a dar beijinhos nos seus sonhos. De como sentia a mão dela na minha. Pergunto-me se também te lembras disso. Pobre Anna, levada para o bosque por ti.*

*Não eras a única, entendo isso. Procurei-vos a todas. Queria encontrar-vos, para ver o que aconteceu às raparigas que mataram a minha irmã, que destruíram os meus pais. Porque destruiu-os. Eles nunca superaram o que aconteceu à Anna, nunca pararam de pensar nas coisas que vocês lhe fizeram. O meu pai passava todas as noites da sua vida depois disso a gritar por entre pesadelos que nos atormentavam a todos. A minha mãe só encontrou o sono no fundo de uma garrafa e a bebida fê-la ver coisas quando estava acordada que ninguém deveria ter de suportar. E eu vivi toda a minha vida a ser a filha que não podia compensar isso; a irmã que não foi capaz de proteger a única pessoa que deveria proteger. A irmã que virou as costas uma tarde apenas pelo tempo suficiente para vocês virem e destruírem tudo. Tudo porque vocês as três estavam tão desesperadas para acreditar numa história de crianças.*

*E encontrei-vos. Determinei-me a isso, como em qualquer trabalho de casa em que fora tão boa na escola. E ao longo dos anos, as pistas surgiram. Correspondência encaminhada, um parente idoso esquecido. Entrar em contacto com um velho amigo. Foi tudo tão fácil, no fim. Queres saber o que o Tall Man fez pelas tuas amigas, Sadie? A recompensa pela vida da minha irmã? A rapariga a quem chamavam Helen está a morar num apartamento camarário com uma compulsão de acumulação e agorafobia incapacitante. A sua irmã Marie divorciou-se duas vezes e é alcoólica aos trinta e oito anos. E a rapariga que conheciam como Justine, aquela que tanto temias, morreu de overdose de heroína aos vinte e dois anos.*

*Mas tu. Tu tentaste viver. Encontraste o amor, tiveste uma filha, mesmo sabendo o*

*que fizeste em relação à podridão que vive dentro de ti. Um acto tão desprezivelmente egoísta que até os teus pais cortaram os laços contigo. Um acto – outro acto – que não pode ficar impune.*

*E agora aqui estamos nós, esta casinha perfeita no seu sítio no meio do bosque. Vou tirar a faca da minha mala. Não é a maneira mais limpa, mas tem um certo sentido de equilíbrio.*

*Acho que é isso que tens andado à procura, durante todo este tempo. Acho que sabes que naquele dia, há todos estes anos, inclinaste a balança da maneira mais monstruosa. E todos os dias desde então, à tua maneira distorcida, tens tentado corrigir as coisas; pagar essa dívida. Torturaste-te com isso, mais Macbeth do que Lear. Eras uma filha tigre, com certeza, Sadie, mas agora és apenas uma mulher com sangue indelével nas mãos.*

*O problema é que tu és demasiado patética e desprezivelmente fraca. Sempre foste. A pequena Stacey, a ovelha. A pequena Stacey que queria ser especial. Nunca poderias pagar a tua dívida; não podes corrigir o teu erro.*

*Eu posso.*

*Vou libertar-te, Sadie. Vou tirar-te o que nos tiraste e ficarás livre. Espero que, ao leres isto, comeces a perceber. Este fim é um começo para todas nós. Acreditaste no Tall Man em tempos, mas o Tall Man não leva filhas. Tu é que levavas. E eu também vou levar.*

*Por isso está na hora de eu pousar a caneta; de pegar na faca. Estou a escrever isto para que entendas, assim saberás, sem dúvida, que a morte da tua filha é um acontecimento que te pertence. Um equilíbrio.*

*Agora seremos ambas livres.*



As palavras do diário ecoam pela casa e Greta vai de um quarto escuro para outro, a mão a hesitar diante das luzes. Sente-se envenenada pelo que acabou de ouvir, embora conhecesse todos os factos, sabia tudo o que também preenche as lacunas. Não foi o ódio nas palavras que a repeliu. Foi vê-las sair da boca de Amber, foi ver os nós dos dedos de Amber ficarem brancos ao agarrar a borda da folha fotocopiada. Foi ver os dedos de Federica também a embranquecerem no corrimão, a sua alegria mal contida, enquanto a boca de Tom se curvava nos cantos, o rosto inexpressivo e educado, como alguém a quem tivessem dado algo coalhado e azedo para jantar.

Ela fica à porta de um dos quartos e escuta. Amber desculpou-se e saiu para fazer um telefonema, embora Greta visse como as mãos dela tremiam enquanto se atrapalhava para abrir a porta da frente. Ouve os outros lá em baixo a fazerem chá; o barulho da chaleira, Federica a falar animadamente em voz baixa. Ela está satisfeita consigo pelo truque da carta. Amber leu as palavras de uma mulher que planeava assassiná-la, no local onde isso quase aconteceu – Greta sabe que será

uma das cenas que as pessoas publicam *on-line*, uma das cenas que os críticos vão adorar, odiar e partilhar. Luca murmura a concordar com o que quer que Federica está a dizer, ouve-se o tilintar de uma colher, o rangido do frigorífico a abrir-se. E aqui em cima, em volta dela, a casa range e assenta também. Uma brisa de ar frio vinda de algures sussurra no seu pescoço. Deita-se na cama onde Amber se deitou e não dormiu dois anos antes e olha para o tecto.

Não consegue parar de imaginar o rosto de Federica quando tirou a carta: *Surpresa*. Não consegue parar de pensar nas palavras de Tom em Los Angeles, as gaivotas a gritarem em volta deles. *Sabes o que vai acontecer. Sabes que Federica vai fazer alguma coisa para lhe puxar o tapete debaixo dos pés. Ela engana-os sempre, tu sabes disso.*

Ela vai fazer isso, Greta sabe que vai. Federica não se contenta em deixar Sadie Banner ficar protegida nas sombras; não vai descansar até a trazer para a luz, considera-a a partir de todos os ângulos possíveis. Ela não entende, como Greta entendeu, que Amber está a tentar proteger a mãe em troca da protecção que Sadie lhe deu. Porque Sadie a desistir do seu anonimato – indo aos tablóides – foi o que alertou o mundo para a terrível verdade por trás do assassinio e a sua ligação com as bruxas de Westborough. Foi o que fez a maré da opinião pública passar do desagrado para algum tipo de simpatia pela princesa de gelo Amber Banner. E ao desistir da segunda vida que lhe foi dada quando era uma rapariga de treze anos chamada Stacey, Sadie Banner deu a Amber uma oportunidade de ter uma segunda vida.

Uma tábua do soalho range no corredor, o som dos outros lá em baixo a vir até ela enquanto tomam o chá do lado de fora. Federica a roncá-la a rir com alguma coisa que Luca disse. O som áspero da voz de Tom, as palavras abafadas. Tudo continua. E outra vez aquela corrente de ar frio a lambê-la a pele.

Pensa num *e-mail* que Federica lhe enviou há cinco minutos. Nada dito em voz alta, Federica a continuar a conversa enquanto carregava na tecla «Enviar». Um endereço aleatório, alguém que dizia ser o homem que Amber conhecia como Leo. Vai falar pela quantia certa, diz ele, desde que o seu rosto não seja mostrado. Caberá a Greta validar as suas afirmações, descobrir se aquele é o homem que dormiu com uma adolescente de dezasseis anos e a perseguiu a ela e à sua família por dinheiro. A sua ligação com Leanna nunca foi corroborada, embora durante o julgamento um tablóide alegasse tê-lo identificado como Lee Mitchell, de trinta e sete anos. Procurado por ligação a uma acusação de assalto à mão armada e um ataque sexual, trabalhara em tempos na oficina do pai de Leanna, David Weatherall. É ainda procurado para interrogatório pelo seu papel no caso Banner. Greta pergunta-se se, caso se prove que essa pessoa é ele, Federica entregará as suas informações à polícia ou se irá filmá-lo primeiro.

Levanta-se e vai até à janela, puxa a cortina frágil. Ali não há vista do lago – apenas dos bosques soturnos; uma árvore arrancada do chão, as suas raízes



cobertas de musgo. Os bosques parecem estender-se até ao infinito, as árvores  
pálidas e o sol a não as alcançar, tudo parado e silencioso.

Encosta a cabeça ao vidro, a pensar – a tentar não pensar – na voz de Amber a  
tremer ao ler-lhes a última página da carta; as últimas palavras de Leanna para  
Sadie. *Agora seremos ambas livres*. Observa uma figura a rastejar por entre as  
árvores, a entrar e a sair da luz fraca, e pergunta-se se isso pode ser verdade.

## Capítulo 39

2016

Amber tentou esconder a luz do telemóvel com a manga, os dedos demasiado trémulos para ser rápida o suficiente. Tinha ouvido Leanna cair, mas ela devia ter-se levantado, deve ter tido um vislumbre disso, porque agora Amber podia ouvi-la a subir a encosta, gravetos a estalarem ruidosamente no escuro. Embrenhou-se mais no bosque, com os pés descalços a lutarem contra o declive íngreme, o polegar a carregar às cegas no ecrã. Não sabia se a chamada fora feita, não ousava falar. Foi às cegas contra um galho e rachou a testa e a bochecha; uma nódoa negra que nos dias seguintes ficaria roxa por cima dos olhos como uma tempestade passageira. Uma cicatriz que duraria mais tempo.

E atrás dela, sempre, os passos.

– Anda lá, Amber – disse Billie, a voz alegre. – Está *tão* escuro para brincar às escondidas. Assustador.

Ela quase caiu num buraco inesperado, as mãos a voarem na escuridão. Billie. A pateta, a desajeitada Billie, ali fora à procura dela. Como se a vida real se tivesse transformado num pesadelo, a fizesse perceber que precisava de acordar. Poderia virar-se e pedir ajuda...

– Ammmmer. – A voz de Billie era tensa e estranha.

Os passos eram agora calculados, como se estivesse à escuta de Amber, a tentar localizá-la. Já não havia brincadeira, outra máscara caída.

De respiração entrecortada no peito, deslizou um pé descalço sobre o cume. Era um ar profundo e frio que subia dele. Billie passou pelo meio de um arbusto próximo e Amber agachou-se, baixando o corpo sobre a borda. As suas mãos apalparam as arestas como ossos; as raízes de uma árvore. E então uma falha, uma fenda no chão onde a água tinha encontrado o seu caminho insistente, a fluir em direcção ao lago. Avançou para o barranco, para a cavidade entre duas raízes largas, um abraço rígido à corrente gelada sobre os seus pés. Olhou para o telemóvel, mas a ligação, se alguma vez fora estabelecida, terminara.

Surgiu então um passo por cima dela – mais perto do que esperava, o medo

aguçado a trespassá-la – e a terra caiu no barranco e na sua cabeça, nos seus ombros. Billie, com a sua respiração ofegante, os passos pesados.

– Sei que estás aqui, Am – disse com suavidade. – Devias sair daí agora.

Ouviu-se um som metálico e quebrado, unhas a raspar num quadro de ardósia (lâmina contra uma árvore). Amber não se mexeu, nem respirou. Ao redor dela, as folhas começaram a sussurrar – embora Billie não parecesse ouvi-las.

– Queres ouvir uma história, Am? É uma das boas. Aconteceu há anos, quando duas meninas entraram num bosque um pouco parecido com este. Uma delas era um pouco mais nova do que nós as duas, e a outra era apenas um bebé. – Outra vez o ruído de raspagem, a casca da árvore a esvoaçar com suavidade no ar como cinzas. – Elas entraram no bosque de mãos dadas, mas apenas uma delas voltou a sair. Tu sabes qual foi, porque alguns anos depois, saíste de dentro *dela*, certo?

A mão de Amber rastejou pelo chão húmido por baixo dela, à procura de algo afiado ou pesado. Só musgo, pedrinhas, algo rombo e húmido. Nada que pudesse usar e ainda assim algo estava a erguer-se dentro dela, algo mais alto e mais poderoso do que o medo. Algo que paralisou as suas mãos trémulas; que parecia novo e ao mesmo tempo, de algum modo, muito familiar. Que parecia indizivelmente uma antecipação.

Ouviu-se o som de um galho a quebrar algures mais abaixo, o vento a sibilar entre as árvores, e Billie deu um passo ou dois naquela direcção, as botas a afundarem-se no chão. O silêncio pareceu durar para sempre e Amber ainda não podia respirar.

– Não – disse Billie, com os pés a baterem de novo a subir. – Não te vais safar assim com tanta facilidade, Amber. Tenho de enfiar esta faca em ti. É assim que isto acaba. É assim que eu a liberto. – Deu um passo em frente, tropeçando na beira do barranco, terra solta a cair.

Amber levantou-se, fechou a mão em volta do tornozelo de Billie.

– Podes tentar – disse ela.

E então puxou Billie para o barranco com ela.

## Capítulo 40

2018

Greta encontra-a sentada na beira do barranco, a sombra de um galho a espalhar os dedos pelas suas costas. O ar é húmido, um cheiro a crescimento beligerante e incontrolável, e um pássaro pia, hesitante, algures no cimo das árvores.

– Em tempos houve aqui lobos – diz Amber, sem olhar para ela. – O meu pai disse-me isso.

Greta senta-se ao lado dela.

– Não durmo muito – continua Amber. – Disse-te isso, não disse? Acho que, depois do que aconteceu, ele também não. Ele ligava-me e conversávamos a noite toda. – Olha para a casa. – Eu costumava ter pesadelos com este bosque se dormisse. – Encolhe os ombros. – Não sei bem como achou ele que saber dos lobos ajudaria.

Greta sorri.

– Ele já tinha saído de casa nessa altura?

– Sim. – O pássaro é acompanhado por outro, este mais estridente e mais insistente. – Ela disse que já o magoara demasiado. Mas eu acho que na realidade ela não conseguia perdoar-lhe – afirma Amber. – Por nunca lhe ter dito que sabia, ou a ajudar a enfrentar. Ajudá-la a ver que aquelas coisas que ela viu nas sombras não poderiam fazer-lhe mal. Não sei.

– Perdoas-lhe?

Os lábios franzem-se, os olhos semicerram-se ao ponderar isso.

– Acho que sim – acaba por dizer. – Ambos fizeram asneira. É como aquele poema, certo?

– Larkin?

– Não sei, provavelmente. – Amber inclina-se contra uma árvore e olha para Greta. – Nunca vos vou dar o que queres, sabes disso.

– E o que quero?

– Queres as lágrimas, queres ouvir como a minha mãe era má e o meu pai

preferiria que fosse louca e em como me arruinaram a vida. Queres que actue para ti. Mas sabes uma coisa, Greta? As câmaras não estão a filmar. Não vais ouvir se estou arrependida ou se me sinto triste e não vais sentir-te melhor em relação a tudo isto.

Greta levanta-se e estuda a árvore contra a qual Amber está encostada. O tronco apresenta cicatrizes ténues, linhas cruzadas ao nível do ombro, e passa um dedo sobre elas. Está na altura de partir, pensa. Alemanha, talvez. Ou Jordânia, se o irmão a receber. Fiji. Hong Kong. Para qualquer sítio que não aquele bosque fervilhante e fétido, o ribeiro castanho de argila.

– Eu não precisava de a matar – continua Amber, olhando para o barranco. Quando Greta não responde, olha para ela, os olhos a semicerrarem-se de novo. – Não precisava. Billie era desajeitada e passada da cabeça. Não me teria feito mal. Poderia apenas tê-la puxado e fugido, ela não iria atrás de mim.

– Não sabes isso.

Amber sorri.

– Vá lá, Greta, tu viste o relatório do médico-legista, sei que viste. Ouviste o que o procurador da Coroa disse no tribunal. Isso soa-te a legítima defesa?

Greta resiste ao impulso de fechar os olhos, afastar a memória daquelas fotografias da pele tingida de azul de Billie, e as vinte e sete das marcas lívidas da face.

– Acho – diz ela – que preferes ser tudo menos uma vítima, Amber.

Amber ri, um som indiferente que ecoa através das árvores.

– Se calhar *conheces-me* mesmo, Gee.

Os dedos de Greta vão de novo para as cicatrizes na casca, imaginando Billie ali dois anos antes, os últimos minutos da sua vida.

– Eu fui visitá-la – informa Amber. – Leanna, Lucy, à prisão.

– Porquê?

Amber encolhe os ombros.

– Acho que queria vê-la. Frente a frente. Não é o mesmo quando há um tribunal entre nós, não é?

– Ela ia matar-te.

– Mas não o fez.

– Porque caiu e partiu a perna em dois sítios.

Amber abana a cabeça.

– Quase pareces estar do meu lado, Gee.

– O que disse? Lucy?

O vento fustiga as árvores, folhas a tremerem. Amber olha para os galhos acima dela, as mãos preocupadas com a beira do capuz.

– Perguntou se eu era especial agora – responde. Um pássaro pia de uma árvore algures mais acima na colina, uma risada redonda e agitada.

– Greta? – Federica ao longe, chamando-as para casa. Amber levanta-se,

limpando as mãos às calças de ganga.

– Vamos lá – diz. – É melhor voltarmos, não é? Seja como for, estou a morrer de fome.

Greta deixa Amber conduzi-la pelo barranco abaixo. Quando o pássaro pia de novo, ela olha outra vez para o bosque, para as suas bolsas de escuridão.

Uma rapariga de perfil, a espiar por trás de uma árvore.

E uma mão a estender-se, a pousar-lhe gentilmente na cabeça.

A puxá-la de volta para as sombras.

## Capítulo 41

2016

Encontraram-na na beira do lago quando o Sol se ergueu. O pijama encharcado de sangue, a água a lamber-lhe os pés. O vermelho a retroceder lentamente com as ondas. A faca apertada na mão. Manteve-se de costas para eles quando um agente foi enviado para o meio do bosque; quando ele saiu vinte minutos depois e vomitou na estrada de terra batida.

Encontraram Leanna noutra falha mais abaixo na encosta da colina, o osso branco estilhaçado de encontro às calças de ganga ensopadas de sangue. O rosto exaurido e cinzento, o pulso fraco. Envolveram-nas a ambas em mantas térmicas prateadas, meteram-nas em veículos separados enquanto as luzes azuis piscavam de um lado para o outro nas árvores, o céu a iluminar-se com faixas cor de malva.

Fecharam-se portas, usaram-se os rádios e a fila de carros contornou o lago, as luzes néon violentas. Um pescador solitário observava-os da costa rochosa. Uma fotografia no telemóvel de uma rapariga de pijama encharcada de preto, as mãos a serem algemadas à frente dela.

Viraram, um a um, para a estrada, buracos e caminhos de terra deixados para trás, e quando se dirigiram para Crieff, uma barra e depois duas apareceram no telemóvel de Amber, ainda agarrado com força à sua mão suja e ensanguentada. E o telemóvel ganhou vida com uma mensagem atrás da outra.

*Mãe.*

*Mãe.*

*Mãe.*



Miles e Sadie estavam à espera na esquadra quando ela foi libertada. Conduziram a noite toda, muito antes de o telefonema chegar. Amber fora despida e esfregada, os dedos prensados em tinta e depois marcados em folhas oficiais. Depois disso ela foi deixada à espera, a pequena esquadra silenciosa e

confusa, a cabana peneirada à procura de pistas.

Quando os pais apareceram à porta, Amber levantou-se e, pela primeira vez em muito tempo, Sadie viu-a com um ar inseguro.

– Bebê – disse Miles a chorar, mas Amber não foi até ele. Olhou para a mãe pelo que pareceu um longo, longo tempo.

E então foi até Sadie e passou os braços em volta dela.

– Fiz uma coisa má – disse.

Sadie abanou a cabeça. Pôs os braços cautelosamente em volta da filha e aproximou a boca do ouvido. Disse a Amber que ela nem sabia o que era uma coisa má.

E Amber encostou a cabeça à da mãe, a respiração sedosa e fria contra a pele de Sadie.

– Eu dei-lha, mãe – sussurrou. – Eu dei-lhe a Billie.

Na altura eram só elas as duas. Sadie tomou a mão da criança e saiu para a luz do dia.

Caminharam, juntas, em direcção às árvores.



## Agradecimentos

Estou muito grata a Cathryn Summerhayes pelo seu apoio e entusiasmo, incansável defensora deste livro e por ser uma ótima companhia em todas as etapas do caminho. Muito obrigada também a Melissa Pimentel, Alice Dill, Katie McGowan, Irene Magrelli, Martha Cooke e a todas na Curtis Brown.

Sinto-me feliz por os Banner encontrarem uma casa com uma editora tão inteligente e apaixonada como Kate Stephenson, que corajosamente se aventurou comigo e foi muito inspiradora. Muito obrigada a Ella Gordon, Millie Seaward, Alex Clarke e restante brilhante Team Wildfire. Estou muitíssimo agradecida aos editores de todo o mundo que mostraram o seu apoio ao romance.

Um agradecimento especial a Arabel Charlaff, que me levou numa viagem bastante perturbadora na psique de Amber. Eu recomendaria a sua experiência a qualquer escritor.

Ian Ellard e Joey Connolly foram os melhores colegas que podia ter desejado na escrita deste livro.

Obrigada também a Richard Skinner e Joanna Briscoe.

Obrigada, Hayley Richardson, pelas leituras.

A minha família merece um ensaio completo sobre todas as formas com que me apoiaram e me inspiraram, mas direi apenas: obrigada por tudo. Amo-vos (e estou muito grata pois não são nada como as famílias desta história).

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Phoebe Locke  
© 2017, Planeta Manuscrito

Título original: *The Tall Man*

Tradução: Cristina Vaz

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: © Alex Malikov © andreiuc88  
© Dmitry Naumov e © tanatat – Shutterstock

1.ª edição em epub: Junho de 2018

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-113-2 (epub)

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

